



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Rui Manuel Gomes Ferreira

**AS FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA:  
RAÍZES, HISTÓRIA E POTENCIAL TURÍSTICO**

Tese de Mestrado  
Área de Conhecimento: Património e Turismo Cultural

Trabalho efectuado sob orientação do  
Professor Doutor José Manuel Lopes Cordeiro

E sob co-orientação do  
Professor Doutor Luís Manuel Jesus Cunha

Junho 2013

## DECLARAÇÃO

Nome \_\_\_\_\_

Endereço electrónico: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Número do Bilhete de Identidade: \_\_\_\_\_

Título dissertação  / tese

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Orientador(es):

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

\_\_\_\_\_

Nos exemplares das teses de doutoramento ou de mestrado ou de outros trabalhos entregues para prestação de provas públicas nas universidades ou outros estabelecimentos de ensino, e dos quais é obrigatoriamente enviado um exemplar para depósito legal na Biblioteca Nacional e, pelo menos outro para a biblioteca da universidade respectiva, deve constar uma das seguintes declarações:

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;
2. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO (indicar, caso tal seja necessário, nº máximo de páginas, ilustrações, gráficos, etc.), APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;
3. DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO

Universidade do Minho, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

*Para Braga e para os bracaraenses, particularmente aqueles que, com dedicação e amor pela sua terra, não deixaram morrer o mais importante traço da alma brácara...*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família por me ter ensinado a amar tanto a minha cidade e as tradições que brotam da sua identidade.

Em segundo lugar, uma palavra de apreço para com os docentes e colegas do mestrado em Património e Turismo Cultural, curso que me deu um particular gozo pessoal e que fortaleceu a motivação para cumprir integralmente os objetivos a que me propus. Entre estes, permitam-me destacar o Professor Doutor José Manuel Lopes Cordeiro, dedicado diretor de curso e orientador, sempre disponível a acorrer aos pedidos formulados. Uma palavra de apreço também ao Professor Doutor Luís Cunha pela disponibilidade em coorientar este trabalho, apesar de já se encontrar em fase adiantada de execução.

Cabe-me um particular agradecimento aos amigos com quem fui partilhando este percurso e de cujo apoio bibliográfico me vali, nomeadamente a Catarina Miranda Basso, o Fernando Mendes, o Evandro Lopes e a Fátima Pereira.

Agradeço também às gentis e disponíveis funcionárias do Arquivo Municipal de Braga, Rosa e Margarida, por toda a simpatia e dedicação sempre demonstradas.

Gostaria de agradecer ainda o acolhimento da parte do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Braga, sempre pronto a permitir o acesso a todo o tipo de documentação e espólio visual que pudesse ser de utilidade à presente investigação. Nesta sequência, cabe-nos lamentar que, quer a Biblioteca Pública de Braga, quer a Biblioteca Geral da Universidade do Minho nos não tenham permitido o acesso a alguns elementos que fazem parte do seu acervo e que aparecem inexplicavelmente vedados aos alunos.

Por último, e porque um trabalho nunca é apenas fruto do esforço e dedicação individual, mas parte sempre de uma motivação excedente, quero agradecer a Braga e a todos os bracarenses que, ao longo de séculos, se esforçaram por manter vivas as tradicionais festas de São João, cuja inspiração requeri.

## **RESUMO: As Festas de São João em Braga: raízes, história e potencial turístico**

As Festas de São João em Braga são o maior evento do calendário anual dos bracarenses. Fenómeno de tradição e envolvimento comunitário, estas celebrações manifestam as mais autênticas características do povo minhoto, região que tem em Braga uma centralidade ancestral.

Dado ser o Minho, inequivocamente, a região mais marcadamente festeira de Portugal, a tipologia de festa, cujo estudo fundamos, dá à romaria minhota o título de mais relevante celebração comunitária nacional. Sendo Braga a capital desta peculiar região, a sua principal festa, ainda hoje marcada por tradições singulares, merece um particular olhar.

Este estudo iniciar-se-á com uma abordagem aos fundamentos desta celebração, cuja ancestralidade continua hoje a ser discutida, e que, no início do cristianismo, ter-se-á associado a uma das principais figuras da religião fundada por Jesus Cristo. João Batista, cuja vida e impacto naturalmente exploramos, é festejado desde tempos remotos, com diverso tipo de privilégios no ritual da Igreja Católica.

Em Braga, devido à ausência de estudos aprofundados a este respeito, continuavam a sobrar muitas dúvidas. Por isso mesmo, a análise das manifestações públicas expostas ao longo de diversos períodos cronológicos permite-nos atestar, não apenas as tradições e quadros comunitários que lhe estavam associados, como também perceber as motivações da comunidade nesta particular celebração.

Dividindo este estudo, fundamentalmente, em três períodos cronológicos, conseguimos elaborar uma leitura que não isenta os contextos históricos, religiosos e o ritmo da própria evolução da cidade de Braga. O aprofundamento do último século e meio das festas sanjoaninas permite-nos perceber, não apenas a sua afirmação como maiores celebrações municipais, mas também o impacto de cariz regional e nacional que alcançaram.

O facto de as Festas de S. João de Braga terem sido, no passado recente, o primeiro produto turístico da cidade implica ainda uma abordagem quanto ao presente no que à atividade turística diz respeito.

**Palavras-chave:** festa; património cultural; tradição; bracarografia; turismo



## **ABSTRACT: The Feasts of Saint John in Braga: roots, history and tourism potential**

The Feasts of Saint John the Baptist is the biggest event in the annual calendar of Braga. Phenomenon of tradition and community involvement, these celebrations manifests the most authentic characteristics of the people Minho, Braga region that has a central ancestor.

Be given the Minho, unequivocally, the most markedly partying in Portugal, the type of party, whose study founded, gives at the pilgrimage from Minho the title of most relevant national community celebration. Braga is the capital of this unique region, its main festival, still marked by unique traditions, deserves a special look.

This study will begin with an approach to the fundamentals roots of this celebration, whose ancestry continues today to be discussed, and, in early Christianity, will be associated with one of the leading figures of the religion founded by Jesus Christ. John the Baptist, whose life and impact naturally explored, is celebrated since ancient times, with several kind of privileges in the ritual of the Catholic Church.

In Braga, due to the absence of comprehensive studies in this respect, they still remain many questions. Therefore, the analysis of public events exposed through several chronological periods allows us to attest, not only the traditions and community cadres who were associated with him, but also understand the motivations of the community in this particular celebration. Dividing this study primarily in three chronological periods, we can produce a reading that does not exempt the historical, religious and pace from the evolution of the city of Braga. The deepening of the last century and a half parties “Sanjoaninas” allows us to understand not only its claim as the largest municipal celebrations, but also the impact of regional and national oriented reached.

The fact that the Feasts of St. John in Braga have been in the recent past, the first product touristic of the city, also implies an approach for the present in relation to tourism.

**Keywords:** party; cultural heritage; tradition; bracarografia; tourism

# ÍNDICE GERAL

Apresentação .....	13
Objetivos .....	14
Metodologia.....	15
PARTE 1: RAÍZES de uma CELEBRAÇÃO.....	17
Capítulo 1. O primeiro santo do Cristianismo: S. João Batista .....	18
1.1 Dados Biográficos .....	18
1.2 A tradição da Igreja .....	21
1.3 A festa litúrgica do nascimento: 24 de junho .....	23
Capítulo 2. Entre o sagrado e o profano .....	25
2.1 A Festa como fenómeno social e comunitário .....	25
2.2 Cristianização dos costumes: resquícios do paganismo.....	27
PARTE 2: FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA - HISTÓRIA E TRADIÇÃO.....	31
BRAGA, CAPITAL DO MINHO – o imaginário social e cultural.....	32
Capítulo 3 - Primórdios de uma festa .....	35
3.1 Uma paróquia.....	36
3.2 Festa estatutária municipal .....	38
3.3 A corrida do porco preto.....	42
3.4 O candeieiro .....	46
3.5 Outras Tradições Festivas associadas ao São João .....	49
3.5.1 Rei e Imperador.....	50
3.5.2 A dança das Pélas .....	51
3.5.3. Touros.....	53
3.5.4 A Mourisca .....	54
3.5.5. Serpe e cavalinhos.....	55
3.5.6 Festa da Bandeira.....	56
3.4 A sombra do Corpus Christi .....	57
3.4.1 História de uma celebração .....	57

3.4.2 A tradição em Portugal.....	58
3.4.3 O <i>Corpus Christi</i> bracarense .....	59
3.5 Uma capela .....	59
Capítulo 4 - A Festa no período barroco.....	63
4.1 Na fronteira do paganismo: a procissão.....	64
4.2 As Festas de São João no tempo do Arcebispo D. José de Bragança.....	69
4.3. A Relação do Festivo Aplauso .....	73
Capítulo 5. Crescimento e Consolidação (1870-1974).....	76
5.1. O Auto do Carro dos Pastores .....	77
5.1.1 A origem.....	77
5.1.2 A forma .....	80
5.2 A Dança do Rei David.....	81
5.2.1 A origem.....	81
5.2.2 A forma .....	84
5.3 A Procissão.....	86
5.4 Afirmação como a maior festa de Braga .....	89
5.4.1 O São João no calendário bracarense.....	89
5.4.2 Criação da comissão organizadora .....	92
5.4.3 O papel da Associação Comercial de Braga.....	95
5.4.4 Definição do feriado municipal .....	97
5.5 O programa das festas .....	99
5.5.1 O arraial de S. João da Ponte.....	99
5.5.2 A festa na Avenida .....	102
5.5.3 Aposta em grandes eventos .....	105
5.5.4 Símbolos e iconografia.....	110
5.6 As Festas como fomento da identidade bracarense: As Rugas.....	113
5.6.1 Origem e tradição das rugas.....	113
5.6.2 As rugas e o processo de folclorização das tradições .....	116

5.6.3 Exaltação da identidade “braguesa”: o hino.....	117
5.6.4 As rugas como elemento unificador de dois mundos.....	120
5.7 O São João de Braga e o turismo .....	121
5.7.1 O primeiro fenómeno turístico da cidade de Braga.....	121
5.7.2 O perfil do visitante .....	124
5.8 O São João na imprensa .....	126
5.9 A relação com as festas do Porto: um conflito de calendários .....	128
Capítulo 6. O São João em Braga na actualidade .....	132
6.1 Caraterização geral .....	132
6.2 O Encontro Internacional de Gigantones e Cabeçudos .....	134
PARTE 3: O São João de Braga e o Turismo.....	135
Capítulo 7. O Potencial turístico das Festas de São João de Braga.....	136
7.1 Braga e o Turismo .....	136
7.1.1 Situação e contexto geográfico .....	136
7.1.2 Diagnóstico da actividade turística.....	136
7.2 O município de Braga no contexto da estratégia turística nacional.....	139
7.2.1 O Plano Estratégico Nacional do Turismo .....	139
7.2.2 Posicionamento de Braga perante a Entidade de Turismo.....	140
7.3. – Subsídio para um Planeamento Estratégico em Turismo.....	141
7.3.1 Uma estratégia para o turismo em Braga .....	141
7.3.2 Plano estratégico de promoção das Festas de São João de Braga: alguns tópicos .....	144
Conclusão .....	148
Bibliografia .....	149
ANEXOS.....	152

## ÍNDICE DE GRAVURAS

Gravura 1 - Igreja de S. João do Souto e Capela dos Coimbras, estando ao fundo a porta de S. João .	36
Gravura 2 - O cortejo para a corrida do porco, a descer a rua das Águas, nas festas de 1916.....	45
Gravura 3 - A capela de S. João da Ponte e a sua envolvente, segundo postal do início do século XX .	61
Gravura 4 - Retrato de D. José de Bragança na Galeria dos Arcebispos do Paço Arquiepiscopal .....	69
Gravura 5 - Frontispício da Relação do Festivo Aplauso de 1754 .....	74
Gravura 6 - O Carro dos Pastores, algures na década de 1950, diante do edifício do Governo Civil ....	78
Gravura 7 - A Dança do Rei David no largo de S. Francisco, algures na década de 80 do século XIX ..	81
Gravura 8 - Saída da procissão de São João desde a igreja de São João do Souto, em 1917 .....	87
Gravura 9 - cartaz das festas de São João em 1908, organizado pelo grupo "Os Invencíveis .....	94
Gravura 10 - A feira de gado bovino e cavalari de S. João da Ponte nas festas sanjoaninas de 1917... ..	98
Gravura 11 - A capela de S. João da Ponte e a sua envolvente durante as festas de São João.....	100
Gravura 12 – As elites bracarenses na festa do Passeio Público, no dia de São João de 1911 .....	103
Gravura 13 - Cortejo Sanjoanino de 1960 a atravessar a avenida Marechal Gomes da Costa .....	105
Gravura 14 - Iconografia de São João menino: a mais popular representação associada às festas....	110
Gravura 15 - Postal alusivo aos festejos sanjoaninos, com gravuras do carro dos pastores, Rei David, quadros bíblicos e jardim público.....	112
Gravura 16 - conjunto de aldeãos minhotos a caminho de uma romaria, no final do século XIX.....	113
Gravura 17 - anúncio do Commercio do Minho a 16 de junho de 1896, relatando a ausência de alojamento por ocasião das sanjoaninas .....	123
Gravura 18 - As Festas de São João na atualidade detêm uma adesão significativa da população de Braga e do Minho.....	132
Gravura 19 - A dança do Rei David, um dos quadros mais originais das festas.....	144

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico demonstrativo do número de referências a João Batista nos quatro Evangelhos .....	19
Figura 2 – Elementos iconográficos associados a São João Batista.....	20
Figura 3 - Categorização das festas litúrgicas no calendário ritual da Igreja Católica.....	23
Figura 4 - Festas ordinárias da cidade de Braga, que contavam com participação pelo Senado da Câmara Municipal (1650-1699).....	39
Figura 5 - Tradições associadas às festas de cariz municipal, nas atas da Câmara de 1565 .....	41
Figura 6 - O percurso dos cortejos das festas de São João, na segunda metade do século XVI .....	49
Figura 7 - Festas e romarias na cidade de Braga e subúrbios registadas ao longo da década de 1860-89	
Figura 8 - Distribuição da naturalidade dos sinistrados hospitalizados após o acidente no arraial de S. João da Ponte em 1888 .....	125
Figura 9 - Gráfico que regista a evolução do número de títulos noticiosos relativos às Festas de S. João, no jornal Comercio do Minho .....	127
Figura 10 - Gráfico com o registo das visitas ao Posto de Turismo de Braga no período 2001-2012.	137
Figura 11 - Gráfico com as dormidas nas cidades de Lisboa, Porto, Coimbra, Guimarães. Viana do Castelo e Braga [INE 2009-2010] .....	140
Figura 12 - Tipologias de turismo associadas às festas de São João de Braga.....	145

## SIGLAS E ABREVIATURAS

ACB	Associação Comercial de Braga
AMB	Arquivo Municipal de Braga
ADB	Arquivo Distrital de Braga
CMB	Câmara Municipal de Braga
CFSJB	Comissão de Festas de São João de Braga
CSJP	Confraria de São João da Ponte
CSJS	Confraria de São João do Souto
FNAT	Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho
INE	Instituto Nacional de Estatística
MI	Museu da Imagem
NUTS	<i>Nomenclature of Territorial Units for Statistics</i>
PENT	Plano Estratégico Nacional do Turismo
PIB	Produto Interno Bruto

## APRESENTAÇÃO

O mês de junho acaba de arribar. O coração, por estes tempos, bate mais forte. O São João é o momento predileto de um bracarense que se preze. Tempo em que a memória escorre por lembranças de dias especiais, abraçados de tradição e de um particular espírito de unidade comunitária. O próprio aspeto exterior da cidade ganha novas cores e o ritmo vibrante encontrado no percurso que intermedeia o arco da Porta Nova, entrada triunfal da cidade, e o recatado recinto do parque de S. João da Ponte, com passagem obrigatória defronte da arcada, marca decididamente o quotidiano dos bracarenses. Por isso mesmo, exigia-se que este pedaço de história, ciclicamente repetida, fosse devidamente estudada e categorizada, por mais dificuldades que tal exercício implicasse. A sua multidisciplinaridade é exigente, tocando áreas tão distintas como a história, o património, a etnografia, o turismo, a sociologia, a religião ou a antropologia.

As Festas de São João são o mais importante traço da memória coletiva de Braga. As tradições secularmente conservadas, mergulhadas numa identidade que preza manifestações públicas de júbilo e orgulhosas exteriorizações de cantares, danças e elementares formas de relacionamento comunitário, encontram na romaria anual o seu espaço de exibição pública. É o Minho no seu mais profundo arroubo de lucidez! E Braga, que se ufana de ser sua capital, desde cedo se elevou no espírito festeiro, religioso quanto baste, elevando no seu seio a mais importante festividade da região. Se é certo que o percurso dos tempos foi capaz de alterar a perceção passada, não é contudo eficiente a apagar-lhe os traços identitários que lhe deram forma. O São João de Braga continua a ser em potência aquilo que, em determinados momentos históricos, almejou ser.

A temática a tratar neste projeto de dissertação tem, por isso, como finalidade primordial uma abordagem histórica das festas de São João na cidade de Braga, procurando averiguar os traços de originalidade que fazem deste evento um dos principais momentos do calendário de Braga e do Minho, bem como um património imaterial de relevo no contexto português. O facto de não existirem estudos significativos, que aprofundem as questões históricas e antropológicas derivadas deste acontecimento anual, funciona como aliciente para a investigação que nos propomos iniciar.

Não nos deixaremos condicionar pelas limitações impostas pelo tempo e pelas contingências de uma informação ausente. Porque a história das comunidades se lê primordialmente a partir das tradições legadas - e não tanto nos manuscritos pulverosos dos arquivos - buscaremos o vulto mais autêntico das mais antigas e importantes sanjoaninas de Portugal.

## OBJETIVOS

Os objetivos que nos propomos atingir com a realização deste trabalho de investigação visam fundamentalmente dois âmbitos: a dimensão histórico-patrimonial e o planeamento turístico.

O âmbito histórico revela-se de importância crucial na presente investigação. O facto de apenas existirem pequenos estudos e abordagens temáticas, ambos muito dispersos, implica necessariamente uma procura de elementos e dados históricos que permitam uma visão abrangente e unívoca das festas de São João de Braga e da sua implantação nesta cidade.

Desde quando a festa religiosa adquiriu relevância no contexto comunitário da cidade de Braga? Que entidades se foram responsabilizando pelos diversos eventos e tradições? Quando e porquê se tornaram nos principais festejos da cidade? Que elementos distintivos se conservam na atualidade e são reveladores de traços de identidade incomuns? Estas e outras questões necessitam de uma análise rigorosa e de uma procura de dados ainda não editados pelas monografias existentes.

Depois de elaborada uma análise histórica, devidamente fundamentada e tendo por base todos os dados provindos de uma investigação prévia dos arquivos disponibilizados, buscar-se-á uma necessária revisão dos elementos identitários do mesmo, nomeadamente daqueles que fomentam o vector comunitário, sociológica e etnograficamente enraizado anualmente nas festas de São João.

O segundo objetivo está dependente da abordagem efetuada no anterior, sendo que qualquer plano de desenvolvimento turístico e de valorização destas festas como património imaterial, está dependente da expressão da sua originalidade e tradição, que estão necessariamente fundadas no percurso histórico das mesmas e na sua relevância efetiva no seio dos diversos contextos comunitários. Desta forma, depois de salientados e devidamente explorados os traços caraterísticos das Festas de São João de Braga, será elaborada uma tentativa de planeamento e desenvolvimento turístico, tendo por base esses mesmos elementos e outras linhas de ação, definidas em função do contexto atual.

Em suma, procuraremos responder às seguintes questões relativas às festas de São João em Braga:

- Qual é a sua origem histórica?
- Importância histórica: fases e realizações
- Como foi evoluindo até se tornar nas festas oficiais da cidade?
- Que tradições lhe estão associadas e são caraterísticas?
- Importância do seu legado na comunicação e incremento dos fatores identitários do município
- Grau de influência nas outras festas da região em que se insere
- Potencial de transformação num produto turístico

## METODOLOGIA

A metodologia que iremos adotar neste trabalho de investigação vai ser fundamentalmente a análise de fontes manuscritas, no que concerne ao período compreendido entre os séculos XVI-XIX, e a pesquisa de periódicos, nomeadamente no período posterior a 1850. Não descuraremos igualmente a análise iconográfica, pela importância que revela na componente sociológica dos festejos, quer pelas referências aos principais elementos constituintes do evento. Partindo dos dados recolhidos, tentaremos elaborar uma síntese racional da historiografia das Festas de São João em Braga. A dissertação está organizada em três partes que se complementam, mas cujo percurso lógico é distinto.

Primeiramente abordaremos as raízes antropológicas destes festejos, quer na sua raiz associada a tradições pagãs ligadas ao culto do sol e à celebração do solstício de verão, quer quanto à importância litúrgica da figura de João Batista para a Igreja Católica, bem patente nos privilégios concedidos no seu calendário de celebrações anuais.

A segunda parte, mais desenvolvida, centra-se numa análise detalhada ao percurso histórico dos festejos públicos em honra deste santo na cidade de Braga. Partindo de todos os elementos históricos dispersos, procuraremos sintetizar racionalmente as diversas fases cronológicas das festas.

Finalmente, e apontando para uma progressiva valorização deste evento bracarense, iniciaremos uma proposta de planeamento turístico das Festas de São João, numa tentativa de retirar o melhor proveito dos estudos de investigação aqui desenvolvidos.

Para a análise da componente litúrgica das festas e suas origens pagãs, que versará fundamentalmente sobre a questão antropológica, buscaremos fontes bibliográficas relativas a esses assuntos, bem como análises prévias que tenham tratado as festas sanjoaninas numa abordagem mais universal.

Da mesma forma, a proposta de um plano de desenvolvimento turístico, que se fundará na relevância histórica e na originalidade dos diversos quadros aqui tratados e considerados, apoiar-se-á na bibliografia mais recente acerca desta área de estudos, nomeadamente na que se refere aos fluxos turísticos em Portugal e exemplos bem-sucedidos no âmbito do aproveitamento turístico de um evento deste género.

### **a) Fontes manuscritas**

A base essencial da nossa investigação versará sobre as actas do Senado da Câmara Municipal de Braga, onde estão transcritas as deliberações municipais relativas aos períodos:

- 1510 e 1532 (prelazia de D. Diogo de Sousa);

- 1614-1620 (construção da capela de S. João da Ponte);
- 1690-1700;
- 1750-56 (reformulação da procissão);
- Século XIX em geral (particularmente o período 1875-1900);
- 1910-1945;

Cada um destes períodos corresponde a fases relevantes na alteração das dinâmicas imprimidas às festas de São João em Braga e poderão auxiliar-nos no processo de racionalização a que nos propomos.

#### **b) Periódicos**

Sendo o Minho uma das províncias mais densas em termos demográficos, verifica-se a existência de dezenas de periódicos, particularmente na cidade de Braga. A imprensa desta época é particularmente criteriosa na componente descritiva, constituindo um acervo notável para o estudo histórico das primeiras décadas do século XX. O percurso cronológico, desde 1850 até 1974, foi fundamentado tendo por base os jornais O Bracarense, Comércio do Minho, Correio do Minho, Diário do Minho, Propaganda, entre outros.

#### **c) Espólio iconográfico e visual**

Da Câmara Municipal de Braga garantimos o acesso ao espólio fotográfico do Arquivo da Foto Aliança, o qual apresenta uma coleção de fotografias referentes às festas de São João em 1917. Igualmente procuraremos analisar e valorizar a memória do São João de Braga ilustrada nos cartazes anuais. Trata-se de um espólio de enorme valia, quer pela execução aprimorada, quer pelas tradições e símbolos retratados, que poderão auxiliar no processo de análise dos principais elementos identitários dos festejos. Aproveitaremos também as memórias das festas de São João transcritas nos postais antigos, particularmente no período compreendido entre 1890 e 1930.

Utilizaremos como formatação base deste trabalho as normas exigidas segundo o despacho RT 32/2005 sobre as normas para a formatação das teses de Mestrado e Doutoramento da Universidade do Minho. As referências bibliográficas obedecem à norma portuguesa, segundo o modelo NP 405.

A linguagem utilizada é o português de Portugal, adaptado ao *Acordo Ortográfico* que entrou em vigor a 25 de janeiro de 2011.

## PARTE 1: RAÍZES DE UMA CELEBRAÇÃO

---

## CAPÍTULO 1. O PRIMEIRO SANTO DO CRISTIANISMO: S. JOÃO BATISTA

### 1.1 DADOS BIOGRÁFICOS

*“Eu sou a voz de quem grita no deserto.” (Lc 7, 28)*

João Batista é uma das principais figuras do cristianismo. Há quem o integre ainda na tradição judaica anterior a Cristo, e o considere o último profeta do Antigo Testamento, dado que antecedeu a aparição pública de Jesus Cristo. É, por isso mesmo, apelidado de precursor, dado que, segundo os relatos bíblicos, ele próprio se intitulava como alguém que vinha “aplanar o caminho” ao Messias – personificado em Cristo – que era aguardado pelo povo de Israel. Vai ser o próprio Jesus, segundo o testemunho dos evangelistas, quem atribui a João Batista uma importância motriz no início do cristianismo. Por isso mesmo, a devoção dos primeiros cristãos deu-lhe um lugar de particular relevo.

A existência histórica de S. João Batista é muito difícil de questionar e colocar em causa, dado que é corroborada em uníssono pelos quatro relatos evangélicos – Mateus, Lucas, Marcos e João – e merece uma particular menção na obra “As Antiguidades dos Judeus” da autoria do historiador coevo Flavius Josephus<sup>1</sup>.

À figura de João Batista está, desde logo, associada uma dimensão profética que coloca a sua missão num patamar só ultrapassado por Jesus Cristo, o que é um dado significativo. Refira-se, a título de exemplo, o relato do nascimento de João, presente no Evangelho segundo S. Lucas, no qual é apresentada uma concepção induzida por fatores divinos, dado que os pais do Batista – Isabel e Zacarias – eram de idade avançada e eram considerados estéreis. Por uma graça divina, Isabel concebeu João e Zacarias, diante de um Anjo que lhe anunciara esta nova, não quis acreditar, algo que lhe provocou uma surdez e mudez até ao dia do nascimento do ansiado filho.

---

<sup>1</sup> Cf. EDH (Liz), Carmichael - **The Complete Works of Flavius Josephus Translated By William Whiston**. In: [www.ultimatebiblelibrary.com](http://www.ultimatebiblelibrary.com), “As Antiguidades dos Judeus” Livro XVIII, Cap. V, p. 982: “Agora, alguns dos judeus pensam que a destruição do exército de Herodes veio de Deus, e que foi justa, como um castigo pelo que fez contra João, que foi chamado o Batista, pois Herodes o matou, a ele que era um homem bom, pois apelou aos judeus para exercerem a virtude, tanto a justiça para com o outro, como a piedade para com Deus, para assim aspirar ao batismo, pelo qual se fazia a lavagem [de água], não apenas em ordem à remissão de alguns pecados [só], mas para a purificação do corpo, supondo ainda que a alma estava completamente purificada previamente por justiça. Dado que [muitos] outros se juntavam em multidões atrás de João, pois se comoviam [ou satisfeita] ao ouvir suas palavras, Herodes, que temia que a grande influência que João tinha sobre as pessoas pudesse colocar em causa o seu poder e criasse a tendência para uma rebelião (pois eles pareciam prontos para fazer qualquer coisa que João aconselhasse), achou melhor colocá-lo à morte, para evitar qualquer dano que ele pudesse causar, e eventuais dificuldades, pelo facto de poupar um homem que poderia causar-lhe arrependimento mais tarde. Assim, ele foi enviado como prisioneiro, de temperamento suspeito para Macherus, o castelo que eu mencionei antes, e foi lá condenado à morte. No presente, os judeus têm a opinião de que a destruição deste exército foi enviado como uma punição sobre Herodes, e uma marca do desagrado de Deus para com ele”.

Apesar da dimensão eminentemente simbólica deste relato, cuja componente histórica será reduzida ou nula, ressalta o protagonismo de João Batista no nascimento do cristianismo, sendo-lhe atribuído, até, um grau de parentesco com Jesus Cristo. Maria, mãe de Jesus, seria prima em segundo grau de Isabel, mãe de João Batista. Lucas relata, inclusive, o encontro entre as duas, que a tradição cristã denomina de Visitação.

A imagem de João Batista, traduzida pelos Evangelhos, mostra um perfil eminentemente ascético, retratando alguém que rejeitava o universo mundano de grandezas e poder. Segundo as descrições, envergaria um traje de pêlos de camelo e um cinto de couro à volta da cintura; alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre<sup>2</sup>. Este mesmo aspeto selvagem é atestado pela iconografia associada a João Batista, que acrescenta a figura do cordeiro e uma cana com uma faixa associada, onde se observa o dístico “Ecce Agnus Dei” (Eis o Cordeiro de Deus)<sup>3</sup>, expressão colocada por um dos evangelistas na boca de João Batista, referindo-se a Jesus Cristo.

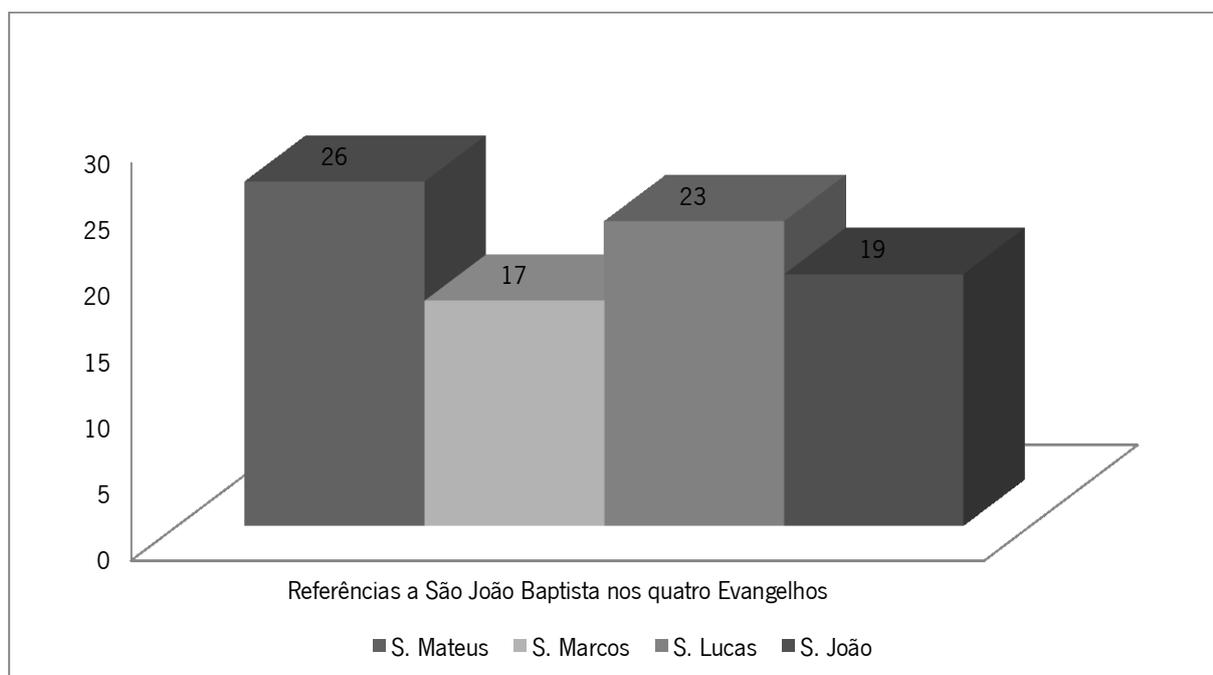


Figura 1 - Gráfico demonstrativo do número de referências a João Batista nos quatro Evangelhos da Sagrada Escritura cristã

O seu aparecimento no início dos relatos evangélicos antecipa e serve de antecâmara à vida pública de Jesus Cristo. Alguns dos primeiros discípulos de Cristo haviam sido seguidores de João Batista e teriam sido enviados pelo próprio. Nos evangelhos não há sinal de qualquer rivalidade entre Jesus e João Batista, como seria plausível entre dois líderes religiosos, admitindo-se que João aceitara amplamente a sua subjugação ao Messias que anunciara. João, inclusive, vai admitir que a sua

<sup>2</sup> Cf. Mt 3, 4 / Mc 1, 6

<sup>3</sup> Cf. Jo 1, 29.

existência deve “apagar-se” para que Jesus cresça na sua missão e protagonismo. O prelúdio do Evangelho segundo S. João, sublinha igualmente o papel profético de João Batista. É este evangelista quem melhor define a sua personalidade<sup>4</sup>.

O nome de João Batista é dos mais citados em palavras atribuídas a Jesus Cristo. Apesar de se terem cruzado apenas por uma vez - no episódio do Batismo no rio Jordão - o exemplo de João Batista e o facto de ter dado a vida pelas suas convicções e por não se ter acomodado a um silêncio cómodo perante a hipocrisia das classes dominantes, tornaram-no referência para a Igreja nascente.



Figura 2 – Elementos iconográficos associados a São João Batista

Para além dos discursos eloquentes, que apelavam à conversão e arrependimento e em que era anunciada aos judeus a chegada do Messias, João tinha o ofício de batizar os arrependidos no rio Jordão, daí o epíteto de Batista que lhe está associado. O ato do batismo, cuja etimologia está associada ao ato de purificar, implicava a imersão total ou parcial de um indivíduo e estabelecia um rito ou momento simbólico de passagem entre uma existência marcada pelo pecado e uma nova existência surgida após o momento de conversão. A água, pelo seu simbolismo enquanto elemento vivificante, e igualmente pela sua capacidade de “limpar” o que está sujo, é ícone de purificação. A tradição cristã apropriou-se, entretanto, do batismo como sacramento de iniciação.

<sup>4</sup> Cf. Jo 1, 7-8: "Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele. Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz" .

Outra das dimensões presentes no perfil evangélico de João Batista é a da denúncia das hipocrisias das classes dominantes, neste caso de Herodes Antipas, governador de uma Judeia já ocupada pelos exércitos romanos. Este monarca tomara, em segundas núpcias, Herodíade, a mulher de seu irmão Filipe, e vivia uma paixão platônica pela filha desta, Salomé. João tornara-se, por isso, uma voz incômoda e, na sequência de um atentado contra Herodes, perpetrado por um grupo rebelde aparentemente sem qualquer ligação à sua missão, vai ser acusado de incentivar à rebelião e é preso.

A dimensão simbólica sempre presente nos relatos evangélicos não permite atestar com elevado grau de credibilidade alguns dos dados históricos apontados. Por exemplo, a morte de João Batista coincide com a festa de aniversário de Herodes Antipas, que, perante a dança inebriante da sua enteada Salomé, lhe garante tudo o que ela lhe pedir. Esta, impelida por sua mãe, que estava desagradada com a voz incômoda do prisioneiro, requereu a cabeça de João, que assim é morto. O seu trágico desaparecimento vai provocar uma imediata veneração da sua figura, tendo os seus seguidores requerido os seus restos mortais, para lhe dar sepultura. Este dado pode ajudar a compreender a importância que vai almejar para os primeiros cristãos.

A voz inconveniente perante a imoralidade das classes políticas dominantes apresenta já as bases da moral cristã. Se era evidente o descontentamento de Herodes Antipas perante a doutrina propagada por João Batista, era significativamente elevada a popularidade deste profeta entre as classes populares, que viam em João uma espécie de líder político, embora as descrições evangélicas o definam como um homem eminentemente espiritual e desprovido de grandezas.

## *1.2 A TRADIÇÃO DA IGREJA*

Desde o início do cristianismo, que João Batista é um dos santos mais celebrados. Pelos dados disponíveis, atestados pela fortíssima tradição litúrgica associada às celebrações deste santo, percebemos uma personalidade quase equiparada à da Mãe de Jesus, Maria. Mais do que santo - que significa, para a Igreja, modelo de vivência cristã - ou mártir, João Batista é encarado como profeta, o último de um insigne rol a anunciar a chegada do Messias que os cristãos acreditam ser Jesus Cristo. Além do mais, vai ser o próprio Jesus Cristo a elogiar a sua ação e personalidade em diversos diálogos descritos nos evangelhos.

Não admira, pois, que os primeiros cristãos lhe dessem um lugar preferencial no calendário de celebrações e o recordassem com particular ênfase que superava, inclusive, a que era dada ao

primeiro Chefe da Igreja, S. Pedro, e ao seu principal apóstolo, S. Paulo. João Batista é o único santo, além da Virgem Maria, de que se celebra o nascimento e a morte em dias distintos.

Prova da sua importância é, entre outras coisas, o fato de que 15 igrejas lhe foram dedicadas na antiga cidade imperial de Constantinopla e o facto de, ainda hoje, deter alargado protagonismo nas tradições devocionais da Igreja Ortodoxa e da tradição litúrgica oriental da Igreja Católica.

Segundo alguns relatos, a primeira referência conhecida a celebrações litúrgicas associadas a São João Batista remonta ao concílio provincial de Agde, diocese francesa, registado no ano de 506<sup>5</sup>. Segundo os dados disponíveis, assim como acontece no Natal, a celebração do nascimento de São João Batista era já assinalada com três missas: a da vigília, a da aurora e a do dia. Isto não quer dizer, porém, que a festa não fosse já assinalada anteriormente. Recorde-se que o mais antigo calendário litúrgico da Igreja Católica conhecido remonta ao ano de 336, depois de copiado por Furio Dionísio Filocalo em 354<sup>6</sup>. Em Espanha é conhecido também o "Ordo sanctorum martyrum", que tem origem provável no século VI, em que uma das doze festas mencionadas é precisamente o nascimento de São João Batista, já na data de 24 de junho. Mais tarde, no ano de 1022, um sínodo em Seligenstadt, Alemanha, prescrito o jejum 14 dias e abstinência, em preparação para a Festa de Batista.

Apesar das diversas alterações do calendário litúrgico católico, as festas litúrgicas associadas a São João Batista foram sendo sucessivamente ratificadas pelas diversas revisões de calendários efetuadas pela hierarquia católica.

Nos nossos dias, a celebração do nascimento de João Batista na tradição ocidental da Igreja Católica é uma festa litúrgica de categoria I (solenidade), integrando três missas (vigília/aurora/dia), celebradas com prefácio próprio, quatro leituras e todos os constituintes habituais das celebrações dominicais<sup>7</sup>. Trata-se de uma celebração que não pode ser omitida na liturgia desse dia, detendo carácter obrigatório e sendo considerada festa de preceito.

---

<sup>5</sup> Este concílio provincial realizou-se no ano 506 em Agatha ou Agde, tendo sido presidido por São Cesário de Arles. Participaram 35 bispos e as principais discussões giraram em torno de questões ligadas à disciplina eclesial. Grande parte das conclusões desta reunião magna de bispos do atual território francês, incidem sobre a moralidade do clero e dos leigos do sul de França no início da transição entre a ordem social romana para a sociedade dominada pela ocupação dos povos bárbaros. (Cf. SHAHAN, Thomas. "Council of Agde." *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 1. New York: Robert Appleton Company, 1907. In: <[http://ec.aciprensa.com/wiki/Concilio\\_de\\_Agde](http://ec.aciprensa.com/wiki/Concilio_de_Agde)>, consultado em 8 Mar. 2013)

<sup>6</sup> O documento contém uma lista de mártires e Papas venerados em Roma, em meados do século IV. Outra das indicações relevantes é a primeira notícia sobre a celebração do Natal a 25 de dezembro, e ainda a celebração, a 29 de junho do martírio de S. Pedro e S. Paulo.

<sup>7</sup> As celebrações, segundo a importância que lhes é atribuída, distinguem-se e são denominadas desta forma: solenidade, festa, memória. As solenidades são os dias principais. A sua celebração inicia-se com as Vésperas I no dia anterior. Algumas solenidades têm também Missa própria da vigília, que se utiliza na tarde do dia anterior, se a Missa se celebra nas horas vespertinas (Cf. SNL - *Enquadrado dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 1998, 640-641).

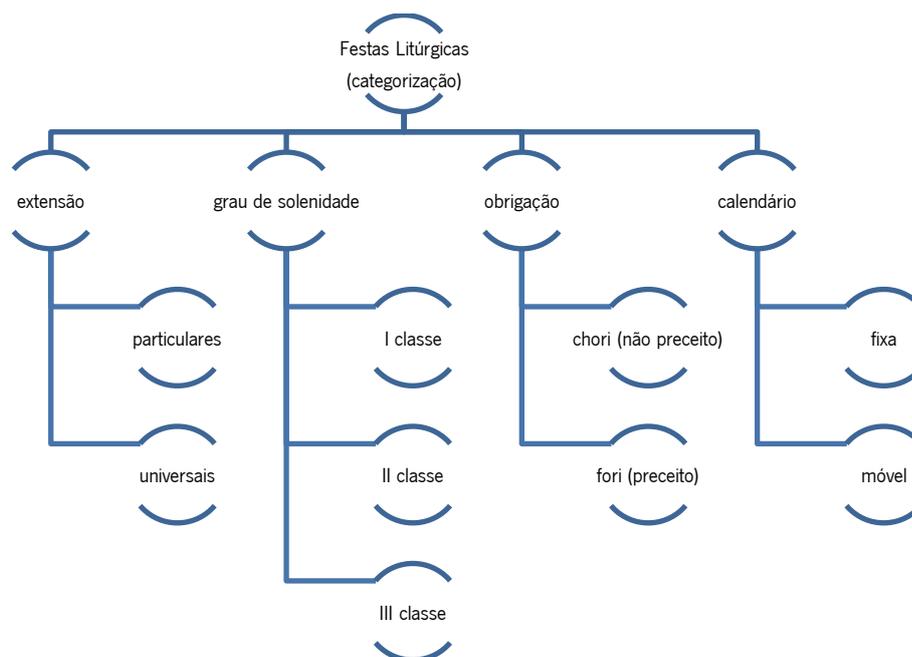


Figura 3 - Categorização das festas litúrgicas no calendário ritual da Igreja Católica

A outra celebração da Igreja Católica destinada a recordar a memória de S. João Batista é a festa da degolação, que se assinala a 29 de agosto, embora detenha menor relevância litúrgica que a celebração do nascimento. Na tradição litúrgica oriental da Igreja Católica, celebra-se ainda uma terceira festa – a conceção de São João – que se assinala nove meses antes do nascimento, em 24 de setembro. A Igreja Católica comemora ainda uma outra celebração associada a S. João Batista, que recorda o momento do batismo de Cristo e que é assinalada no segundo domingo de janeiro no rito ocidental e a 6 de janeiro no rito oriental.

### 1.3 A FESTA LITÚRGICA DO NASCIMENTO: 24 DE JUNHO

Uma pergunta que surge frequentemente associada à celebração do nascimento de S. João Batista é o porquê de se assinalar anualmente a 24 de junho. Neste âmbito, há várias possibilidades de análise, todas elas feridas de alguma credibilidade, devido à escassez de fontes e testemunhos inequívocos.

Desde logo, podemos responder que o motivo da data de 24 de junho não corresponde a fatores históricos. Ou seja, não foi neste dia que João Batista nasceu. Ou até poderá ter sido, dado que existe 0,0027% de hipóteses de ter acontecido a 24 de junho, mas é exatamente a mesma taxa de probabilidade a adotar para qualquer outro dia do calendário. Tal como no caso do nascimento de Cristo, não há qualquer certeza do dia em que terá ocorrido o nascimento do Percursor, sendo a

escolha de um dia particular no calendário uma adoção tardia. Portanto, o que presidiu à celebração do nascimento de João Batista a 24 de junho não deriva de um dado histórico.

Resolvida a problemática da historicidade, confrontamo-nos com a questão da fundamentação da data associada à tradição. Afinal porque é que os cristãos dos primeiros séculos, para celebrar uma das suas figuras de proa, optaram pelo dia 24 de junho? Para elaborarmos uma resposta devidamente fundamentada, teremos necessariamente que recorrer aos dados (escassos) disponibilizados pela literatura de cariz ocidental, que associa inevitavelmente esta data à celebração da festa do fogo, uma tradição pagã tão antiga como a humanidade, que assinalava a passagem do solstício de verão – hoje assinalado a 21 de junho – e que correspondia ao maior dia do calendário anual.

Os dados apontados pelos evangelhos são outra base de fundamentação que, apesar de uma historicidade questionável, terão servido de critério à distribuição das celebrações religiosas no calendário da Igreja Católica. A tradição evangélica associada a S. Lucas refere que Maria terá visitado a sua prima Isabel pouco tempo após a anunciação do Anjo, na qual tomou conhecimento da sua conceção divina. Dado que a data do nascimento de Cristo ficou fixada a 25 de dezembro – o oitavo dia antes das calendas de janeiro – segundo se pensa devido à necessidade de cristianizar as celebrações pagãs do solstício de inverno, a anunciação ficou localizada exatamente nove meses antes, ou seja a 25 de março, acompanhando o ritmo de gestação de um ser humano. Entretanto, S. Lucas indica que foi ao “sexto mês” da gestação de Isabel, que terá ocorrido a anunciação. A tradição cristã, querendo obedecer à distância evangélica entre as datas, estabeleceu o nascimento do Batista três meses após a anunciação a Maria. A única dúvida que subsiste é porque não se instituiu a festa do nascimento de João Batista a 25 de junho e se preferiu instituí-la a 24.

A resposta mais veiculada para justificar esta ligeira alteração é o facto de, na forma romana de contagem ser considerado sempre o primeiro dia do mês seguinte, pelo que o dia 24 de junho corresponde ao oitavo dia antes do início do mês de julho. Por exemplo, a celebração do Natal acontece ao oitavo dia antes das calendas de Janeiro (“Octavo Kalendas Januarii”). Seguindo este raciocínio, a celebração do nascimento de S. João foi colocado no oitavo dia antes das calendas de julho.

Há ainda um outro dado, que podemos inserir numa dimensão simbólica e narrativa, que é o facto de ser atribuída a João Batista uma expressão na qual refere “Ele (Jesus) deve crescer e eu diminuir” (Jo 3, 30), confirmada pela frase atribuída a Cristo em que este referia que “entre todos os nascidos das mulheres, não surgiu quem fosse maior que João Batista” (Mt 11, 11). O facto da celebração do nascimento de João Batista se assinalar por ocasião do maior dia do ano (21 de junho) - jornada em

que o número de horas de luz supera na sua máxima extensão o número de horas sem sol – e de o nascimento de Cristo se assinalar próximo do dia mais pequeno do ano (22 de dezembro), poderia confirmar a expressão atribuída ao Batista: “Ele deve crescer e eu diminuir”. Desta forma, após a celebração do nascimento do Precursor, o número de horas de sol vai retraindo e os dias vão se tornando mais pequenos e, chegada a celebração do Natal, os dias tornam-se progressivamente maiores. Estes relatos poderão ter sido referências para a elaboração dos calendários litúrgicos? Talvez, mas não há certezas, para além de uma narrativa de cariz simbólico.

## CAPÍTULO 2. ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

### *2.1 A FESTA COMO FENÓMENO SOCIAL E COMUNITÁRIO*

A festa é sempre um acontecimento que, para se afirmar com tal estatuto, necessita de rasgar com o conceito de normalidade imposto pelo quotidiano. A exteriorização é, por isso mesmo, uma das características fundamentais da festa. Não há festa sem que os moldes habituais sejam transgredidos, sem que os padrões de convivência comunitária sejam rasgados ou sem que o sistema geral de comunicações extravase para um nível excessivo. “Toda a festa reflete uma forte dimensão lúdica, dado que nela se procede à descarga de pulsões, de tensões, de conflitos, o que faz dela um alto lugar catártico”<sup>8</sup>. Por exemplo nas referências à Antiguidade, muitos dos deuses helénicos eram representados como vivendo em constante transgressão e excesso, simbolizando *per si* o desejo humano de transgredir os grilhões impostos pelos códigos morais impostos pela comunidade. A festa é, por isso, uma oportunidade para os excessos e para a desordem.

Não se pense que as festas nasceram com o cristianismo ou com a necessidade de recordar as datas mais relevantes das nações entretanto constituídas. O ato de festejar é quase tão antigo como a própria humanidade, e tem uma íntima ligação com o fenómeno religioso.

Na opinião de Mircea Eliade, a festa significa, na sua origem, uma espécie de intervalo no tempo histórico, para permitir que os humanos possam participar no tempo divino<sup>9</sup>. Dado que na monotonia do quotidiano “há sempre o risco de esquecer o que é fundamental: que a existência não é dada por aquilo que os modernos chamam de Natureza, mas é uma criação dos Outros, os deuses ou

---

<sup>8</sup> LIMA, José Silva – “Festas”. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *Dicionário da História Religiosa de Portugal*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 252.

<sup>9</sup> “O homem religioso sente necessidade de mergulhar por vez es nesse Tempo sagrado e indestrutível. Para ele, é o Tempo sagrado que torna possível o tempo ordinário, a duração profana em que se desenrola toda a existência humana.” (In: ELIADE, Mircea – *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1992, p.47)

os Seres semi-divinos”<sup>10</sup>, as festas constituem-se como momentos essenciais para fortalecer a memória coletiva. Por isso mesmo, a festa envolve a transgressão dos ritmos habituais, fundando-se em alterações drásticas ao quotidiano e em excessos nos hábitos, na alimentação ou no vestuário.

Festejar é também uma atividade especificamente humana. Só o ser humano tem a capacidade de comemorar, e de celebrar uma memória<sup>11</sup>. A festa não é, por conseguinte, um exclusivo de determinada religião ou comunidade humana, mas é parte integrante da própria cultura.

Outra das características das festas é o seu aspeto eminentemente comunitário. Embora possamos assumir tal postura como passível de ser realizável individualmente, para que o festejo seja reconhecido como tal, necessita de ser realizado comunitariamente. Há algo que se quer comunicar, como expressão de júbilo. O próprio ato de exteriorização através de gestos vistosos ou da expressão sonora da mesma, através de palavras, música, gritos ou cânticos, é uma forma de valorizar esta dimensão comunitária. Mesmo que esteja sozinho, o indivíduo que celebra, pretende que os outros indivíduos percecionem o festejo e os motivos do mesmo festejo que exterioriza. A festa é, portanto, uma constante em todos os agrupamentos sociais e em todos os grupos socioculturais, assim como característica de qualquer experiência pessoal.

As festas obedecem também a ciclos que se repetem nos calendários comunitários, seja no quadro familiar, quando se comemora a datas de aniversários natalícios ou bodas matrimoniais; seja no âmbito nacional, na comemoração das datas relevantes para a história pátria; seja no seu enquadramento religioso, obedecendo aos ciclos litúrgicos ou à memória das suas figuras singularmente reconhecidas. A definição dos ciclos festivos é frequentemente originária do ciclo da própria natureza e das alterações que esta impõe ao ritmo de vida da humanidade. “O cristianismo não inventou este ritmo: herdou-o das civilizações anteriores e serviu-se dele”<sup>12</sup>.

A necessidade de criar rotinas inseridas na categorização humana do tempo - dividida em segundos, minutos, horas e anos – corresponde a uma busca incessante da intemporalidade. A celebração cíclica da memória comum garante a unidade de um determinado grupo, pois perpetua no tempo acontecimentos e figuras que marcaram a sua construção identitária ao longo da história. Por isso mesmo, a festa detém um papel agregador, que não deve ser menosprezado, e que o cristianismo decididamente não desvalorizou.

---

<sup>10</sup> *Ibid.*, p.48.

<sup>11</sup> Cf. SANTOS, A. Miranda – “Festa”. In: AA.VV. – *Polis, Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*. Vol. 2. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1987, cc. 1411-1414.

<sup>12</sup> LIMA – *Op. Cit.*, p.251.

## *2.2 CRISTIANIZAÇÃO DOS COSTUMES: RESQUÍCIOS DO PAGANISMO*

Conhecer a história da humanidade implica uma análise profunda do seu relacionamento com Deus e com a Natureza. A história da humanidade desvela-nos um homem em busca de autonomia face ao que não controla. No início, a natureza aparecia esmagadora face à fraqueza humana. Ninguém escapava às suas leis, ninguém controlava as suas forças. Com o tempo o homem foi sabendo diminuir essa sujeição. Ele passa a acreditar que é possível passar de dominado a dominador. A ciência transformou-se no instrumento dessa dominação. Quando falamos do homem na relação com a divindade, observamos um ser frágil e dependente, que contraria nitidamente a imagem deste homem forte e poderoso, que conhece o mundo e dele tira proveito.

Naturalmente que o ser humano, independentemente das tribos a que pertencia e dos lugares do globo que ocupava, tendia a fazer culto aos elementos naturais, como forma de agradar à mãe natureza, guardando a expectativa que tal ato os escudasse dos efeitos nefastos da ação natural. A dependência do ser humano face aos fatores naturais era demasiado evidente nos primeiros tempos da história da humanidade. Por isso mesmo, não é estranho que algumas tradições coincidam no calendário de múltiplos povos, apesar da sua distância de implantação e de jamais podermos pressupor um contacto entre esses mesmos povos. O que pode vincular uma tradição ritual solsticial de um celtibero com a dos povos vikings? A resposta é óbvia: o facto de ser humano, ou seja, de se partilhar uma natureza comum, e de se utilizar as mesmas soluções para estabelecer uma relação de subserviência para com a incontrolável força da natureza.

A evolução da comunidade humana pode ser descrita como uma crescente libertação das limitações que eram impostas pela inconstância da natureza. A invenção da agricultura permitiu que os povos pudessem fixar-se num determinado lugar, sem terem que andar constantemente à procura do alimento. Com esta estabilidade em termos de localização, pôde o homem dedicar-se a aprimorar técnicas e a melhorar as condições de sobrevivência. Surgiram as primeiras cidades, os jogos entre poderes, e a civilização desenvolveu-se. O jugo da natureza foi sendo diminuído. Os povos já não temiam tanto as carestias provocadas pelas secas ou pelas inundações. Com o suceder do tempo, a humanidade passou a exercer um domínio evidente sobre a natureza, aprimorado por tecnologias e saber científico, mas continuando a temer os seus efeitos.

Por tudo isto, é perfeitamente plausível admitir, que num período inicial da evolução humana, a valorização dos momentos marcantes do calendário anual, como os solstícios e os equinócios, se assistissem a rituais similares, particularmente associados ao fator motriz das celebrações. No caso do solstício de verão celebrava-se a luz, surgindo o fogo como elemento base associado aos ritos.

Desta forma, quando o cristianismo se tornou a religião dominante no continente europeu, berço da civilização, os costumes ainda subsistentes, particularmente nos meios mais ruralizados, detinham ainda um excesso de superstição e paganismo. Os rituais das antigas tribos continuavam a vigorar, transportados que eram pelo trespó geracional.

Após a estabilização dos vetores fortes da doutrina cristã, e da confirmação do poder centralizado na cúria romana, onde pontificava o Papa, as preocupações das diversas províncias eclesiásticas voltaram-se sobre os rústicos que permaneciam arreigados ao paganismo. A cristianização dos rituais instituídos nas comunidades foi a solução encontrada para solucionar o problema pagão, sem comprometer a adesão das populações à religião cristã. Desta forma, foram adotadas as principais celebrações, através de adaptações rituais e novas nomenclaturas. O nascimento de S. João Batista, um dos principais ícones do cristianismo nascente, foi seguramente um dos festivais surgidos deste processo de cristianização dos costumes, levada a cabo na Europa entre os séculos V e X.

### *2.3 AS FESTAS SOLSTICIAIS E A CELEBRAÇÃO DO NASCIMENTO DE S. JOÃO BATISTA*

Embora sendo natural o ceticismo de alguns investigadores acerca da tese que vincula os festejos do nascimento de S. João Batista aos rituais solsticiais pagãos, não podem basear-se para tal refutação no argumento de que no calendário juliano existia um atraso evidente entre o dia 24 de junho e a data exata do solstício, dado que esse atraso se verificou na sua maior extensão no século XVI, mas não existiria quando, no século V se fixaram as principais datas no calendário.

A este argumento falacioso acresce o facto de outra grande festividade cristã – o Natal – coincidir com o solstício de inverno, outro período marcado por tradições de raiz antropológica muito acentuada. Há até quem argumente que os festejos que pretenderam cristianizar as tradições solsticiais pagãs era a celebração de S. Pedro e S. Paulo, cujas prerrogativas litúrgicas se assemelhavam às adotadas pela Igreja Católica quanto ao nascimento do Batista.

Embora esta hipótese pudesse deter alguma viabilidade, seria difícil explicar quais as tradições e popularidade que atualmente a justificam. Aliás, a popularidade ainda hoje subsistente nos festejos dedicados a S. João Batista, a sua importância no início do cristianismo, e a necessidade de cristianizar

festas de cariz pagão, poderão servir como argumentação complementar em favor da tese que aponta a raiz dos festejos sanjoaninos na direção de uma ancestralidade incomum.

É inegável hoje a quantidade de tradições que são realizadas em diversos países da Europa que aparecem vinculadas ao culto da luz. Em vários lugares de Portugal se cultiva o hábito de saltar fogueiras e estender as danças e cantares noite dentro, numa espécie de vigília festiva. Mas não é só em Portugal que tal tendência se verifica. Em Inglaterra, na Suécia ou em Espanha há inúmeras tradições associadas a grandes fogueiras, utilizadas nas celebrações em honra de S. João Batista.

A incerteza na justificação acerca da definição da data das celebrações litúrgicas, e o facto dos calendários adotados terem estado sujeitos a variações, até estabilizarem definitivamente com a reforma gregoriana, deixa incerta a data exata em que se celebrava, na Europa, o solstício de verão. O desacerto do calendário juliano, que atrasava três dias a cada quatro séculos, poderá servir de fundamentação à tese de que inicialmente terá havido uma intenção declarada em fazer coincidir a celebração do nascimento de S. João Batista com as festas solsticiais de origem ancestral.

Para quem não bastar a vinculação evidente das tradições ligadas ao fogo com a celebração do Batista, sobrarão seguramente a consideração de que o atraso do calendário juliano em 1582, quando o Papa Gregório XIII resolveu acertar os calendários, era de cerca de 10 dias. Portanto, alguns séculos antes, mais precisamente quando se tornou tradição celebrar o nascimento de S. João Batista em 24 de junho, o atraso era bastante mais reduzido, podendo até coincidir com o dia em que se resolveu inserir esta celebração litúrgica. Este facto poderá até justificar o atraso existente entre a data que atualmente corresponde ao solstício de verão – 21 de junho – e o dia em que a Igreja Católica assinala o nascimento do Precursor de Cristo.

Naturalmente que há sempre espaço para especulações e outros raciocínios, devido à incerteza de dados a este respeito, todavia é inegável a vinculação existente entre os festejos pagãos solsticiais e as tradições que ainda hoje perduram na celebração do nascimento de S. João Batista.



PARTE 2:  
FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA - HISTÓRIA E TRADIÇÃO

---

## BRAGA, CAPITAL DO MINHO – O IMAGINÁRIO SOCIAL E CULTURAL

A cidade de Braga, como contexto fundamental do estudo que pretendemos desenvolver, exige uma particular menção enquanto lugar da passagem do tempo e fenómeno potenciador da formação progressiva de uma comunidade humana que transcende a história a partir do seu *ethos* comum.

A história da cidade de Braga confunde-se muitas vezes com a história dos seus bispos, que a partir de 1112 foram administradores de um senhorio, que isentava a cidade do poder real. Muitos destes ilustres prelados merecem referência pela sua notável obra temporal, como é o caso de D. Diogo de Sousa, arcebispo entre 1505 e 1532, a quem se deve a reformulação urbanística da cidade. O conhecido epíteto que classifica Braga como “Cidade dos Arcebispos” deve-se ao facto dos detentores deste título eclesiástico terem sido senhores da cidade durante quase sete séculos. A Carta de Couto inicialmente concedida pelos condes portugalenses em 1112 e com poderes reforçados por D. Afonso Henriques, nas vésperas da decisiva batalha de S. Mamede em 1128, foi interrompida em 12 de janeiro de 1402 para voltar a ser retomada sete décadas após, a 12 de março de 1472. Desde aí, até 1792, os Arcebispos acumulavam a sua liderança religiosa, à gestão administrativa do termo de Braga, sobre o qual cobravam impostos e impunham leis. A Igreja Católica, e as suas celebrações religiosas, detinham, por isso, uma particular relevância no quotidiano dos habitantes da cidade, onde o ritmo era rubricado pelos sinos das igrejas e pelas gelosias dos conventos. Vai ser neste contexto, marcadamente religioso, que vai surgir o nosso objeto de estudo: as festas de São João.

Braga era também, e foi-se tornando ao longo dos séculos, a cabeça do Entre-Douro-e-Minho, título que vai perder aquando da reorganização administrativa promovida pela reforma liberal no segundo quartel do século XIX. Esse facto individualizou o Minho, pela primeira vez, como identidade regional. As suas fronteiras que, mais do que geográficas, delimitavam uma forma de vida concreta, enquadrada num linguajar comum, traçaram a silhueta minhota e fizeram crescer um fenómeno identitário, bem presente na coerência etnográfica hoje decifrada. O título de capital do Minho, associado ao regresso dos emigrantes, que haviam buscado fortuna no Brasil, e aos ventos do romantismo propagados pelo estilo de vida vigente, fez crescer a cidade de Braga e aumentar um firme espírito de valorização das tradições e peculiaridades do quotidiano minhoto. Nesse aspeto, as festas e romarias vão dominar o calendário das localidades e marcar um estilo comum de celebração. Não faltará o folclore, as concertinas, o fogo de artifício, as feiras, a capela iluminada e as decorações gaiteras, que jamais permitem a qualquer forasteiro alhear-se do clima festivo.

A Braga que se afirmara, na segunda metade do século XIX, como a “terceira capital do Reyno”, destacou-se também como a capital de um vasto território delimitado pelos rios Ave e Minho.

Nessa senda, as dezenas de romarias anuais que iam criando moda e se afirmavam por via da concorrência mútua, vão ser uma espécie de imagem de marca da cidade líder da região mais festiva de Portugal. Por isso mesmo, não admira a dimensão alcançada pelas suas festas, particularmente o São João, que vai chegar a afirmar-se como a maior romaria de Portugal e um fenómeno turístico sem par, no derradeiro quartel do século XIX. Todavia, a valia e o sucesso das festas bracarenses em honra de São João esconde uma ancestralidade fundamental, que serviu de modelo a grande parte dos restantes festejos regionais.

Se podemos apontar uma data para o início de festejos significativos em honra de S. João em Braga, somos obrigados a apontar o ano de 1150, data em que foi fundada uma igreja dedicada a este santo. Desde esse ano, vai ser do crescimento e desenvolvimento da paróquia e da sua confraria, ambas devotadas a este orago, que irão evoluir os festejos sanjoaninos em Braga. Se é certo que, apenas a partir de 1489, surgem notícias que atestam que as festas já se realizavam com dimensão pública, é difícil não conjecturar que as mesmas já se realizavam desde a fundação deste templo e, com maior propriedade, desde a fundação da confraria que lhe é coeva.

Ao longo do século XVI, temos a convicção, a partir da análise de diversas atas municipais, que as festas de São João, para além de serem um dos sete festejos estatutários da cidade, seriam provavelmente um dos que mais contava adesão popular. A corrida do porco era, por esse tempo, o epicentro dos festejos, que passaram, mais tarde, a ter na procissão e nas exibições de cariz medieval, o seu principal evento. As informações que detemos, relativas à procissão nos finais do século XVII, indicam-nos que seria um momento relevante no calendário anual das celebrações que se realizavam na cidade. A confirmação dessa relevância vem em meados do século XVIII quando já se reconhece o São João como os maiores festejos citadinos a par do Corpo de Deus, que, por essa altura, já era demasiado religioso para a efusividade e excesso impostos pelos cânones sociais dos tempos barrocos. Apesar da depuração das exibições pagãs, exigidas durante o reinado de D. João V, o São João conservou detalhes festivos que entusiasmavam os bracarenses. Vão ser esses detalhes, conservados ao longo de décadas, nomeadamente entre os finais do século XVIII e meados do século XIX, que vão garantir o ressurgimento em força dos festejos.

Na segunda metade do século XIX, Braga, como qualquer localidade minhota, fervilhava de festas e romarias. Qualquer capelania, paróquia ou confraria queria destacar-se das demais pela qualidade dos seus festejos. Nesse âmbito, nas décadas de 1850 e 1860, a cidade de Braga registava cerca de 34 romarias, das quais se destacavam o Senhor da Saúde das Carvalheiras, o Espírito Santo no Bom Jesus, Santa Felicidade na Ponte e o São João, que detinha duas festas: São João do Souto e

São João da Ponte. A primeira mantinha a procissão, na qual se inseriam as danças do Rei David e os cânticos dos pastores, quadros que vão sendo devidamente reformulados nesta época. Na capelania sediada na coutada dos arcebispos realizava-se uma feira no dia do santo, que era acompanhada de uma romaria mais popular, potenciada pelo vasto espaço exterior à capela dedicada a São João.

As exibições do Rei David e dos Pastores vão ser decisivas para que o São João mantivesse uma originalidade e um nível de atração de forasteiros, que lhe permitiu destacar-se dos demais festejos que abundavam na cidade. Por isso mesmo, em 1893 vai ser instituída a primeira comissão de festas, que vai unificar os dois festejos sanjoaninos e dar-lhes um impulso ainda maior no que ao número de visitantes diz respeito, número esse que já era significativo por estes tempos. A partir daí, jamais algum cronista ou jornal se atreveu a questionar se alguma outra romaria se teria sobreposto ao São João que, ainda assim, era sempre o termo de comparação, o que já deduz o reconhecimento da sua grandiosidade perante os restantes festejos anuais.

O percurso palmilhado até aos nossos dias confirma este evento como o maior do calendário anual dos bracarenses urbanos e rurais e a centralidade destes festejos na região em que se insere, porém, retira-lhe a importância mediática e turística que vigorou entre a segunda metade do século XIX e o primeiro quartel do século XX. O surgimento dos festejos portuenses, principalmente a partir da década de 30 do século passado, cidade com maior importância demográfica e mediática, acabou por relegar o São João de Braga para uma posição secundária no que à notoriedade diz respeito.

Apesar disso, os festejos bracarenses continuam a apresentar-se com uma originalidade identitária que os individualiza entre os demais festejos portugueses em honra de São João Batista. Por isso mesmo, a análise da história e desenvolvimento destas festas é um imperativo para iniciar um caminho de valorização desta essencial herança patrimonial, histórica e etnográfica da cidade de Braga.

### CAPÍTULO 3 - PRIMÓRDIOS DE UMA FESTA

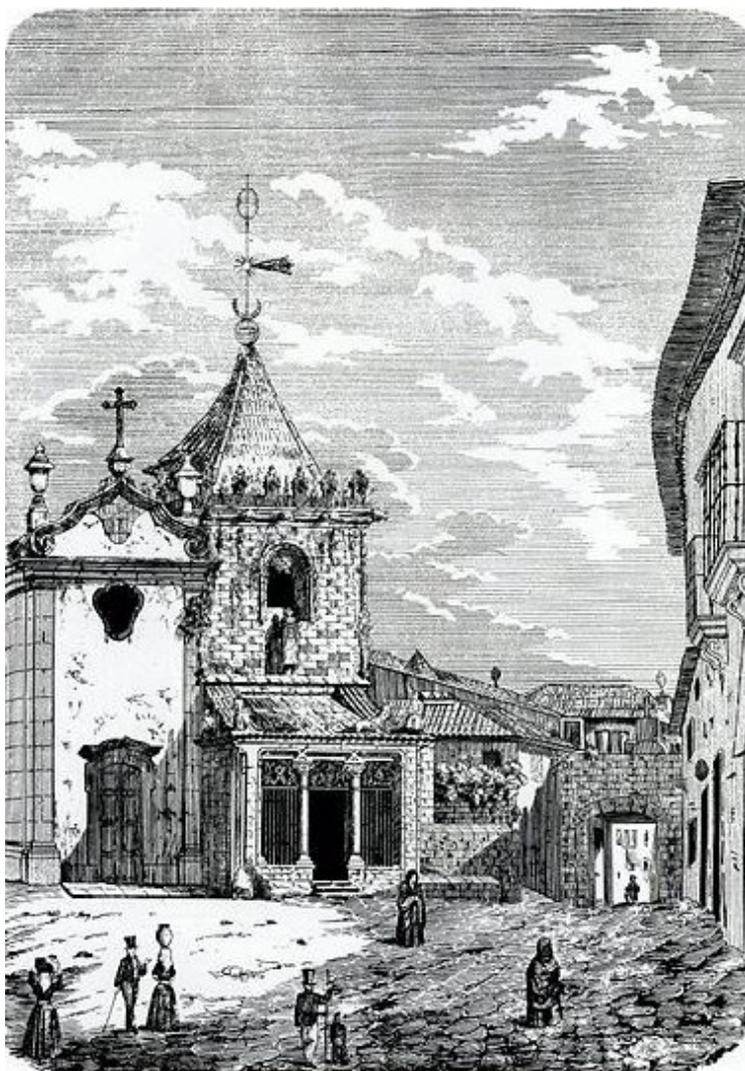
Como acima referimos, na introdução a esta abordagem historiográfica, a origem de uma celebração significativa e marcante para a comunidade de Braga em honra de S. João Batista recuará certamente à origem da paróquia e confraria de S. João do Souto, no ano de 1150. Portanto, querendo nós apontar uma data concreta para a origem mais evidente dos festejos, teremos que nos deter nesta referência temporal. Quando é que os festejos alcançaram dimensão pública é outra questão sem resposta aparente, mas que, pelos dados entretanto trabalhados, pode alcançar uma demarcação cronológica.

Como evidência, é-nos permitido conjeturar a respeito da relevância cidadina dos festejos desde, pelo menos, o século XVI, segundo dados avançados nas atas do Senado Municipal. Sendo certo, que Braga detinha outras festas de cariz municipal, entre as quais sobressaía o *Corpus Christi*, não é de todo descabido afirmar que, para além desse saliente festejo eucarístico, a cidade acolhia com particular ênfase as celebrações pelo nascimento de S. João, que se realizavam a 23 e 24 de junho. O facto de se tratar de uma importante celebração para a Igreja Católica, que dominava Braga e o seu termo, poderá ter patrocinado esta festa, que tinha o privilégio de ocorrer num dia de preceito, em que era proibido exercer qualquer ofício, ou seja, o povo estava livre para se entreter.

Os dados que temos, relativos às principais tradições destes festejos, obrigam-nos a uma demorada exposição centrada nos seus principais quadros, particularmente naqueles cuja inédita réplica em outras celebrações os individualiza dos demais, como são os casos da corrida do porco e do candeieiro. Da mesma forma, nos mereceu uma análise particular o contexto dos festejos estatutários municipais nesse período cronológico, bem como aquela que era a maior celebração municipal: o *Corpus Christi*. Por isso mesmo, a análise das festas de São João em Braga deverá começar por um minucioso exame aos séculos XVI e XVII, altura em que possuímos dados para elaborar uma exegese fundamental para se entender as seguintes delimitações históricas. Para que tal exegética tivesse fundamento, baseamo-nos na transcrição das atas do Senado Municipal de Braga, disponibilizadas ao longo de décadas, pela revista *Bracara Augusta*. Desta feita, ativemo-nos nos dados referentes às deliberações municipais acerca dos festejos sanjoaninos nos anos de 1561, 1565-67, 1569, 1572-74, 1578-80, documentos aos quais recorreremos frequentemente e que anexamos a esta dissertação.

Da mesma forma, e como complemento à informação recolhida, consultamos outras atas municipais, disponibilizadas no Arquivo Municipal de Braga, bem como os Diários de Receita e Despesa do mesmo Senado, desde o seu mais antigo acervo, referente ao ano de 1650, até meados do século XVIII.

### 3.1 UMA PARÓQUIA



Gravura 1 - Igreja de S. João do Souto e Capela dos Coimbras, estando ao fundo a porta de S. João

Para iniciarmos qualquer abordagem de cariz histórico sobre as festas bracarenses em honra de São João Batista temos necessariamente que recuar à fundação da igreja e paróquia de São João do Souto. Se é certo que a Igreja Católica sempre deu um lugar de relevo à memória do Santo Precursor, não é lícito afirmar que, devido a isso, todos os lugares da cristandade lhe conferissem um particular destaque no seu calendário festivo.

Em Braga, a origem dos festejos em honra do Batista está intimamente ligada ao surgimento de uma paróquia integrada no seu casco urbano, que detinha como orago São João Batista. Sendo a paróquia dedicada a este santo, é lógico pressupor que as datas relativas à memória litúrgica do seu orago alcançassem particular destaque. Portanto, é legítimo aferir que a antiguidade das festas bracarenses em honra de S. João Batista é tão recuada como a própria paróquia.

A origem da paróquia recua ano de 1150, quando um casal devoto, Pedro Ourives e sua mulher Elvira Mides, doaram à Ordem do Hospital de S. João de Jerusalém<sup>13</sup>, na pessoa do arcebispo D. Paio Mendes<sup>14</sup>, uma igreja por eles construída em honra de S. João Batista, orago motivado precisamente pela instituição donatária<sup>15</sup>. Acresce a esta informação o facto de no ano de 1161 já existir referência deste templo ter sido elevado à categoria de sede paroquial<sup>16</sup>. O território desta paróquia, tão precocemente erigida numa urbe ainda a reerguer-se após o abandono parcial ocorrido durante a ocupação mudéjar no território acima do Douro, teria apenas quatro ruas, algumas das quais alcançaram posteriormente uma particular relevância, como é o caso da rua do Souto.

Segundo Senna Freitas, citando uma “tradição mais constante”, a confraria seria mais antiga que a própria paróquia e teria estado sediada em uma ermida que estava no castelo de Braga, da qual subsistiriam ainda vestígios no século XVIII<sup>17</sup>. Estes dados são confirmados nas “Memórias Paroquiais de 1758”<sup>18</sup>, onde se refere precisamente que foi durante a prelazia de D. Diogo de Sousa (1505-1532), que a igreja mandada fundar por Pedro Ourives se transferiu para o atual local. Este dado, contudo, não é devidamente desenvolvido nos trabalhos do medievalista José Marques, e é contraditado pelo facto da porta da muralha medieval, localizada junto à sede da paróquia, deter precisamente o nome de São João, confirmando a proximidade com o templo homónimo. Os dados documentais coevos localizam também a igreja paroquial junto à primitiva muralha medieval da cidade.

Quanto à confraria, os dados documentais atestam uma origem recuada. Neste contexto, há uma distinção que é necessário delinear: a paróquia e a confraria eram dois corpos distintos, apesar de ocuparem os mesmos espaços e desfrutarem de uma série de direitos comuns. Isso mesmo retrata José Marques, ao abordar os pergaminhos da Confraria de São João do Souto, relatando até um

---

<sup>13</sup> Ordem religioso-militar fundada em Jerusalém após a primeira cruzada. A sua fundação remonta à instituição de um hospital para peregrinos em Jerusalém por volta de meados do século XI. Até meados do século XII, esta ordem dedicou-se essencialmente ao acolhimento e assistência a peregrinos, através da atividade que mantinha no seu hospital da cidade.

<sup>14</sup> Arcebispo de Braga entre 1118 e 1137 e um dos principais conselheiros de D. Afonso Henriques.

<sup>15</sup> Cf. MARQUES, José – *Os pergaminhos da Confraria de S. João do Souto da cidade de Braga (1186-1545)*. Braga: sep. de Bracara Augusta, vol. XXXVI, Braga, 1982, p. 8.

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>17</sup> Cf. FREITAS, Bernardino José de Senna – *Memórias de Braga*. Tomo II. Braga: Imprensa Catholica, 1890, p. 161: “A Freguesia de S. João do Souto he Abbadia da Mitra: tem novecentos e dezasseis fogos, e nelles tres mil seiscentas e setenta pessoas. A Igreja foi fundada pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa, que estando no Castello da Cidade a trasladou para o sitio onde hoje se acha. Tem o Altar maior onde está o Sacratio, e nelle em quadros o nascimento, e degolação do Santo. No Altar da parte do Evangelho está a imagem de S. João, com sua Confraria, que no dia de seu nascimento costuma fazer huma grande Procissão com várias invenções e curiosidades pastoris, em que muito lustrão os engenhos da Cidade”

<sup>18</sup> CAPELA, José Viriato et FERREIRA, Ana da Cunha – *Braga Triunfante ao tempo das Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: s.e., 2002, p.304.

inédito desentendimento entre as corporações quanto às festividades sanjoaninas, sendo que a paróquia aparece sempre personificada na pessoa do seu abade (pároco)<sup>19</sup>.

Existindo uma confraria instituída, temos a garantia que o santo à qual era dedicada tinha direito a festejos no dia que lhe era especialmente consagrado pela liturgia, neste caso o 24 de junho, dado que a festa da degolação de S. João Batista a 29 de agosto, para além de deter menor relevância em termos litúrgicos, assinala o momento da morte e não propriamente o júbilo do seu nascimento. Neste contexto, há que distinguir os festejos meramente litúrgicos, ou seja, que não passam de celebrações religiosas no interior ou no adro do templo, dos festejos públicos, que se fazem notar na vida da comunidade e, de certa forma, alteram os ritmos quotidianos.

Quanto aos festejos litúrgicos, e dado que se tratava de uma festa de preceito, além da celebração da missa da vigília e do canto de vésperas no dia 23, prerrogativa de que apenas algumas celebrações da Igreja gozam, sabemos que a solenidade do nascimento de S. João Batista era assinala com missa cantada, sermão e procissão, no dia 24<sup>20</sup>.

Segundo documentos da confraria de S. João do Souto, atestamos que, pelo menos desde o século XV, já se realizavam festejos públicos em honra do santo patrono da paróquia. Note-se que, o facto de não existirem registos documentais anteriores no arquivo da Confraria de São João do Souto, não significa que não se celebrasse já o São João com certa pompa e organização. Um dos dados mais relevantes a este respeito era a tradição do candeieiro, uma espécie de círio decorado que se repetia no dia de Santiago, mas cuja natureza está ainda por decifrar.

Outros dados acerca das festas nos finais do século XV, confirmam já a dimensão pública dos festejos, nomeadamente quanto às decorações de rua. Para a festa de 1490, por exemplo, foram encomendadas uma dúzia de bandeiras para a decoração do adro. Na mesma década, surgem várias menções do beberete oferecido pela confraria “a quantos tomassem parte nos actos festivos”, nomeadamente no que se refere à quantidade de vinho e às frutas que seriam servidas<sup>21</sup>.

### 3.2 FESTA ESTATUTÁRIA MUNICIPAL

As festas religiosas assumiam-se como o momento fundamental do calendário comunitário para os habitantes de Braga, cidade enfeudada aos Arcebispos que, portanto, impunham o ritmo eclesial ao quotidiano do território entregue aos seus cuidados. As únicas festas pagãs permitidas eram

---

<sup>19</sup> Cf. MARQUES – *Op. Cit.*, p.24.

<sup>20</sup> Cf. *Ibid.*, p.20.

<sup>21</sup> Os dados recolhidos por José Marques a respeito do “beberete” da festa de S. João referem-se ao período compreendido entre 1487 e 1494. (Cf. MARQUES – *Op. Cit.*, pp. 22-23).

de caráter excepcional e, mesmo essas, incluíam um vasto programa religioso. Falamos de celebrações como a chegada de um novo arcebispo à cidade ou as iniciativas régias, como o nascimento de um príncipe, a chegada ao trono de um novo monarca ou alguma data ou acontecimento cuja celebração se tornou obrigatória em todo o território do Reino. As exéquias reais ou arcebispaes também gozavam de grandes exibições públicas, todavia estas de caráter mais lúgubre e não tanto festivo. Assim foi, praticamente, até 1910, embora a influência decisiva dos Arcebispos no que concerne ao poder municipal se tenha mantido apenas até 1792.

Podemos afirmar que, até à separação dos poderes eclesial e público, que se efetivou na cidade de Braga e seu termo durante a prelaia de D. Frei Caetano Brandão (1788-1805), na sequência da abolição das donatarias por D. Maria I, muitas das festas religiosas da cidade detinham um estatuto municipal devido à comparticipação do Senado da Câmara nas despesas e às deliberações municipais quanto à participação dos cidadãos nas mesmas.

<b>Data</b>	<b>Festa</b>
20 de janeiro	S. Sebastião
2 de fevereiro	Nossa Senhora da Purificação (ou das Candeias)
março-abril	Páscoa
março-abril	Procissão dos Santos Óleos
12 de abril	S. Victor
25 de abril	S. Marcos
26 de abril	S. Pedro de Rates
maio-junho	Corpus Christi
maio-junho	Procissão do Oitavário do Corpus Christi
13 de junho	Santo António
24 de junho	S. João
4 de julho	Santa Isabel
3.º domingo de julho	Anjo Custódio
25 de julho	S. Tiago
15 de agosto	Nossa Senhora da Assumpção
setembro	Procissão da Bulla
1 de dezembro (?)	Feliz aclamação de el Rei Nosso Senhor
5 de dezembro	S. Geraldo
8 de dezembro	Nossa Senhora da Conceição

Figura 4 - Festas ordinárias da cidade de Braga, que contavam com comparticipação pelo Senado da Câmara Municipal (1650-1699)<sup>22</sup>

Sabemos que no terceiro quartel do século XVI, sensivelmente no período em que D. Frei Bartolomeu dos Mártires governou a cidade, as festas estatutárias municipais correspondiam às celebrações de S. Sebastião, S. Pedro de Rates, Corpo de Deus, S. João, Santa Isabel, Anjo-custódio, S.

<sup>22</sup> AMB - *Diário de Receita e despesa da Câmara Municipal de Braga*. Caixa n.º 1: livros 1-10 (1650-1699)

Tiago e S. Geraldo. Efetivamente, o São João já alcançava algum destaque entre as celebrações anuais, não detendo todavia o estatuto que hoje lhe conferimos como principais festividades da cidade. Esse estatuto estava declaradamente na posse da celebração do *Corpus Christi* que, pela sua dimensão eminentemente religiosa, e também pelo impulso recebido nas deliberações do Concílio de Trento, detinha as principais exibições públicas e exigências quanto à participação dos bracarenses.

Analisando a documentação relativa às despesas e receitas do Senado bracarense ao longo do século XVII e até meados da centúria seguinte, observamos que o cenário festivo da cidade de Braga em pouco se alterou, existindo todavia outras celebrações das quais a Câmara se encarregava.

Algumas das celebrações anuais correspondiam a preceitos de índole real, como é o caso da festa de Santa Isabel, da procissão da Bula, da Festa do Anjo-custódio e da própria celebração do Corpo de Deus, instituída e tornada obrigatória durante o reinado de D. Dinis. A Festa do Anjo-custódio, por exemplo, foi instituída no reinado de D. Manuel, a pedido deste rei, e confirmada por bula do Papa Leão X.

Já as festas de Nossa Senhora da Assunção – padroeira da catedral e da cidade – ou dos antigos prelados bracarenses S. Geraldo e S. Pedro de Rates referiam-se a devoções relevantes no contexto do poder arquiépiscopal e por esse facto se tornaram tradições de preceito anual. Não esqueçamos também que a sepultura de S. Geraldo foi um dos lugares de peregrinação mais procurados durante a Idade Média e que, devido à grande devoção registada entre os habitantes de Braga, este santo arcebispo passou a ser declarado padreiro da cidade, estatuto que ainda mantém.

No que diz respeito a S. Sebastião, como sabemos, detinha uma forte devoção na cidade desde, pelo menos, o século XIV, existindo uma capela localizada junto a uma das principais saídas da cidade. Apesar da inconstância desta devoção, associada frequentemente ao surgimento de epidemias e carestias alimentares, detinha no calendário festivo bracarense um particular relevo. Talvez, os bracarenses buscassem anualmente uma espécie de bênção deste santo, que os poupasse desses dramáticos momentos. Neste contexto, destaquemos a tradição do rolo de cera<sup>23</sup>.

Quanto às festas dedicadas a celebrar S. João Batista e S. Tiago, estas derivavam do facto da cidade deter paróquias vinculadas a estes oragos. Por isso, os festejos destas duas igrejas eram

---

<sup>23</sup> A tradição do rolo de cera é um costume, que se fazia em vários lugares de Portugal, com o objetivo de garantir a proteção de S. Sebastião contra alguma carestia ou epidemia. Desde 1570, ano em que Braga e o resto do país foram atingidos por uma peste, se fez a promessa com um voto da Câmara em nome do povo, e se prometeu ir todos os anos em procissão desde a capela das Carvalheiras, fazendo ao redor das muralhas, uma procissão com o círio. O rolo, utilizado nos diversos ofícios litúrgicos da capela, tinha como comprimento 1527 varas, aproximadamente 1680 metros, que correspondia ao perímetro das muralhas medievais de Braga. O simbolismo do comprimento era garantir a proteção de S. Sebastião contra as fomes, pestes e guerras. De cada vez que o rolo se esgotava, novamente se fazia uma festa para celebrar a inauguração de um novo rolo de cera.

assumidos pela cidade. Mais tarde, quando a paróquia de S. Victor progressivamente se integrou na área urbana, também a sua festa passou a estar incluída no rol dos encargos camarários.

Quanto às tradições vinculadas às festas estatutárias da cidade, há uma repetição quase unívoca dos rituais e costumes associados. Serpe e cavalinhos, rei da mourisca, bandeira da cidade, dança das pélas, Rei e Imperador, touros e procissão faziam geralmente parte das oito festas incluídas no rol de celebrações municipais, ao longo do século XVI, conforme a tabela abaixo atesta. O candeieiro aparecia apenas vinculado às festas de São João e Santiago, provavelmente devido ao facto de se tratarem das duas paróquias da cidade, onde canonicamente se efetuavam os batismos e, por conseguinte, se obrigava à tradição do círio pascal. Outras tradições como o carro das ervas ou o andor de S. Cristóvão apareciam apenas para a celebração do Corpo de Deus.

	São Sebastião	S. Pedro de Rates	Corpo de Deus	S. João	Anjo Custódio	Santa Isabel	Santiago	São Geraldo
Procissão	√		√					
Serpe e Cavalinhos	√	√	√	√	√	√	√	√
Pélas	√	√	√	√	√	√	√	√
Rei da Mourisca	√	√	√	√	√	√	√	
Bandeiras	√	√	√	√	√	√		√
Espingardeiros	√	√	√	√	√	√	√	√
Corrida do Porco				√				
Rei e Imperador		√		√	√	√	√	√
Touros		√	√	√	√	√	√	√
Candeieiros				√			√	
Carro das Ervas			√					

Figura 5 - Tradições associadas às festas de cariz municipal, conforme as actas do Senado da Câmara de 1565<sup>24</sup>

A festa que implicava mais gastos – cerca de 60% do total despendido pelo Senado da Câmara ao longo do ano com este tipo de celebrações – e que sujeitava mais cidadãos a obrigações vinculadas às tradições, era o *Corpus Christi*. A celebração da eucaristia implicava um teor ritual e cerimonial que a distanciava dos demais festejos. Quanto ao São João, apesar de durante o século XVI e até à primeira metade do século XVII não deter uma relevância que a destacasse dos demais festejos, era a única celebração que incluía a corrida do porco, uma espécie de competição desportiva que detinha particular relevância no contexto da festividade.

Analisando os diários de receita e despesa da Câmara de Braga, ao longo do século XVII, sabemos que as festas de São João estavam integradas no lote de celebrações suportados por fundos

<sup>24</sup> Cf. Bracara Augusta, XXX (1976) n.º70 (82).

municipais<sup>25</sup>. A última referência a gastos com as festas de S. João aconteceu no ano 1679. Quer isto dizer que a procissão ou as celebrações públicas deixaram de se realizar? Pensamos que não. É provável que, devido a algum desentendimento entre corporações, e talvez até devido ao facto da confraria ter passado a assumir na totalidade os gastos da dita procissão, que esta se continuasse a realizar, como atesta até um relato de um religioso francês que descreve a procissão de S. João em 1699, como detendo um particular brilho e vitalidade. Das informações recolhidas, sabemos que, por exemplo, no ano de 1650 as festas não se realizaram pelo facto de coincidirem com a realização de outras festas públicas<sup>26</sup>. Embora não haja registos do tipo de celebrações que implicaram este cancelamento, podemos conjecturar que os festejos ao São João ainda não detinham uma relevância tão significativa na vida da cidade, que evitasse a sua obliteração devido a outros festejos.

### *3.3 A CORRIDA DO PORCO PRETO*

A corrida do porco preto é o grande destaque das mais antigas crónicas referentes ao São João em Braga. As principais fontes para tecermos uma abordagem correcta sobre esta tradição, para além obviamente das referências nas atas da Câmara Municipal de Braga entre os anos de 1565 e 1638, são os relatos de D. Rodrigo da Cunha<sup>27</sup>, na sua “História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga” publicada entre 1634 e 1635, onde cita a “Monarchia Lusitana” de Frei Bernardo de Brito<sup>28</sup>, e o relato de Frei Manuel da Ascensão, datado de 1745, citado por Camilo Castelo Branco num artigo publicado na Gazeta Literária do Porto em 1868.

Estes relatos permitem-nos confirmar que a corrida do porco era efetivamente o evento mais original dos festejos sanjoaninos bracarenses. Era tal a sua relevância, que detinha honras de acompanhamento com a bandeira municipal. Seria seguramente o acontecimento mais popular dos festejos sanjoaninos, tal como se pode averiguar nas crónicas já citadas. Efetivamente, esta tradição, constante nas sucessivas atas camarárias do século XVI e primeira metade do século XVII, era a única que não se repetia nos outros momentos festivos da cidade, ao contrário de todos os outros costumes descritos no rol das celebrações do calendário anual da cidade, como é o caso da mourisca, da dança

---

<sup>25</sup> Os gastos verificados não eram muito avultados – nunca atingiram o milhar de reais - e referiam-se primordialmente às despesas com o aluguer dos panos de seda para o campo de Touros, com os cavalos das “pélas” e com os enfeites dos touros. [Cf. AMB - *Diário de Receita e despesa da Câmara*. Caixa n.º 1: livros 1-10 (1650-1699)]

<sup>26</sup> Cf. AMB - *Diário de Receita e despesa da Câmara*. Caixa n.º 1. Livro 1 (1650), fl. 12 v.: “Não ouve este anno festa de São João Bautista por ao tempo que ella se avia de fazer aver nesta cidade festas públicas a gente de fora e por achá-la inconveniente se assentou que para este anno não ouvesse a dita festa, pelas ditas causas”.

<sup>27</sup> Arcebispo de Braga entre 1626 e 1634.

<sup>28</sup> Monge da Ordem de Cister e historiador português, viveu entre 1569 e 1617.

das pélas, dos espingardeiros, da serpe e cavalinhos e, mesmo, do candeieiro, que se repetia na festa de Santiago. Em que consistia, afinal, esta tradição?

Apesar de alguns dados darem informações díspares no que respeita a alguns pormenores, os traços gerais desta competição são relativamente claros nas atas do município bracarense. Nesse sentido, podemos dividir a corrida do porco preto em dois atos: o primeiro realizava-se na véspera do dia de São João, após a oração de vésperas que decorria na catedral, e consistia no “emprazamento” do porco; o segundo correspondia à corrida propriamente dita, que decorria na coutada dos arcebispos, além da ponte de Guimarães, na madrugada do dia de São João.

No primeiro ato, que decorreria na véspera de São João, organizava-se um cortejo liderado pelos cavaleiros – todos os cidadãos que tivessem cavalo não o poderiam emprestar por estes dias e deveriam juntar-se ao cortejo<sup>29</sup> - juntamente com o Rei e Imperador e suas danças, a Mourisca e as Pélas – que eram figuras obrigatórias nos festejos de cariz municipal. Além destes quadros, juntavam-se ao cortejo na porta da Sé, os candeieiros das confrarias de S. Tiago e de S. João do Souto com seus mordomos e suas bandeiras, juntamente com os espingardeiros, e a serpe e cavalinhos. Neste cortejo figuraria, em primeiro plano, a bandeira da cidade, que se encontrava no edifício dos Paços do Concelho, defronte da Sé, na chamada Praça do Pão. A bandeira da cidade seria levada pelo próprio alcaide e, na falta deste, deveria ser transportada pelo Juiz mais velho<sup>30</sup>. Após o ato solene da saída da bandeira, o cortejo seguia festivamente – talvez pela rua do Souto e campo de Santana - para o monte de Santa Margarida (Guadalupe) “onde era costume emprazar o porco”, ou seja, onde o porco seria cercado e preso para, na madrugada do dia seguinte, ser levado “além da ponte de Guimarães”. No final, regressavam pelos “lugares costumados” até junto da capela de S. Sebastião das Carvalheiras, onde era servido um beberete preparado pelos mordomos do Rei e Imperador e, segundo a crónica citada por Camilo Castelo Branco, se procedia à entrega de cestinhos de frutas aos cavaleiros que tomaram parte no cortejo.

O segundo ato decorria na madrugada do dia 24 de junho. Novamente se organizava um cortejo, com os mesmos moldes do dia anterior e liderado pelos cavaleiros, a partir dos Paços do Concelho, de onde saía solenemente a bandeira da cidade. Chegados à ponte de Guimarães, dar-se-ia

---

<sup>29</sup> Cf. (Anexo n.º2) AMB - *Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 14 de junho de 1561: “acordaram mais que todo o cidadão que tiver cabalo o não empreste pera ffora antes acompanhem a bandeira asy na bespara como no dia hindo a praça do pão porquanto o dito Juiz acabante os candileiros a hade tomar a cabalo e a andar polo acostumbrado E asy pela menhã muito cedo pera irem ao porquo e sempre o dito Juiz na bespara e dia ade tomar a bandeira a porta da paço do Concelho e os ditos cidadãos acompanharam como dito he e asy o Rey e emperador aõdir a dita praca do pão na dita bespara e dia muito cedo pera acompanhar a dita bandeira como atras he declarado so pena cada hum que ho asi não cumprir pagar pera o Concelho e despesas do dito dia vinte cruzados”

<sup>30</sup> Cf. Anexo n.º3.

início à competição. Montados no cavalo seguiriam os sapateiros da cidade, que deveriam perseguir o porco até ao rio, e, sobre a ponte, estariam os moleiros, provavelmente residentes nas redondezas do rio Este. O objetivo era conquistar o direito ao porco. Os moleiros tentariam que o porco atravessasse o rio, enquanto os sapateiros tentariam que este seguisse para a ponte.

Nas atas municipais é frequente pedir-se uma particular atenção para que o porco não ultrapassasse a ponte em direção à cidade, pois, dado o caso, os moleiros reivindicavam o direito à posse do porco<sup>31</sup>. Este facto induz-nos que, como qualquer competição desportiva, a disputa não seria pacífica e deveria gerar, por vezes, alguns desaguisados, daí a atitude preventiva do senado municipal.

Quanto aos competidores, não sobram dúvidas que, em um dos lados, estavam os moleiros. Quanto aos outros competidores, não é certo que tenham sido sempre os sapateiros. Efetivamente, Frei Manuel da Ascensão fala de sapateiros e algumas atas municipais a partir de 1580, atestam essa hipótese. Todavia, as atas referentes aos anos 60 e 70 do século XVI em nenhum momento atribuem essa incumbência aos sapateiros, ficando na ideia que se tratavam de pessoas da cidade, inseridas no séquito festivo, sem contudo especificar se se tratava de um determinado grupo social ou profissional. Esta última hipótese é sublinhada por Frei Bernardo de Brito que fala de “gente da cidade” como os adversários dos moleiros.

A respeito do porco que, na realidade não sabemos se era efetivamente preto, as atas municipais referem que deveria ser “grande e bom”. Não esqueçamos que o mesmo serviria de pasto aos vencedores da competição. Quanto à cor preta do animal, D. Rodrigo da Cunha fala efetivamente de um porco preto, e igual referência faz Frei Manuel da Ascensão. Nas atas camarárias, contudo, não há propriamente essa menção entre as décadas de 1560 e 1580, mas não nos custa crer que fosse imperativo a escolha de um suíno selvagem - tipologia que detém uma coloração mais escura - exigível devido às características da competição.

Quanto à origem desta corrida, sabemos que em 1561 já se realizava<sup>32</sup>, integrada nas deliberações municipais sobre as festas sanjoaninas, todavia, ainda não é mencionada nas atas referentes às festas do ano de 1517. Terá sido algures entre as décadas de 1520 e 1550 que esta competição terá começado a integrar o programa das festas em honra de São João. Tal, porém, não significa que já não se realizasse e não tivesse já significativa adesão popular, dado que este tipo de competições, envolvendo caças de animais, era frequente durante a Idade Média. A integração no

---

<sup>31</sup> Cf. (Anexo n.º5) AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 18 de junho de 1567: “terão aviso que não pase a Ponte d aquem pera cidade por que não aja deferenças amtre os moleiros e oficiais que alegão os moleiros que he custume como pasa a Ponte que he seu E porque não haja duvidas tenham cuidado que não pase a Ponte.”

<sup>32</sup> Cf. Anexo n.º2.

programa das festas, com direito a acompanhamento pela bandeira oficial da cidade, pode significar que já estaria enraizada na comunidade bracarense. Quanto ao seu termo, apenas se sabe que em 1641 e em 1650 os sapateiros pediram escusa de integrarem a corrida do porco preto<sup>33</sup>, o que portanto confirma que nestas datas ainda se realizaria, embora já estivesse provavelmente em declínio, dada a escusa de um dos grupos competidores. Sabemos também que, desde 1614, que a bandeira da cidade havia deixado de acompanhar a corrida do porco preto, dado que terá retirado significativa relevância ao evento<sup>34</sup>.

Para Frei Bernardo de Brito, o cronista mais antigo conhecido a citar esta tradição sanjoanina, a corrida do porco preto seria originária nos festejos pagãos em honra da deusa Ceres ou de Silvano. Em contraponto a esta sugestão, D. Rodrigo da Cunha levanta outra hipótese acerca da origem desta peculiar competição. Segundo o prelado e historiador da Igreja bracarense, a corrida do porco preto poderia ter origem na necessidade de privar os campos agrícolas de Braga da ação nefasta dos suínos selvagens que abundariam pelos bosques vizinhos durante a Idade Média<sup>35</sup>. Sabe-se, portanto, muito pouco sobre a origem e prevalência desta tradição na comunidade bracarense.



Gravura 2 - O cortejo para a corrida do porco, a descer a rua das Águas, segundo postal referente às festas de 1916<sup>36</sup>

<sup>33</sup> Cf. GOMES, José – *O São João em Braga*. Braga: Typographia Universal a Vapor, 1904, p. 22.

<sup>34</sup> Cf. Anexo n.º13.

<sup>35</sup> Cf. CUNHA, Rodrigo da (D.) – *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*. Vol I. Braga: Cabido, 1989, p.179: “Melhor nos parece q por festejar ao São Precursor ordenarão os antigos de Braga q na sua vespera, & dia ouvesse verdadeira montaria de muitos porcos monteses, & outras feras, de que junto à cidade avia grãde quantidade por estar toda cercada de espessos bosques, onde se criavão, & multiplicavão com dano dos campos, & searas vizinhas. Este exercicio, posto que faltarão as feras, & se povoarão os bosques, ficou sempre em uso, fazendo-se em modo de môtaria a louvor do Santo”

<sup>36</sup> In: OLIVEIRA, Eduardo Pires de (recolha) – *Estudos bracarenses 6 – O S. João. Breve antologia histórica*. Braga: Soares dos Reis Editor, 1983, p. 48.

O que sabemos, com segurança, é que, dada a originalidade com que este quadro das festas em honra de S. João Batista era retratado pelos comentadores do passado, se efetuou uma única tentativa de repetição deste evento no programa das festas de 1916.

Segundo a imprensa da época<sup>37</sup>, a corrida do porco preto foi realizada na tarde do dia 25 de junho, iniciando-se com um cortejo desde a arcada até ao parque da Ponte, para onde “convergiu imensa gente”. O suíno foi entretanto disputado por um grupo de moleiros e por outro grupo de sapateiros, tendo saído vencedores os moleiros. No final todos se dirigiram, conforme a ancestral tradição, para junto da capela das Carvalheiras, onde foram entregues cestinhas de frutas e flores aos cavaleiros que acompanharam o cortejo e a competição. Desde essa data, não mais se realizou.

### 3.4 O CANDELEIRO

“O candeiro foi entre nos hua festa celebre, onde não somente concorriam os confrades mas a Camara nobreza e Povo, e ainda hoje na alvorada do dia do Bautista, se vem huns longes e sombras do candeiro antigo que se extinguiu por justas cauzas”

*Estatutos da Confraria de S. João do Souto de 1652<sup>38</sup>*

Tal como a corrida do porco preto, o candeiro era um dos principais atos das festas de São João em Braga durante os séculos XV e XVI. É indubitavelmente a tradição mais antiga associada a estes festejos, já que há referências que remontam a 1489. Contudo, não era usança exclusiva dos festejos em honra de São João, dado que, no calendário das celebrações que incumbiam ao município, também Santiago era brindado com o costume do candeiro.

Qualquer investigação a respeito desta tradição ritual esbarra, desde logo, na sua forma. Até hoje, os investigadores divergem a respeito do que seria realmente o candeiro. Sabemos em que momento se exibia, segundo as deliberações constantes no senado municipal, mas não sabemos a sua efetiva identidade. Seria um andor contendo uma imagem de São João Batista, envolto em tochas e velas? Seria simplesmente uma vela de tamanho avantajado, transportada em um andor?

Há alguns dados que nos permitem uma análise aprofundada a esta tradição. Desde logo, que se tratava de um ofício litúrgico associado à oração de vésperas do santo - que decorria ao final da tarde - e que estava vinculada ao uso do círio pascal, uma vela gigante inaugurada na vigília da ressurreição que se acende nas celebrações que se realizam até à Páscoa seguinte. O próprio nome

---

<sup>37</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 27 de junho de 1916, p.3.

<sup>38</sup> MARQUES, José – *Op. Cit.*, p.21.

“candeleiro”, deriva inevitavelmente do vocábulo latino “candella”, que significa candeia, lucerna ou luminária, ou seja, objetos que imanam luz. Ainda hoje, a vigília pascal integra nos seus ritos uma procissão com um círio gigante, que assinala o triunfo da vida sobre a morte, simbolizado no triunfo da luz sobre as trevas. Não duvidamos, por isso, que o candeleiro possa estar associado aos rituais litúrgicos cristãos que eram levados à prática nas grandes celebrações. Duvidamos, sim, de outras análises como, por exemplo, aquelas que afirmam que esta tradição pode ser uma reminiscência de ancestrais rituais vinculados à celebração da luz durante o solstício de verão. Esta versão esbarra, desde logo, no facto de também se realizar nas festas de Santiago, ao que supomos devido ao facto de se tratarem das duas paróquias localizadas no interior da cidade. Recordemos que as paróquias, ainda que a sua funcionalidade e configuração se tenha alterado sucessivamente ao longo da história da Igreja, eram os locais exclusivos onde se efetuavam os batismos e os ritos funerários. Por isso mesmo, o uso litúrgico do círio pascal estava reservado a estas igrejas.

O que nos dizem as atas municipais a este respeito é que, no dia 23 de junho, acabada a oração das vésperas, o candeleiro deveria estar na Sé. Na realidade não era um candeleiro, mas sim dois, dado que a confraria de Santiago também estava obrigada a tomar parte nesta tradição sanjoanina, que se repetia com ambas as corporações na véspera de Santiago. Acrescentam os mesmos documentos, relativos às décadas de 1560 e 1570, que os candeleiros deveriam ser levados apenas por cidadãos, ou seja, habitantes do núcleo urbano de Braga, sob pena de multa para quem assim o não fizesse.

Estas informações são atestadas pelo chamado livro das posturas municipais, no seu número 62, onde é descrita sucintamente a obrigatoriedade e a forma desta tradição:

“que se fizessem dous candeleiros de çera de muitas divisas pera as vesporas dos bem aventurados, se levarem por esta cidade tee e See os quees erão levados por os regedores e cidadãoens desta Cidade e diante do Santissimo Sacramento os ditos Cidadoens regedores cõ mta festa e devoção e cantares dentro na See diante do Sanctissimo Sacramento cõ os ditos candeleiros ordenavão as festas dos bemaventurados Santos”

*Livro das Vereações do Senado Municipal de Braga, 12 de setembro de 1577*

É curiosa e pormenorizada a descrição deste costume para a festa de Santiago do ano de 1565<sup>39</sup>, onde se acrescenta ao já dito que os mesmos cidadãos estavam obrigados a bailar e cantar na Sé, “como sempre se fez”, e “ao redor deles”, os juizes das confrarias de S. João e de Santiago transportariam as respetivas bandeiras, seguindo-se, “depois da tornada da Sé”, um beberete com

---

<sup>39</sup> Cf. *Bracara Augusta*, XXX (1976) n.º70 (82), p. 738.

vinho e fruta verde “como sempre foi costume”. Para além dos interessantes pormenores relativos aos cânticos e danças protagonizados pelos cidadãos que acompanhavam os candeleros, surge como relevante o facto de se falar de uma “tornada da Sé”, o que pode significar que se realizaria um cortejo em torno da catedral, provavelmente após o canto das vésperas, que decorreria certamente no interior do templo. Outro pormenor relevante, é o facto de se insistir em expressões como “sempre foi costume” ou “como sempre se fez”, algo que justifica uma certa ancestralidade desta tradição.

Estes moldes, embora não sejam devidamente descritos nas atas municipais analisadas sobre as festas de São João, deveriam repetir-se nas vésperas da festa de S. João Batista. Primeiro, com danças e cânticos diante do Santíssimo Sacramento no interior da Catedral. Depois, com um breve cortejo no exterior, findo o qual se realizava o cortejo da bandeira em direção ao monte de Santa Margarida, para se ir “emprazar” o porco.

Apesar de termos informação pormenorizada sobre os atos que compunham esta tradição, continuamos sem saber o que seria efetivamente o candeiro. Na opinião de José Marques, o candeiro corresponderia a “uma espécie de colorido andor com a imagem do patrono e de anjos, enquadradas por flores e numerosas tochas”<sup>40</sup>. Esta mesma informação é atestada pelos Estatutos de 1652 da Confraria de S. João do Souto, citados pelo mesmo investigador. Porém, se atentarmos nas posturas municipais de 1577, acima citadas, fala-se simplesmente de “dois candeleros de cera de muitas divisas”, ou seja, uma espécie de vela de significativas dimensões. Esta opinião é partilhada pela maioria dos comentadores das festas de São João, entre eles, Costantino Ribeiro Coelho e José Gomes. Tratar-se-ia, então, de um andor com a imagem de São João Batista contendo muitas tochas e velas, ou seria um círio gigante decorado eventualmente com símbolos alusivos ao santo precursor?

Inclinamo-nos para a segunda hipótese, dado que em nenhuma crónica se releva a existência de uma imagem sacra, mas sim do círio votivo, que dava pelo nome de candeiro. Seguramente que algures entre a elaborada decoração do andor em que seguia o círio, poderia estar uma imagem do patrono, não sendo esta, todavia, figura central. Recordemos, que os andores que hoje conhecemos, em que são transportadas imagens de arte sacra sobre uma estrutura é um tipo de manifestação religiosa que se tornou mais comum a partir do século XVIII, quando as esculturas passaram a adquirir dimensões mais significativas e se tornaram mais comuns no imaginário devocional cristão.

Quanto à extinção desta tradição, não há datas definitivas. Sabemos que seria uma tradição muito antiga, provavelmente originária do século XIV ou XV, e que já se realizava em 1489<sup>41</sup>. Quanto à

---

<sup>40</sup> MARQUES – *Op. Cit.*, p.21.

<sup>41</sup> José Marques afirma que o candeiro deste ano caiu e ficou destruído por falta de segurança. No ano seguinte se colocaram quatro “arruelas” para o prender. (Cf. *Ibid.*, p.21)

sua extinção, terá ocorrido durante o século XVII, mas sobram dúvidas sobre as motivações da mesma. Senna Freitas classifica a festa do candeieiro como “pouco edificante”<sup>42</sup>, justificando assim, quer o facto de ter sido extinta, quer o surgimento da procissão de S. João, algures após o ano de 1652. Já, segundo José Marques, as “justas causas” aduzidas nos estatutos da confraria referentes ao ano de 1652, aludem a motivos económicos, já que este género de andores implicava gastos excessivos no que concernia ao uso de cera e de tochas. Esta última opinião parece-nos mais acertada, mas não há que descurar o facto de o candeieiro implicar danças diante do Santíssimo Sacramento, algo que a religiosidade impressa na Igreja Católica ao longo do século XVII poderá ter sido entendido como pouco adequado. Sobrou a sua memória para registo.

### 3.5 OUTRAS TRADIÇÕES FESTIVAS ASSOCIADAS AO SÃO JOÃO

Se o candeieiro e a corrida do porco preto se revelaram como quadros quase exclusivamente vinculados às festas em honra de S. João Batista, já outras tradições festivas locais surgiam associadas, com certas variações, às restantes festas estatutárias da cidade ao longo dos séculos XVI e meados de XVII.

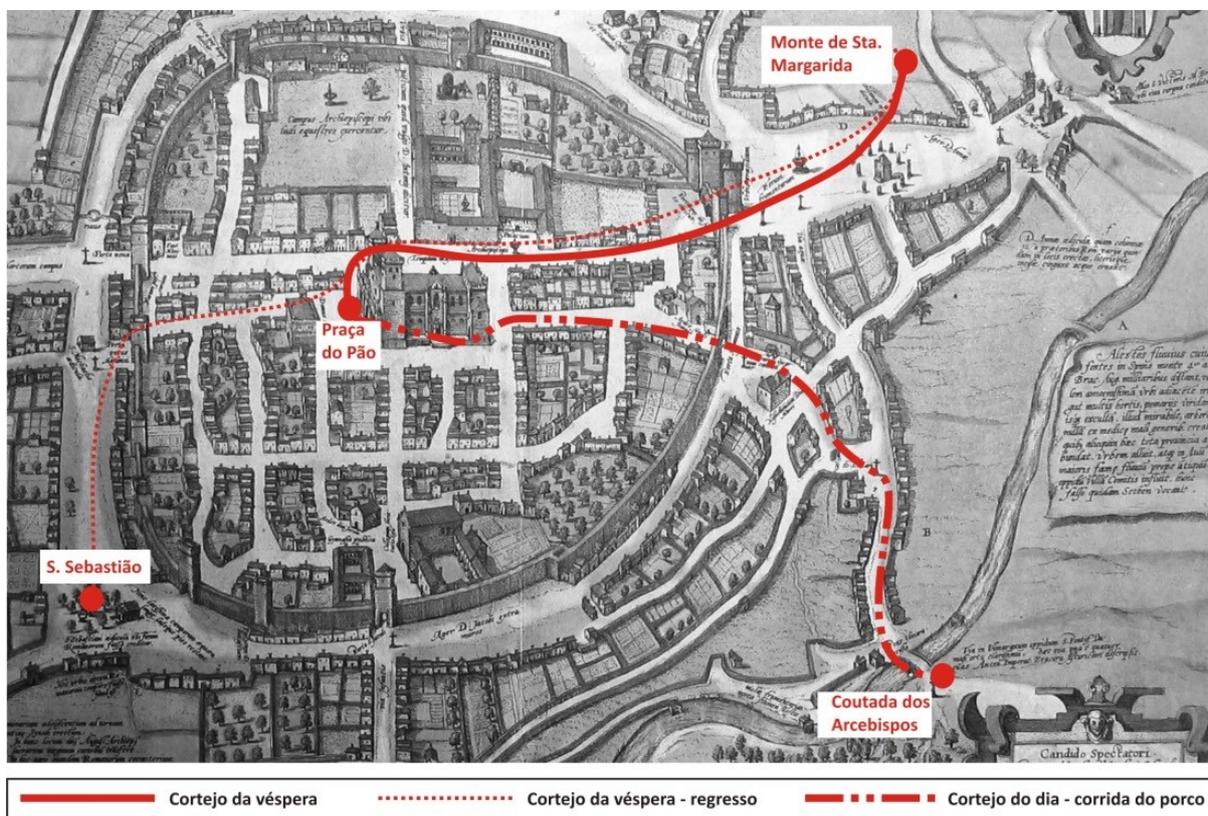


Figura 6 - O percurso dos cortejos das festas de São João, na segunda metade do século XVI (sobre Mapa de Braunio de 1594)

<sup>42</sup> FREITAS – *Memórias de Braga*. Tomo II, p. 166-167.

Entre estes quadros, destacamos as figuras do Rei e Imperador, que detinham um papel primordial na realização dos festejos; a dança das Pélas; a Mourisca; os Touros; a Serpe e Cavalinhos; e a Festa da Bandeira, associada aos almocreves de Braga. A maior parte destas tradições provinha da grande celebração do *Corpus Christi* que, desde o século XIII, se fazia obrigatoriamente em Portugal e marcava o ritmo e inspiração das demais celebrações públicas.

Outros quadros ficaram por explorar, como é exemplo da enigmática dança das espadas ou dos espingardeiros. Esta última é mais referida, e estava associada aos demais festejos citadinos. Seria formada por um conjunto de homens que, liderados pelo seu “anadel” (líder do grupo), deveriam seguir na frente dos cortejos, efetuando disparos para o ar em sinal de júbilo. Seriam uma espécie de percussores da pirotecnia.

Durante os festejos em honra do nascimento de São João Batista, há ainda a registar a proibição da circulação de suínos pela via pública na véspera e dia de S. João, sob pena de os seus donos pagarem cinquenta reais ao alcaide e meirinho.

### 3.5.1 Rei e Imperador

O Rei e Imperador era um dos principais quadros das festas estatutárias da cidade de Braga, ao longo do século XVI e, pelo menos, até meados da centúria seguinte<sup>43</sup>. Esta tradição, que poderá não ser exclusiva de Braga, era constituída essencialmente por uma dança, em que os dois mordomos, geralmente ocupando o protagonismo das figuras centrais de Rei e de Imperador, se apresentariam acompanhados de dois gaiteiros, com o objetivo de dançar ao som de “estrumentos de tanger”. De acordo com as deliberações municipais de 1561<sup>44</sup>, os elementos que constituíam esta dança, deveriam ir “muito bem vestidos de seda e chamalote” e adornados com “colares de ouro”.

Algumas das atas municipais deixam entrever a possibilidade do Rei e Imperador serem acompanhados por outros dançarinos, todavia este dado não é certo. A única certeza que temos é que tanto o Rei, como o Imperador seriam acompanhados pelos executantes da denominada dança das espadas, cujo figurino e forma não é suficientemente esclarecida<sup>45</sup>. Não temos informações seguras sobre a quantidade de elementos deste quadro ou a quem caberia a incumbência de o executar nas diversas festas municipais em que era determinado apresentar-se. Sabemos que se tratava de um dos

---

<sup>43</sup> O quadro do Rei e Imperador aparece habitualmente associado às festas de S. Sebastião, S. Pedro de Rates, S. João, Santa Isabel, Anjo-custódio, Santiago e S. Geraldo. Era, todavia, durante o São João que assumia maiores responsabilidades.

<sup>44</sup> Cf. Anexo n.º2.

<sup>45</sup> Cf. (Anexo n.º3), AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 20 de junho de 1565: “acordaram mais que as duas danças das espadas huma que adir diante do Rey outra do emperador”.

quadros mais importantes do cenário festivo e que deveria secundar a exibição dos candeieiros e acompanhar a bandeira da cidade para onde quer que ela andasse, nomeadamente nos dois cortejos relacionados com o emprazamento e com a corrida do porco preto.

Durante os festejos em honra de São João Batista, o Rei e Imperador detinham um elevado grau de responsabilidade, dado que eram responsáveis pelo beberete oferecido na véspera, junto à capela de S. Sebastião, e cabia-lhes a função de garantirem que o porco fosse “grande e bom” que estivesse além da ponte de Guimarães no dia 24 de junho “muito cedo”. Esta informação poderá induzir que a responsabilidade pela criação do porco pertenceria aos mordomos do Rei e Imperador, dado que não é crível que os porcos se encontrassem à solta na montanha de Santa Margarida. Na descrição da corrida do porco, contida nas sucessivas atas municipais, consta que "era tradição" emprazar-se o porco neste local, por isso se realizava o cortejo da véspera até lá.

A importância da figura do Rei e do Imperador, seguramente as personalidades que mais financiavam as festas sanjoaninas, é confirmada pelo facto de concentrarem em torno do seu percurso quase todos os outros quadros estatutários das festas. Por exemplo, a Serpe e cavalinhos deveriam ir buscar o Rei a sua casa e acompanhá-lo em seguida para a celebração do candeieiro e cortejos com a bandeira da cidade<sup>46</sup>. Já as duas pélas deveriam também cada uma dirigir-se às casas do Rei e do Imperador, respetivamente, acompanhando-os sempre no seu percurso, quer na véspera, quer no dia<sup>47</sup>. No final da festa, cada dança que integrava este quadro era recompensada com 50 reais pelo senado municipal, sendo que os gaiteiros receberiam, cada qual, 30 reais.

### 3.5.2 A dança das Pélas

A dança das pélas tem origem no século XIV, estando associada às tradições vinculadas à procissão do *Corpus Christi* que se realizavam por todo o país. Esta dança era constituída por um grupo de raparigas emparelhadas, em que cada parilha era formada por uma rapariga elevada em cima dos ombros da outra. Ambas deveriam bailar, enquanto circulavam e deveriam apresentar-se bastante apetrechadas de adereços.

Apesar de existirem inúmeras referências a esta dança, continuam a existir divergências quanto à natureza desta exibição<sup>48</sup>. Há quem afirme que a dança seria formada, não por uma parilha

---

<sup>46</sup> Cf. (Anexo n.º2) AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 14 de junho de 1561: “hos mordomos da Serpe e cabalinhos os ffarão sair asy na bespara como no dia muito cedo e vão esperar o Rei a pousada pera andarem e que ele não espere por eles”.

<sup>47</sup> Cf. *Ibidem*: “hira huma a casa do Rey e outra do Emperador a suas pousadas, muito cedo Que não esperem por elas asy na bespara como no dia pera irem com os candieiros”

<sup>48</sup> Cf. RIBEIRO, Margarida – “Acerca da dança das Pélas”. In: *Revista Lusitana (Nova Série)*, 8 (1987), p.99.

exclusivamente feminina, mas por crianças elevadas aos ombros das suas progenitoras. Outra opinião sustenta que se tratavam de mulheres carregadas pelos ombros de indivíduos negros. Há ainda quem afirme que se tratava de uma exibição de seis mulheres que iam dançando nas procissões, sem contudo se carregarem umas às outras.

Já quanto à sua denominação, poderá provir de “puella”<sup>49</sup>, vocábulo latino que significa “menina” ou “rapariga”, e que poderá ser uma alusão ao facto da dança das pélas, no seu fundamento, ser executada apenas por mulheres<sup>50</sup>.

Em Braga, a dança das pélas era uma das tradições transversal a todas as festas estatutárias municipais, nomeadamente da festa do *Corpus Christi*. Nas festas de São João, esta dança deveria ser constituída por duas parselhas, cada qual com a obrigatoriedade de secundar o Rei e o Imperador. Eram acompanhadas, tal como as outras danças que seguiam com o Rei e Imperador, por um grupo de dois gaiteiros. Diziam as atas do Senado da Câmara de Braga, referentes ao dia 20 de junho de 1565, quanto à deliberação das pélas nos festejos sanjoaninos:

“acordaram e mandaram mais que as duas pelas ffacão as padeiras como esta per vreação muito bem concertadas de goyas douro e vistidos de seda e chamalote e hirão muito cedo asy na bespara como no ia hum a casa do Rey outra do emperador que não esperem por elas pera Irem com os candileiros a bespara e no dia ao porquo como he costume E o Procurador do Concelho dara a cada hum que trouxer cada pela na bespara e dia cento e dez rs ou aquilo que eles Regedores ordenarem e lhe sera levado conta”<sup>51</sup>

Uma análise a este traslado indica-nos alguns dados relevantes deste quadro, nomeadamente o facto de ser realizado pelas padeiras da cidade, que deveriam estar devidamente “concertadas” com jóias de ouro e vestidos de seda e chamalote. Em Braga, por exemplo, ao contrário do que sucedia na matriz mais citada desta dança, a execução não cabia apenas a mulheres, mas estas eram carregadas aos ombros de homens, que recebiam 110 reais para o efeito. Em 1580, estava determinado que, as padeiras que não cumprissem este preceito pagariam para o Concelho 500 reais de multa<sup>52</sup>.

A dança das pélas terá desaparecido na segunda metade do século XVII, altura em que terá caído em desuso, provavelmente após o desaparecimento da tradição do porco preto.

---

<sup>49</sup> No nominativo.

<sup>50</sup> Cf. GOMES, José – *Op. Cit.*, p.14.

<sup>51</sup> Cf. (Anexo n.º3) AMB - *Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 20 de junho de 1565.

<sup>52</sup> Cf. (Anexo n.º12) AMB - *Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 18 de junho de 1580.

### 3.5.3. Touros

Poderá ser surpreendente o facto de, no cerne de uma região onde a tradição tauromáquica não tem presentemente qualquer reflexo, as touradas fossem um elemento central dos festejos públicos. Talvez por qualquer determinação real surgida na sequência de um qualquer festejo, ou simplesmente resultante de um processo de permuta cultural com a vizinha Espanha ou com outras regiões do país. No que diz respeito ao São João, sabemos hoje que as corridas de touros foram elemento frequente ao longo dos séculos XVI e XVII.

Através da análise de atas referentes à segunda metade do século XVI, sabemos que as corridas de touros se integravam nas celebrações do nascimento de São João Batista. Eram os carneiros quem se responsabilizava por esta tradição, que deveria ocorrer na véspera à tarde, imediatamente antes da oração de vésperas na Sé<sup>53</sup>. Segundo nos informam as atas municipais referentes às sanjoaninas de 1567, os carneiros estavam obrigados a ceder seis touros, cinco dos quais serviriam para as corridas, para as quais haviam sido encomendadas 150 garrochas<sup>54</sup>.

Os carneiros deveriam também, entre o gado miúdo, escolher um touro “grande, feroso e manso” para executar o denominado “boi pelas cordas”, como vem referido nas já referidas atas. O boi das cordas deveria acompanhar o candeiro, na véspera, e a bandeira da cidade, no dia 24 de junho. Sabemos, ainda, que na procissão de 1699 há referência à presença de um boi bento, devidamente decorado com adereços, quadro que deverá provir do boi das cordas<sup>55</sup>. Esta tradição não seria diferente do que ainda hoje se faz em Ponte de Lima, em que um touro percorre as ruas da vila preso por cordas.

Mais completas estão as atas municipais referentes às festas de 1561<sup>56</sup>. Aí, para além dos dados já referidos, está implícita a obrigação dos habitantes da freguesia de Palmeira trazerem dez carros de rama grossa “para se cubrir o quadaffalso” onde os Regedores e cidadãos iriam apreciar as corridas de touros. Caso não cumprissem o estipulado, teriam que pagar uma pena de dois mil reais para o Concelho. Neste mesmo ano se deliberou que se mandasse fazer duzentos ganchos para acorrentar os touros, que deveriam ser “de muito bons ferros” e “sem farpas”<sup>57</sup>.

Não sabemos se se tratou de uma tradição sanjoanina fugaz, dado que as atas municipais referentes aos festejos de 1569 e de 1580 não fazem qualquer referência às corridas de touros<sup>58</sup>.

---

<sup>53</sup> Cf. (Anexo n.º 2) AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 14 de junho de 1561.

<sup>54</sup> Garrochas são uma espécie de lanças, em madeira e ferro, utilizadas para espicaçar os touros.

<sup>55</sup> Cf. Anexo n.º16.

<sup>56</sup> Cf. Anexo n.º2

<sup>57</sup> *Ibidem*

<sup>58</sup> Cf. Anexos n.º6 e n.º12.

Acreditamos, contudo, que, dada a importância desta tradição nas celebrações públicas ao longo do século XVII e até à vinda do arcebispo D. José de Bragança que os terá proibido no segundo quartel do século XVIII<sup>59</sup>, as touradas continuaram a preencher o quotidiano dos festejos.

Nas referências a gastos do Senado Municipal com as festas de São João, existem referências às touradas. Por exemplo, no ano de 1672, a Câmara Municipal despendeu 2.420 reais com os festejos sanjoaninos, sendo que apenas com os “enfeites” dos touros se gastaram 2.140 reais<sup>60</sup>. Não sabemos ao certo se estes “enfeites” se destinavam à execução de corridas tauromáquicas ou simplesmente à decoração do Campo dos Touros, espaço público onde poderia decorrer alguma das celebrações festivas. Os dados, infelizmente, são escassos, mas acreditamos que se tratasse de uma referência direta às corridas de touros, dado que a praça destinada para esse efeito era precisamente o Campo dos Touros, atual Praça Municipal.

#### 3.5.4 A Mourisca

A Mourisca era uma das danças estatutárias dos festejos municipais bracarenses. À imagem do que sucedia com a dança das pélas, era uma tradição vinculada ao surgimento das celebrações do *Corpus Christi*, que se estendeu às demais celebrações municipais.

Esta dança, originária da Idade Média, detém significativas variantes, todavia há uma matriz comum que nos convém ressaltar. O seu nome deriva precisamente do imaginário que lhe está associado: os mouros. Os seus figurantes, que outrora seriam mouros forros ou cativos, vestiam-se conforme o ideário associado aos mouros, armados com broquéis<sup>61</sup> e uma espécie de lanças. O Rei era a figura central desta exibição, e era este quem dava um sinal para o tambor rufar e se iniciar uma espécie de batalha pública.

A mourisca, exibição que muitos dizem ser a antecessora da atual Dança do Rei David, não era uma prática exclusiva de Braga, havendo registos da sua existência em outras localidades. Sabemos, por exemplo, que, no ano de 1531, a Mourisca bracarense foi reformulada por “não ser tão polida e louçã como a de Guimarães e de outras vilas do Reino”<sup>62</sup>.

O Rei da Mourisca, e os seus acompanhantes, deveriam sair na véspera e no dia de São João e acompanhar quer o candeieiro, quer a bandeira da cidade, nos diversos atos em que esta participasse. Nas atas municipais referentes aos festejos de 1573 pede-se que o Rei da Mourisca e a

---

<sup>59</sup> Cf. PEIXOTO, Inácio José – *Memórias Particulares*. Braga: Arquivo Distrital/Universidade do Minho, 1992, p.13: “(D. José de Bragança) proibiu os touros que nunca no seu tempo houve”

<sup>60</sup> AMB - *Diário de Receita e despesa da Câmara*. Caixa n.º 1: livro 5 (1672), fl 25.

<sup>61</sup> Pequenos escudos redondos.

<sup>62</sup> GOMES – *Op. Cit.*, p.16.

sua gente se apresentem “muito bem consertados” e “sempre muito galantes com vistidos da mourisqua e não doutros”<sup>63</sup>. Recordemos que este quadro típico dos festejos, que não era exclusivo do São João, mas comum a todas as festas estatutárias municipais. Tratava-se de um dos três quadros que envolviam danças, para além das Pélas, espadas e do Rei e Imperador. Em compensação, o procurador do concelho lhes daria, para almoçarem, quinhentos reis. Caso algum dos cidadãos que constituíam este quadro faltasse, deveria pagar dois mil reis de multa em favor do concelho.

Não sabemos ao certo se, como alguns investigadores afirmam, esta tradição perdurou até ao século XVIII, sendo posteriormente substituída pela dança do Rei David. A nosso ver, esta é uma asserção demasiado arriscada face aos dados existentes. Certo, sim, é que este quadro continuou a fazer parte das celebrações em honra de S. João, pelo menos até ao final do século XVII, dado que a procissão de 1699 apresenta um quadro em tudo semelhante com a descrição que é feita da Mourisca. A abordagem que faremos, no próximo capítulo, acerca desta procissão sanjoanina poderá aclarar alguns dados a este respeito.

### 3.5.5. Serpe e Cavalinhos

A Serpe e Cavalinhos era outra das tradições associadas à festa do Corpo de Deus, que se estendeu às demais celebrações citadinas, à imagem da dança das pélas e do Rei da Mourisca.

A serpe é descrita como sendo uma “monstruosa cobra sarapintada horrivelmente, por baixo de cuja barriga mal se escondiam os pés dos homens que a levavam e que um silvado, em que a serpente ia metida não podia encobrir inteiramente”<sup>64</sup>. Esta cobra decorada, que muitos associam ao simbolismo do pecado e da aliciação do maligno, era secundada por uma guarda de honra, constituída pelos denominados “cavalinhos”. Em algumas localidades era da responsabilidade dos alfaiates.

Os cavalinhos seriam uma espécie de representações de pequenos cavalos, feitos em roca de madeira, cobertos de lona e pintados de cor escura. Estas figuras festivas secundavam a serpe e são, em Braga, sempre mencionados juntamente com esta exibição.

No que ao São João diz respeito, a Serpe e Cavalinhos aparecem associados aos festejos ao longo do século XVI. Segundo as sucessivas atas municipais já referidas neste estudo, a Serpe e os Cavalinhos deveriam ir buscar o Rei a sua casa e acompanhá-lo em seguida para a celebração do

---

<sup>63</sup> Cf. (Anexo n.º4) AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 19 de junho de 1566.

<sup>64</sup> GOMES – *Op. Cit.*, p.19.

candeleiro e cortejos com a bandeira da cidade<sup>65</sup>. Como já referimos, a extinção da corrida do porco preto, terá implicado uma reformulação significativa dos festejos sanjoaninos e a Serpe e Cavalinhos poderá ter sido um dos quadros desaparecidos do préstito, entretanto criado. Pelo menos, não há qualquer referência a esta exibição no decorrer do século XVII.

Segundo Inácio José Peixoto, o arcebispo D. José de Bragança, algures no decorrer da sua prelazia entre os anos de 1741 e 1756, proibiu as danças e exibições menos adequadas à religiosidade do préstito, quer na procissão do *Corpus Christi*, quer nas festas de São João<sup>66</sup>. Esta deliberação terá eliminado das festas bracarenses alguns dos quadros de cariz mais pagão, pelo que também terá sentenciado a presença da Serpe, tradição recuperada nas festas de São João de 1989<sup>67</sup>.

### 3.5.6 Festa da Bandeira

A Festa da Bandeira era uma tradição sanjoanina a que estavam obrigados os almocreves da cidade. Citada pela generalidade das atas municipais referentes às décadas de 60 e 70 do século XVI, desta festa apenas sabemos.

A primeira grande dúvida a respeito desta tradição é a sua denominação. José Gomes indentifica esta festa como da “bandura” ou “bandurra”, vocábulo que designa um pequeno alaúde espanhol com 12 cordas trasteadas e braço curto. Porém, na transcrição das atas municipais referentes à prelazia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires como arcebispo, datáveis entre os anos 1561 e 1580, o medievalista José Marques traduz a festa dos almocreves como “festa da bandeira”. Percebe-se a confusão, muito mais quando as atas municipais desta época são de particular difícil leitura. Não nos custa a crer que a segunda hipótese – “bandeira” – seja a mais acertada.

A segunda grande dúvida é precisamente quanto à forma como se realizava esta festa. Sabemos por intermédio de José Gomes, que se realizaria na tarde do dia de São João, uma espécie de corrida de cavalos entre os almocreves, terminando com o desafio de partir uma tábua<sup>68</sup>.

Por que se realizava esta festa corporativa no dia do nascimento de S. João Batista? Possivelmente devido a alguma devoção popular dos profissionais deste ofício. O que sabemos é que a festa da bandeira teria uma origem recuada, dado que as atas referem “como he costume”. Quanto à

---

<sup>65</sup> Cf. (Anexo n.º2) AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 14 de junho de 1561: “hos mordomos da Serpe e cabalinhos os ffarão sair asy na bespara como no dia muito cedo e vão esperar o Rei a pousada pera andarem e que ele não espere por eles”.

<sup>66</sup> Cf. PEIXOTO – *Op. Cit.*, p.13.

<sup>67</sup> Costuma ser exibida no Encontro Internacional de Gigantones e Cabeçudos, durante os festejos sanjoaninos.

<sup>68</sup> Cf. Anexos n.º 10, 11 e 12.

antiguidade desta origem, nenhum dado nos aponta o século XIII como o seu início, como arrisca José Gomes, até porque as atas municipais mais antigas recuam ao final do século XV.

### 3.4 A SOMBRA DO CORPUS CHRISTI

Para falarmos dos primórdios das festas de São João em Braga e das tradições que lhe estavam associadas, somos obrigados a abordar aquela que era considerada a raiz de todas as outras celebrações: a festa do *Corpus Christi*. A sua relevância para a cidade de Braga foi de tal ordem que grande parte das tradições foram aproveitadas para os restantes festejos estatutários da cidade, como era o caso do São João. A data da celebração do nascimento de São João Batista tem outra particularidade, que é o facto de poder coincidir com a festa móvel do Corpo de Deus. A coincidência das duas datas é um acontecimento muito raro, acontecendo em média uma ou duas vezes por século<sup>69</sup>.

#### 3.4.1 História de uma celebração

A festa do “Corpus Christi”<sup>70</sup> começou a ser celebrada no distante ano de 1230, na cidade belga de Liège, sob forma de procissão eucarística só dentro da igreja, ganhando as ruas em 1247, já como festa da diocese. Data de 1264 a instituição desta celebração em toda a Igreja, quando, por iniciativa do Papa Urbano IV, foi publicada a bula “Transiturus”. O documento dotou a festa de missa e ofício próprios. Em 1311 e em 1317, esta festa que assinala a devoção eucarística foi recomendada pelo Concílio de Vienne (França), por intermédio do Papa João XXII. Foi este o Pontífice que determinou a existência de uma procissão eucarística, em cortejo público, no qual deveria ser conduzido o Santíssimo Sacramento.

A festa do Corpo de Deus é, em termos litúrgicos e rituais, muito mais complexa e elaborada do que qualquer outra celebração pública católica. É uma festa de preceito, isto é, na qual a participação é obrigatória. Articula-se em torno da adoração da sagrada eucaristia, conduzida em triunfal préstito público, sob o pálio, depois de missa solene e adoração do santíssimo sacramento. Foi, durante séculos, a manifestação pública de fé mais importante do calendário anual da Igreja. Por isso mesmo, a procissão eucarística era profusamente elaborada e participada, tendo sido criados diversos

---

<sup>69</sup> Por exemplo, no século XVIII, a festa do Corpo de Deus coincidiu com o dia 24 de junho apenas no ano de 1734 e no século XIX a coincidência das datas aconteceu exclusivamente no ano de 1886.

<sup>70</sup> O Corpo de Deus é celebrado exatamente 60 dias após a Páscoa, podendo calhar entre 21 de maio e 24 de junho. A partir de 2013, com a passagem desta celebração de quinta-feira para o domingo seguinte, a festa poderá situar-se entre o dia 24 de maio e o dia 27 de junho.

tipos de quadros alegóricos durante o seu percurso. Com a crescente paganização do cortejo religioso, muitas destas tradições foram sendo proibidas.

Nos primeiros séculos, a Eucaristia era adorada publicamente, mas só durante o tempo da missa e da comunhão. A conservação da hóstia consagrada fora prevista, originalmente, para levar a comunhão apenas aos doentes e ausentes. Daqui nasceu a reserva eucarística, que derivou nos sacrários que atualmente existem nos templos. No século XII foi introduzido um novo rito na celebração da Missa: a elevação da hóstia consagrada, no momento da consagração. No século seguinte, a adoração da hóstia desenvolve-se fora da missa e aumenta a afluência popular à procissão do Santíssimo Sacramento. Nesta sequência, e dado o papel essencial da Igreja na sociedade medieval, o aparecimento da festa do Corpo de Deus vai tornar-se numa alegoria à realeza de Cristo, em que a presença do Senhor bendiz a cidade e os homens. A procissão do Corpo e Sangue de Cristo surge precisamente neste contexto de progressiva valorização do culto ao Corpo e Sangue de Cristo. Também denominada procissão das procissões, dado que é a única em que é transportado o Santíssimo Sacramento, a solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Deus pretende salientar o mistério da eucaristia, uma vez que rememora a presença real de Cristo no pão consagrado.

### **3.4.2 A tradição em Portugal**

Portugal foi um dos primeiros países a instituir a festa do Corpo de Deus, embora não se saiba exatamente o ano em que começou a ser celebrada. Há três referências a monarcas que a teriam introduzido: D. Afonso III (1248-1279), nos últimos anos do reinado, mas sem procissão; D. Dinis (1279-1325), por volta da década de 1290. No reinado de D. João I (1385-1433) há notícias da sua celebração, sob a forma processional. Sabemos que se tornou, em pouco tempo, numa celebração de grande importância, não apenas eclesial, mas pública, dado que os municípios eram obrigados a celebrá-la com toda a pompa. Em Lisboa, por exemplo, o rei em pessoa, secundado por toda a sua corte, segurava uma das varas do pálio, sob o qual estava o arcebispo/patriarca conduzindo a custódia com o Santíssimo Sacramento.

Apesar de ter variado substancialmente ao longo dos séculos, de acordo com conjunturas políticas, é a solenidade que mais regimentos e instruções régias e camarárias provocou, indicando os usos e os costumes, os modos de vestir, as obrigações de cada corporação de ofício de que dela participava com suas bandeiras e insígnias, a ornamentação de cada vila ou cidade.

Uma particularidade portuguesa é a presença da imagem de São Jorge na procissão. Este facto resulta de uma imposição do rei D. João I, que data do ano de 1387. O monarca teria invocado o

santo guerreiro na batalha da Aljubarrota, prometendo reedificar o castelo de Lisboa, sob sua invocação. A tradição de conduzir a imagem de S. Jorge, muitas vezes vestido de ferro e montado a cavalo, subsiste ainda em algumas localidades.

### 3.4.3 O *Corpus Christi* bracarense

A procissão do Corpo de Deus foi, na cidade de Braga, a manifestação religiosa mais importante do calendário anual. Ao analisar os preparativos e as obrigações que recaíam sobre os “fregueses” das diversas paróquias da cidade e arredores, nos finais do século XVI, percebemos a importância que esta data adquiria, envolvendo até as entidades civis. Para além das muitas regras referentes à limpeza e decoração da cidade, que deviam ser feitas previamente ao dia sob pena de multa, havia ainda notificações para a construção de uma tribuna e a circulação de carros das ervas, que deveriam perfumar as ruas da cidade antes da procissão.

No préstito, propriamente dito, para além do pálio onde seguia o Arcebispo com o Santíssimo Sacramento, acompanhado das restantes dignidades e tocheiros, seguia-se uma série de estandartes referentes aos santos protetores da cidade: a bandeira de Nossa Senhora, considerada a da cidade; a do Anjo; a bandeira de S. João, levada pelos juizes da sua confraria; e ainda a bandeira de Santiago, que correspondia também a uma das paróquias da cidade.

Nesta procissão era conduzida também a imagem de S. Cristóvão, que mais tarde passou a ser também conduzida na procissão de São João, e era animada pela presença de espingardeiros, que tinham como função disparar para o ar durante o percurso. Outros dos quadros associados à festa era a mourisca e a serpe. Acompanhavam também o cortejo um tamborileiro e dançarinos, que deveriam exibir-se. A festa do Corpo de Deus terminava oficialmente com um almoço para toda a comunidade.

### 3.5 *UMA CAPELA*

A capela de S. João da Ponte é um dos espaços de memórias associadas inevitavelmente aos festejos sanjoaninos. Datada de 1616, localiza-se no parque da Ponte, terrenos da antiga devesa dos Arcebispos, junto a uma das principais saídas da cidade - a estrada para Guimarães - advindo o seu nome da ponte que servia de passagem sobre o rio Este.

A data da fundação foi muitas vezes discutida<sup>71</sup> e é questão relevante para o estudo das festas em honra de S. João Batista, já que aqui se localiza o epicentro atual das festividades da cidade e, até ao final do século XIX – momento em que se unificaram as celebrações - era uma das duas festas com que a cidade homenageava o Santo Precursor.

A maior prova relativa ao ano de fundação desta ermida encontramos-na na sessão do Senado da Câmara de 23 de maio de 1615, na qual, a propósito da corrida do porco, se diz o seguinte:

“quanto ao porco preto que se (corresse) não saisse pela cidade, nem com a bandeira, e que se o ouvesse hua missa na ermida que dizem se fazia à ponte de Guimarães ou em S. João do Souto desta cidade”<sup>72</sup>.

A partir desta breve referência sabemos que a capela estava a ser construída de raiz junto à Ponte de Guimarães e que seria devotada ao Batista, dado que se ponderava celebrar missa ali ou na paroquial de S. João do Souto.

Não podemos naturalmente deduzir que o motivo do orago desta nova capela ser S. João Batista fosse o facto de aqui se dar a corrida do porco preto, evento que marcava o ritmo dos festejos até meados do século XVII, mas é um poderoso argumento em favor dessa tese. O orago bem poderá ter tido origem na devoção da antiga porta de São João, situada entre os largos de S. João do Souto e Carlos Amarante, que dava partida à estrada que por aqui passava e que se dirigia a Guimarães.

A localização da capela neste lugar poderá estar vinculada à fixação crescente de populações junto ao rio Este. Dado que se situava ainda fora do perímetro urbano no século XVII, esta zona necessitaria de um espaço de culto para servir as populações. Para percebermos o porquê do surgimento de um local de culto num território que, aparentemente, se situava distante do centro cívico de Braga, temos que analisar os diversos sinais de urbanização a sul das muralhas medievais da urbe arquiépiscopal a partir dos finais do século XVI. O rio Este seria o fator motriz para esta fixação populacional assinalável, nomeadamente os ofícios que lhe estavam associados: moagem, irrigação, lavagem e curtumes. A confirmar o surgimento de núcleos populacionais nesta área está o aparecimento das fontes da Coutada dos Arcebispos (1588-1594), de Santo Adrião (1636) e dos Galos

---

<sup>71</sup> Ao contrário do que alguma historiografia do século XIX e XX quis fazer crer, a capela de São João da Ponte não está na lista daquelas que o arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532) mandou edificar nos seus ímpetus reformistas. A maior prova desta afirmação encontramos-la no famoso mapa de Braga datado de 1594. Nesse documento, que se constitui como mais antiga cartografia da cidade, não há qualquer referência a uma ermida neste recinto, mas já se fala da existência de uma fonte, a mesma que ainda hoje subsiste no parque interior, com as armas de fé do arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus. Por mais imprecisões que o mapa possa deter, não deixa nunca de representar os espaços de culto, as fontes ou os cruzeiros, pelo que é difícil afirmar que se possa ter esquecido de representar a capela de S. João da Ponte. Na verga da porta principal do templo é observável a data da sua construção: “ANNO DE 1616”.

<sup>72</sup> AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga*. n.º 30 (2 janeiro 1613 - 15 Julho 1615), caixa n.º 14, fol. 133v./134.

(1639). Acrescente-se a este dado o nascimento de outros dois lugares de culto nas redondezas da quinta dos Arcebispos, para além da capela de S. João da Ponte: Santo Adrião em 1576 e Santa Justa em 1618. Como sabemos, as duas condições essenciais para a fixação de populações nestas épocas recuadas eram o acesso à água, que garantia a salubridade, e o templo, onde se ministravam os sacramentos cristãos.



Gravura 3 - A capela de S. João da Ponte e a sua envolvente, segundo postal do início do século XX (Manoel Carneiro & Irmão)

Nas Memórias Paroquiais de 1758, inserida na caracterização da então recentemente fundada paróquia de S. José de S. Lázaro<sup>73</sup>, a capela de S. João da Ponte já é descrita com particular pormenor, sendo os primeiros dados relevantes disponíveis acerca do seu interior:

“Nesta Freguesia (S. José de S. Lázaro) além da Ponte de Guimaraens, e no meio de hum fermoso bosque, se acha a Capella de S. João Bautista, excellentemente ornada. Tem tres Altares, o maior com a Imagem do dito Santo, e sua Confraria, e dous collateraes, o da parte da Epistola dedicado a S. Christovão, com sua Confraria; e sobre o arco hum quadro das Almas, com sua Confraria, que lhe mandão dizer muitas Missas. Aqui se faz huma grande feira todos os annos no dia do Santo”<sup>74</sup>.

<sup>73</sup> A paróquia de S. José de S. Lázaro foi fundada pelo Arcebispo D. José de Bragança no ano de 1747, a partir de territórios desanexados da paróquia de S. Victor.

<sup>74</sup> CAPELA, José Viriato et FERREIRA, Ana da Cunha – *Braga Triunfante ao tempo das Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: s.e., 2002, p.318-319.

O segundo dado a ressaltar é a referência à “grande feira” que a capela e o seu entorno acolhiam “todos os anos” no dia de S. João Batista, ou seja, a 24 de junho. Esta referência faz entrever que não se tratava de uma feira insignificante no contexto do calendário anual da cidade de Braga, tratando-se já de um dos núcleos inevitáveis dos festejos sanjoaninos que tinham, como sabemos, particular relevância na paróquia vizinha de São João do Souto. Trata-se da afirmação inequívoca da existência de dois núcleos dos festejos, já no ano de 1747-51, data em que foram publicados estes textos, por intermédio do Padre Luís Cardoso, no seu “Dicionário Geográfico”<sup>75</sup>.

Outro dado que poderemos inferir desta descrição é a categorização da capela como estando “excellentemente ornada”. Tal afirmação, independentemente da veia subjetiva que poderá transportar, aponta para a existência de um conteúdo decorativo, litúrgico e devocional de particular relevo, o que significa que estaremos diante de confrarias sedimentadas na cidade do ponto de vista social e económico. Nenhum lugar de culto “excellentemente ornado” estaria fundado numa confraria de simples agricultores, sem posses ou influência na vida social da comunidade. Este dado acaba por servir de complemento à realização da “grande feira” em honra de S. João Batista, dado que esta era inteiramente da responsabilidade da Confraria de S. João da Ponte, e exigiria poder económico, afluência significativa de devotos, e influência no seio das forças vivas da cidade.

Até hoje, continua por explorar a história dos festejos sanjoaninos naquele que é justamente considerado o seu maior núcleo festivo. A capela de S. João da Ponte e o seu entorno são a base do arraial e feira popular que se realizam, ainda hoje, nas festas da cidade de Braga.

Tendo nós a confirmação documental de que já em meados do século XVIII esta zona da cidade acolhia uma “grande feira” e, sabendo que um século após essa feira se realizava com particular vitalidade, temos autoridade para referir que nunca existiu uma descontinuidade nos festejos. Podemos até conjecturar se o facto desta capela se localizar numa quinta que foi, até 1910, pertença dos arcebispos, não terá permitido que a feira aqui realizada por altura do dia 24 de junho, alcançasse maior dimensão, dado o espaço livre em torno da capela.

A magnitude alcançada pelas festas de São João em Braga poderá, desta forma, ser devedora do espaço de crescimento e potenciação da antiga coutada dos arcebispos.

---

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 271 (In: I.A.N./T.T. – Dicionário Geográfico do Padre Luís Cardoso. Vol. 7. Fols. 1131-1138)

## CAPÍTULO 4 - A FESTA NO PERÍODO BARROCO

O período barroco é fundamental para abordarmos as festas bracarenses em honra de São João Batista. Os dados recolhidos, nomeadamente a partir das crónicas de Inácio José Peixoto ou Manuel Silva Thadim permitem-nos uma abordagem mais alargada destas celebrações, potenciada ainda pelos documentos relativos à procissão sanjoanina nos anos de 1699 e de 1754.

Neste tempo, marcado profundamente pelo renovado interesse pelas artes e, ainda, pela festa como acontecimento social de primordial relevo, cabe registar um acontecimento paradoxal. Talvez na sequência da quebra de relações institucionais entre a Corte portuguesa, superintendida por D. João V, e o Papado, ocorrida em 1728, muitas das formas de religiosidade vão acabar por ser depuradas talvez em nome do restabelecimento da cordialidade lusa com a Santa Sé<sup>76</sup>. Apesar dos motivos desta quezília institucional terem derivado de outros designios, não admiraria que a imposição de regras mais rígidas quanto à vivência sacramental e religiosa dos fiéis portugueses tivesse influenciado a purificação dos elementos pagãos presentes nas celebrações públicas, como foi o caso da procissão bracarense em honra de S. João Batista. Apesar disso, a provisão régia que determinou o fim dos elementos pagãos nos préstitos data precisamente de 1732, fase em que Portugal ainda não havia reatado relações com o Vaticano.

Após as instruções que proibiram as exibições pagãs na procissão do Corpo de Deus, o São João bracarense alcançou um espaço de progressão e popularidade, que lhe terá granjeado, pela primeira vez na história, o título de principal festejo citadino. Essa mesma ideia é defendida pelo cronista coevo Inácio José Peixoto, que atribui aos festejos sanjoaninos o dístico de “Brasil da cidade”, pelos excessos alvitados por este festival e pelo costume de fazer sair mascarados às ruas, numa espécie de Carnaval fora de época, já reconhecido na descrição da procissão de 1699. A religiosidade extrema, entretanto conferida ao Corpus Christi, terá permitido uma tolerância maior para com a celebração do nascimento de São João Batista que detinha a vantagem de se realizar em períodos próximos no calendário anual, podendo até coincidir. Ambos os folguedos integravam o rol de festas de preceito da Igreja, facto que permitia uma maior disponibilidade das comunidades para festejar<sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> Em 1728 D. João V corta relações com o Vaticano, porque o Papa não havia concedido o barrete cardinalício ao Núncio em Lisboa. O enviado português André de Melo e Castro retira-se imediatamente de Roma, sendo expulsos de Portugal todos os súbditos do Papa. As relações só são reatadas dez anos depois, tendo em 1748 o Papa Bento XIV concedido a D. João V o título de Fidelíssimo.

<sup>77</sup> No século XVIII, era proibido trabalhar nos seguintes dias: Véspera de Natal, Santo Estevão, Circuncisão, Epifania e seguinte, Páscoa, Espírito Santo e seguinte, Corpo de Cristo, Ascensão, S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo, Todos os Santos, Purificação, Anunciação, Assunção, Nascimento e Conceição de Nossa Senhora, S. José e Santo patrono de cada um dos lugares, aldeias ou cidades.

Sabemos ainda que as festas do nascimento de São João Batista chegaram a realizar-se por um período de três dias, entre 23 e 25 de junho, tendo D. José de Bragança reduzido a apenas dois dias.

A Braga de finais de XVII e da primeira metade do século XVIII era uma cidade em acelerado processo de crescimento demográfico e económico. A urbe chegou a atingir a cifra de 17 mil habitantes por volta do ano de 1750, o que a destacava entre as cidades médias do Reino. O facto de ser sede da segunda corte nacional, como era então considerada, atraiu mais gente e investimento. Por outro lado, o facto de ser capital religiosa de Portugal e deter arcebispos provenientes da realeza e da alta nobreza atraiu inúmeras ordens religiosas que, ao longo dos séculos XVII e XVIII, preencheram a cidade com mosteiros e conventos. Nesta sequência, desenvolveu-se a manufatura de arte sacra, paramentaria, cera e sinos. A cidade vivia em torno da Igreja. Em Braga chegou a existir até uma grande escola de artistas de talha e arte sacra que era procurada por confrarias e ordens religiosas de várias regiões do nosso país, e que chegou a “exportar” para o Brasil. Talvez este intercâmbio cultural, fomentado particularmente desde a segunda metade do século XVII, tenha sido responsável pelas influências notórias da então colónia portuguesa com as festas de São João que, sabemos, também foram exportadas para regiões de forte emigração minhota, nomeadamente para Minas Gerais.

Entre os personagens que marcaram o percurso da história da nossa cidade, não poderíamos excluir os arcebispos D. Rodrigo de Moura Telles (1704-1728) e D. José de Bragança (1741-1756), que foram os grandes mecenas das obras de arte que se iam elaborando na cidade. Todavia, o papel desempenhado pelo segundo prelado mencionado vai merecer um particular destaque no âmbito das festas de São João. Vai ser D. José de Bragança, proveniente da Corte e amante de um estilo de vida bem mais faustoso que o sóbrio D. Rodrigo, quem vai instigar um ambiente festivo mais considerável na cidade, particularmente na aposta na reformulação da procissão – através da introdução de primorosos teatros sacros – mas também na tolerância para com os excessos promovidos.

#### *4.1 NA FRONTEIRA DO PAGANISMO: A PROCISSÃO*

Se é plausível afirmar que a corrida do porco preto marcou um lugar destacado entre os eventos que pelos dias das festas de São João marcavam o ritmo da cidade de Braga até meados do século XVII, podemos afirmar que o seu desaparecimento foi uma oportunidade para conferir um particular protagonismo à procissão, inicialmente modesta, que terá surgido entretanto.

A data correta do início da procissão é muito difícil de aferir. O que nos é permitido conjeturar é a data à qual remonta a primeira referência documental à procissão. O memorialista Senna Freitas, no

século XIX, acaba por colocar em causa a existência da procissão antes do ano de 1652<sup>78</sup>. Efetivamente, não há qualquer registo anterior a essa data ou com essa denominação, dado que nos permite validar esta tese. Não esqueçamos que o próprio conceito de procissão foi evoluindo na sua configuração e envolvência social, tornando-se ato festivo mais frequente, precisamente a partir do século XVII. E dado que a procissão, no seu fundamento, corresponde a uma espécie de teatralização do sagrado, não admira que vá ser durante o período em que o barroco dominava as artes e o *modus vivendi* português que este tipo de manifestações religiosas tenha sido incrementado.

Quanto à procissão de São João, que terá passado a ser o principal evento das festas sanjoaninas, sabemos que se realizava com particular pompa no derradeiro ano do século XVII, conforme no-lo confirma o relato de um padre francês que visitava Braga, precisamente no dia de São João<sup>79</sup>. Pela descrição, brilhantemente apresentada, da procissão sanjoanina, percebemos que não se tratava de um préstito de criação recente, pelo que poderemos apontar como data de início da mesma, as décadas de 1650 e 1660, dado que há uma perspetiva de continuidade com os antigos cortejos que se faziam em função da desaparecida corrida do porco. Por exemplo, na mesma descrição é perfeitamente decifrável a exibição da mourisca e de um boi enfeitado, muito similar ao boi das cordas, tradições referenciadas nas atas municipais da segunda metade do século XVI.

No relato mencionado, o padre Francisco de Tours revela o seu espanto perante a “extraordinária (e divertida) Procissão”, que se realizava em Braga pelo São João. Segundo este importante documento, traçado pelo olhar atento de um observador externo – facto que lhe confere um particular relevo - a procissão sanjoanina apresentaria a seguinte ordem:

- 1.º - Mascarados
- 2.º - Boi Bento
- 3.º - Carro de bois com ramos de árvores
- 4.º - 4 Amazonas (gigantones) + anão com maçã gigante

---

<sup>78</sup> FREITAS, Bernardino José de Senna – *Memórias de Braga*. Tomo II. Braga: Imprensa Catholica, 1890, p. 166-167: “A celebrada procissão, na madrugada do dia de S. João Baptista, vulgarmente chamada a procissão do Rei David, por que elle n’ella apparece dançando, parece ser costume de tempos antigos: indo então apenas procissionalmente pelas principaes ruas da cidade a imagem de S. João Baptista, acompanhada por toda a sua confraria: o que se fazia com maior ou menor esplendor, conforme a maior ou menor devoção, e até maior ou menor opulência do juiz e mais irmãos, que compunham a meza da confraria; por conta dos quaes se fazia toda a despeza da referida procissão. Todavia, não nos parece tão antiga, (quanto se julga e crê), esta supracitada procissão: pois nos seus estatutos, reformados nos fins do século XVI, não se faz menção de semelhante procissão, fazendo-se da antiga e notavel festa do candeieiro, (de que já falamos), na madrugada do dia de S. João Baptista – já n’essa época em grande decadência e quasi em desuso. Pôde por isso deprehender-se do silencio dos Estatutos de 1652, que – depois da extinção da por ventura pouco edificante festa do candeieiro – é que começára a pratica de sair a procissão da igreja de S. João do Souto, na madrugada do dia anniversario do seu nascimento”.

<sup>79</sup> Cf. OLIVEIRA, Aurélio (tradução) - Relato das viagens do padre Francisco de Tours em Portugal. In: “Entre Aspas”. *Diário do Minho*, 19/06/2006, p.10. (Anexo n.º)

- 5.º - Andor de S. João Batista menino no deserto
- 6.º - Dança de 8 mascarados
- 7.º - S. João menino com um cordeiro ao lado de Jesus menino
- 8.º - Dança com castanholas de 13 mascarados
- 9.º - Santa Isabel no leito de clausura
- 10.º - 13 dançadores mascarados, vestidos de branco
- 11.º - Verdugo entrega cabeça de João Batista a Herodes
- 12.º - Cavaleiro em cima de cavalo, representando S. Jorge
- 13.º - Mourisca: 15 soldados mouros contra 15 cristãos
- 14.º - Cruz processional
- 15.º - Presbitério

A procissão abria com uma das marcas que julgamos ser tipicamente sanjoanina e que já se verificava em 1699: os mascarados. O observador da procissão justifica o mesmo “porque tanto em Espanha como em Portugal é (costume) incluir nas Procissões mascarados”. Seriam perto de uma centena. Seguia-se o boi bento, tradição verificada um pouco por todo o país e que em muito se assemelhará ao boi das cordas já incluído nos festejos bracarenses de finais do século XVI, correspondia a um boi “com os cornos guarnecidos de um belo e muito grande pano vermelho”. Atrás do boi seguia um carro, puxado por uma junta de bois, que transportava ramos de árvores. Supomos que estes ramos serviriam para perfumar as ruas e, eventualmente, remediar os efeitos indesejados provocados pelos dejetos dos animais que integravam o préstito.

Após este carro, apresentavam-se quatro gigantes “feitos de cartão” e um anão com uma maçã gigante. Este tipo de exibição, que corresponde aos gigantones e cabeçudos que continuam hoje a integrar as festividades, já era habitual na procissão do Corpo de Deus bracarense no século XVI.

Seguia-se uma série de danças e andores, que se sucediam mutuamente. Curiosa é a inclusão de uma dança de castanholas, adereço tipicamente castelhano, o que associado ao costume dos mascarados, que o descritor classifica como costume em Espanha, pode levar-nos a concluir que os festejos portugueses, particularmente das localidades mais próximas da fronteira castelhana, como era o caso de Braga, foram influenciados pela fase de dominação espanhola em Portugal, que vigorou até 1640. Seriam resquícios desse tempo?

Quanto às restantes danças, refira-se que todos os seus intervenientes se encontravam mascarados e que estas se propagavam às pessoas que assistiam, que dançavam também. Uma das tipologias de dança integrava homens vestidos de mulheres, dado que nos permite atestar que as

mulheres não poderiam fazer parte do cortejo. Para além dos dançarinos, também os indivíduos que carregavam os andores se encontravam mascarados. Os andores - quatro no total - seriam bem diferentes daqueles que hoje são transportados nas nossas procissões. Neste tempo não eram conduzidas as imagens veneradas nos templos, mas eram apresentados quadros bíblicos, provavelmente com recurso a imagens alegóricas montadas através de rocas e tecidos, em que apenas os rostos e os membros ganhavam estrutura. Entre os episódios da vida de S. João Batista representados, destaque-se o facto de já existir a tradição de apresentar o Santo Percursor como criança com cerca de 3 anos, algo que continua a marcar a iconografia associada aos festejos bracarenses até hoje.

É curiosa a inclusão de uma representação de São Jorge na procissão, sinal seguro da influência da procissão do Corpo de Deus como modelo decisivo para as restantes procissões. Recorde-se que S. Jorge e S. Cristóvão eram duas devoções frequentemente associadas aos préstitos que decorriam obrigatoriamente em Portugal na festa do *Corpus Christi*.

Após este quadro surgia a mais elaborada representação da procissão, que detém grande similitude com a já comentada Mourisca, ou com a Dança dos Turcos<sup>80</sup>. Surgiam duas companhias de soldados, uma de cristãos e outra de mouros, cada uma com o seu general ao comando, distinguindo-se uma da outra, pois “os mouros usavam sabres e um escudo e os cristãos umas meias lanças”. Em praça pública, estas duas hordas entravam em combate simulado, após o toque de uma trombeta, “de modo tão real e violento que foi maravilha ninguém sair ferido – o que mereceu de todos um aplauso enorme”. Após o combate do qual sempre saíam os cristãos vencedores, cada soldado cristão tomou um mouro cativo, sendo a luta entre generais a última a ser vencida. Após este ato, e depositadas as armas aos pés dos vencedores, iniciou-se uma dança acompanhada de guitarras, harpas, tubas, violões e violas baixo. Este dado permite ponderar mais fortemente se esta dança não terá sobrevivido após a reformulação dos préstitos, ocorrida durante o reinado de D. João V. A procissão terminava com a Cruz processional e o presbitério.

Esta curiosa descrição da procissão, não apenas atesta uma antítese para com aquilo que sucede nos cortejos religiosos promovidos atualmente pela Igreja Católica, como demonstra o nível de elementos pagãos permitidos numa manifestação eminentemente religiosa. Daí se perceba a

---

<sup>80</sup> Cf. MILHEIRO, Maria Manuela de Campos – *Braga: a cidade e a festa no século XVIII*. Guimarães: NEPS, D.L. 2003. p.346: “a “Dança dos Turcos”, que nos aparece em várias situações festivas, teria ocupado em Braga, no Século XVIII o lugar das “Mouriscas”, já que também representava o triunfo guerreiro dos cristãos sobre os infieis neste caso os turcos, que se haviam tornado um perigo ameaçador para a Europa”.

necessidade de preservar as celebrações religiosas destes exageros, algo que terá sucedido a partir de uma determinação régia datada de 1732<sup>81</sup>.

Isso mesmo pode ser verificado através das transcrições de atas da Confraria de S. João do Souto, entidade à qual se devia a organização dos festejos, que Manuel Silva Thadim efetuou nas suas “Memórias Bracarenses”. Ficamos a saber, por exemplo, que em 1723, a procissão incluiria “três bailes” – o que indicia que ainda se realizaria em moldes similares a 1699 – porém, nesse ano, já se fala da execução de um Passo da Escritura com carros e cavalaria, separado do percurso processional.

No ano de 1741, contudo, parece que as disposições reais ainda não haviam sido devidamente implementadas em Braga, já que na procissão se integravam “muitos bailes, danças, as quaes se repetiam no seguinte dia”<sup>82</sup>. A situação parece não ter-se alterado na década de 50 do século XVIII, agravando-se até o conteúdo pagão das mesmas. Em 1754, por exemplo, a procissão incluía várias “galhofas, danças, e hum grandioso baile do Gigante Orion e El Rey Oragion”<sup>83</sup>. Estes dados colocam naturalmente em questão a aplicação da determinação real de 1732 a este respeito. Teriam sido reformulados apenas alguns quadros da procissão?

A descrição relativa à procissão do ano de 1750 apresenta traços mais religiosos, ignorando demais manifestações pagãs. Segundo Thadim, realizou-se uma “excelente procissam em louvor do seo nascimento com varios andores de boa composçam, em que hia hum muito grandioso de S. Miguel por modo de Carroça, puxado a mam”<sup>84</sup>. Em 1755 se repete o préstito, desta vez com referências ao “Carro d'ervas, boy bento, Gigantes, São Christovam, Cruz da Confraria”, seguindo-se “muitas contradanças, tanto da cidade, como de fora”, “várias danças” e “bailes bem vestidos a trágica com vestidos riquíssimos”. Há ainda referências a “carros bem pintados”, o “Baile de Jacob e Raquel” e os andores de “São Zacharias, Sant'Anna e São João”<sup>85</sup>.

Através da leitura das Memórias Paroquiais de 1758, tomamos ainda conhecimento que a Confraria de S. João do Souto “no dia de seu nascimento costuma fazer huma grande Procissão com várias invenções e curiosidades pastoris, em que muito lustrão os engenhos da Cidade”<sup>86</sup>. Esta referência destaca, desde logo, a dimensão significativa deste préstito, não apenas catalogando-o como sendo “grande”, mas igualmente ressaltando as “várias invenções” e as “curiosidades pastoris”, esta

---

<sup>81</sup> Cf. RIBEIRO, Margarida – “Acerca da dança das Pêlas”. In: *Revista Lusitana (Nova Série)*, 8 (1987), p.100: “A Provisão régia de 1732 aboliu toda a figuração profana da procissão do Corpo de Deus, substituindo as invenções e alegorias por andores”

<sup>82</sup> THADIM, Manoel José da Silva - *Época dos Annaes e Memórias bracarenses*. Vol I. Ed. Fac-simile, p.132.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p.156.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p.356.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p.367.

<sup>86</sup> CAPELA, José Viriato et FERREIRA, Ana da Cunha – *Braga Triunfante ao tempo das Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: s.e., 2002, p.304.

última que, supomos, ser já uma referência à origem do Carro dos Pastores<sup>87</sup>, uma peça de teatro sobre o nascimento de S. João Batista, representada por crianças, que ainda hoje é marca incondicional do programa das festas.

#### 4.2 AS FESTAS DE SÃO JOÃO NO TEMPO DO ARCEBISPO D. JOSÉ DE BRAGANÇA



Gravura 4 - Retrato de D. José de Bragança na Galeria dos Arcebispos do Paço Arquiepiscopal<sup>88</sup>

O Arcebispo D. José de Bragança<sup>89</sup> é um nome que fica vinculado à história das festas de São João em Braga devido a um, supomos que ingénuo, comentário de Inácio José Peixoto nas suas “Memórias Particulares”, uma fonte preciosa para o estudo de Braga na segunda metade do século XVIII. Segundo este desembargador, o prelado que governou a cidade entre 1741 e 1756 “gostava muito de ver as danças e festejos de S. João”, não permitindo contudo “mais que dous dias pera

<sup>87</sup> Cf. Capítulo 5 – Afirmação e Crescimento (1870-1950), pp.77-80.

<sup>88</sup> In: MONTEIRO, Nuno Gonçalo; COSTA, Fernando Dores - *D. João Carlos de Bragança 2º Duque de Lafões*. Lisboa: Ed. INAPA: 2006, p. 33.

<sup>89</sup> Filho bastardo do Rei D. Pedro II, nasceu em 1703 e estudou na universidade de Évora. Em 1741 foi nomeado Arcebispo de Braga e foi recebido com grande entusiasmo pois havia 13 anos que a Sé estava *vacante* (vaga). Não tardou a desentender-se com o Cabido, chegando a ordenar a prisão dos cónegos em 1742. De forte personalidade, este prelado investiu significativamente no engrandecimento da corte de Braga, tendo ordenado a construção de um sumptuoso palácio barroco. Preocupou-se com a mudança do ensino teológico aos estudantes e aos fiéis. A 3 de Junho de 1756 morreu de apoplexia, quando visitava Ponte de Lima.

elles”. Atestando esta predileção, no seu espólio foram encontrados dois vestidos de máscara, embora o cronista considere que não seriam para uso próprio, “porque o estrudor necessário da cabeça o daria a conhecer”<sup>90</sup>. Ainda assim fica a nota de uma pertinente tolerância do prelado para com estas festas.

O dado mais relevante da crónica de Inácio José Peixoto é o facto de se referir, de uma forma clarividente, aos festejos sanjoaninos como a principal celebração pública da cidade, ainda que citada em conjunto com o Corpo de Deus. Como sabemos, desde o século XV que o *Corpus Christi* detinha o estatuto de principal momento festivo para os bracarenses, implicando um esforço financeiro da parte do Senado Municipal muito superior a qualquer outra celebração. O reconhecimento de que, pelo menos em meados do século XVIII, o São João já alcançava um reconhecimento público destacado, é argumento fortíssimo em favor do imperativo que se foi enraizando na comunidade de festejar anual e destacadamente o nascimento do Santo Precursor. Sendo certo que este relato retrata uma visão subjetiva, elaborada por um ilustre e bem formado bracarense, não deixa de ser um dado particularmente relevante para o estudo e compreensão das maiores festas da cidade. Analisemos o que diz Inácio José Peixoto:

«Em todos os annos se festejava, com danças a S. João e ao Senhor Sacramentado da Sé com publicos e magnificos festejos, mas elles não erão so no templo com triduos, sermoens, apparatus e musicas, patenteavão-se com bailes, comédias e touros, em que se gastavão copiosas somas; muitas casas se empenhavão para sempre. Dous erão juises, hum fidalgo e outro conego. As ultimas destas grandes festas forão feitas por Antonio Pereira de Eça, fidalgo illustre casado na casa dos Biscainhos com D. Antonia Maria de Sousa Montenegro, sobrinha do deão D. Francisco Pereira da Silva [sobrelinha: e filha de Diogo de Sousa e D. Maria Montenegro]. O povo dizia que estas festas erão o Brazil da cidade, mas ellas não convinhão muito ao sagrado assumpto, contudo o povo por isto aviva a fé muitas veses. [À margem: nestes tempos erão as festas os objectos dos bracharenses no tocante às sciencias, não quanto aos costumes porque se respeitavão ambas as corporações].»<sup>91</sup>

Após uma detida análise deste extrato, destaca-se, desde logo, a expressão popular encontrada, à época, pelos bracarenses para se referirem às festas de São João em Braga: "Brazil da cidade". O que queria o povo dizer com este curioso epíteto? O Brasil era, por este tempo, o principal destino de emigração dos minhotos. Do intercâmbio cultural teria surgido a forte convicção de que a nação que se formava do outro lado do Atlântico se demarcava pela alegria e regozijo das suas gentes.

Outro dado de relevo é a manutenção das máscaras como imagem de marca dos festejos, tal como se verificara em 1699. Apesar das deliberações reais a este respeito, os elementos pagãos continuavam a integrar o São João bracarense, mas necessitavam de licença particular do arcebispo. Sabemos, por exemplo, que os festejos de 1753 “alcansaram licença de Sua Alteza para haverem

---

<sup>90</sup> PEIXOTO, Inácio José – *Memórias Particulares*. Braga: Arquivo Distrital/Universidade do Minho, 1992, p.13.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p.5.

mascarados”. No mesmo ano se lançou um pregão anunciando as festas com mais de três meses de antecedência, no dia 20 de março desse ano!

Pelas “Memórias Particulares” de Inácio José Peixoto ficamos ainda a saber que o São João de Braga "não se limitava ao templo", mas tinha direito a vistosos festejos públicos, que "não convinhão ao sagrado assumpto" e que até levavam muitas casas a empenharem-se "para sempre". Literalmente os bracarenses mais influentes perdiam a cabeça com as festas ao Percursor. Conhecendo nós a rivalidade que ainda hoje se instala pela possessão da mordomia dos festejos e romarias, não custa a crer que por este tempo esse cenário fosse uma constante. A importância social de um determinado evento, como sabemos, acabava por atrair as mais influentes personalidades da cidade à organização dos festejos, que cabia à Confraria de São João do Souto. A referência feita ao fidalgo da Casa dos Biscainhos e às suas ligações familiares não deixa de se constituir como uma referência à distinta constituição da mordomia da festa. Este facto significava naturalmente maior capacidade de financiamento dos festejos – “copiosas somas” - e um programa mais rico e vistoso que os demais festejos citadinos. Em 1750, por exemplo, o responsável pelas festas foi o Deão da Sé, D. Miguel José de Sousa Monte Negro, o qual mandou fazer no Campo da Vinha “um grandioso cerco de trincheiras no meio do qual estava uma cozinha na qual se assou um boi inteiro, cheio por dentro de vários recheados de galinhas, coelhos, patos” e ainda “um vistoso chafariz deitando um gostoso vinho”, com a animação em simultâneo “de clarins, charamelas e atabales”<sup>92</sup>.

Um outro aspeto que era digno da maior atenção por este tempo era a decoração das ruas, que surgiam particularmente adornadas para a passagem da procissão. Em 1755 “se armaram as ruas com toldos de baetas e as fronteiras se adornaram com cortinas e cobertores”<sup>93</sup>. Pelo que nos é dado a perceber, era hábito cobrir as ruas recorrendo aos melhores tecidos, da mesma forma que ainda hoje se colocam colchas nas janelas à passagem dos préstitos. Todavia, por este tempo, o objetivo era proteger a procissão dos efeitos meteorológicos, por isso as ruas eram perfeitamente cobertas por multicolores tecidos, costume que deveria conferir um efeito cénico notável.

As festas no período barroco contavam com particularidades muito próprias, que foram sendo assimiladas pelas tradições entretanto vigentes. O recurso a peças teatrais, bailados, a espetáculos de fogo de artifício, banquetes, bem como a importância dada à aparência exterior onde os eventos se realizavam, eram fatores de primordial ordem na organização da festa barroca. Analisando outras celebrações que se realizavam na Braga desta época, percebemos um contexto muito próprio. Por

---

<sup>92</sup> THADIM – *Op. Cit.*, p.356.

<sup>93</sup> *Ibid.*, p.377.

exemplo, para a entrada do arcebispo D. José de Bragança, ocorrida no dia 23 de julho de 1741, sabemos que houve fogos de artifício no Campo dos Touros e três tardes de bailes e teatro “de assumptos sagrados e de grave estilo a que chamavam trágico”<sup>94</sup>. Efetivamente, a chegada de D. José de Bragança terá contribuído para fomentar um estilo de vida mais faustoso na cidade, cuja corte arcebispal chegou a ser considerada a segunda mais importante a seguir à de El Rei em Lisboa!

Ao contrário do que se costuma dizer, não foi este prelado quem trouxe de Lisboa a tradição das touradas. Inácio José Peixoto desfaz este mito, referindo até que foi D. José de Bragança quem proibiu as touradas na cidade<sup>95</sup>. As corridas de touros já se efetuavam em Braga, pelo menos desde o século XVI, sendo um evento obrigatório na maioria dos festejos estatutários da cidade. Isso mesmo confirmam as atas do Senado, referentes ao último quartel do século XVI.

D. José de Bragança, apesar de ser um homem do seu tempo, feito ao gosto do barroco, era deveras austero em certos aspetos. Não apenas proibiu os touros - que, ao contrário do que se dizia, não eram motivo para o fazer assomar à varanda do seu novo palácio voltado ao Campo dos Touros -, mas também colocou sob reserva as danças na festa do Corpo de Deus, tendo introduzido na Sé a música a canto e órgão, em detrimento de outros instrumentos<sup>96</sup>. Talvez, por isso mesmo, os festejos sanjoaninos tenham alcançado maior relevo, dado que o *Corpus Christi*, por tradição a maior festa da cidade, ficou reduzido ao estritamente religioso.

Apesar de estar implícita e ser até propagada a ideia de que este arcebispo contribuiu decisivamente para o engrandecimento dos festejos sanjoaninos, há dados anteriores à sua chegada que confirmam que o São João já se realizava em moldes muito semelhantes, pelo menos desde o início do século XVIII, como a já mencionada procissão de 1699 deixa entrever. Tomando como exemplo o ano de 1723, sabemos que se fizeram grandes festas “com cartel, caretas, procissam com três bailes, hum passo de Escripura com os carros, cavalarias em que correram os Escrivaeos do auditório Eclesiástico, e se correram touros”<sup>97</sup>. Thadim acrescenta que, nesse ano, “concorreo muito povo de fora a ver as festas”, dado que sublinha a influência e mediatismo que o São João bracarense já granjeava na região, numa época em que começava a ser frequente visitar localidades vizinhas.

Os festejos em honra do nascimento de São João Batista confirmaram, no tempo em que durou a prelazia de D. José de Bragança, a sua importância no calendário anual da cidade de Braga apesar do seu fulgor e capacidade de atração já estarem implícitos anteriormente. Alcançaram, sim,

---

<sup>94</sup> PEIXOTO – *Op. Cit.*, p.6.

<sup>95</sup> Cf. *Ibid.*, p.13: “Proibuiu os touros que nunca no seu tempo houve”.

<sup>96</sup> Cf. *Ibidem*

<sup>97</sup> THADIM – *Op. Cit.*, p.113.

um novo vigor, graças à religiosidade imposta ao Corpo de Deus, que obrigou os bracarenses a concentrarem as suas vivências lúdico-festivas nas celebrações sanjoaninas.

### *4.3. A RELAÇÃO DO FESTIVO APLAUSO*

Um documento de menção obrigatória ao abordar as festas de São João durante o século XVIII é a Relação do Festivo Aplauso<sup>98</sup> que descreve a execução daquilo que chamavam na altura um “passo mitológico-sacro” que pretendia celebrar o nascimento de S. João Batista no ano de 1754. Feita a expensas do Padre Félix de Araújo<sup>99</sup>, esta espécie de encenação religiosa foi elaborada no conceituado Colégio das Artes de Coimbra, na altura ainda pertença da Companhia de Jesus.

Não era raro nesta época este género de teatros sacros, que misturavam cenas da mitologia greco-romana com os elementos identificativos do universo religioso cristão. Existem registos de outras execuções deste género associadas a celebrações como a festa do Corpo de Deus de 1753, ocorrida exatamente um ano antes do passo sacro mencionado.

Destaca-se desde logo no frontispício deste documento uma referência que não pode deixar-nos indiferentes. Entre outros epítetos que lhe são atribuídos, cita-se Braga como a “sempre primeira nos cultos do mesmo santo”. Este dado não pode ser tido como mera imodéstia do autor, até porque a peça fora elaborada em Coimbra e não em Braga. Trata-se de um efetivo reconhecimento da importância que as festas bracarenses já almejavam no contexto regional e, quiçá, nacional.

Antes de mais, o documento anuncia que as ruas da cidade estariam “adornadas, e cobertas com toldos de cores alternadas”. Abria o préstito um grupo de instrumentistas, uma espécie de banda, onde dominava o som dos clarins. Seguiam-se os gigantones, presença habitual no início da procissão sanjoanina, e a “inquieta” dança das ciganas, sucedidas por “outras joco-sérias, e mais galhofas sem número, e alguns bailes pequenos”, embora sem especificar de que galhofas e bailes se tratavam. Fechava este primeiro grupo o baile “mayor” do gigante Orion e de El Rey Enopion, também já citado em outros préstitos da década de 50 do século XVIII. Este baile era constituído por 24 figuras vestidas à trágica.

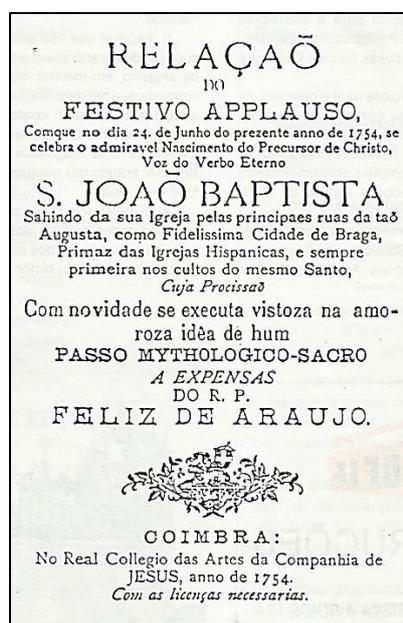
Até ao surgimento do passo mitológico-sacro propriamente dito, toda a estrutura da procissão faz lembrar a descrição do préstito ocorrido em 1699, por aqui se provando que as deliberações reais de 1732 apenas se terão aplicado à procissão do Corpo de Deus. Verifica-se, sim, um novo

---

<sup>98</sup> Cf. Anexo n.º19.

<sup>99</sup> Sacerdote bracarense, nascido em julho de 1704 na freguesia da Sé, e falecido a 8 de janeiro de 1771 na rua do Campo. Foi na qualidade de secretário da Confraria de S. João do Souto, que se responsabilizou por este passo mitológico-sacro.

ordenamento dos quadros, reservando-se o estritamente sagrado para um lugar destacado e relegando as exibições de teor mais pagão para o arranque da procissão.



Gravura 5 - Frontispício da Relação do Festivo Aplauso de 1754

Entre os quadros descritos, saliente-se a chamada “dança das ciganas” ou “ciganas bravas”, como lhe chama o estudioso José Gomes. Segundo este autor, esta dança tinha como missão abrir caminho às procissões e já aparecia registada em Braga desde, pelo menos, o ano de 1729. Seria constituída por cerca de 40 mulheres, coordenadas por dois guias e vestidas de “regateiras”, que iam girando pelas ruas molestando quem se lhes opunha à passagem<sup>100</sup>.

Ainda antes de se iniciar o desfile dos seis carros, surgiam as figuras do Aplauso e de Sibila, sucedida por uma encenação da anunciação do Anjo a Zacarias, e uma soberba exploração do dramatismo deste episódio. Zacarias duvida e o Anjo aplica-lhe o castigo da divina surdez e mudez. Em contraponto a esta cena, aparece Vénus transportando ao colo o seu filho Cupido, personagem do Amor, que vai ter categoria central neste Festivo Aplauso.

A personificação do Amor divino, apresentado sempre em contraponto com o amor mundano de Cupido, é protagonista da representação. No preâmbulo à descrição da procissão anunciava-se já que o “Amor do Baptista manifesta a sua potência nos aumentos com que vivifica Braga, sublimando-a e celebrizando-a”. Esta promessa, fundada nas categorias aristotélicas, sintetiza todo o percurso lógico da exibição que se havia de distribuir pelos seis carros. Segue-se o cortejo dos carros:

<sup>100</sup> Cf. GOMES – *Op. Cit.*, p.37-38.

Ordem	Descrição
Primeiro Carro com o Nascimento do Baptista	Isabel no leito e Zacarias após o nascimento de João Batista; Cinco montanhesees do Barroso cantam versos e dançam
Segundo Carro grande	Bergantim com quatro remadores, transportando Santa Isabel cantando versos, em que esta traz o São João Menino ao colo;
Terceiro Carro, e primeiro pequeno	Cupido e Antero sentados numa banca decorada a damasco
Quarto Carro, e segundo pequeno	Em forma de jardim, apresenta a figura da Graça divina e os Meninos Jesus e João Batista, rodeados de Anjos; depois aparecem os deuses pagãos abatidos perante a presença deste Amor;
Quinto Carro, e terceiro dos grandes	Aparece a cidade de Tróia destruída; em contraposição entreve-se a Cidade de Braga da qual sobressai a figura do Batista; fecham quatro apóstolos: Pedro, João, Tiago e Filipe.
Sexto Carro, e último	Representação de Braga triunfante, com a figura de São João Menino em relevo, ligando-se à cidade através de quatro fitas; Na porta da cidade surge uma figura personificando a Devoção;

O primeiro carro apresenta o nascimento de João Batista, numa interessante alusão aos autos medievais de Natal da tradição popular portuguesa. Aparecem pastores – os humildes e simples – que celebram o júbilo deste extraordinário nascimento. Recorde-se o paralelo sempre estabelecido entre a história de João Batista e Jesus Cristo. Ambos nascidos por intermédio da graça divina, dado que Maria era virgem e Isabel estéril, e ambos anunciados por intermédio de uma angélica aparição. Este paralelo vai ser devidamente explorado no quarto carro, onde aparecem os dois protagonistas do Amor divino.

O simbolismo presente na aparição dos deuses pagãos desalentados perante o surgimento do Amor divino em João Batista que o propaga, e em Jesus Cristo, que o interpreta, apresenta-se como sinónimo de um mundo paganizado que se curva perante a grandeza do autêntico divino que o Cristianismo anunciava. No quinto carro essa mesma metáfora é retomada com a aparição da cidade dos deuses – Tróia – destruída e em ruínas, em contraponto com a Cidade Primaz, Braga, que é glorificada pelo seu Amor a São João Batista. De um lado expressões da Eneida, a célebre obra de Virgílio; do outro o conteúdo evangélico relacionado com o nascimento e vida de S. João Batista.

O passo encerra-se com nova exaltação da cidade de Braga, cuja devoção a São João Batista é sublinhada como fator de glorificação. Uma figura de São João Menino vincula-se ao brasão da cidade através de quatro fitas, reforçando a união simbólica da cidade a esta devoção. Fecham a procissão os andores de Santa Maria Madalena, São Joaquim com Santa Ana, seguindo-se um grupo de instrumentistas, tal como no início do préstito. O derradeiro ato da procissão é o andor transportando a imagem de São João Batista.

## CAPÍTULO 5. CRESCIMENTO E CONSOLIDAÇÃO (1870-1974)

O período cronológico que nos propomos tratar em seguida é, porventura, o mais complexo dos já abordados, mas aquele que detém uma base mais significativa de informação.

Não sabemos muito a respeito da primeira metade do século XIX, apenas confirmamos que as festas se continuaram a realizar sem interrupções, dada a programação evidenciada nos periódicos bracarenses de 1850. Se as informações veiculadas por Inácio José Peixoto, que veio a falecer em 1808, nos deixam perceber que no final do século XVIII o São João já teria perdido o fulgor exibido durante a prelazia de D. José de Bragança, não restam dúvidas quanto à sua continuidade e importância ao longo do século seguinte. Os elos dessa continuidade foram indubitavelmente, a procissão que, com os quadros dos pastores e do Rei David, continuava a demarcar-se pela sua originalidade, e a feira anual realizada no recinto de S. João da Ponte, que já a tornara uma referência no início do século XVIII. Apesar dessa continuidade, poderemos admitir que as festas de São João não se terão realizado – ou, pelo menos, realizadas com a ordem habitual – nos anos de 1809, devido às invasões francesas, e em 1846, dado que Braga fora cercada pelos revoltosos da Maria da Fonte precisamente nos finais de maio desse ano.

A chegada do comboio a Braga, em 1875, e o dinamismo das confrarias de S. João da Ponte e de S. João do Souto acabaram por ser fatores determinantes para fazer sobressair os festejos sanjoaninos no vasto calendário de festas e romarias que a cidade exibia no século XIX.

O ano que definitivamente marcará o ritmo e evolução dos próprios festejos vai ser 1893, momento cronológico que assinala a criação da primeira comissão de festas, que vai unificar o programa das festividades da Ponte e de S. João do Souto e investir cada vez mais em grandes eventos e na promoção. Nesta comissão, é inevitável abordar o papel da Associação Comercial de Braga, entidade que, não sem dificuldade, maioritariamente assumiu a liderança dos festejos sanjoaninos.

Apesar de nos não podermos deter particularmente nos sucessivos programas dos festejos, dada a grande abrangência cronológica, procuraremos fornecer uma visão abrangente das iniciativas promovidas, abordando principalmente os eventos que deixaram marca na história dos festejos, o festival da Avenida e o inevitável arraial de S. João da Ponte. E, dado que as Festas de S. João foram também o primeiro produto turístico da cidade, não poderíamos deixar de analisar esse fenómeno e a causa que determinou a perda de mediaticidade e influência que os festejos detinham, nomeadamente o facto da cidade do Porto se ter apropriado da mesma data para os seus festejos citadinos, apesar das muitas tentativas de Braga para o evitar.

## 5.1. O AUTO DO CARRO DOS PASTORES

O Auto do Carro dos Pastores é um dos elementos fundamentais que as festas de São João de Braga apresentam anualmente. Trata-se de uma representação teatral alusiva ao nascimento de São João Batista, cujos protagonistas são um conjunto de pastores. A peça, que inclui danças e cânticos, é representada num carro de madeira preparado para os diversos atos, tuteando durante o dia 24 de junho em vários locais da cidade. A discussão sobre a sua origem tem sido pouco explorada e é dada a muitos mitos. O nosso intuito é comprovar que se trata de uma representação originária do Festivo Aplauso de 1754. As certezas a este respeito advêm da segunda metade do século XIX e confirmam que se trata de uma tradição que os bracarenses conservaram e aprimoraram, tendo-se tornado progressivamente um dos principais fatores de atração das festas em honra de São João.

### 5.1.1 A origem

O Carro dos Pastores é uma tradição com origem provável no século XVIII, sendo uma típica representação teatral, que aponta à fundação do teatro moderno e à religiosidade impressa nos atos públicos durante o século XVIII. A sua préexistência, é citada na “Relação do Festivo Aplauso”, documento que descreve a constituição de uma grandiosa procissão em honra de São João Baptista no ano de 1754. Neste cortejo religioso, acima esmiuçado, existia um carro em que era apresentado o nascimento de São João Batista, no qual figurava um grupo de “montanheses” que formavam uma contradança, cantavam versos e tocavam “instrumentos pastoris”. A origem do Carro dos Pastores estará seguramente vinculada a este elaborado cortejo, iniciado nestes moldes durante a prelazia do Arcebispo D. José de Bragança (1741-1756).

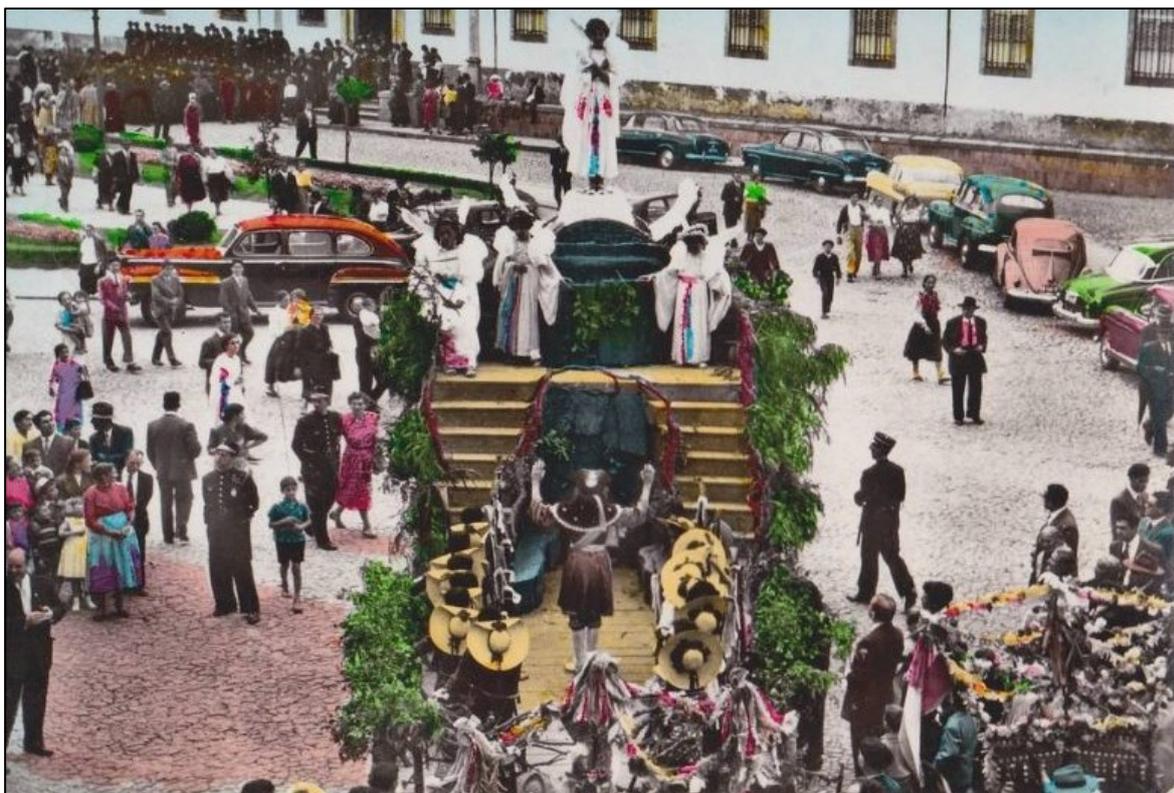
Sabemos também que no ano de 1699, altura em que um religioso francês assistiu ao São João em Braga, particularmente à procissão, que apresentava diversos quadros pagãos, não foi descrito nada que se assemelhasse a esta representação. Portanto, afirmar a sua origem anterior ao século XVIII, como arriscaram alguns cronistas do século XX, é, no mínimo, arriscado.

Um outro dado fomenta esta nossa opinião. Nas “Memórias Paroquiais” de 1758, na descrição relativa à paróquia de São João do Souto, se diz que “no dia de seu nascimento costuma fazer huma grande Procissão com várias invenções e curiosidades pastoris, em que muito lustrão os engenhos da Cidade”<sup>101</sup>. Será que as “curiosidades pastoris” se referem já ao Carro dos Pastores? É bem provável que sim, até porque analisando a “Relação do Festivo Aplauso”, que descreve a procissão de São João

---

<sup>101</sup> Cf. CAPELA et FERREIRA – *Op. Cit.*, p.304.

no ano de 1754 - ou seja, apenas 4 anos antes da descrição feita da procissão nas Memórias Paroquiais – percebemos já a figura de montanhezes do Barroso, estereótipo dos pastores das montanhas que costumava preencher o ideário coletivo minhoto. A utilização do termo “pastoris” poderá, desde logo, indicar que o Festivo Aplauso de 1754 ter-se-á enraizado nas festas sanjoaninas, tendo como chamariz a presença dos montanhezes, que o povo rapidamente apelidou de pastores. Daqui terá nascido eventualmente o imperativo de as repetir anualmente no préstito sanjoanino.



Gravura 6 - O Carro dos Pastores, algures na década de 1950, diante do edifício do Governo Civil (autor desconhecido)<sup>102</sup>

Quanto à sua origem pensamos tê-la esclarecido, não sobrando fundamento para a incluir no século XVI. É certo que este tipo de autos pastoris, geralmente inspirados nas passagens evangélicas relativas ao Natal, onde a figura dos pastores se reveste de um simbolismo particular no que concerne ao anúncio divino, já aparece no século XVI, reportando até a obras de Gil Vicente. Porém, só nos é permitido afirmar que o surgimento de montanheses em júbilo no carro do nascimento de São João de 1754, sofre naturais influências dos autos pastoris natalícios, que incluíam este género de personagens. De facto, o nascimento de São João Batista tem muitas semelhanças com o prodigioso nascimento de Jesus Cristo, citado nos Evangelhos. Daí talvez advenha o fundamento para esta similitude.

<sup>102</sup> Recolhida do grupo “Memórias de Braga” alojado em <https://www.facebook.com/groups/439745976040895/?fref=ts>, visto no dia 30 de dezembro de 2012.

Outra das hipóteses que vai sendo veiculada, até pelas resenhas disponibilizadas anualmente pela associação organizadora dos festejos sanjoaninos, é que o carro dos pastores teria sido replicado em Braga durante o século XVIII, a partir de uma exibição similar da freguesia de S. João de Landim, em Vila Nova de Famalicão. Os dados disponíveis a respeito desta asserção são absolutamente claros e desmentem categoricamente esta informação. Por volta do ano de 1910, altura em que as festas bracarenses já alcançavam uma inevitável fama nas regiões circunvizinhas, José da Silva Abreu Guedes “planeou a organização das festas do S. João em Landim”, tendo por base as informações cedidas por um amigo natural de Braga, que lhe ensinou a vida de S. João Batista<sup>103</sup>. De acordo com os dados que lhe forneceram, o próprio informou que, “compôs a letra e as melodias do S. João de Landim (...) “ensaïou os coros e dirigiu a representação de um auto, que obteve um êxito retumbante”<sup>104</sup>. Portanto, foi o carro dos pastores bracarense que influenciou um tardio traslado em Landim, e não o contrário.

As certezas quanto à existência deste importante e original momento das festas de São João vamos encontrá-las na segunda metade do século XIX, altura em que o carro dos pastores era já um dos destaques dos festejos sanjoaninos, estando associado à procissão. Em 1855 a procissão saía, desde a igreja de São João do Souto, pelas 7 horas da manhã. Após o préstito ter recolhido, iniciava-se o desfile do “baile dos pastores, o carro onde ia o São João e a dança do rei David”, percorrendo as mesmas ruas que a procissão<sup>105</sup>. O facto do baile dos pastores ser citado separadamente do carro de São João supõe que, apesar de existir interação entre os dois quadros, seguiriam distintamente. Devido a referências similares posteriores, deduzimos que os pastores seguiriam a pé e apenas os anjos e São João Batista seriam integrados num carro, mais simples do que aquele que hoje conhecemos e transportado por quatro homens<sup>106</sup>. Em 1858, excecionalmente, apenas saiu a dança do Rei David<sup>107</sup>.

Quanto ao formato, há referência a uma alteração da música em 1867, porém a música e a letra atuais são da autoria de Manuel João de Paiva, músico bracarense que, no ano de 1890, reformulou as peças musicais do Carro dos Pastores<sup>108</sup>. No mesmo ano assistiu-se à introdução de camponesas, algo que nos leva a pressupor que até aí o quadro fosse composto apenas por elementos do sexo masculino<sup>109</sup>. As constantes reformulações cessam na última década do século XIX, altura em que o quadro ter-se-á estabilizado e adquirido a forma que atualmente apresenta.

---

<sup>103</sup> Cf. SOUSA, Maria Clementina Pires de Lima Tavares de – “S. João de Landim”. In: *Monografia das festas ao São João em Portugal*. - [S.l. : s.n.], 1946 (Porto: Tip. Costa Carregal) pp.24-27.

<sup>104</sup> *Ibidem*.

<sup>105</sup> Cf. *O Bracarense – periódico político e literário*. 25 de junho de 1855, p.3.

<sup>106</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 1 de junho de 1889, p.3.

<sup>107</sup> Cf. *O Bracarense – periódico político e literário*. 25 de junho de 1858, p.2.

<sup>108</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 21 de junho de 1890, p.2.

<sup>109</sup> *Ibidem*.

### 5.1.2 A forma

O Auto do Carro dos Pastores é uma peça teatral – em estilo “opereta”- representada num carro forrado a cortiça e totalmente decorado com ervas e cravos. Este facto continua a induzir as pessoas a confundir o Carro dos Pastores com o Carro das Ervas, que abre o cortejo sanjoanino, onde segue também o carro do Rei David.

A temática dos diversos atos desta representação refere-se ao nascimento de São João Batista, o momento recordado pela liturgia da Igreja Católica neste dia. A estrutura da peça teatral, que foi reformulada no ano de 1890, tem mantido, desde aí, o mesmo perfil e configuração. Quatro Anjos, 12 pastores, São João Menino (com cerca de 4 anos) e Zacarias e Isabel são os personagens que entram em cena. A estrutura cénica apresenta-se distribuída em nove atos:

Momento cénico	Descrição
1.º Ato	Cântico introdutório pelos pastores
2.º Ato	Prece de Isabel e Zacarias
3.º Ato	Anunciação a Zacarias
4.º Ato	Cântico de júbilo pelos pastores
5.º Ato	Anjo anuncia o nascimento de S. João Batista
6.º Ato	Saudação e ofertas dos pastores a S. João Batista
7.º Ato	Danças dos pastores
8.º Ato	Anjos cantam “Memória de João”
9.º Ato	Contra-dança, pelos pastores

Neste palco sobre rodas, são representadas cenas bíblicas como o aparecimento do anjo a Zacarias que, conjuntamente com sua esposa Isabel, há muito desejavam um filho, facto que se tornava cada vez mais utópico devido à idade avançada dos dois. O anjo anunciou e Zacarias não acreditou, ficando surdo e mudo até ao final do ato. Entretanto, o anjo volta a aparecer para anunciar o nascimento de São João que, sorridente, aparece “destapado” por uma placa metálica causando um burburinho na multidão que assiste.

Mas toda a representação é marcada pelos cânticos e danças dos pastores, seis rapazes e seis raparigas, vestidos com trajes tradicionais e vistosos que dão indescritível brilho a esta representação. Os cajados decorados com fitas coloridas e as pandeiretas completam o quadro pastoril. Os anjos que vão aparecendo sobre uma nuvem, que vai subindo e descendo conforme a cena a representar, confere igualmente um toque de grande originalidade e engenho a este auto.

Durante longo tempo puxado por duas juntas de bois - tradição recuperada parcialmente nos últimos anos - o Carro dos Pastores é agora tracionado por intermédio de um moderno carro agrícola, atuando entre as 09h00 e as 17h00 do dia 24 de junho, em conjunto com o carro do Rei David.

## 5.2 A DANÇA DO REI DAVID

A dança do Rei David é outra das tradições mais relevantes das festas de São João em Braga. Frequentemente associada ao auto do Carro dos Pastores, tem também origem nos quadros exibidos nas procissões sanjoaninas do período barroco, discutindo-se a influência que poderá ter recebido da Mourisca, com cuja configuração detém semelhanças. Trata-se, provavelmente, da tradição mais antiga associada aos festejos bracarenses, tendo mantido uma regularidade assinalável quer quanto à música, quer quanto à forma.

### 5.2.1 A origem



Gravura 7 - A Dança do Rei David exibindo-se no largo de S. Francisco, algures na década de 80 do século XIX (Autor Desconhecido)<sup>110</sup>

<sup>110</sup> Recolhida do grupo “Memórias de Braga” alojado em <https://www.facebook.com/groups/439745976040895/?fref=ts>, visto no dia 20 de janeiro de 2013.

A origem da dança do Rei David, que já se tornou no maior ícone das festas sanjoaninas, continua até hoje por apurar. São muitas as vozes que atiram a sua origem para o século XVI, nomeadamente para a Mourisca, tradição que já abordamos e que nasceu associada às celebrações do *Corpus Christi*. Esta tradição chegou aos nossos dias, pois, durante várias gerações, foi conservada por uma família da freguesia de Palmeira, que orgulhosamente a foi transmitindo de pais para filhos.

O protagonista da dança representa a destacada figura bíblica do pastor que se tornou monarca do Povo de Deus ao derrotar o Golias: o Rei David. Recordemos que, no segundo livro de Samuel, o próprio monarca dançava e tocava no préstito que conduzia a Arca da Aliança: “E David dançava com todas as suas forças diante do Senhor; e estava David cingido dum éfode de linho. Assim David e toda a casa de Israel subiam, trazendo a arca do Senhor com júbilo e ao som de trombetas” (II Samuel 6:14-15). Não era raro durante a Idade Média, encarar a dança como uma forma de louvar a Deus e, por isso, era incluída nas procissões e até representada diante do Santíssimo Sacramento, como acontecia em Braga com o já citado candeieiro.

Diz-nos José Gomes, que existe uma referência documental à dança do Rei David datada de 1726, na qual se refere que esta dança deveria ser levada a cabo pelos correeiros, sirgueiros, pasteleiros e palmilheiros<sup>111</sup>. Vai ser este dado a fomentar a ideia de uma vinculação lógica da dança contemporânea do Rei David à tradição medieval da Mourisca, que em algumas localidades aparecia ligada precisamente a estes ofícios.

Dado que se deduz que a Mourisca tenha desaparecido algures no século XVII, provavelmente na transmutação sofrida pelos festejos após o desaparecimento do porco preto e surgimento da procissão, não é plausível afirmar que a atual dança do Rei David derive diretamente da Mourisca. Aliás, na opinião de Manuela Milheiro, a exibição que observávamos na procissão de 1699, em que dois generais, um cristão e outro muçulmano, chefiando duas companhias de soldados, se digladiavam em público até à vitória das hostes cristãs, à qual se seguia uma dança, tratar-se-ia da dança dos turcos, uma tradição incorporada em muitos lugares do Reino na época em que este povo ameaçara a Europa. Quando muito diríamos que provém da dança dos turcos.

Naturalmente que se trata de uma possibilidade a explorar, mas para a qual não há dados que confirmem esta hipótese. Já vimos acima que as deliberações a respeito das exhibições pagãs nas procissões, apenas tiveram efeitos na procissão do *Corpus Christi*, tendo o São João mantido sensivelmente grande parte do que já se verificara em 1699. Portanto, não podemos afirmar que esta dança terá sido obrigada a “converter-se” a cânones mais bíblicos. Como vimos, em 1754 tínhamos

---

<sup>111</sup> Cf. GOMES – *Op. Cit.*, p.40.

gigantones, ciganas bravas, entre outros bailes, nomeadamente o do gigante Orion. É certo que as deliberações de D. João V hão-de representar a mentalidade que grassava nessa época, portanto é de supor que a Igreja tendencialmente procurasse corrigir o paganismo de certos acontecimentos religiosos. É certo também que não há mais nenhuma referência a este tipo de lutas simuladas, como é o caso da dança dos turcos, na procissão. Portanto, podemos assumir que desapareceu do préstito, mas não podemos inferir a ligação lógica ao surgimento da dança do Rei David.

Que factos poderiam justificar a opinião generalizada de que o Rei David deriva da Mourisca ou, neste caso, da dança dos turcos? Desde logo, o facto de existir a figura de um Rei a liderar a exibição. Depois, certamente, o facto de envolver uma dança ao som de instrumentos similares aos que ainda hoje compõem o quadro: guitarras, harpas, tubas, violões e violas baixo. Efetivamente, ainda hoje a dança do Rei David é constituída fundamentalmente por instrumentos de corda, nomeadamente violas e violinos. É possível admitir uma possível influência.

Apesar disso, é arriscado fazer esta vinculação lógica. Recordemos, que por esta época era frequente surgirem novos quadros de inspiração bíblica nas procissões. Muitas destas inovações eram particularmente efémeras. Não havia ainda o imperativo de conservar tradições, o mesmo que a sociedade ocidental foi cultivando particularmente a partir da segunda metade do século XIX. Não nos admiremos, pois, de a dança do Rei David ser bem mais recente que o que imaginamos, tendo eventualmente sofrido naturais modificações na sua configuração.

Efetivamente, nas sucessivas descrições das festas sanjoaninas possíveis de apurar em meados do século XVIII, jamais aparece especificada a dança do Rei David, mas fala-se da existência de “muitos bailes” no conjunto de quadros que abriam a procissão. Estaria o Rei David discretamente inserido entre esses bailes? Dizemos discretamente, porque não mereceu uma menção particular na documentação, ao contrário de outras das exhibições como a dança bíblica de Jacob e Raquel, citada no préstito de 1755.

Notícias concretas temos-las em 1854. Nesse ano vemos a dança do Rei David e os pastores integrando a procissão de São João, que se costumava realizar às 6 da madrugada do dia 24 de junho. Entretanto, a dança do Rei David passou a percorrer isoladamente as ruas, antecipando a saída da procissão. Somente quando a procissão passou a realizar-se à tarde, o que se regista pela primeira vez em 1865, é que a dança do Rei David e o carro dos Pastores passaram a atuar pelas ruas da cidade, separadamente do préstito, embora continuassem a desfilar na procissão como figurantes. Após esta alteração, o Rei David atuava imediatamente após a missa matinal e só depois saíam os pastores,

percorrendo ambos o mesmo itinerário. Poucos anos depois, os dois quadros passaram a exhibir-se em conjunto. Desde 1890 que a dança do Rei David é representada num estrado móvel.

Sabemos que no ano de 1860, a dança do Rei David chegou a estar em perigo, devido à aplicação de nova regulamentação a respeito dos atos religiosos<sup>112</sup>. O mesmo periódico onde foi veiculada esta informação não esclarece depois se efetivamente o Rei David cumpriu a tradição. No ano seguinte, sabemos que a tradição continuou e que a “gente da aldeia andava tollinha atraz daquellas inocentes folias”<sup>113</sup>. Esta dança, juntamente com os pastores, tornou-se no grande cartaz das festas. Em 1898 sabemos que, na origem de um desentendimento entre confraria de S. João do Souto e a Comissão das festas, esteve para haver duas danças do Rei David a percorrer as ruas da cidade. Conforme confirmámos no programa geral dos festejos, tal acabou por não ocorrer. Em 1908, o habitual cortejo do carro dos pastores e dança do Rei David foi aumentado, aparecendo os figurantes da dança davídica sobre um estrado móvel, num carro denominado “da Arca da Aliança”, tal como havia acontecido nas festas do ano anterior<sup>114</sup>.

A título de curiosidade, refira-se que a dança do Rei David foi chamada a atuar nas festas de S. Pedro que se realizaram no Porto em 1889. Da mesma forma, aquando da realização de um cortejo de municípios em Lisboa, no dia 1 de junho de 1947, o Rei David e o seu séquito foram chamados a representar Braga, desfilando em plena avenida da Liberdade.

### 5.2.2 A forma

A dança do rei David é apresentada hoje em cima de um estrado móvel, mas na sua génese era executada nas ruas, deslocando-se os seus intérpretes a pé. No final do século XIX, a dança passou a ser representada em cima de um carro puxado por duas juntas de bois, à imagem do que já sucedia com o carro dos pastores. Entretanto, foi substituída por tratores. A tração dos carros do Rei David e dos Pastores com recurso a juntas de bois foi recuperada entre os anos de 1995 e 1999, de forma a recordar a antiga tradição.

Constituída por 13 elementos, um dos quais o Rei David, que se destaca ao centro. O grupo está dividido em duas filas de seis elementos cada. Cada fila tem um guia, cuja missão é iniciar a dança e interagir com o Rei.

---

<sup>112</sup> Cf. *O Bracarense – periódico político e literário*. 22 de junho de 1860, p.3: “Quanto ao celebre Rei David que redicualmente costuma personalizar o caricato nada dizemos por enquanto, porque temos entre nós o sábio prelado da igreja bracarense, que com o zelo christão olha para a portaria competente do ministério da justiça, que se publicou para regulamento dos actos religiosos”.

<sup>113</sup> Cf. *O Bracarense – periódico político e literário*. 25 de junho de 1861, p.3.

<sup>114</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 25 de junho de 1908, p.2.

O Rei apresenta-se com um manto de veludo púrpura, envergando uma túnica que lhe cobre os joelhos, botinas altas, coroa de bicos na cabeça e barbas brancas postizas<sup>115</sup>. O restante figurado veste túnica curta e cintada, calções tufados nos joelhos, peças de veludo de cores e guarnecidas, botins de meia cana e barretina alta<sup>116</sup>, que parece provir de inspiração semítica.

Não deixa de ser curioso que as vestes com que tradicionalmente se representa o Rei David sejam em tudo similares àquelas que inspiraram os escultores bracarenses em meados do século XVIII na elaboração de duas esculturas do Rei David, uma colocada no escadório dos Cinco Sentidos no Bom Jesus, e outra no interior da igreja dos Congregados. Haverá porventura alguma ligação entre as estátuas e a tradição bracarense que terá surgido algures no século XVIII? Sendo este detalhe difícil de averiguar, acrescentamos uma outra similitude que nos poderá auxiliar numa avaliação. A estátua do rei David exposta no Bom Jesus do Monte está em posição de dança, com uma das pernas ligeiramente levantada, num gesto a fazer recordar a postura do Rei David.

No que à componente musical diz respeito, a dança detém sete instrumentistas que tocam guitarra clássica, quatro que executam violinos e um com triângulo. O Rei transporta uma lira, embora seja apenas um adereço. A dança em si é constituída por nove atos, todos representados ao som da mesma melodia, que pelo mesmo número de vezes se repete:

Movimento	Descrição
1.º movimento	Posição inicial; instrumental
2.º movimento	Dança dos guias de fila
3.º movimento	Guias de fila vão ao encontro do Rei
4.º movimento	Rei acompanha dança de guias de fila
5.º movimento	Rei dança sozinho
6.º movimento	Guias conduzem filas diante do Rei e invertem posições
7.º movimento	Rei dança sozinho
8.º movimento	Guias conduzem filas diante do Rei e retornam às posições
9.º movimento	Rei dança sozinho

A melodia que acompanha a dança é constituída por “duas partes de doze compassos binários”<sup>117</sup>. Segundo José Gomes, a música atualmente utilizada é oitocentista, devendo-se a sua autoria a um monge agostinho do Convento do Pópulo. Dado que as ordens religiosas masculinas foram extintas no nosso país em 1834, a melodia terá necessariamente que ser anterior a esta data.

Quanto à dança, o mais característico é um passo tipo polca, em que uma das pernas está elevada com o joelho dobrado sobre a cinta, enquanto a outra suporta o peso total do corpo.

<sup>115</sup> Cf. LEITE, Mota – *Danças Regionais do Minho*. Braga: Grupo Folclórico Gonçalo Sampaio, 1986, p. 237.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

<sup>117</sup> *Ibidem*.

### 5.3 A PROCISSÃO

A procissão foi-se tornando, no decorrer do século XIX, um elemento indispensável em qualquer romaria minhota. Centrada em torno da imagem do santo festejado, este tipo de manifestação religiosa foi buscando novas formas de substituição dos primorosos teatros sacros elaborados durante o período barroco. A presença de figurantes vestidos de “anjinhos”, representando personagens bíblicas, passagens da vida de Cristo, e uma plêiade de santos e santas, tornou-se a imagem de marca das procissões. Para além do desfile das confrarias organizadoras do préstito, surge como elemento demarcador da sacralidade deste tipo de cortejos, o pálio sob o qual se abriga o clérigo que preside, exibindo um relicário a cuja passagem todo o povo se ajoelha. Nas janelas, o povo que assiste atira pétalas de flores e expõe majestosas colchas púrpuras, que conferem um colorido particular às ruas atravessadas pela procissão.

Em Braga, como já vimos, a procissão tornou-se o momento fundamental das festas sanjoaninas. Depois dos bailes e representações sacras que marcaram a rotina do préstito na segunda metade do século XVIII, na centúria seguinte surgem, como ilustres sobreviventes do sucessivo esvaziamento das festas sanjoaninas, o Rei David e os pastores, que se mantêm apegados a este cortejo secular. Em 1855, a procissão saía às 7 horas da manhã e era precedida pelo baile dos pastores e pela dança do Rei David. Em 1865, a procissão passa a percorrer as ruas no horário da tarde, mas estes quadros, salvo raras exceções continuam a apresentar-se como figurantes do mesmo préstito, apesar de terem as suas exhibições exclusivas marcadas para o final da celebração solene, da parte da manhã.

Para percebermos melhor, como era composto este cortejo religioso, vejamos a descrição da procissão em 1877:

“Um piquete de cavallaria abrirá o prestito, seguindo-se-lhe uma phylarmonica, com um côro de pastores, entoando canções em honra do Santo Precursor. Depois seguem as confrarias do Sacramento e Apresentação e as irmandades de S. Vicente, de Nossa Senhora Branca e a de Nossa Senhora da Ajuda, confraria do Baptista S. João, conduzindo o andor do mesmo Santo, ao lado do qual irá outro côro de pastoras, entoando como o primeiro hymnos de alegria. No centro das mencionadas confrarias e irmandades irão 40 anjinhos conduzindo emblemas allusivos á solemnidade do dia. Formando duas extensas alas, seguirão depois com tochas, os collegiaes de S. Caetano, fechando o prestito alguns ecclesiasticos com capas de asperges, e o pálio, debaixo do qual será conduzido o Santo Lenho, pelo reverendo parchocho da freguesia. Atraz do pálio irá a banda de infantaria n.8, com a respectiva guarda d'honra”

*Commercio do Minho, 23 de junho de 1877*

Para além dos coros de pastores serem o elemento de enfoque da crónica sobre a procissão e, supomos, também o seu principal atrativo, é interessante reparar como o andor se constituía como

clímax do cortejo. Outro apontamento para o facto de a procissão ser presidida simplesmente pelo pároco de S. João do Souto e não ser considerada tão importante, que merecesse a presença do Arcebispo Primaz, ou de outra dignidade eclesiástica. Este dado, que poderá parecer de pouca monta, tem um significado importante. Numa altura em que a cidade tinha um número elevado de procissões, o préstito de S. João não obtinha ainda um relevo que a destacasse das demais.

Para além das variações no horário, sabemos também que a procissão se tornou progressivamente um elemento dispensável no já desenvolvido e vasto programa dos festejos. Dado que o Rei David e o Carro dos Pastores passaram a ser exibidos à parte da procissão, a mesma perdeu a centralidade detida até então. O facto de algumas celebrações religiosas, como a Solenidade do Corpo de Deus, coincidirem ciclicamente com a quadra sanjoanina, também foi fator de menorização do préstito sanjoanino, que frequentes vezes cedia o seu lugar no programa. Por exemplo, em 1886, a procissão de São João cedeu o seu lugar à realização da procissão de *Corpus Christi* e em 1897 a uma procissão em louvor do Sagrado Coração de Jesus, que saiu às ruas a 25 de junho.



Gravura 8 - Saída da procissão de São João desde a igreja de São João do Souto, em 1917 (Foto: Arquivo Aliança - MI/CMB)

O Boi Bento foi reintroduzido na procissão de 1893, precisamente o ano em que se compôs a primeira comissão organizadora. Mas a procissão estava a perder o seu lugar nas celebrações. No ano

seguinte, em 1894, não se vai realizar em virtude da confraria de S. João do Souto não ter juiz nomeado, dado que era o juiz quem deveria arcar com a maior parte das despesas da mesma<sup>118</sup>.

Deixando inexplicavelmente de realizar-se em 1896, só regressou onze anos depois, em 1907. Seguiu-se novo interregno de nove anos, até 1916. No ano a seguir, a procissão já era considerada “o mais bello número do programma”<sup>119</sup>. Em 1918, a procissão realizada foi dedicada a Santo António, com um grande cortejo presidido pelo Arcebispo Primaz, com direito a carro triunfal<sup>120</sup>. A partir de 1919, a procissão passou a realizar-se com periodicidade anual, sendo que em 1922 já o Arcebispo Primaz presidia a este préstito, tendo como ponto de partida a Sé e já não a igreja de S. João do Souto.

Em 1893, o percurso da procissão era similar ao das outras grandes procissões realizadas na cidade: largo de S. João, rua de S. João, rua de S. Marcos, largo Barão de S. Martinho, rua do Souto, largo do Paço, rua Nova de Souza, praça da Alegria, rua dos Biscainhos, Campo D. Luiz, rua dos Capelistas, largo da Lapa, rua de S. Marcos, largo de S. João<sup>121</sup>. No ano de 1895, por deliberação da confraria de S. João do Souto, entendeu-se ser necessário alargar o percurso da procissão, passando a mesma a percorrer os dois lados da avenida Central<sup>122</sup>.

Realizada apenas em três ocasiões entre 1925 e 1940, o préstito foi entretanto batizado de procissão dos santos do mês de junho<sup>123</sup>. Contudo, apenas desde 1949 a procissão adotou definitivamente a atual configuração e denominação. Progressivamente foram-lhe sendo acrescentados andores transportando as imagens de outros santos que a Igreja recorda neste período. Primeiro, os tradicionais santos populares que, juntamente com São João, formam a tríade festiva mais mediática de Portugal – Santo António e S. Pedro – e depois com a junção progressiva de outras devoções, como é o caso de Nossa Senhora do Sameiro e do Sagrado Coração de Jesus<sup>124</sup>. No préstito de 1951 já se integrava também o andor de S. Luís Gonzaga, transportado por estudantes.

Atualmente, a procissão transporta nove andores e continua a ser um dos pontos relevantes do programa do dia 24 de junho, tendo sido reintroduzida a presença dos pastores e do Rei David como figurantes na procissão desde 1995. Entretanto, foi também iniciada a tradição de ser entoado o hino do São João de Braga à passagem do andor do santo no largo do Paço.

---

<sup>118</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 7 de junho de 1894, p.3.

<sup>119</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 26 de junho de 1917, p.2.

<sup>120</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 27 de junho de 1918

<sup>121</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 24 de junho de 1893, p.1.

<sup>122</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 20 de junho de 1895, p. 3: “Que a procissão tenha maior itinerário e que seja o mais imponente possível, devendo levar grande quantidade de anjos primorosamente adornados com vestidos feitos expressamente para este fim”.

<sup>123</sup> Designação expressa, pela primeira vez, nas festas de 1940.

<sup>124</sup> Nas festas de 1936.

## 5.4 AFIRMAÇÃO COMO A MAIOR FESTA DE BRAGA

### 5.4.1 O São João no calendário bracarense

Ao longo do século XIX, a cidade de Braga era, tal como toda a província do Minho, fortemente marcada pela realização de festas e romarias. A forte concorrência entre confrarias e irmandades, muitas vezes sediadas nos mesmos espaços de culto, levou à proliferação de festas um pouco por toda a cidade. Em Braga, no terceiro quartel do século XIX, o calendário festivo apresentava 35 ocorrências, sendo o São João, apenas uma delas.

Festa/Romaria	Local da cidade	Calendário	Programa de festas
S. Sebastião	Carvalheiras	20 janeiro	missa
S. Vicente	S. Vicente	22 janeiro	missa, procissão
Senhora das Candeias	S. Vicente	2 fevereiro	missa
S. Braz	Sto. Adrião/Corrica	3 fevereiro	fogo, arraial
S. José	S. Lázaro	19 março	missa
Senhora das Dores	Congregados	Semana Santa	missa, instrumental
Senhor dos Entrevados	S. Lázaro	3.º domingo abril	procissão
Santo Adrião	Sto. Adrião/Corrica	2.ªfeira Pascoela	arraial
S. Gregório	Maximinos	domingo Pascoela	arraial
S. Marcos	Hospital	25 abril	feira
Ascensão	Bom Jesus	abril/maio	arraial, missa
N.ª Senhora da Rosa	Sé	maio	Missa e procissão
Espírito Santo	Bom Jesus	Pentecostes	arraial
N.ª Sr.ª Desamparados	Terceiros	maio	Missa, arraial
Corpo de Deus	Sé	maio/junho	Missa, procissão
Rosto do Senhor	Trás da Sé	junho	Missa, procissão
Santa Felicidade	S. João da Ponte	28-29 de junho	Arraial, bazar e fogo
S. Pedro	Bom Jesus	28-29 de junho	arraial
S. Marçal	Guadalupe	30 de junho	Fogo, bazar, missa
Senhora da Luz	Guadalupe	4.º domingo junho	Missa, arraial
Senhor da Saúde	Carvalheiras	junho	Missa, arraial
Senhora das Angústias	S. Victor	1.º domingo julho	procissão
Santíssimo Sacramento	S. João do Souto	julho	Missa, procissão
Senhora Boa Esperança	Beco/Maximinos	julho	Arraial, fogo, bazar
Senhora do Carmo	Carmo	16 de julho	Missa, procissão, fogo
Senhora da Boa Morte	Seminário	julho	procissão
Santíssimo Sacramento	S. Lázaro	3.º domingo julho	Missa, procissão, arraial
Santa Marta	Falperra	28-29 julho	Missa, arraial, fogo
Santíssimo Sacramento	S. Victor	4.º domingo julho	Missa, procissão, fogo
Senhor da Aflição	Cividade	agosto	Missa, arraial, fogo
Cerco de S. Sebastião	Carvalheiras	10 agosto	Missa e procissão
Senhora da Piedade	Guadalupe	3.º domingo agosto	Missa, arraial
Senhora da Nazaré	Arco da Porta Nova	setembro	Arraial, bazar
Senhora das Dores	Tamanca	setembro	Missa, arraial, fogo
Bulla	Seminário	dezembro	procissão

Figura 7 - Festas e romarias na cidade de Braga e subúrbios registadas ao longo da década de 1860 (O Bracarense)

Numa cidade com tantas celebrações qual o lugar do São João que, na realidade, tinha direito a duas festas: São João do Souto e São João da Ponte? Sabemos que as festas sanjoaninas não detinham, por este tempo, o mesmo destaque que já obtiveram em certos períodos do século XVIII, mas mantinham-se entre as primordialmente consideradas. Contudo, não exibiam sozinhas esse estatuto. As festas do Espírito Santo, no Bom Jesus, as festas do Senhor da Saúde, nas Carvalheiras, e, até, as festas de Santa Felicidade, também na capela da Ponte, detinham particular relevância para os bracarenses. Mas, cada ano, não surpreenderia que uma das festas menos citadas se superiorizasse às demais. Tudo dependia da ilustre constituição e mobilização dos responsáveis das confrarias. Apesar de tudo, o São João conseguiu sempre mobilizar a cidade e manter uma particular capacidade de atração de forasteiros, fosse devido à sua feira de gado, fosse derivado da sua inédita procissão.

Em 1855, o São João ainda era tido simplesmente como “um dos melhores araias nos suburbios desta cidade”<sup>125</sup>. Diz-nos ainda um jornal referente ao ano de 1858, que “ha annos que se passa melhor na noite de S. Pedro, na Ponte, do que na de S. João; porque n’aquella costuma haver uma concurrencia mais escolhida”<sup>126</sup>. Recorde-se que, para além das festas sanjoaninas, o recinto de S. João da Ponte acolhia as festas de Santa Felicidade, assinaladas nos dias 28 e 29 de junho e com direito a um concorrido arraial. Independentemente desta análise jornalística ser um mero exercício de subjetividade, expressando as preferências pessoais de quem analisa, não deixa de ser significativo o facto das festas de São João não serem, à época, consideradas já as maiores festas da cidade. Por outro lado, a noticia informa-nos também a respeito do tipo de pessoas que frequentavam as sanjoaninas. A “concurrencia mais escolhida” permite-nos afirmar que as classes mais baixas da população apreciavam mais o São João que a festa de Santa Felicidade, um dado que veio a confirmar-se decisivo no crescimento e sedimentação das sanjoaninas, apenas alguns anos após.

O outro factor de concorrência eram as festas do Espírito Santo, que tinham como palco o principal monumento da cidade: o Bom Jesus do Monte. Um periódico de 1859, assinala mesmo esta subordinação dos festejos sanjoaninos para com a romaria que se realizava no fim de semana do Pentecostes, referindo que a concorrência de forasteiros aumentava nas festas de São João “quando chove por ocasião da romaria do Espírito Santo”<sup>127</sup>.

Entretanto, a confraria de S. João do Souto mantinha as tradições do Rei David e do baile dos pastores, quadro associado à procissão que continuava a deter muita popularidade entre os bracarenses. Era, podemos afirmar, o factor de originalidade destes festejos, dado que nenhuma outra

---

<sup>125</sup> Cf. *O Bracarense – periódico político e literário*. 12 de junho de 1855, p.3.

<sup>126</sup> Cf. *O Bracarense – periódico político e literário*. 29 de junho de 1858, p.3.

<sup>127</sup> Cf. *O Bracarense – periódico político e literário*. 17 de junho de 1859, p.4.

procissão detinha elementos para além do que era canónico. Talvez, esteja aqui o fundamento para a afirmação inequívoca das festas de São João em Braga.

Associado a este, podemos destacar o facto do recinto de S. João da Ponte se ter tornado local de lazer primordial para os bracarenses<sup>128</sup>. Este facto atraiu para a confraria sediada na capela de S. João da Ponte alguns dos mais influentes nomes da sociedade bracarense. Será do dinamismo das sucessivas mesas da confraria que vai fomentar-se o crescimento das maiores festas de Braga.

A partir de 1876 já se denotava um investimento maior nas festas e, poucos anos após, em 1882, já se destacava o São João entre as demais festas, começando a ser inevitável esta capacidade de afirmação: 50 mil pessoas no arraial desse ano<sup>129</sup>. O surgimento do comboio em 1875, bem como o fomento das relações entre o Porto e Braga, podem ajudar a explicar este aumento significativo de visitantes. Sabemos hoje que o São João de Braga ia buscar uma parte significativa dos visitantes à cidade do Porto e aos seus subúrbios. Talvez este dado ajude a explicar por que, mais tarde, a mesma cidade vai adotar como festas da cidade precisamente o São João.

Em 1884, o facto de a cidade ter realizado, dias antes do São João, grandiosos festejos dedicados às festas centenárias do santuário do Bom Jesus do Monte, acabou por diminuir a cobertura mediática dada às festas sanjoaninas e, provavelmente, o seu impacto na população. Em 1886 as festas associaram o seu programa aos festejos do Bom Jesus em honra de S. Pedro, realizados a 28 e 29 de junho<sup>130</sup>. Provavelmente uma tentativa de convidar os forasteiros a permanecer mais alguns dias na cidade. Esta colagem das duas festas perdurou até 1892, ano em que curiosamente, devido ao mau tempo, o programa previsto para as sanjoaninas se transferiu para os dias 28 e 29 de junho. No ano de 1888 a comissão organizadora já se aventurava a pedir subsídio municipal para realizar os festejos: 150\$000 reis<sup>131</sup>. Daí para a frente tornou-se imperativo a comparticipação do erário público para com os festejos sanjoaninos.

A criação de uma comissão organizadora em 1893, que vai fundir o programa dos festejos, confirma a relevância das festas no quotidiano da cidade e, a partir daí, podemos afirmar, já ninguém ousava questionar a supremacia dos festejos sanjoaninos sobre os demais. Contudo, apenas em 1909, é, pela primeira vez, adotada publicamente a designação de “festas da cidade”. Dois anos após, no rescaldo da república, o feriado municipal bracarense vai ser escolhido por unanimidade: 24 de junho.

---

<sup>128</sup> “A localidade da margem esquerda do Este é poética, bella e linda, e tendo proporções natiraeas para o aformoseamento; haja pois reanimação, para gosarmos um arraial vistoso e recreativo” (In: *O Bracarense – periódico político e literário*. 19 de junho de 1860, p.2.)

<sup>129</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 27 de junho de 1882, p.2: “Calcula-se que entraram na cidade por esta ocasião 50 mil pessoas. Foi o anno mais concorrido de que ha memória.”

<sup>130</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 24 de junho de 1886, p.2.

<sup>131</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 10 de maio de 1888, p.2.

#### 5.4.2 Criação da comissão organizadora

As festas de São João foram-se afirmando progressivamente como o mais importante cartaz turístico da cidade. Para além do reconhecimento que as festas alcançaram nas fronteiras do Minho, a popularidade do São João de Braga chegou a Lisboa e ao Porto, de onde provinham grande parte dos visitantes. A capacidade para atrair forasteiros durante os dias em que se realizavam os festejos aumentou o interesse das forças vivas da cidade por uma festa surpreendentemente cindida em duas celebrações de tradição e cariz distintos: S. João do Souto e S. João da Ponte. A confraria de S. João do Souto conservava os quadros tradicionais da sua secular procissão e no amplo recinto de S. João da Ponte tinha lugar uma das feiras mais importantes do ano. O crescimento e atratividade deste arraial acabou por criar uma vinculação inevitável entre as duas festas, cujo elo era constituído pelo eixo formado pelas ruas da Ponte e das Águas, eixo esse que se veio a tornar na principal avenida de Braga.

Por isso mesmo, na última década do século XIX, um conjunto de cidadãos bracarenses decidiu engrandecer os festejos sanjoaninos fundindo as duas festas e implementando uma série de inovações no programa. Em 1893 foi criada a primeira comissão organizadora dos festejos sanjoaninos que tinha como finalidade “dar o maior brilhantismo” às festas.

A primeira comissão foi constituída por José Augusto Correia, Joaquim António Pereira Veiga, Joaquim Caires Pinto de Madureira, José Maria Esteves d’Aguiar, Francisco José Luiz Vieira, António dos Prazeres da Cunha Barbosa, João António d’Oliveira, Domingos Rebelo Barbosa, José da Cunha Viana, José Joaquim d’Oliveira, Francisco da Silva Mouta e Luiz Joaquim d’Oliveira. Esta comissão acabou por se subdividir em quatro sub-comissões, cada qual com as suas tarefas prioritárias discriminadas: propaganda, decoração do jardim público, certamen musical e auxiliares. O programa desse ano, diz-se, foi deslumbrante com “grandes iluminações, fogos de artifício, concursos de esturdias e danças populares, bailados do Rei David, Coros de virgens e pastores, Boi Bento, certamen musical, feira anual, remonta para o exército, corridas, exercícios de bombeiros, prémio ao melhor cavalo, exposição de estabelecimentos públicos”<sup>132</sup>.

A criação da comissão organizadora foi um passo determinante no crescimento e afirmação das festas de São João. Atuando corporativamente, esta comissão, renovada praticamente com periodicidade anual, almejava descontos nos ingressos de comboio, bem como carreiras extraordinárias entre o Porto e Braga, para além de outros subsídios concedidos pelo Governo central ou pela administração municipal. Eram frequentes as deslocações de representantes da comissão até

---

<sup>132</sup> Cf. *Diário do Minho*, 24 de junho de 1924, p.1

Lisboa, que eram aproveitadas para a colocação de cartazes de grandes dimensões nas estações e apeadeiros que ligavam Braga à capital. Recordemos que o comboio era, neste tempo, o mais importante meio de transporte para médias e longas distâncias.

A questão mais difícil para as sucessivas comissões - e talvez isso justifique o facto de, todos os anos, se alterar a configuração da mesma - era a vertente económica. O financiamento das festas foi sendo resolvido com recurso a um pedido efetuado junto dos estabelecimentos e dos cidadãos mais proeminentes da cidade. Claro está, que era sempre uma receita incerta perante o planeamento antecipado que se exigia quanto ao programa das festas. Não ficando indiferente para com a importância económica e comunitária deste evento, ainda antes da dobra do século XX, a Câmara Municipal de Braga começou a compartilhar financeiramente os festejos. Mas não se pense que esta questão ficou pacificada. Em 1904, devido a divergências quanto ao valor do subsídio concedido pela edilidade, a comissão então instituída dissolveu-se, levantando-se o problema da sua constituição a cerca de dois meses dos festejos. Também em 1916, houve uma comissão designada, presidida pelo abastado Júlio d'Amorim Lima, que, escassos dias após, ficou sem efeito<sup>133</sup>. Foi então pedido à Sociedade de Propaganda de Portugal que assumisse os festejos, o que veio a acontecer sob a presidência do ex-presidente da autarquia, o tenente-coronel Lopes Gonçalves<sup>134</sup>.

A constituição da comissão foi uma problemática constante. Em 1895, devido à falta de meios e de protagonistas, voltou a ser implementado o anterior regime de organização, com as confrarias de S. João do Souto e de S. João da Ponte a assumirem, cada qual, as incumbências que lhe tocavam no programa. No ano seguinte, regressou o modelo de organização com recurso a uma única comissão. Entretanto, em 1896, criaram-se comissões de moradores para facilitar o adorno das ruas. Estas comissões, que tinham como missão a ornamentação e animação de cada artéria da cidade perduraram, pelo menos, até à década de 1940.

Todos os anos, por volta do mês de abril e por vezes até maio, arrastava-se a problemática sobre qual seria a comissão organizadora. Em 1924 dizia-se que os cidadãos e instituições “esperavam uns pelos outros” para constituir a comissão dos festejos. A Câmara Municipal, entretanto, chamou a si a responsabilidade de designar a comissão. A comissão de festas foi liderada por diversas instituições de relevo para os bracarenses e outras constituídas propositadamente para assumir esta “patriótica” missão. Até 1930, altura em que a organização foi definitivamente centralizada na Associação Comercial, instituições e associações como o Ateneu Comercial, Bombeiros Voluntários,

---

<sup>133</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 15 de maio de 1916, p.3.

<sup>134</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 25 de maio de 1916, p.3.

Ordem Terceira, “Os Invencíveis”, Joanino Club, Sindicato dos Caixeiros, Empresa do Parque da Ponte, Confraria de S. João da Ponte e até a Sociedade de Propaganda de Portugal assumiram a direção desta comissão. Personalidades ilustres, que têm o seu nome inevitavelmente associado ao percurso histórico de Braga, ficaram também para sempre vinculadas à organização das festas de São João. Falamos dos capitalistas Bernardo Sequeira ou Júlio d’Amorim Lima, ou de presidentes da Câmara Municipal como Lopes Gonçalves ou António Maria Santos da Cunha.



Gravura 9 - cartaz das festas de São João de Braga em 1908, organizado pelo grupo "Os Invencíveis" (Foto: Evandro Lopes)

### 5.4.3 O papel da Associação Comercial de Braga

É impossível abordar a organização das festas de São João sem referir o nome da Associação Comercial de Braga, tal foi a sua relevância desde a criação da primeira comissão de festas em 1893. Podemos afirmar, sem incorrerem em qualquer incorreção, que foi esta instituição quem garantiu o fortalecimento e engrandecimento das festas da cidade desde que foram assumidas com tal estatuto. Se é certo que na retaguarda desta íntima colaboração estão os interesses dos próprios comerciantes, que tinham nas festas uma oportunidade soberana de negócio, também não é menos verdadeiro que o esforço individual que era exigido a quem integrava a comissão de festas estava imbuído de imperativos bairristas e de inevitáveis desígnios altruístas face às causas da terra.

A primeira referência a uma intervenção da Associação Comercial de Braga<sup>135</sup> nos festejos sanjoaninos ocorre em 1897, ano em que, na sequência de um requerimento que, supomos ter sido da iniciativa da autarquia, reúne em assembleia geral para deliberar acerca da sua responsabilidade na organização<sup>136</sup>. A proposta foi aceite e constituiu-se uma comissão formada por elementos desta associação, presidindo, à mesma, Alfredo Vieira Gomes. Apenas dois anos depois, em 1899, foi novamente a mesa da Associação Comercial quem se responsabilizou pela comissão organizadora das festas, o mesmo se repetindo em 1900, 1901, 1911, 1912 e 1915.

Como todos os anos se levantava a mesma problemática, tornou-se imperativo para a própria Câmara Municipal de Braga que uma das principais instituições da cidade tomasse de forma tácita a seu cargo esta responsabilidade. Dada a relevância que o setor do comércio detinha na cidade de Braga, acabou por recair sobre a Associação Comercial este encargo, em virtude desta instituição ser um dos factores de agregação na organização dos festejos. A relevância deste evento para a atividade económica da cidade era inegável, pelo que existia, antes de mais, um impreterível desejo de salvaguardar o brilhantismo do programa e garantir as ambicionadas receitas para o setor comercial. Sendo assim, progressivamente a Associação Comercial se adonou da organização dos festejos, sendo frequente o presidente deste órgão presidir também à comissão dos festejos<sup>137</sup>.

---

<sup>135</sup> A Associação Comercial de Braga foi fundada em 26 de Maio de 1863. Em 1940 passou a denominar-se como Grémio do Comércio de Braga. Quatro anos depois, a sua área de acção foi alargada aos concelhos de Amares, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira do Minho e Vila Verde. Desde 1975, voltou a denominar-se Associação Comercial de Braga.

<sup>136</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 8 de maio de 1897, p.2.

<sup>137</sup> Por inerência dos cargos desempenhados na Associação Comercial de Braga, ou por mera delegação de funções, foram presidentes da comissão de festas de São João nomes como Carlos d'Almeida Braga, Gustavo de Lima Brandão, Alberto Cruz, Casimiro Silva, Adolfo Santos da Cunha (1949-54), António Maria Santos da Cunha (1944-45), Felicíssimo Campos (1947-48), Olindo Casal Pelayo (1955-59), António Leitão de Carvalho ou Fernando da Costa Vilaça (1965-66). Entre estes, salienta-se o de António Leitão de Carvalho, presidente da comissão de festas entre 1960 e 1964 e 1967 e 1972.

Em 1925, já se fazia um apelo público para que fosse a Associação Comercial de Braga a assumir a responsabilidade dos festejos, justificado no facto de ser “dentro da classe Comercial que mais abundam os que mais lucram com as festas”<sup>138</sup>. Este apelo deu resultados práticos, e nesse ano a comissão de festas foi assumida novamente por esta instituição. Desde esse ano, e sensivelmente até 1935, a organização dos festejos coube sucessivamente à Associação Comercial de Braga, algo que foi conferindo uma particular estabilidade ao evento, contudo não se pense que foi pacífica esta delegação de competências na principal instituição do comércio bracarense.

O financiamento constituía-se sempre como uma problemática significativa e, frequentes vezes, a imprensa denunciava a atitude pouco disponível de muitos dos comerciantes bracarenses para com a subscrição pública efetuada pela comissão dos festejos. Recordemos que, desde a última década do século XIX, era feito um peditório às instituições e aos cidadãos tendo por finalidade angariar donativos para compor o orçamento dos festejos, que geralmente atingia valores elevados. Entretanto, por esse tempo, a Câmara Municipal de Braga passou a atribuir uma comparticipação anual para os mesmos festejos, que já eram assumidos como o mais importante evento anual da cidade, imperativo que conferia obrigações à edilidade. Para contornar a dificuldade de financiamento, a Câmara Municipal, no início da década de 30, prontificou-se a assumir na totalidade as despesas, pedindo como contrapartida um aumento nas taxas para o setor comercial.

Em 1930 celebrou-se um acordo tácito entre a Associação Comercial bracarense e a edilidade, no qual estaria disposto que o encargo da organização das festas da cidade coubesse à principal representante dos comerciantes de Braga. Todavia, logo no ano seguinte, surge novamente um desentendimento a respeito da organização das festas, devido fundamentalmente a novas taxas implementadas sobre a atividade comercial. A Associação Comercial pretendia uma comparticipação mais alargada da parte da autarquia como condição para organizar os festejos, porém a Câmara Municipal não estava disposta a fazê-lo devido a dificuldades acrescidas de tesouraria. O país e o mundo atravessavam uma grave crise económica, a mesma que foi catapultada pelo "crash" da bolsa de Nova Iorque ocorrido em 1929. Devido a isto, o Banco do Minho decretou falência com grave prejuízo para muitos empresários da região que aqui depositaram os seus investimentos e que aqui recorriam quando precisavam de crédito. As festas de São João de 1931, dizia-se, estavam em risco devido ao braço de ferro existente entre a direção da Associação Comercial e a Câmara Municipal<sup>139</sup>. O imbróglio, que gerou a intervenção pública de muitos cidadãos através dos jornais locais, acabou por

---

<sup>138</sup> Cf. *Diário do Minho*, 14 de março de 1925, p.1.

<sup>139</sup> Cf. *Diário do Minho*, 24 de fevereiro de 1931, p.1.

resolver-se, não sem atrasos na organização dos festejos desse ano. Até 1935, decorreu sem demais problemáticas, esta responsabilidade.

Depois de um interregno de alguns anos, não sem que a instituição estivesse devidamente representada na comissão de festas, a Associação Comercial voltou a assumir os festejos em 1941, já com a denominação de Grémio do Comércio. Entre 1949 e 1954, a Associação Comercial vai assumir novamente a direção dos festejos, não sem algumas garantias de financiamento da parte da Câmara Municipal. Entre 1964 e 1972, a organização regressa às mãos dos dirigentes do grémio bracarense, ocorrendo no último ano desse período uma tomada de posição que haveria de alterar a configuração organizativa dos festejos. Por sugestão da própria direção do Grémio do Comércio, dado entender que a organização das festas da cidade não cabia na sua missão e estatutos, a comissão de festas passou a ser presidida por um vereador camarário e secundada por representantes das mais importantes instituições da cidade<sup>140</sup>. Terminava assim a liderança da Associação Comercial de Braga na comissão de festas de S. João.

Desde aí, a coordenação da comissão de festas foi sendo desempenhada por um vereador da autarquia, tendo, em 2001, a partir dos membros que já integravam a comissão, sido criada a Associação de Festas de S. João que tem como missão única a organização dos festejos.

#### 5.4.4 Definição do feriado municipal

Com o advento da república, foi promulgado um novo decreto a respeito dos dias de descanso, tendo sido instituídos cinco feriados nacionais<sup>141</sup>. O mesmo decreto permitiu aos municípios escolherem uma data significativa para a sua comunidade administrativa, que pudesse ser considerada como dia de descanso local. Nasceram assim os feriados municipais.

Para a Câmara Municipal de Braga não restaram dúvidas a respeito de qual deveria ser o dia escolhido para feriado municipal. Na sessão ordinária da Câmara Municipal, realizada no dia 6 de abril de 1911, “o Senhor Simões de Almeida propoz que fosse considerado feriado o dia vinte e quatro de Junho. Assim se deliberou.”<sup>142</sup> Esta aprovação por unanimidade e sem qualquer discussão atesta, não apenas a importância comunitária detida pelas festas de São João no contexto do município, mas também o consenso geral existente entre a população a respeito do dia mais significativo do seu calendário. Este dado indicia, desde logo, que, apesar de não ter sido decretado legalmente até 1910,

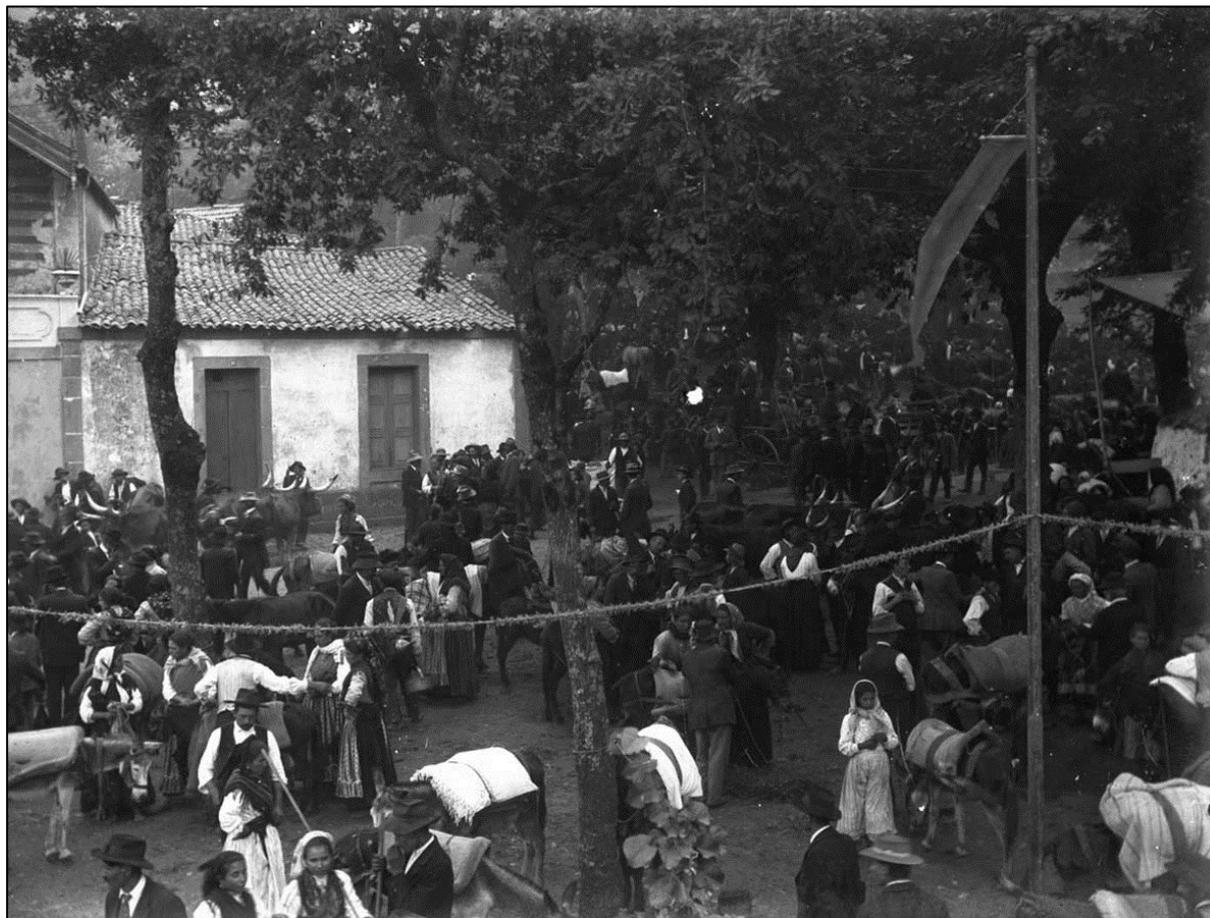
---

<sup>140</sup> Cf. OLIVEIRA, Eduardo Pires – *História da Associação Comercial de Braga*. Braga: ACB, 2000, p.178.

<sup>141</sup> 1.º de Janeiro (Dia da Fraternidade Universal), o 31 de Janeiro (revolta republicana no Porto, em 1891), o 5 de Outubro (Dia da República), o 1.º de Dezembro (Dia da Independência e da Bandeira) e o 25 de Dezembro (Dia da Família).

<sup>142</sup> AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga* n.º 110, caixa n.º44, fol. 83.

o dia 24 de junho já seria, para os bracarenses, um momento de celebração comunitária que libertaria grande parte da população dos seus ofícios de forma a poderem desfrutar das festas da cidade.



Gravura 10 - A feira de gado bovino e cavalares de S. João da Ponte nas festas sanjoaninas de 1917 (Arquivo Aliança - Museu da Imagem)

Sendo certo que o dia em que a Igreja celebrava o nascimento de São João Batista beneficiou, durante alguns séculos, do estatuto de dia de preceito, que, na tradição da Igreja Católica, significa não exercer ofício, com as sucessivas reformas do Estado ocorridas desde os finais do século XVIII e, particularmente, após a reforma liberal, este tipo de determinações religiosas perderam progressivamente espaço nos hábitos e costumes da sociedade portuguesa.

Quanto a Braga, e àquela que se foi afirmando como a sua maior e mais importante festa, convém recordar que os principais pontos do programa das festas na segunda metade do século XIX, se realizavam em momentos do dia que podemos considerar fora do período laboral. A procissão, por exemplo, inicialmente realizada de madrugada, pelas 6h00, passou a ter lugar ao final da tarde, pelas 18h00. Também as exibições do Rei David e dos pastores decorriam durante a manhã, logo após a procissão. Tendo em consideração que uma parte significativa dos romeiros sanjoaninos era proveniente do meio rural e seriam movidos pela participação na feira franca, que se realizava no

recinto de S. João da Ponte, podemos afirmar que o ambiente era similar ao de um dia feriado. Portanto, a edilidade apenas configurou legalmente a folga sanjoanina que se foi impondo nos ritmos da comunidade.

Anos mais tarde esta questão voltou à ordem do dia, na sequência da reforma do calendário promovida pelo Estado Novo em 1952. Nessa sequência, as Câmaras Municipais foram chamadas a justificar a manutenção do seu feriado municipal. Na sessão ordinária da Câmara Municipal de Braga, decorrida a 31 de janeiro de 1952, foi confirmada a deliberação de 6 de abril de 1911, justificada no facto das festas de São João serem “formosa aliança do espírito religioso e municipal, com as suas festas de piedade no templo e procissão, e seus honestos esparecimentos de índole popular, diversões e actos desportivos, mantidas estas características através de longa história de muitos séculos”<sup>143</sup>.

## *5.5 O PROGRAMA DAS FESTAS*

### **5.5.1 O arraial de S. João da Ponte**

O epicentro das festas de São João de Braga é, ainda hoje, o parque de S. João da Ponte, onde se localiza uma capela cujo orago celebra o patrono da festa. Convém recordar, antes de mais, que era em S. João da Ponte que se realizava, pelo menos desde o século XVIII, uma feira de gado que traria até à cidade a população rural do município, que aproveitaria esta oportunidade de negócio, para também usufruir dos festejos. Estamos, portanto, diante de um arraial eminentemente popular.

À imagem do que acontece nos nossos dias, o recinto de S. João da Ponte era primorosamente decorado com bandeiras, arcos de romaria e uma “vistosíssima iluminação na fronteira do templo, avenidas e jardim”<sup>144</sup>. Quanto ao arraial, que se realizava na madrugada de 24 de junho, “decorria animadíssimo” e prolongava-se até de madrugada, não faltando bandas a animar os romeiros, fogo de artifício<sup>145</sup>, e os tradicionais comes e bebes. No dia 24, pela manhã, decorria a missa e sermão.

Não podemos separar o crescimento e afirmação dos festejos, mais significativo a partir de finais da década de 1870, do plano para transformar o recinto em torno da capela numa espécie de parque da cidade, algo que veio a efetivar-se na segunda década do século XX. Esta vontade, firmada no desejo de muitos bracarenses influentes, nomeadamente os que constituíam a mesa da confraria de S. João da Ponte, iniciou-se em 1882 com um conjunto de melhoramentos, sob orientação de Joaquim da Costa Rebelo, que visavam tornar o recinto num local mais atrativo.

---

<sup>143</sup> AMB - *Livro de Actas da Câmara Municipal de Braga* n.º143, fol 33v./34/34v. (Cf. Anexo n.º20)

<sup>144</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 19 de junho de 1877, p.3.

<sup>145</sup> Lançado do alto do monte Picoto, que chegou a ser iluminado com lumes vivos.

Apesar de se localizar num subúrbio da cidade, o facto de ser cada vez mais encarado como um local de lazer, transfigurava o lugar de S. João da Ponte aos olhos dos bracarenses. Recorde-se que a outra festa que rivalizou com o São João pelo trono de maior festividade bracarense era precisamente a romaria do Espírito Santo, que tinha como palco o mais importante monumento de Braga: o Bom Jesus do Monte. Jamais poderemos isolar, por isso, o contexto físico onde tomavam parte os festejos, da própria natureza e configuração dos mesmos.

Para chegar ao recinto de S. João da Ponte tornava-se necessário percorrer uma longa e estreita artéria, constituída pela unidade das ruas das Águas (a norte) e a da Ponte (a sul) que, perfazendo pouco mais de um quilómetro ininterrupto de casario e gente, se encontrava engalanada com bandeiras e grisetas durante os dias da festa. A importância desta artéria para a cidade, e as suas próprias características, não pode ser menosprezada na nossa análise. Diz-nos um cronista bracarense que, pelos anos 30, “a rua que ia dar à Ponte era tão estreita que as pessoas iam como que levadas pelo ar e sempre corriam o risco de sujar os fatos com a gordura que caía dos pavios acesos nos copinhos de papel que formavam as iluminações e enfeitavam a cidade”<sup>146</sup>. Esta ambiência particular funcionaria também como um atrativo à participação no arraial sanjoanino. Nos nossos dias, continua a ser esta artéria a principal via dos festejos, elo essencial entre o parque da Ponte – onde está sediada a festa iminente popular – e a avenida Central, o centro nevrálgico de Braga.



Gravura 11 - A capela de S. João da Ponte e a sua envolvente durante as festas de São João, em postal do início do século XX<sup>147</sup>

<sup>146</sup> ASPA - “Memórias de Braga (2): Onde vais no São João?”. In: *Entre Aspas (1984-1991)*. Braga: APPACDM, 1999, p.129.

<sup>147</sup> Postal “Estrela Vermelha”, editado pela Tabacaria Mattos – Braga. Edição n.º3.

O elemento mais característico deste arraial eram as rusgas. Na noite de 23 para 24 de junho, vindos das aldeias circundantes ou simplesmente da própria cidade, os romeiros desciam a atual avenida da Liberdade, cantando e dançando, com o farnel à cabeça e envergando trajes festivos. Ao atingirem o recinto de São João da Ponte, o seu primeiro e significativo ato era a visita à capela do santo patrono. Convém recordar, que a romaria, na sua essência tinha um sentido eminentemente espiritual. E o romeiro fazia questão de o efetivar. Só depois se entregavam às devoções mais carnais.

O dia 24 de junho, o dia próprio da festa, era marcado pela feira de gado bovino e cavalariço, um acontecimento que veio a marcar decisivamente o ritmo dos próprios festejos. Acreditamos que esta seja a mesma feira que já era citada nas Memórias Paroquiais de 1758. A feira integrava frequentemente um concurso pecuário, que acabava por ser determinante no esboçar do perfil do romeiro que frequentava este arraial. Dada a sua importância, mantida ao longo de décadas, chegou a ser concedido por diversas vezes um subsídio do Governo central para cobrir os custos do prémio a atribuir ao agricultor vencedor. Até ao surgimento da AGRO em 1971, a feira de gado de S. João da Ponte constituía-se como um fator de agregação dos produtores agrícolas da região do Entre-Douro-e-Minho, entretanto transferidos para a renovada organização. Entretanto, a feira franca sanjoanina continuou a realizar-se, tendo tido a sua derradeira edição no ano 2000.

O concurso anual dos bois gordos, que perdurou durante quase quatro décadas, foi outra das iniciativas de cariz rural que contribuiu para a criação de dinâmicas no arraial de S. João da Ponte. Criado pelo decreto de 27 de maio de 1865, este concurso tinha como finalidade “promover a indústria da engorda e animar os que se empregam na produção e criação dos gados por meio de prémios pecuniários”<sup>148</sup>. Esta competição decorria na manhã do dia 24, junto ao lugar dos Curadouros, sensivelmente no local do largo das Latinhas. Os produtores que pretendessem submeter os seus exemplares bovinos a concurso deveriam trazer um atestado passado pela respetiva junta de paróquia. Em 1874 foram premiados os primeiros seis classificados.

Era também muito disputada a corrida anual à marcação de lugares no arraial de S. João da Ponte. A enchente de romeiros constituía-se como oportunidade soberana de negócio que os comerciantes não queriam desaproveitar. Doceiros, botequineiros e petisqueiros eram os principais pretendentes. Em 1923, o preço do metro quadrado no arraial da Ponte era de 3 mil reis, um valor significativamente alto para a época<sup>149</sup>.

---

<sup>148</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 16 de junho de 1874, p.2.

<sup>149</sup> Cf. *Diário do Minho*, 13 de junho de 1923, p.2.

Dada a aglomeração de pessoas no recinto de S. João da Ponte, e também o elevado nível de excessos cometidos em ocasiões festivas, eram frequentes as desordens durante a realização do arraial sanjoanino. Rixas, discussões, esfaqueamentos e até mortes estão registadas na secção noticiosa dos periódicos que se sucediam a esta quadra festiva bracarense. Porém, o mais frequente era mesmo os roubos protagonizados pelos chamados carteiristas<sup>150</sup>. Por isso mesmo, a segurança dos romeiros exigiu até reforço de guardas civis, recrutados ao Porto, e a vigilância da parte da infantaria do quartel de Braga<sup>151</sup>. Nesta sequência, um dado significativo era o consumo de vinho, característica fundamental do espírito festivo. Em 1891, só no arraial de S. João da Ponte, consumiram-se 16.399 litros de vinho. Mais de quatro décadas após, em 1934, contabilizaram-se 28.390 litros.

Outro dos atrativos fundamentais entretanto acoplados ao arraial sanjoanino da Ponte são os quadros bíblicos. Nas festas de 1881 foi inaugurada a exposição no rio Este, em cima de uma rocha, das imagens de Cristo e São João, representando a cena do batismo no Jordão<sup>152</sup>. Em 1889 foi acrescentada a imagem de S. Cristóvão, cuja devoção está fortemente vinculada à capela de S. João da Ponte. Entretanto, em 1882, o quadro do batismo foi enriquecido com as imagens de apóstolos e outros figurantes desta cena bíblica<sup>153</sup>. Ainda hoje subsistem.

### 5.5.2 A festa na Avenida

Ao contrário do que se possa pensar e, até, do que é observável na atualidade, as festas de São João em Braga não eram uma celebração de cariz meramente popular, mas colhiam um particular interesse nas classes mais abastadas e influentes de Braga e de fora dela. Aliás, convém recordar que o grande impulso recebido pelas que se vieram a tornar nas maiores festividades da cidade, veio precisamente a partir do esforço de bracarenses de grande influência nas esferas sociais e políticas da urbe. Esse facto acabou por ser determinante na constituição de uma festa privada no passeio público da avenida, cujos ingressos eram proibitivos para grande parte da população da cidade. Para muitos era a chamada “festa dos ricos”, que contrastava sobremaneira com o arraial barulhento e espontâneo que se realizava no recinto de S. João da Ponte.

O “certamen musical” tornou-se progressivamente um dos principais cartazes das festas de São João, tendo como palco precisamente o passeio público. Tratava-se de um concurso de bandas que, com recurso a grandes prémios pecuniários, tentava atrair as melhores bandas de Portugal e

---

<sup>150</sup> Em 1886 foram presos pela polícia 20 larápios.

<sup>151</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 24 de junho de 1893, p.3.

<sup>152</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 28 de junho de 1881, p.2.

<sup>153</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 27 de junho de 1882, p.2.

Galiza para atuarem nas sanjoaninas<sup>154</sup>. Tornou-se tão relevante este número das festas, que no ano seguinte, em 1894, a comissão convidou Alfredo Keil, que mais tarde haveria de compor o hino nacional português, para fazer a composição da peça do “certamen musical”<sup>155</sup>. Para abrilhantar o festival, no mesmo ano, a comissão dos festejos decidiu construir uma torre iluminada a eletricidade, que teve o opulento custo de 200\$000 reis<sup>156</sup>. A festa do Passeio Público era efetivamente uma das apostas deliberadas da Comissão de Festas.



Gravura 12 – As elites bracarenses na festa do Passeio Público, no dia de São João de 1911 (Arquivo Aliança - Museu da Imagem)

<sup>154</sup> Em 1893, o certamen musical atribuía ao conjunto musical primeiro classificado um prémio de 200\$000 reis. Ao segundo classificado atribuía 50\$000 reis e ao terceiro e quarto classificados menções honrosas. O júri seria composto por quatro maestros-regentes, três portugueses e um espanhol. De forma a incrementar a participação, a organização conseguiu isentar de pagamento as bandas que viajassem de caminhos de ferro no território nacional. (Cf. *Commercio do Minho*, 25 de maio de 1893, p.2)

<sup>155</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 5 de maio de 1894, p.3.

<sup>156</sup> *Ibidem*.

Em 1896 os bilhetes para aceder ao espetáculo de encerramento dos festejos tinham o preço de 100 reis para adultos e crianças, um valor proibitivo para muitas carteiras<sup>157</sup>. Dois anos depois os ingressos custavam 200 reis<sup>158</sup>. Consta que em 1897 terão estado 5 mil pessoas no festival do jardim. Em 1906, por exemplo, contabilizaram-se 4.510 ingressos.

A decoração do jardim público merecia um particular investimento da parte da comissão de festas. Em 1899 foi construída uma cascata representando o batismo de Cristo com recurso a quedas de água e projeções luminosas<sup>159</sup>. No ano anterior havia sido construída uma fonte luminosa e grandes arcos voltaicos. Em 1906 foi construído um pavilhão “em estilo manuelino” e, em 1926, a avenida Central foi ornamentada “à Luís XVI”.

Com a demolição do passeio público, em virtude da reformulação urbanística de que foi alvo a atual avenida Central em 1914, esta tradicional festa sanjoanina, muito cara às elites bracarenses, acabou por sofrer um esvaziamento. Com a nova configuração, tornava-se difícil isolar o espaço restrito deste festival. A venda de ingressos, que condicionava a participação para o já denominado “Festival Nocturno” ou “Festival da Avenida”, cessou na década de 1930, o que naturalmente acabou por democratizar este evento do programa, tornando o acesso popular livre a todas as classes sociais. Entretanto, em substituição, vai surgir a Verbena, que se realizava no casino do Bom Jesus, tendo acesso obviamente restrito. Por essa Verbena passaram grandes artistas, entre os quais Amália Rodrigues no ano de 1960. Recorde-se, aliás, que a fachada do Bom Jesus também surgia iluminada durante as sanjoaninas, à imagem do que sucedia já com a Arcada e capela de S. João da Ponte.

O único resquício da festa das elites ainda subsistente nos nossos dias é a decoração monumental que se costuma levantar na avenida Central e que, ao longo de décadas, merecia particular atenção no capítulo da ornamentação. Grandes arcos de romaria, exclusivamente desenhados para figurar na avenida Central, eram anualmente encomendados. Os desenhos chegaram a ser entregues a grandes nomes, tal como o escultor Domingos Teixeira Fânzeres ou o arquiteto Moura Coutinho. A este conjunto, já nos inícios dos anos 80 do século XX, foi acrescentada uma imagem em gesso de São João Batista menino, utilizada como elemento central das decorações.

Até 1994, o encerramento das festas era, por tradição, efetuado na avenida Central, à imagem do que já sucedia desde o final do século XIX, em que o fogo de artifício era lançado do monte de Guadalupe. Entretanto, também já foram palco da festa de encerramento o largo da Senhora-a-Branca e o Campo da Vinha. Hoje em dia, a preferência recai sobre o estádio 1.º de maio.

---

<sup>157</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 26 de junho de 1896, p.3.

<sup>158</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 24 de maio de 1898, p.3

<sup>159</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 20 de maio de 1899, p.2.

### 5.5.3 Aposta em grandes eventos



Gravura 13 - Cortejo Sanjoanino de 1960 a atravessar a avenida Marechal Gomes da Costa (Arquivo Arcelino - Museu da Imagem)

A aposta em eventos originais e a contratação de grupos de renome foi sempre uma das estratégias utilizadas pelas sucessivas comissões de festas na elaboração do programa dos festejos. A dimensão económica do evento e o próprio mediatismo adquirido, particularmente ao nível dos mais elevados estratos sociais, criava um imperativo de qualidade, particularmente revelador no grande festival que tinha lugar no Passeio Público.

A comissão não se poupava a esforços financeiros no que tocava às decorações e iluminações deste espaço reservado, bem como ao programa musical elaborado para satisfazer as elites de Braga e aquelas que se instalavam na cidade para assistir a este especial momento dos festejos. Por isso mesmo, o denominado “certamen musical” da Avenida marcou grande parte dos programas dos festejos, embora se tratasse de algo apenas para o consumo de alguns.

Os eventos de cariz desportivo e os que surgiram associados à feira de gado de S. João da Ponte constituíram-se como importantes focos dinamizadores de iniciativas que garantiam a originalidade do programa e, obviamente, a atração de mais forasteiros. A dimensão religiosa também deteve honras de destaque em alguns programas festivos, surgindo associada a grandes organizações que se faziam coincidir com a data das festas. Contudo, o aspeto mais explorado foi sempre a dimensão etnográfica, de onde emergiam as exibições e festivais folclóricos, numa época em que, por todo o Minho, se fundavam grupos com o objetivo de valorizar tradições e costumes locais.

Na impossibilidade de aqui focarmos todas as iniciativas relevantes implementadas, nomeadamente desde o ano de 1893, altura em que o programa foi unificado, deixamos aqui um esquema com os momentos mais destacados pela imprensa até 1974.

Ano	Principais eventos do cartaz
1893	Inauguração da luz eléctrica
1894	Corrida de velocípedes
1895	Procissão com itinerário aumentado
1896	Orfeão “Oliva” de Vigo/ Gigantones
1897	Procissão do Sagrado Coração de Jesus
1898	Cascata luminosa (ao estilo Strasbourg)
1899	Festival do Passeio Público
1900	Corridas de touros
1901	Festival de encerramento
1902	Bailados flamengos
1903	Atuação da Banda da Armada Real
1904	Atuação da Banda militar de Saragoça
1905	Festival no Bom Jesus
1906	Pavilhão manuelino com quadros bíblicos
1907	Cortejo Luminoso
1908	Cortejo sanjoanino
1909	Certamen Musical / Simulacro de incêndio
1910	Exposição pecuária
1911	Torneio Nacional do Tiro aos Pombos
1912	Circuito automobilista da Serra da Estrela
1913	Acrobacias aéreas no Sameiro
1914	Iluminação da Arcada/ Simulacro incêndio
1915	Grande Festival na Avenida
1916	Corrida do Porco / Procissão de São João
1917	Gigantones e Cabeçudos
1918	Procissão de Santo António
1919	Grande Festival Nocturno - Tricanas
1920	Orfeão infantil – mil crianças
1921	Peregrinação ao Sameiro; Parada militar
1922	Concurso de bandas regimentais
1923	Concurso hípico
1924	Inauguração do monumento 1.ª Guerra
1925	Taça de S. João em futebol
1926	Festival Jazz-Band / Marcha Joanina
1927	Grande festival de bandas
1928	Parada Agrícola
1929	Touradas / Fogo aquático
1930	Parada luminosa – carros ornamentados
1931	Festival aéreo
1932	Girândola de 3 mil foguetes
1933	Jogo Celta de Vigo vs. Sporting de Braga

Ano	Principais eventos do cartaz
1934	Marcha Joanina
1935	Parada agrícola e folclórica
1936	Auto de S. João
1937	Parada folclórica
1938	3 sessões de pirotecnia
1939	Festival no Mercado
1940	Inauguração do Museu Etnográfico
1941	Procissão dos Santos de Junho – 1.ª edição
1942	Rancho de Santa Marta – Viana do Castelo
1943	Procissão do Corpo de Deus, com S. Jorge
1944	Pauliteiros de Miranda/ Banda da Marinha
1945	Iluminação no Sameiro, Bom Jesus e Falperra
1946	Batalha de Flores / Torneio Nacional de Tiro
1947	Feira distrital Sanjoanina
1948	Concurso de montras / Concurso das rusgas
1949	Taça Cidade de Braga: SCB vs. Celta de Vigo
1950	Feira anual e concurso pecuário
1951	Ópera “Orfeu e Eurípides”
1952	Concurso hípico / Ringue de patinagem
1953	Desfile das rusgas das aldeias
1954	Festival Popular de cavaquinhos
1955	Salão de Arte Fotográfica / Certamen Folclórico
1956	Certamen Folclórico Internacional - FNAT
1957	Cortejo e Festival Folclórico
1958	Rally aéreo de Braga
1959	Cortejo Sanjoanino
1960	Cortejo histórico; concerto Amália Rodrigues
1961	Prova de Karting
1962	Concurso hípico/ Festival de bailado
1963	1.ª gincana de automóveis e motos - ABC
1964	Parada folclórica
1965	“Verde Gaió” nos Biscainhos/Braga vs. Benfica
1966	Festival Folclórico /Dia de Espanha
1967	Rally do S. João – ABC / Festival Popular - FNAT
1968	AGRO – 1.ª Feira Agro-Pecuária do Norte
1969	Festival da canção do mundo celta
1970	AGRO – III edição / Festival Folclórico
1971	Sarau de ginástica e de bailados
1972	Verbena de S. João/ AGRO V
1973	Corridas de Touros/ I Exposição canina
1974	Verbena popular na Avenida

A dimensão etnográfica foi ocupando um lugar de primordial relevo no programa das festas sanjoaninas. Era este o momento para muitos dos grupos folclóricos exibirem as danças e cantares que iam recolhendo e compilando. A importância galhofeira da festa minhota impunha também um ritmo profundamente associado aos sons e costumes regionais. Era, portanto, esta a base da animação. Até aos nossos dias, continuam a efetuar-se festivais folclóricos, sendo o folclore elemento indispensável dos cortejos dos dias grandes das festas. Em 1937 realizou-se uma parada folclórica, “grandiosa exibição de carros alegóricos, trajos e costumes da Província”. Em 1948 vai surgir o cortejo das rusgas, inicialmente formado para os grupos das aldeias do município. Nas festas de 1954, o principal cartaz foi um festival popular de cavaquinhos e, depois de uma atuação bem conseguida no festival da Avenida de 1941, o rancho Folclórico de Santa Marta de Viana do Castelo foi considerado “hóspede de honra das festas de São João” do ano seguinte.

Nas sanjoaninas de 1955 terá tido lugar uma das mais espetaculares concentrações etnográficas de Portugal. Na sequência do I Congresso de Etnografia e Folclore, realizado na cidade de Braga, decorreu um grande festival folclórico, confirmando o protagonismo de Braga como capital da província. Por esse tempo, Braga foi pioneira na constituição de grupos folclóricos e etnográficos, que visavam conservar usos e tradições. As festas de São João funcionavam como o palco privilegiado para o folclore minhoto. Esse protagonismo é hoje desempenhado por Viana do Castelo, não se entrevendo razões plausíveis para Braga ter deixado claudicar esse estatuto.

Com a vizinha Galiza registou-se um curioso intercâmbio com a cidade de Orense para as festas de 1969, que permitiu a realização de um Festival da canção do mundo celta nos jardins dos Biscainhos. Segundo a imprensa, graças a este festival deslocaram-se 1.500 espanhóis a Braga<sup>160</sup>.

Os eventos de cariz religioso também foram preenchendo o lugar primordial no que à programação diz respeito. Na década de 1920, a peregrinação ao Sameiro chegou a coincidir propositadamente com as festas de S. João, como ocorreu em 1921. A procissão de Corpo de Deus, que coincidiu com o dia de São João em 1943. Porém, foi o surgimento da procissão dos santos do mês de junho em 1941 quem fortaleceu a relevância da programação religiosa nos festejos.

Outra das dimensões que se foi tornando indispensável no programa festivo era o desporto. Até à década de 1960 era frequente a presença de partidas de futebol no programa dos festejos, tendo o Sporting de Braga como protagonista inevitável. Aliás, um ano após a fundação deste emblema, já se anunciava um jogo inserido nos festejos sanjoaninos. Mas não era apenas o futebol a obter destaque neste âmbito. O Clube de Caçadores de Braga realizou em diversas edições dos festejos torneios de

---

<sup>160</sup> Cf. *Diário do Minho*, 21 de junho de 1969, p.1.

tiro, tendo chegado a decorrer em Braga um torneio nacional desta modalidade. Ainda no final do século XIX, um dos números especiais das festas era a corrida de bicicletas que se realizou no Campo da Vinha, durante algumas edições das festas.

O torneio nacional de tiro aos pombos, organizado pelo Clube dos Caçadores, sediado no parque da Ponte, marcou os sucessivos programas das festas nas décadas de 1930 e 1940. Em 1944, chegou a fazer-se um inédito torneio do jogo do pau. Depois do rally aéreo de 1958, em 1961 decorreu uma prova de karting em plena praça do Município. A prova de karting repetiu-se nas duas edições seguintes dos festejos. O rally de S. João foi outra prova desportiva, organizada primeiro pelo Académico Basket Club e depois pelo Clube Automóvel do Minho, que teve a sua primeira edição nas festas de 1967. Contudo, em 1912 já tinha decorrido um rally sanjoanino até à serra da Estrela. Em 1969 decorreu ainda um concurso internacional do Lançamento de Precisão, promovido pelo Clube de Pesca Desportiva de Braga.

De âmbito agrícola, para além das denominadas paradas agrícolas realizadas na década de 1920 e 1930, o grande e inevitável destaque vai para o nascimento da AGRO, uma feira de agricultura que rapidamente se mostrou bem sucedida, tendo honras de ser inaugurada pelo próprio presidente da República. A AGRO nasceu em 1968 acoplada às Festas de S. João de Braga, com a denominação de Feira de Agro-Pecuária do Norte de Portugal. Braga, como capital de uma região que tinha na agricultura e pecuária a sua base económica, capitalizou esse estatuto e contribuiu para a mobilização dos produtores da região. Desde o seu nascimento, que esta feira se tornou um sucesso, merecendo honras de ser inaugurada, por diversas vezes, por Chefes de Estado e ministros. Podemos arriscar dizer que foi a Agro uma das principais responsáveis para o surgimento de um equipamento como o Parque de Exposições de Braga, solenemente inaugurado em 1981.

As corridas de touros foram sempre um recurso frequente para compor o programa das sanjoaninas, apesar de nem sempre ser pacífica essa inclusão. Em 1894, a comissão dos festejos teve que enfrentar incontáveis dificuldades para integrar no programa corridas de touros. Devido às inúmeras vezes que se levantaram contra aquilo que consideraram, à época, ser um “bárbaro divertimento”, foi cancelado este ponto do programa<sup>161</sup>. Até ao final da década de 1930 era frequente a realização de touradas, com recurso à montagem de uma praça de touros provisória, que chegou a localizar-se no Campo da Vinha. Talvez porque os bracarenses não mostrassem grande entusiasmo, este tipo de espetáculos foram desaparecendo das festas, surgindo episodicamente, como em 1973.

---

<sup>161</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 5 de junho de 1894, p.3.

A vertente cultural também deteve um lugar privilegiado nos programas elaborados. Em 1925 realizou-se uma "erudita conferência", pronunciada por Manuel Sousa Pinto, intitulada "Braga no San João". Por sua vez, a comissão de festas de 1936 inseriu no programa o "Auto de S. João", uma peça teatral de Gustavo Matos Sequeira, com música de Cláudio Carneiro e representação pelos maiores nomes do teatro português da época, como Palmira Bastos, Robles Monteiro e Amélia Rey Colaço. A peça foi representada no adro da igreja de S. Marcos, na noite de 21 de junho. Em 1955, realizou-se, no Theatro-Circo, o I Salão Nacional de Arte Fotográfica, organizado pelo Club de Cinema de Braga. Dois anos depois, em 1957, decorreu o I Salão de escultura e pintura, que pretendia promover os artistas independentes do Minho. As festas de 1958 integraram uma representação teatral, pelo Grupo de Teatro Experimental do Porto intitulada "O Morgado de Fafe amoroso", que decorreu no largo do Paço. Em 1966 realizou-se um Salão de Antiguidades, que foi inaugurado com uma conferência de Robert Smith a respeito do "Barroco em Braga".

A grande Feira Sanjoanina foi o quadro original que abrilhantou os festejos de 1947. Todas as Câmaras Municipais do distrito de Braga se fizeram representar com um *stand* onde expunham os seus produtos regionais. Da mesma forma, as indústrias da região puderam promover os seus produtos. Esta feira realizou-se na avenida Central e foi inaugurada pelo Ministro da Economia.

O Cortejo sanjoanino terá sido também um dos maiores eventos realizados durante as festas de São João. Tratava-se de um grande cortejo regional já que contava com a participação de inúmeros grupos e empresas representantes de municípios do Minho e também do Douro Litoral. O sucesso obtido com a iniciativa de 1959 obrigou à sua repetição no programa das festas do ano seguinte.

Há ainda a recordar celebrações episódicas que acabaram por marcar a programação. Por exemplo, as festas de 1940 surgiram associadas às celebrações centenárias da fundação e da independência da nacionalidade, que incluíram uma série de iniciativas propostas pelo Estado Novo para celebrar a nação. Entre outras iniciativas, decorreu a inauguração de um efêmero museu etnográfico, que estava instalado no antigo paço arquiépiscopal.

Também a visita de Chefes de Estado às festas de São João acabava por acarretar um redimensionamento dos próprios eventos, mais mediatismo e mais forasteiros. Tal ocorreu em diversas ocasiões na década de 1960 e 1970, quase todas protagonizadas por Américo Tomaz, na sequência de inaugurações, mas já antes, como em 1921, com a visita do Presidente da República, António José de Almeida, que estava de passagem para o Gerês. Em 1896, as festas estiveram para ter a visita da rainha mãe D. Maria Pia<sup>162</sup>.

---

<sup>162</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 4 de junho de 1896, p.3.

#### 5.5.4 Símbolos e iconografia



Gravura 14 - Esta iconografia de São João menino é a mais popular representação associada às festas da cidade de Braga

A existência de um fenómeno cíclico comunitário, com a consequente partilha de um *ethos* comum, tem como consequência o surgimento de símbolos cujo conteúdo é revelador dos aspetos mais salientes da identidade de uma comunidade. As festas de São João de Braga, apesar de terem atravessado existências múltiplas passíveis de serem delimitadas historicamente, aparecem no final do século XIX aliadas ao fenómeno de busca de elementos identitários da comunidade bracarense.

As festas sanjoaninas, como evento mais marcante do calendário de Braga, davam o mote para a exaltação dos costumes, nos quais se integravam os sons, o traje, as vivências religiosas, a gastronomia e a imagem. Cada um destes elementos detinha uma peculiaridade associada ao percurso histórico daquilo que podemos denominar de “bracarense”. Associado a estes inevitáveis vetores de uma comunidade humana estão os símbolos eminentemente identitários como a bandeira e o hino. Desde cedo, o São João se foi apropriando de todos os elementos unificadores do município de Braga. Tratou-se de um movimento natural da população em relação ao seu momento mais desejado do calendário.

Por isso mesmo, cedo começaram a surgir símbolos associados às festas de São João cujo uso se multiplicou, influenciou rotinas e perdurou no tempo. O mais autêntico destes símbolos é a

iconografia, entretanto muito divulgada e já estendida para fora das fronteiras de Braga: o São João Menino. Trata-se de uma imagem da cintura para cima, envolta numa moldura semi-circular, na qual surge uma criança aureolada com cerca de quatro anos, vestida de pele animal, segurando o cordeiro com a mão esquerda e tendo a direita agarrada a um cajado do qual surge a inscrição “Ecce Agnus Dei”. Esta iconografia, que foi o elemento base da maior parte dos cartazes das festas entre 1910 e 1950, continua ainda hoje a ser presença assídua nos desenhos das decorações e iluminações que adornam as ruas da cidade nos dias da festa e, até, nos próprios cartazes, como aconteceu ainda em 2011. Trata-se de um elemento indissociável das festas de São João de Braga.

A ideia que preside a esta, e a outras iconografias utilizadas, tem por fundamento o Santo Precursor em plena vivência da sua infância. Não esqueçamos que a festa coincide com a celebração do seu nascimento e não propriamente da sua morte. Da mesma forma, outros elementos dos festejos sublinham esta dimensão infantil de São João Batista. O auto do carro dos pastores tem como protagonista uma criança de três/quatro anos de idade, que interpreta São João Batista. Da mesma forma, já a procissão de 1699 nos apresentava em destaque a figura de São João ainda criança. Recordemos que, particularmente desde o renascimento, mas marcadamente no período barroco, era frequente aparecer uma iconografia de São João Batista em idade infantil, facto que terá influenciado o próprio imaginário das celebrações do nascimento deste santo.

Para além deste particular elemento, foi elaborado um hino do São João de Braga, que supomos ser a mesma peça musical encomendada para as festas de 1909 ao maestro Souza Marques e interpretado, pela primeira vez, no *certamen* musical do Passeio Público. Este hino continua a ser a composição mais popular das festas da cidade de Braga, sendo melodia interpretada pelas filarmónicas e pelos diversos grupos etnográficos durante os principais dias de festa. Entretanto, foram-lhe sendo associadas letras que rapidamente se popularizaram:

*Ó meu S. João Batista  
A vossa capela cheira,  
Cheira a cravo, cheira à rosa,  
Cheira à flor da laranjeira!*

***Repenica, repenica, repenica  
Cantemos o São João  
Repenica, repenica, repenica  
Cantemos com coração.***

*Ó meu São João de Braga  
Como quereis vossa capela  
De cravos e mais de rosas  
Com cravinas amarelas.*

*Ó meu São João de Braga,  
És de Braga e és braguez,  
Cantemos o São João  
Cantemo-lo outra vez!*

Outra das dimensões que atesta a relevância deste evento para a cidade era o facto de ser comum a ilustração de momentos das festas em postais, nomeadamente no final do século XIX e início da centúria seguinte. Os elementos mais retratados eram o carro dos pastores e a dança do Rei David. Em 1899, a comissão de festas decidiu imprimir 20 mil postais alusivos aos festejos sanjoaninos.



Gravura 15 - Postal alusivo aos festejos sanjoaninos, com gravuras do carro dos pastores, Rei David, quadros bíblicos e jardim público<sup>163</sup>

Um dos detalhes indispensáveis de qualquer festa minhota são as decorações e iluminações dos espaços onde decorrem as festas. Em Braga, graças principalmente à dimensão pública do São João, foi-se criando uma escola de ornamentações que se foi disseminando por toda a região circundante. No início do século XX, as iluminações eram todas feitas à “moda minhota”, como elementos como “grisetas, copinhos, serpentinas, balões de feitios caprichosos”.<sup>164</sup>

Domingos Alves Teixeira Fânzeres, Manoel Graça, Santos Lima ou João de Moura Coutinho foram alguns dos nomes de prestígio associados à conceção total ou parcial das decorações e/ou cartazes, dado que confirma o cuidado que as instituições da cidade devotavam à dimensão ornamental das suas principais festas. Contudo, José Veiga, o artista popular bracarense, falecido em 2002, é indubitavelmente o nome maior associado à iconografia sanjoanina. Convidado em 1954 pelo então responsável pelos riscos das decorações, Alvim Braga, José Veiga vai corresponsabilizar-se pela tarefa que lhe marcou a existência. No ano seguinte, a indisponibilidade do seu mentor, vai abrir-lhe as portas da criatividade<sup>165</sup>. Durante 48 anos, isto é, até à data da sua morte, este artista da alma bracarense vai guiar com o seu pincel os cartazes, decorações e iluminações, bem como toda a iconografia associada às festas de São João em Braga, deixando uma marca que continua a vigorar.

<sup>163</sup> Postal “Festejos ao S. João em Braga em 1899”. Lisboa: Lith. C<sup>a</sup>. Nacional Editora, 1899.

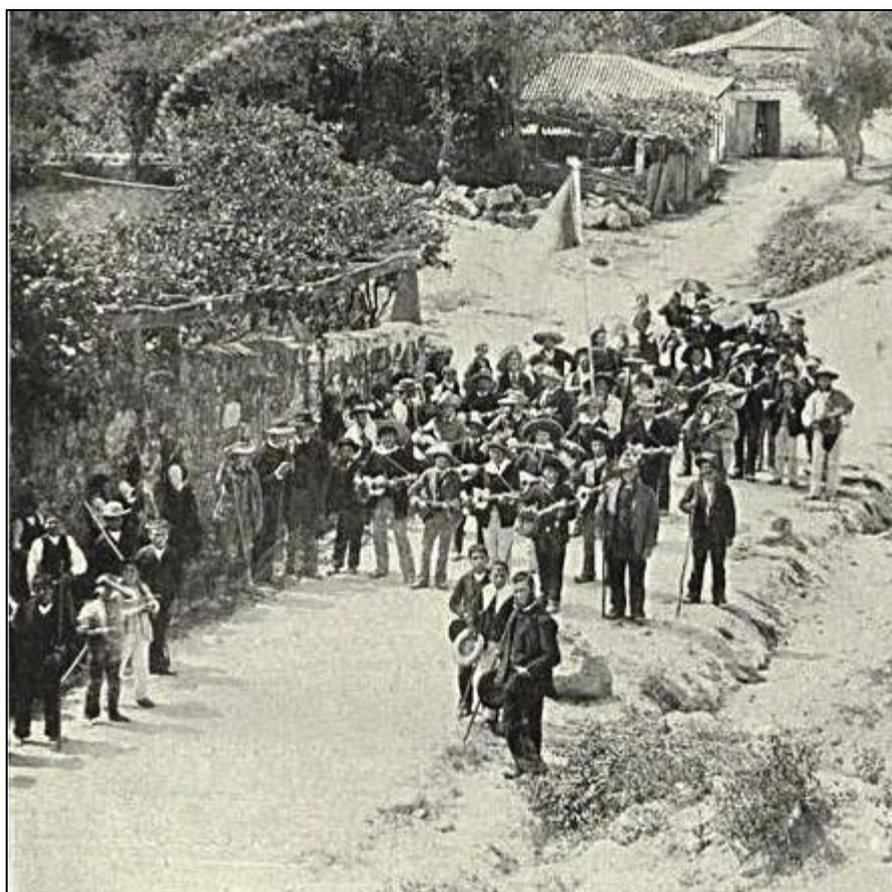
<sup>164</sup> *Commercio do Minho*, 27 de junho de 1893, p.1.

<sup>165</sup> Cf. PINHEIRO, Fernando – *José Veiga, o artista tranquilo*. Braga: Câmara Municipal, 2000, p.25.

## 5.6 AS FESTAS COMO FOMENTO DA IDENTIDADE BRACARENSE: AS RUSGAS

O cortejo das rusgas constitui-se como um dos momentos de maior originalidade das Festas de São João em Braga. Partindo da praça do Município, na noite que marca a vigília do nascimento de São João Batista, os diversos grupos populares, juntamente com as indispensáveis bandas filarmónicas, partem rumo ao epicentro do grande arraial da cidade de Braga: a capela de São João da Ponte.

### 5.6.1 Origem e tradição das rusgas



Gravura 16 - conjunto de aldeãos minhotos a caminho de uma romaria, no final do século XIX<sup>166</sup>

Aquilo que hoje chamamos de cortejo, devidamente elaborado e orientado pela associação organizadora das festas, foi em tempos sinónimo da espontaneidade do povo bracarense.

As romarias foram e são vividas de forma intensa pelo povo, e nas tradicionais e mui antigas festas de S. João de Braga participavam não só as pessoas que viviam na cidade mas também os habitantes das zonas rurais de todo o município. Os diversos grupos de romeiros, chegados das

---

<sup>166</sup> Gravura publicada numa edição sobre o Minho do número 20 da revista "Brasil-Portugal", 16 de novembro de 1899.

aldeias, juntavam-se no centro da cidade e, ao início da noite, iam em cortejo até ao parque da Ponte, sempre cantando e dançando enquanto desciam as embandeiradas e iluminadas ruas das Águas e da Ponte. Principalmente de cariz rural, estes grupos percorriam as léguas que separavam a sua aldeia da cidade de Braga, das quais partiam à tardinha, imediatamente após a jorna. As mulheres, envergando o seu traje de romaria, traziam, à cabeça, os destacados merendeiros que haviam de servir de sustento até ao dia seguinte, e os homens, com seus cajados e chapéus, tocavam concertina, reco-reco, ou o tradicional e bracarense cavaquinho. Era uma caminhada de alegria e festa, marcada pelos cantares em louvor do Santo Percursor, com rimas e quadras nas quais eram gravadas as tradições e os aspetos mais elementares do quotidiano rural bracarense. Ainda hoje estas canções se tornam uma base de conhecimento para a etnologia e para estudos antropológicos<sup>167</sup>.

Este cortejo, atravessando o quilómetro de festa que liga o coração da cidade ao cerne do arraial - a avenida da Liberdade - chegava ao parque da Ponte. Aí, junto à tribuna da “capelinha”, os romeiros depositam a sua promessa e levantavam a pagela que haviam de prender à fita do chapéu, tal qual troféu levantado aos demais, como que afirmando que o sentido verdadeiro da sua caminhada havia-se cumprido. Seguiu-se o despique das bandas filarmónicas, as danças espontâneas e a pernoita nos jardins do parque da Ponte. No merendeiro não faltava o bom vinho verde, sorvido na malga, e acompanhado por uma broa de milho com rodelas de chouriço. Era o Minho na sua mais profunda espontaneidade, honrando o santo mais festejado da sua capital.

Com as inovações trazidas pelo progresso, nomeadamente a generalização do automóvel e dos transportes urbanos ou a melhoria significativa das vias de comunicação, foi-se perdendo a tradição destas caminhadas populares rumo ao arraial de São João da Ponte. Entretanto, também se alteraram muitos dos hábitos do quotidiano rural, os mesmos que transformavam o dia de São João numa especial e excecional jornada anual. Vir à cidade generalizou-se, retirando às festas de São João o seu ónus extraordinário. Todos estes fatores conduziram aos denominados processos de artificialização das tradições, que se revelam na constituição de grupos folclóricos e etnográficos, que visam conservar – de forma orientada – as tradições e formas de vida que faziam parte do passado destas comunidades.

---

<sup>167</sup> Cf. FERNANDES, Sofia et CAMPOS, Ana Rita – *Cancioneiro de Sobreposta*. Braga: A.S.C.S.,2009, p. 32: “Por terras de Sobreposta, cerca de um mês antes dos festejos na cidade, somente se faziam ouvir cantares ao S. João. Estes eram depois interpretados ao longo de todo o ano, nas lides domésticos e no trabalho da lavoura. (...) Não pertencendo às festividades da aldeia, assumem especial importância no reportório da freguesia (de Sobreposta) os cantares alusivos ao São João. A proximidade à cidade de Braga, onde se realizam anualmente as festas em honra deste santo, faz crer que os habitantes de Sobreposta se deslocavam à urbe para gozarem deste divertimento, tomando aí contacto com estes cantares e integrando-os no seu espólio musical, assim como, adotando velhas tradições associadas a ritos de prurificação, como as fogueiras e folguedos noturnos.”

Neste aspeto, as festas de São João continuaram a funcionar como um catalisador do associativismo, constituindo-se como um dos grandes momentos de iniciativa para estes grupos.

Refiramos, a título de exemplo, que os dois grupos folclóricos mais emblemáticos fundados no contexto urbano, se iniciaram precisamente durante as festas de São João. Referimo-nos ao Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio, que teve a sua primeira apresentação em público no dia 24 de junho de 1936, e à Rusga de S. Vicente, estreada nas festas de 1965. Este último grupo, que curiosamente associa o seu nome à tradição espontânea sanjoanina, foi fundado precisamente com a intenção de não deixar morrer as caminhadas dos romeiros que tanto marcavam o arraial de São João da Ponte. Este facto permite-nos inferir que, ao longo na década de 60, já seria residual a tradição espontânea das rusgas sanjoaninas.

Começava a ficar distante a imagem dos movimentos das populações rurais até à cidade de Braga. Efetivamente, as gentes das aldeias continuaram a rumar ao São João, mas já não traziam merendeiro ou pernoitavam no parque da Ponte, muito menos se deslocavam a pé. Agora vêm de automóvel ou de transporte coletivo e voltam para casa no final da noite, regressando no dia seguinte para ver passar o Rei David e os Pastores e para assistir à passagem da procissão.

Tentando reviver este ambiente, realiza-se atualmente o Cortejo das Rusgas, que marca programa da noite de S. João em Braga. Sabemos que nos programa relativo ao ano de 1942, já se organizava um cortejo desde o edifício do Turismo até ao parque da Ponte, onde apenas é citada a presença das bandas filarmónicas. Seis anos mais tarde, em 1948, surge pela primeira vez a menção a um desfile das rusgas das aldeias, sendo frequente, a partir daí, citar-se a presença de ranchos folclóricos, ou “ranchos das aldeias”<sup>168</sup>, a acompanhar o cortejo. Nesse ano, que marca a primeira edição organizada deste cortejo, a comissão de festas organizou um concurso que premiaria as quatro melhores rusgas com libras em ouro<sup>169</sup>. Em 1954, o cortejo foi organizado pelo Sindicato Nacional dos Caixeiros, que tinha a incumbência de assegurar a presença de grupos provenientes de todas as Casas do Povo existentes no município. Era, portanto, uma iniciativa de cariz marcadamente rural.

A partir dos anos 80 generalizou-se a presença de todos os grupos participantes na animação de ruas ao longo dos dois dias grandes das festas. A maioria destes grupos são originários do município de Braga, particularmente das freguesias rurais, o que denota uma subsistência parcelar dos fundamentos deste cortejo.

---

<sup>168</sup> Cf. *Diário do Minho*, 23 de junho de 1951, p.1.

<sup>169</sup> Cf. *Diário do Minho*, 19 de maio de 1948, p.1.

### 5.6.2 As rusgas e o processo de folclorização das tradições

Para além das várias etimologias encontradas para definir a palavra “rusga”, detemo-nos na sua significação mais popular, adequada à fronteira cultural e sociológica demarcada pelo Entre Douro e Minho. Dizer “rusga” refere-se a um conjunto de tocadores de instrumentos populares, que podem fazer-se acompanhar por outros elementos que cantam e dançam, cujo elemento fundamental é o seu carácter espontâneo. Parte-se do princípio que as pessoas se juntam com um objetivo comum e sem grandes preocupações estéticas ou artificializações rituais ou indúvias.

As rusgas demarcam-se dos denominados “grupos folclóricos” pela sua autenticidade e atualização. Não precisam propriamente de consultar guias elaborados por folcloristas, onde são descritos o tipo de trajes que eram envergados no final do século XIX pelo povo de uma determinada região, nem se deixam limitar pelos tradicionais cânticos que marcavam os momentos festivos de gerações ancestrais.

O processo de folclorização, que pretendeu, principalmente a partir do segundo quartel do século XX, uma espécie de congelamento das tradições, através da apropriação de elementos etnográficos relativos ao passado de determinada comunidade, permitiu conservar os traços identitários de um tempo e lugar, mas contribuiu também para uma espécie de atrofia dessas mesmas tradições. Constituíram-se grupos folclóricos e etnográficos que pretendiam conservar as tradições regionais, nomeadamente os trajes, as danças e os cantares. Este processo, bastante incrementado pelas políticas de fomento da identidade e ruralidade promovidas pelo Estado Novo, acabou por ter uma segunda existência com o fenómeno da emigração massiva de portugueses para os países da Europa central.

A tradição etnográfica, na qual podemos inserir a forma de trajar, as celebrações comunitárias, os rituais ou os hábitos quotidianos, estão, porém, sujeitas a um processo de atualização, que os grupos folclóricos, de certa forma, não conseguem acompanhar.

Precisamos de questionar que passado é que estamos a querer conservar, valorizar e divulgar? Estamos a falar de um período relativo a 1890-1910? Ou será 1875-1890? Queremos referir-nos ao Baixo Minho como um todo ou apenas aos limites municipais de Braga?

A evolução dos povos nunca foi estática, mesmo nos ambientes mais rurais, estando sujeita a uma variação significativa de comunidade para comunidade, alteração essa que se agravava pela dificuldade premente de vias de comunicação. Este egresso entre comunidades favorecia os processos de isolamento sociológico, e atrasava os fenómenos de mimetização dos “ethos” de cada povo e lugar.

Significa então que poderiam coexistir diferenças significativas ao nível da definição da tradição que, consoante o tempo e o lugar, oscilariam entre cada agrupamento de pessoas.

A partir do momento em que estas tradições aparecem fossilizadas nos processos de folclorização, incorrem numa limitação à própria evolução das mesmas. E se as danças e as músicas de um determinado grupo se referissem aos hábitos e à realidade social atual? E se os seus membros trajassem calças de ganga e vestidos produzidos em série? Perderia autenticidade a sua exibição? Não são assim os minhotos hodiernos?

Portanto, é essencial que os denominados grupos folclóricos delimitem claramente o seu âmbito de exibição. E, porque não, permitir que novos grupos espontâneos se juntem ao cortejo das Rusgas? Não são eles tão autênticos como os minhotos de há um século atrás?

### 5.6.3 Exaltação da identidade “braguesa”: o hino

As festas de São João, a partir do século XVIII, adquiriram progressivamente a primazia entre as festividades que marcavam o calendário anual bracarense. Será essa mesma primazia a conferir-lhes o cariz municipal que hoje, inequivocamente detêm. Por isso mesmo, durante os festejos são exaltados solenemente os símbolos da municipalidade: a bandeira e o hino.

Se muitos outros fatores, fruto da natural diversidade de um território, parecem separar a realidade do mundo rural, da realidade da cidade, há um elementar fundamento que serve de elo de unidade: ser bracarense.

O Hino da Cidade, composição oferecida aos bracarenses em 1856 pelo afamado músico Joaquim José de Paiva, é, desde 1999, acompanhada por uma letra, numa versão contemporânea saída da inspiração de Amadeu Torres. Segundo nos relata João Duque, um dos responsáveis pela renovação desta melodia, é provável que tivesse existido uma letra primitiva escrita para o hino bracarense, porém não se lhe conhece o rasto<sup>170</sup>. Os indícios para a existência da letra primitiva apareciam, desde logo, no facto das partituras encontradas deterem uma orquestração para coro. Outro dado relevante a apoiar esta tese provinha de uma referência de Álvaro Carneiro, integrada na obra "A Música em Braga", na qual, abordando a vida e obra de Joaquim José de Paiva, se diz que foi autor "do Hino Bracarense, oferecido à cidade em 1856, que foi muito popular e apreciado"<sup>171</sup>. Estes dados, por si só, bastariam para sublinhar a existência de uma letra do denominado "Hino Bracarense".

---

<sup>170</sup> Cf. TORRES, Amadeu et DUQUE, João – *Hino de Braga*. Braga: Câmara Municipal, 2000, p.15.

<sup>171</sup> Cf. CARNEIRO, Álvaro - *A música em Braga : biografias de artistas que nesta cidade se distinguiram como profissionais ou amadores*. Braga: [s.n.], 1959.

Em vésperas da comemoração do bimilenário de Braga, que se assinalou no ano 2000, querendo o Orfeão de Braga recuperar esta peça de grande simbolismo e significado para a comunidade bracarense, procurou aquela que seria a primitiva letra do hino, perdida algures nas vertigens do tempo. Não encontraram e, por isso, acabaram por encomendar uma nova letra para o hino, segundo a orquestração musical subsistente. Saída da inspiração de Amadeu Torres, a nova prosa, subdividida em 10 estrofes devidamente adaptadas ao ritmo da melodia, foi adotada como hino oficial da cidade de Braga desde o ano 2000. Desde aí se tem feito um notável esforço de divulgação, particularmente junto das escolas, sendo o hino interpretado na Abertura Oficial das Festas de São João, que decorre na manhã do dia 23 de junho, na praça do Município.

Dada como desaparecida, a primitiva letra do hino, parecia ter-se esfumado definitivamente. Eis senão quando, no meio de uma pesquisa sobre a história das festas de São João em Braga, publicado no periódico mais importante da Braga de então, "O Bracarense", surge a letra tão procurada e que se constituiu como memória indispensável do nosso percurso coletivo. O "Hymno Bracarense", da autoria do poeta, também ele bracarense, João Joaquim d'Almeida Braga, um poeta de inspiração cristã, falecido prematuramente em 1871, mas que legou uma vasta obra literária. Temos, portanto dois nomes muito relevantes associados à composição do hino da cidade.

#### HYMNO BRACARENSE de João Joaquim d'Almeida Braga

*Ó Braga! Cidade antiga,  
E flôr do meu Portugal,  
Ergue essa fronte orgulhosa,  
Que não tens outra rival!*

*Côro*

***Eia avante! Ó Braga! Avante!  
Hoje os futuros são teus;  
Trilha a senda do progresso,  
Mas do progresso com Deus.***

*Podes, ó nobre cidade,  
Erguei-a com altivez,  
Do que tu ninguém mais honra  
Hoje o nome portuquez!*

***Eia avante, etc***

*Quem pode chamar-se nobre,  
Mais nobre que Tu? Ninguém;  
Envolve a noite dos tempos  
A tua origem também.*

***Eia avante, etc***

*Augusta do grande Cesar,  
Quando o Cesar dava a lei,  
Teus filhos então venceram  
O orgulho do povo-rei.*

***Eia avante, etc***

*Mas o ser na fé primeira,  
Aqui n'estas regiões,  
São essas as tuas glórias,  
São esses os teus brazões.*

***Eia avante, etc***

*Como outr'ora sempre firme,  
À frente da lusa grei,  
Caminha tu a primeira  
Com fé em Deus e na lei.*

A referência de Álvaro Carneiro à titulação do hino confirma ainda mais que estamos efetivamente diante da letra primitiva do Hino da cidade de Braga. O hino é constituído por seis quadras, acrescentada do refrão, que apelam à exaltação de Braga entre as cidades portuguesas. As referências declaradas à fé e a Deus, que se entendem no contexto histórico e comunitário de uma cidade que cresceu à sombra do poder arcebispal, são assumidas plenamente na letra e poderão ter sido o fator discriminatório que conduziu este hino ao anonimato. Sabemos que foi muito popular e bem acolhido nos primeiros anos, mas a ausência de momentos de interpretação e divulgação do mesmo, tê-lo-ão tornado obsoleto.

Se ao tentarmos integrar a velha letra nos moldes em que atualmente se canta, nos parecer haver lugar a algumas dissonâncias, não nos esqueçamos que o arranjo musical entretanto feito, tal como refere João Duque, se realizou a partir de partituras para banda, de tom mais instrumental, o que não deixa entrever os ritmos inicialmente propostos para vozes e coro. Mesmo que não se substitua esta versão primeira, pela que atualmente vigora como oficial, até porque nos parece mais didática e atual, é importante não deixar cair no anonimato uma letra que também faz parte da história coletiva de Braga e que apela, inevitavelmente, ao orgulho bracarense. É também para isso que são compostos os hinos.

Sabemos que em 1940, depois de muitos anos de longa ausência, foi reintroduzido o hino da cidade de Braga nos festejos sanjoaninos, “graças aos esforços de Baptista Ribeiro”<sup>172</sup>, contudo já apenas com a sua componente instrumental. Entretanto, o momento de exaltação do hino cidadão foi enquadrado num evento oficial a ter lugar diante da edilidade. O *Diário do Minho*, na sua edição do dia 24 de junho de 1962, descrevia assim, esse especial momento, que passou a demarcar o início oficial dos festejos:

*«Às 10 horas, com meia dúzia de bandas reunidas na praça do Município, procedeu-se ao içar da bandeira da cidade no mastro de honra, cerimónia a que presidiu o sr. António Leitão de Carvalho, na sua qualidade de presidente da Comissão das festas e assistiram os restantes membros e alguns vereadores municipais. As Bandas executaram, então, o Hino da Cidade, ao mesmo tempo que uma girândola de foguetes assinalava a primeira cerimónia festiva do S. João, espalhando-se, em seguida, pelas diferentes artérias já então animadas pela chegada constante dos comboios e caminhetas que vinham apinhadas de gente»<sup>173</sup>*

Efetivamente, o primeiro momento oficial das festas de São João, desde há cerca de sete décadas, é precisamente a interpretação do hino pelas filarmónicas, diante do edifício da Câmara

---

<sup>172</sup> *Correio do Minho*, 4 de maio de 1940, p.1.

<sup>173</sup> *Diário do Minho*, 24 de junho de 1962, p.1.

Municipal, enquanto a bandeira sobe no mastro principal. Não há notícias que tal ocorra noutra altura do ano, o que entrega a estas festividades um estatuto significativo na tarefa de edificar a comunidade, através da promoção dos seus principais símbolos.

As festas de São João apresentam no seu programa, para a manhã do dia 23, o cortejo da “mordomia” ou da Associação de Festas que desemboca na praça do Município, diante do edifício da edilidade, e com a presença das mais elevadas dignidades civis, eclesiásticas e militares da cidade. Apesar das festas já se terem iniciado alguns dias antes, acontece aqui a abertura oficial dos festejos, momento que sublinha o seu cariz municipal. Este solene momento, que tem vindo a ser engrandecido e valorizado, inicia-se com os hinos de Braga e do São João, devidamente interpretados por um largo conjunto de filarmónicas e pelo Orfeão de Braga.

Vai ser esta capacidade das festas de São João, como factor de unidade municipal, a justificar a função unificadora das rusgas que, colocam no mesmo espaço-tempo, os habitantes do mundo rural bracarense e os bragueses citadinos, numa comunhão festiva que celebra uma mesma herança comum.

#### **5.6.4 As rusgas como elemento unificador de dois mundos**

As rusgas, que marcaram a festividade municipal bracarense no decorrer do século XIX e nas primeiras décadas da centúria seguinte, tiveram um papel fundamental como elo unificador de dois mundos que podemos caracterizar como distintos: a ruralidade e a cidade.

É certo que estas delimitações conceituais transportam consigo sempre alguma imprecisão, dado que as gentes e as suas formas de vida não estavam assim tão distantes umas das outras, todavia havia diferenças essenciais entre os habitantes de Braga-cidade e os habitantes da Braga-rural, que se expressava em pequenas comunidades.

A cidade, apesar das diversas fragmentações administrativas de que era composta, garantia uma unicidade significativa dos seus habitantes, funcionando como uma grande comunidade que partilha um *ethos* comum. Da mesma forma, as pequenas comunidades rurais tinham mais aspetos comuns entre si, do que analogias com a grande comunidade que é a cidade. Mesmo aquelas aldeias que ficavam mais próximas do ambiente urbano, conservavam aspetos comunitários significativos, que as faziam divergir do ambiente urbano. Mesmo perante as perplexidades da Braga do virar do século XIX para o XX, que citam uma cidade conservadora, onde as galinhas se passeiam às portas da igreja, e em que uma parte da população circulava descalça, havia diferenças significativas em relação à ruralidade patente nas suas aldeias.

O povo do Minho, embora seja exagerado isolá-lo das outras tipologias territoriais portuguesas, detém características que o definem particularmente. As principais são efetivamente, e ainda hoje, a festa e a religiosidade. Seja no mundo rural ou no urbano, o minhoto exprime-se com a mesma linguagem, não apenas a que se demarca pelos tons e pronúncias, mas principalmente aquela que se afirma através das tradições partilhadas e respetivas formas de as viver e experimentar.

As festas de São João têm tanto em comum com as festas d'Agonia em Viana do Castelo, como com a romaria de São João d'Arga, que acontece nas franjas de uma serra bem distante do ambiente urbano. O que as une? O Minho por excelência, essa influência cultural que perpassa para o sangue, e se afirma no tipo de relações comunitárias estabelecidas. Mesmo com todas as limitações que, no passado, eram impostas pelo território e pelas difíceis formas de comunicação e deslocação, as comunidades influenciavam-se mutuamente, assumindo a administração eclesiástica e os seus limites territoriais um protagonismo fundamental na delimitação cultural e na unificação dos povos.

Vão ser precisamente as características que aproximavam estes dois mundos, aquelas que vão ser exaltadas durante as festas de São João. A festa e a religiosidade, para lá das palavras cheias e pronunciadas com tonalidades familiares, são comuns a qualquer minhoto, venha ele da cidade ou da aldeia mais perdida entre Peneda e Gerês.

Não sabemos se se trata apenas de um milagre sanjoanino, ou se a revelação da mais autêntica raiz que vai marcando e definindo sucessivas gerações. A verdade é que as festas de São João, para além deste cariz municipal que apresentam, são o momento da unidade bracarense, no qual se esbatem as diferenças sociológicas e se afirmam os vetores da unidade. Neste contexto, o cortejo das rusgas, pese a artificialidade que lhe é conferida pelo folclorismo, é o grande instante de comunhão de uma Braga urbana e rural, viva e romeira, que continua a fazer do São João a mais autêntica memória da sua identidade.

## *5.7 O SÃO JOÃO DE BRAGA E O TURISMO*

### **5.7.1 O primeiro fenómeno turístico da cidade de Braga**

Um dos fatores que, na entrada para o último quartel do século XIX, já distinguia as festas de São João das demais festividades bracarenses era precisamente a capacidade para atrair forasteiros. Esta tendência, aliás, já era comentada no século XVIII como vimos anteriormente.

Recordemos que, para além dos visitantes do entorno geográfico chamados excursionistas, que vinham a Braga apenas no dia de São João, foi crescendo a afluência de visitantes com um perfil sócio-

económico elevado, sendo estes que lotavam as camas dos hotéis e dinamizavam o comércio local. Recordemos que, no final do século XIX, a cidade de Braga dispunha de alguma animação turística, detendo algumas dezenas de pensões e casas de pasto, e contando oito hotéis no perímetro urbano e três no santuário do Bom Jesus do Monte<sup>174</sup>.

À medida que crescia a popularidade do São João de Braga, mais se fortalecia a certeza de que este se tratava do maior evento turístico da cidade, aquilo que hoje chamamos de produto turístico. O diagnóstico feito em 1925 por um dos periódicos da cidade acaba por oferecer-nos uma visão significativa da atividade turística da cidade de Braga nessa época:

“Braga tem uma população flutuante insignificantíssima, a não ser nos trez meses de verão, pela passagem de aqistas para o Gerez e Caldelas e dos excursionistas que vão para o Bom Jesus fazer as suas curas de repouso ou divertimento. Entenderam, e muito bem, os nossos paes que era preciso estudar um meio de prender por horas ou por dias nesta cidade gente de todo o paiz e da nossa visinha Hespanha e começaram a dar grande brilho às romarias do Espírito Santo e do São João”<sup>175</sup>

Estes dados permitem-nos inferir a respeito da relevância de dois eventos – o São João e a romaria do Espírito Santo – e sobre os fluxos turísticos regionais mais significativos com influência na economia da própria cidade. Repare-se que a Semana Santa ainda não era sequer mencionada como evento significativo para o turismo, ao contrário do que acontece nos nossos dias. Esse lugar, então, era ocupado pelas festas de São João.

Em 1881, dizia o *Commercio do Minho*, na sua edição de 21 de junho, que o São João “é esta a festividade que attrae a esta cidade maior numero de forasteiros de todo o reino”.<sup>176</sup> Se em 1882 já se falava de um recorde de visitantes – 50 mil – no ano seguinte, já era por demais evidente o sucesso turístico do evento. A 21 de junho, “nos hotéis de Braga já não há sequer um quarto para alugar”<sup>177</sup>. Em 1940 ainda se falava do “entusiasmo que as festas estão provocando em muitas localidades do país, onde se aguarda com viva ansiedade o programa geral”<sup>178</sup> dos festejos bracarenses.

São muitas as causas para este sucesso turístico, que estão para além do próprio programa das festas. A chegada do comboio a Braga, em 1875, foi uma das principais. Em 1877, já se faziam

---

<sup>174</sup> No campo de Santana (avenida Central) ficavam os hotéis Franqueira, Anselmo e Olinda; o Transmontano na travessa de São João; o Leão d’Ouro na rua de São João; o Águia d’Ouro na rua D. Frei Caetano Brandão; o Igo no campo das Carvalheiras; e o Central na rua dos Capelistas. No Bom Jesus ficavam o Grande Hotel do Elevador, o Grande Hotel do Parque e o Hygiénico. (In: *Commercio do Minho*, 24 de junho de 1893, p.1)

<sup>175</sup> Cf. *Diário do Minho*, 30 de maio de 1925, p.1.

<sup>176</sup> *Commercio do Minho*, 21 de junho de 1881, p.3.

<sup>177</sup> *Commercio do Minho*, 21 de junho de 1883, p.3.

<sup>178</sup> *Correio do Minho*, 3 de maio de 1940, p.1

preços especiais nas viagens de comboio da linha do Minho e na linha do Douro, para quem pretendesse acorrer a Braga durante a quadra sanjoanina<sup>179</sup>. Em 1889, só de comboio chegaram a Braga cerca de 12 mil pessoas, sendo que 6.114 dos bilhetes de ida e volta foram vendidos na cidade do Porto<sup>180</sup>. Já em 1921 calculava-se em 60 mil o número de passageiros transportados para as festas sanjoaninas, numa altura em que já existiam outros meios de transporte de média distância<sup>181</sup>.



Gravura 17 - anúncio do Comercio do Minho a 16 de junho de 1896, relatando a ausência de alojamento por ocasião das sanjoaninas

Outros fatores acabaram por ser decisivos. Um dos mais significativos foi a centralidade que as festas de São João progressivamente adquiriram na região do Entre-Douro-e-Minho. A sua fama e mediatismo incomum acabava por ser fenómeno de atração para muitos forasteiros e, até de modelo de superação para centenas de romarias que se realizavam nas localidades nortenhas. Para atestar como Braga servia já de modelo de superação para as festas realizadas em honra de São João Batista, na segunda década do século XX, uma freguesia rural de Vila Nova de Famalicão afirmava que o seu arraial “era concorridíssimo, mesmo de pessoas de fora, que eram unânimes em dizer que o S. João de Landim ultrapassava em brilho o próprio S. João de Braga”<sup>182</sup>. Entretanto, o

reconhecimento do São João de Braga como um evento incontornável na região era cada vez mais notado, o que pressupunha uma capacidade crescente de atração de romeiros nos dias em que decorria a festa. Algumas localidades tentaram imitar, sem sucesso, os festejos bracarenses<sup>183</sup>.

A visita de ilustres visitantes atesta também o interesse gerado pelas sanjoaninas de Braga. Em 1896, por exemplo, chegou a falar-se na ilustre visita da Rainha-mãe, D.<sup>a</sup> Maria Pia de Sabóia, facto que, se se tivesse concretizado teria atraído outros ilustres visitantes à cidade de Braga. Todavia, apenas a menção a esta possibilidade já se tornava significativa para os festejos bracarenses.

<sup>179</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 21 de junho de 1877, p.2.

<sup>180</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 28 de junho de 1889, p.2.

<sup>181</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 29 de junho de 1920, p.2.

<sup>182</sup> Cf. SOUSA, Maria Clementina Pires de Lima Tavares de – “S. João de Landim”. In: *Monografia das festas ao São João em Portugal*. - [S.l. : s.n.], 1946 (Porto: Tip. Costa Carregal) pp.24-27.

<sup>183</sup> Guimarães no ano de 1889, sempre movida pela rivalidade que se agudizava por estes tempos, tentou organizar festejos sanjoaninos com o objetivo assumido de rivalizar com Braga (In: *Commercio do Minho*, 27 de abril de 1889, p.2). Em 1899 este intuito v foi abandonado, tendo a comissão destes festejos deliberado investir as suas energias na feira de S. Gualter, que se veio a tornar no principal momento festivo desta cidade (In: *Commercio do Minho*, 13 de maio de 1899, p.2).

Apesar de não existir nenhum estudo aprofundado sobre o fenómeno turístico do São João de Braga, que perdurou pelo menos até à década de 1940, sabemos que uma percentagem significativa de visitantes provinha da cidade do Porto e das localidades vizinhas e talvez esse facto explique o impacto negativo que o surgimento de festas coincidentes nessa cidade teve para as sanjoaninas de Braga. Terá começado aí a quebra da atividade turística durante as festas de São João.

### 5.7.2 O perfil do visitante

Não será fácil a tentativa de, numa altura em que não existia a acuidade suficiente para com os dados estatísticos, obter o perfil do visitante que abordava Braga por altura das festas de São João nos finais do século XIX e inícios do seguinte.

Através da análise dos muitos dados disponibilizados pela imprensa regional escrita da época, que detinha em Braga uma força significativa, temos a convicção que, grande parte dos romeiros, eram provenientes das aldeias circundantes e das vilas que sofriam influência direta da centralidade de Braga. Todavia, para além destes, muitos vinham de localidades bem mais distantes, nomeadamente do Porto, a cidade que mais turistas enviava à capital do Minho por ocasião das festas de S. João. São muitas as referências aos “portuenses” nas edições especiais que se publicavam em Braga no dia de S. João. Contudo, a diversidade era bem mais significativa. Em 1925, por exemplo, era referida a vinda de excursões provenientes de Lisboa, Caldas da Rainha e Coimbra propositadamente para as festas, sendo que, no início de junho, já estavam vendidos 200 lugares nos hotéis do Bom Jesus<sup>184</sup>. Sabemos, ainda, que a comissão de festas tinha o cuidado de colocar os cartazes das festas nas estações de caminhos de ferro entre Braga e Lisboa. Recorde-se que o principal meio de transporte era, indubitavelmente o comboio. Apesar destes dados serem significativos, continuaríamos, ainda assim, sem averiguar devidamente como seria o perfil do visitante.

Graças a um acontecimento, sucedido no dia 23 de junho de 1888, podemos obter uma amostra que nos fornece algumas análises sobre a tipologia do “forasteiro” que visitava as festas sanjoaninas. Em pleno arraial de S. João da Ponte, os romeiros debruçavam-se sobre a ponte velha para admirar os quadros bíblicos, ainda hoje expostos no rio Este. Devido à aglomeração de pessoas, o muro da ponte cedeu e algumas dezenas de pessoas caíram no leito do rio, tendo-se registado 15 feridos, transferidos para o hospital de S. Marcos. Obtendo acesso aos dados de cada um dos sinistrados, o jornal *Commercio do Minho* publicou o nome, idade, e a naturalidade de cada um<sup>185</sup>.

---

<sup>184</sup> Cf. *Diário do Minho*, 7 de junho de 1925, p.2.

<sup>185</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 26 de junho de 1888, p.2.

Estes dados revelaram-se preciosos para esta análise, que acaba por atestar as impressões gerais passíveis de serem observadas a respeito do perfil do romeiro sanjoanino. Embora não se revele uma amostra significativa, segundo os cânones das ciências sociais, permite indubitavelmente a obtenção de um perfil-tipo do romeiro no ano de 1888.

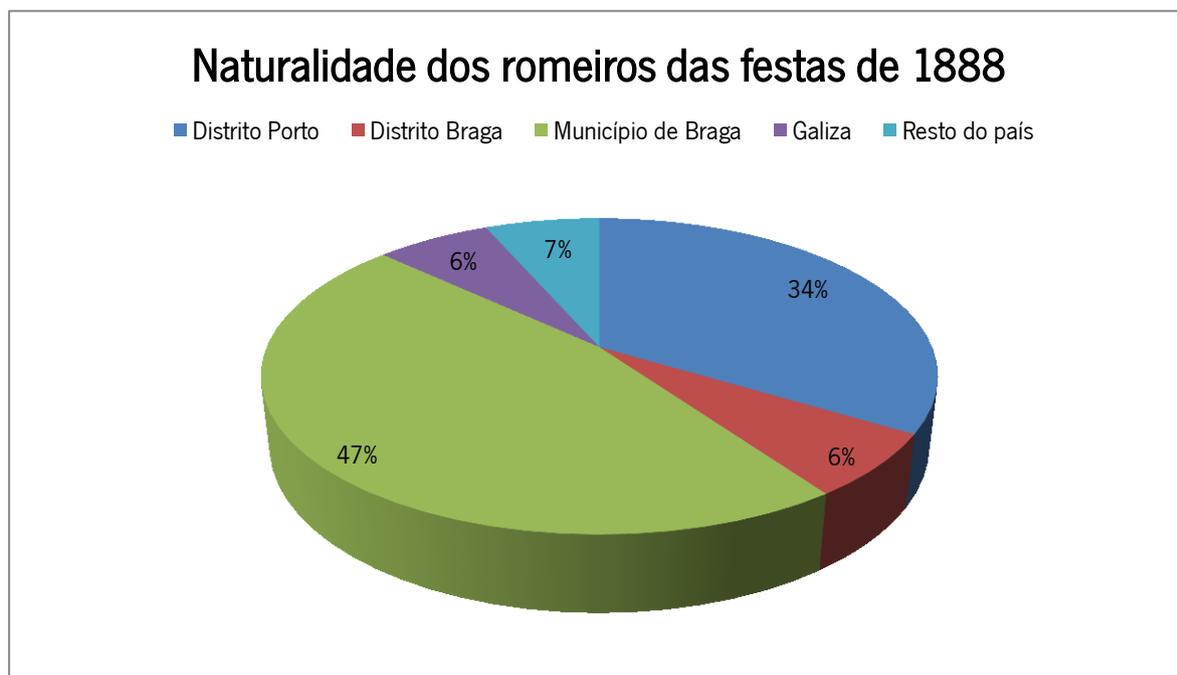


Figura 8 - Distribuição da naturalidade dos sinistrados hospitalizados após o acidente no arraial de S. João da Ponte em 1888

Os dados dos sinistrados confirmam que cerca de metade (47%) dos romeiros era natural do município de Braga, sendo os restantes 53% provenientes de outras regiões do país. A zona dominante, como já era expectável, é o distrito do Porto com 34%, confirmando a importância do comboio e o interesse que as festas de S. João em Braga suscitavam na população daquela cidade. Com percentagens menos significativas estão os restantes distritos do país (7%), e os restantes municípios do distrito de Braga, surpreendentemente representados com apenas 6%. Da Galiza já se registavam visitantes (6%), facto que é curioso numa altura em que as festas ainda não tinham apostado declaradamente na promoção, o que veio a acontecer apenas em 1893.

Considerando que a multidão que se aglomerava junto da ponte velha era aleatória, dado tratar-se de um quadro que todos os que passavam em direção à capela de S. João da Ponte queriam observar, podemos considerar como válida a multiplicidade da amostra. Naturalmente que o facto de nem todos os sinistrados fazerem parte do lote de feridos cujos dados utilizamos nesta estatística, dado que nem todos foram hospitalizados, reforça a aleatoriedade da amostra.

## 5.8 O SÃO JOÃO NA IMPRENSA

*"Aproximam-se as festas do S. João em Braga, que são das mais imponentes que se realizam em Portugal. Este ano são levadas a efeito com um brilho como há muito não se faz"*

Jornal "O Século", 10 de junho de 1931

A imprensa, particularmente a imprensa escrita, é uma fonte da máxima importância para desenvolver estudos relativos à sociedade no período 1850-1950. Numa época em que escasseavam outras reservas de informação e em que as próprias ciências sociais e humanas ainda buscavam a delimitação dos seus objetos de estudo, a imprensa era o primordial suporte de propagação dos ritmos sociais, base de dados de acontecimentos e escrutínio da própria evolução das comunidades. Por isso mesmo, a importância comunitária das festas de São João em Braga é perfeitamente aferível através da análise dos periódicos, nos quais consta, não apenas os programas festivos e as respetivas comissões, mas também se exploram as possibilidades e anseios, se fazem apreciações e críticas e se regista o balanço final das mesmas.

Numa época em que não existiam outros recursos informativos de relevo para além dos jornais, é possível perceber também o impacto mediático que as festas sanjoaninas já detinham no contexto nacional, sendo frequentes vezes referidas em jornais de tiragem nacional como é o caso do mais importante periódico português no início do século XX, "O Século".

A imprensa local aproveitava a quadra sanjoanina para triplicar o número de páginas da sua edição, maioritariamente composta de anúncios publicitários dos principais estabelecimentos de Braga, numa tentativa clara de tirar proveito da presença de inúmeros forasteiros na cidade. Por exemplo, no ano de 1894, o periódico mais importante de Braga, o "Commercio do Minho", excedeu a sua tiragem habitual, elevando para 10 mil os exemplares do jornal no dia 23 de junho, cuja distribuição foi feita gratuitamente "na estação do caminho de ferro, aos forasteiros que vêm gosar as festas em honra do Percursor". Nesta edição especial, para além do programa detalhado das festas, e de uma extensa propaganda comercial, eram dadas informações úteis sobre a cidade, numa espécie de guia turístico improvisado, como a rubrica "O que ha a vêr em Braga", onde se destacavam os principais monumentos. Por aqui percebemos a importância de que esta quadra se revestia para a cidade, sendo efectivamente o momento mais elevado do calendário anual, correspondendo ao evento turístico de maior relevo, pela capacidade de atração de "forasteiros".

Ao contrário do que sucede nos nossos dias, em 1897 dizia-se que "a imprensa de todo o paiz" se ocupava das festas de Braga, "publicando o programma na íntegra ou fazendo-lhes

penhorantes referencias”<sup>186</sup>. Em 1908, a afamada revista “Ilustração Portuguesa”, que integrava uma edição semanal do principal jornal português “O Século”, dedicou uma extensa reportagem aos festejos de Braga<sup>187</sup>.

Nos tempos em que as festas de São João eram o maior evento turístico da cidade, era também grande a azáfama para arranjar hospedagem. Frequentes vezes a imprensa anunciava que os hotéis e pensões da cidade e Bom Jesus já estavam lotados e não se pense que eram poucos os estabelecimentos da pernoita em Braga. Por isso mesmo, esse momento do calendário era aproveitado por muitas famílias para alugar quartos aos forasteiros desprevenidos.

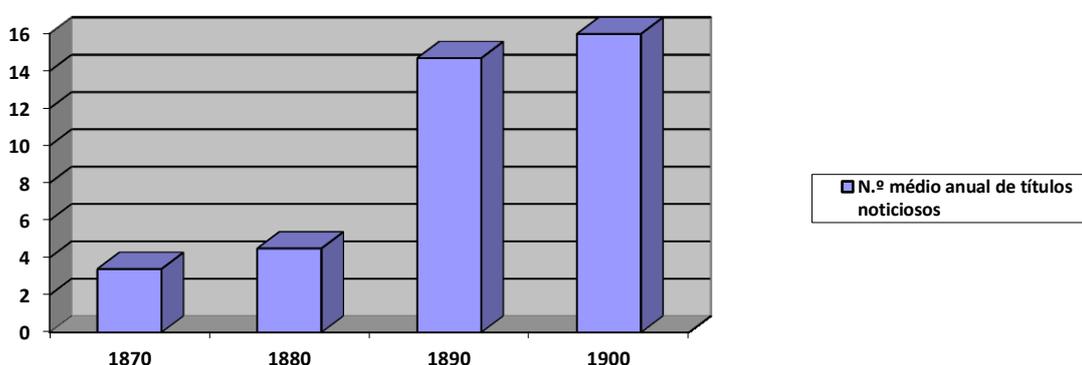


Figura 9 - Gráfico que regista a evolução do número de títulos noticiosos relativos às Festas de S. João, no jornal Comercio do Minho

Outro dos dados que é passível de ser averiguado através da imprensa é a própria evolução das festas como maior fenómeno social e económico da cidade de Braga. Através da análise do número médio anual de títulos noticiosos sobre as festas de São João, percebemos também o crescimento que alcançou, significativamente a partir da década de 1890, altura em que as sanjoaninas foram assumidas plenamente como o maior evento da cidade. Só em 1899 foram 27 títulos noticiosos a respeito das festas, distribuídos entre os meses de abril e junho. Os assuntos abordados centravam-se fundamentalmente na constituição da comissão de festas, que era composta anualmente, nas iniciativas que tomariam lugar no programa, e depois a respeito do próprio andamento das festividades.

Com o surgimento da rádio e televisão, numa altura em que as festas do Porto começaram a alcançar mediatismo, as festas da cidade de Braga acabaram por ser relegadas para segundo plano pela imprensa de dimensão nacional, algo que, como vimos, não tem reflexo no passado.

<sup>186</sup> Cf. *Comercio do Minho*, 12 de junho de 1897, p.2.

<sup>187</sup> Cf. *Ilustração Portuguesa*, N.º 124, 6 de julho de 1908, pp.33-34.

### 5.9 A RELAÇÃO COM AS FESTAS DO PORTO: UM CONFLITO DE CALENDÁRIOS

O facto de atualmente as também denominadas Festas de São João que se realizam na cidade do Porto deterem um mediatismo consideravelmente superior às festas bracarenses, conduz a uma espécie de rivalidade, da qual Braga sai frequentes vezes a perder. Porém, essa rivalidade de festas é muito mais recente que o que a maioria do senso comum tem conhecimento.

As festas de São João em Braga, como vimos desenvolvendo neste trabalho, tem uma origem eminentemente religiosa, como se justifica na própria denominação da festividade, detendo raízes no século XII e particulares desenvolvimentos nos séculos XVI e XVIII. Apesar da sua definitiva afirmação ter ocorrido apenas na segunda metade do século XIX, detém uma história e tradição que a solidificaram no seio da respetiva comunidade que a representa.

No que diz respeito à cidade do Porto, a história é muito distinta e bem mais recente. Apesar das referências sucessivamente apontadas – na tentativa de justificar o seu teor ancestral – quanto às fogueiras sanjoaninas que se faziam na cidade do Porto, durante o reinado de D. João I, segundo o testemunho de Fernão Lopes, sabemos hoje que não se trata de uma tradição continuada ou que tivesse uma relevância na vida comunitária desta cidade.

Em 1911, por ocasião da escolha do dia feriado municipal, as opiniões da Comissão Administrativa portuense dividiram-se quanto à data a escolher. Perante o impasse surgido com a escolha do dia que deveria, dali em diante, ser considerado como o feriado municipal, o *Jornal de Notícias* promoveu uma votação entre a população do Porto, de forma a determinar qual o dia mais representativo do seu calendário<sup>188</sup>. As opiniões dividiram-se novamente, o que é significativo quanto à falta de um consenso ou de uma celebração pública que tivesse ascendente sobre as demais. O dia 24 de junho venceu a votação com 6.565 votos, seguindo-se o dia 1.º de Maio com 3.076 votos, 8 de Dezembro com 1.975 votos, e, finalmente, o dia 9 de Julho (entrada de D. Pedro IV no Porto) com apenas 8 votos. Recorde-se que, no Porto, costumavam realizar-se, pelo mês de junho, umas festas de cariz meramente convivial, denominadas Festas de Verão. Estas celebrações nada tinham que ver com o São João, nem sequer utilizavam essa denominação, embora, no início do século XX, se tornasse usual realizarem-se no último fim de semana de junho. Eram também chamadas de festas do Palácio de Cristal, existindo até uma referência a uma banda que veio atuar ao São João de Braga, que se retirou mais cedo para poder participar também no evento promovido naquele local portuense<sup>189</sup>.

---

<sup>188</sup> Cf. *Jornal de Notícias*, 4 de fevereiro de 1911, p.1.

<sup>189</sup> Em 1904, ano em que as festas de São João se encerraram a 26 de junho, pelo facto de ser domingo, a banda de Saragoça, principal convidada do festival do Passeio Público, retirou sábado à noite para o Porto, para participar no Festival do Palácio de Cristal. (Cf. *Commercio do Minho*, 28 de junho de 1904, p.3)

Em Braga, recordemos, o processo de escolha do feriado municipal foi muito mais claro, dado que o 24 de junho foi votado por unanimidade. Ao contrário do Porto, os bracarenses sabiam amplamente qual era a sua mais importante celebração. Apesar da escolha do feriado municipal do Porto ter ficado determinada em 1911, não consta que tivesse sido levantado qualquer problema quanto a uma eventual rivalidade em relação às festas da cidade de Braga. Bem pelo contrário, o facto de ser feriado no Porto acabava por incrementar ainda mais a vinda de romeiros portuenses a Braga pelo São João. Refira-se ainda que, no Porto, nem existia um programa de festas da cidade, nem estas se denominavam de “São João”, como acontecia em Braga.

Apenas 14 anos após esta deliberação, se levantou o problema da concorrência das festas do Porto quanto às “seculares” festas de São João em Braga. A 24 de maio de 1925 alertava-se para o facto de o Porto fazer coincidir os seus festejos citadinos nos mesmos dias que as sanjoaninas bracarenses, efetuando já uma “propaganda intensa e bem orientada”<sup>190</sup>. Na mesma crónica, afirmava-se ainda, que “não há muitos anos, a Associação Comercial, o Ateneu Comercial e outras coletividades de Braga, empregaram os seus melhores esforços e tudo se conseguiu”, tendo o Porto “desistido do seu intento” de realizar as festas da cidade na mesma data que Braga. Quer isto dizer que, apesar de celebrar o feriado municipal a 24 de junho, o Porto ainda não organizava um programa de festas para esses dias. Terá sido em 1925 a primeira vez?

Em 1925, levantava-se, pela primeira vez, o problema da diferenciação dos meios. Naturalmente que Braga tinha menores condições para se divulgar, quando comparada com o município portuense. Alguns dias mais tarde, nas páginas do mesmo jornal, era feito um lamento quanto ao reduzido volume da verba agregada na subscrição anual pelas festas sanjoaninas, criticando os comerciantes e industriais bracarenses por se furtarem a apoiar devidamente um acontecimento que lhes trazia particular retorno. Ao que parece, na cidade do Porto, a verba angariada na rua Sá da Bandeira daquela cidade chegava para cobrir todo o dinheiro recolhido na cidade de Braga<sup>191</sup>. Porém, depois de esforços promovidos pela comissão de festas bracarense, a 19 de junho a congénere portuense acedeu ao pedido de adiar o seu programa para os dias seguintes, evitando o conflito entre as festas das duas cidades.

Esta problemática, aparentemente sempre resolvida a favor de Braga, regressou à agenda em 1935. Nesse ano, novamente o Porto determinou as suas, entretanto já batizadas, festas da cidade para os mesmos dias das tradicionais festas bracarenses. Nova missiva foi enviada quer ao presidente

---

<sup>190</sup> Cf. *Diário do Minho*, 24 de maio de 1925, p.1.

<sup>191</sup> Cf. *Diário do Minho*, 30 de maio de 1925, p.1.

da Câmara do Porto, quer à associação comercial daquela cidade. Os argumentos dos bracarenses focalizavam-se no facto de a coincidência das festas “prejudicar os interesses das duas cidades”, porque iria dividir os proveitos económicos, e na circunstância de “ser histórica a celebração bracarense das Festas Joaninas”, ao contrário do que sucedia com os festejos portuenses<sup>192</sup>.

Dias depois a Associação Comercial Portuense respondia à missiva bracarense dizendo não ter conhecimento “da realização de festejos de carácter especial” e dizendo-se “convencida de que as festas de S. João nesta cidade se limitarão, a exemplo de anos anteriores, à Alameda das Fontainhas e ruas circunvizinhas na noite de 23 e aos jardins do Palácio de Cristal na noite de 24 de Junho”. A instituição portuense acrescentava ainda que se tratavam apenas de “festas pagãs sem nenhum aspecto religioso” e que se limitavam ao povo daquela cidade<sup>193</sup>. Os de Braga contentaram-se com esta resposta e manteve-se a programação coincidente.

O último episódio das tentativas bracarenses, de evitar uma eventual concorrência do Porto, ocorreu onze anos mais tarde, em 1946. Nessa altura, o Grémio do Comércio, instituição organizadora dos festejos, reuniu de emergência pelo facto do Porto ter determinado as suas festas da cidade para os mesmos dias das festas de São João em Braga. Desse encontro saiu aprovada a seguinte proposta<sup>194</sup> dividida em cinco pontos:

1. Dar conhecimento às entidades do Porto que as festas de São João em Braga se realizam desde tempos remotos;
2. Apelo às entidades bracarenses para uma defesa intransigente deste património moral “consagrado pelo tempo”;
3. Nomeação de uma comissão mandatária tendo como missão esse fim;
4. Que a mesma comissão peça colaboração imediata do Governo do distrito, da Câmara, da Liga de Defesa de Braga e das autarquias locais;
5. Que fossem enviados telegramas às entidades da cidade do Porto, expondo esta argumentação e evitando a coincidência de data entre as duas “Festas da Cidade”;

Na sequência destas propostas de atuação, dias mais tarde, uma comissão de cidadãos constituída por representantes das mais importantes instituições da cidade, deslocou-se ao Porto para sensibilizar o Presidente da Câmara daquela cidade e também os meios de comunicação social. Esse encontro resultou no adiamento de alguns dos eventos do programa de festas portuense, para além do reconhecimento moral da parte dos responsáveis autárquicos do Porto de que não houve qualquer

---

<sup>192</sup> Cf. *Diário do Minho*, 26 de março de 1935, p.1.

<sup>193</sup> Cf. *Diário do Minho*, 28 de março de 1935, p.1.

<sup>194</sup> Cf. *Diário do Minho*, 3 de maio de 1946, p.3.

intenção de rivalizar com Braga e que, de facto, as festividades bracarenses são mais antigas e de maior tradição. Uma vitória moral das autoridades bracarenses, que não evitou a solidificação das festas da cidade do Porto, nos mesmos dias que as que se efetuavam em Braga. Estava, assim, consumada a sobreposição de calendários. Entretanto, pelo facto de coincidir nos dias e na forma, as festas do Porto passaram também a denominar-se “de São João”.

Se a leitura histórica fosse devidamente fundamentada, hoje dar-se-ia mais relevo à tradição sanjoanina bracarense, do que propriamente às festas da cidade do Porto, bem mais recentes na sua configuração. Como podemos aferir, a partir dos dados disponibilizados, Braga, nomeadamente a sua Associação Comercial, que era a entidade responsável pela realização das festas, tentou em algumas ocasiões evitar a coincidência das festas nas duas cidades. Do lado do Porto veio sempre uma resposta cordial, considerando excessiva a eventual rivalidade entre as duas festas, dado que a sua festividade era insignificante.

A história recente veio dar razão a Braga e o mediatismo alcançado pela segunda maior cidade portuguesa acaba por abafar o evento de raízes seculares que decorre anualmente na capital minhota. Apesar da festa portuense não possuir qualquer dimensão religiosa e não possuir uma dimensão aprofundada na perspetiva histórica e etnográfica tão significativa como Braga. As últimas décadas, e as tradições entretanto associadas, já servem para fundar uma imagem de superioridade do Porto face aos festejos bracarenses. Uma falácia que contribuiu para o desmoronar da ideia, já muito difundida em termos nacionais, de que as festas de São João de Braga eram um dos arraiais mais importantes do país.

A partir da década de 1950, os festejos bracarenses passaram a denominar-se “Festas Provinciais”, passando a imagem de magna celebração do Minho. Desde 1974, assistiu-se a um incremento da atividade turística nas Solenidades da Semana Santa, relegando progressivamente as Festas de São João para uma posição secundária do ponto de vista do aproveitamento económico e turístico. Aquele que foi o maior produto turístico consolidado da cidade de Braga, pelo menos até meados do século XX, passou a deter uma importância meramente local e não podemos separar este facto da coincidência de datas e denominação promovida pela cidade do Porto.

## CAPÍTULO 6. O SÃO JOÃO EM BRAGA NA ACTUALIDADE

### 6.1 CARATERIZAÇÃO GERAL



Gravura 18 - As Festas de São João na atualidade detêm uma adesão significativa da população de Braga e do Minho (Rui Ferreira, 2012)

O São João de Braga continua a ser o momento alto do calendário anual dos bracarenses. As festas revelam a identidade genuína da cidade, quer através das iniciativas das associações culturais e recreativas do município, que atingem por esta quadra o seu maior horizonte de ativismo, quer pelas tradições e legado que conserva, quer pela elevação dos principais símbolos da cidade: como a bandeira e o hino. Mesmo já tendo perdido para as Solenidades da Semana Santa o título de principal evento turístico, são as festas de São João o momento que mais atrai visitantes à cidade, embora estes sejam provenientes de municípios próximos como Vila Verde, Póvoa de Lanhoso, Vila Nova de Famalicão, Amares e Guimarães, município que, por viver o seu feriado municipal no mesmo dia, acaba por contribuir significativamente para os festejos bracarenses.

O programa, que se distribui ao longo de sensivelmente dez dias, apesar de iniciativas episódicas que pontuam a organização anual, mantém uma estrutura base onde pontificam os principais atrativos do programa. Vejamos os eventos que têm lugar cativo no programa anual:

1.º fim de semana	23 de junho	24 de junho
Sábado, 15h00 – torneio do jogo da malha (ou fito)	09h00 – Cortejo da Mordomia, em direção à praça Municipal	09h00 – saída dos carros das ervas, Rei David e Pastores
Sábado, 21h00 - sarau cultural	10h00 – Abertura Oficial das Festas	11h00 – Missa em S. João da Ponte
Domingo, 16h30 – Cortejo de Gigantones e Cabeçudos	17h30 – concerto pelos carrilhões de Santa Cruz, Sé e S. Vicente	18h00 – Procissão dos Santos do mês de Junho
	22h00 – Cortejo das Rusgas	
	01h00 - fogo de artifício no Picoto	

O Encontro Internacional de Gigantones e Cabeçudos e o cortejo formado pelos carros das ervas, pastores e Rei David continuam a ser os momentos altos do programa, completados naturalmente pelos dois cortejos agendados para o dia 23 de junho e pelo arraial popular que decorre toda a noite na avenida da Liberdade e no parque da Ponte. As celebrações religiosas continuam a deter um lugar importante com as duas celebrações litúrgicas que decorrem na manhã do dia 24 de junho, uma na igreja de S. João do Souto e outra no exterior da capela de S. João da Ponte, e ainda pela procissão dos Santos do Mês de Junho que, depois da extinção do espetáculo de encerramento em 2010, passou a ser o último grande momento das festas da cidade. O programa é completado por concertos de música popular, que têm lugar nos palcos instalados no parque da Ponte e na avenida Central. Estes espetáculos musicais são compostos por grupos locais, os tradicionais cantares ao desafio, estando frequentemente ausentes do cartaz grupos de renome nacional.

Os espaços da festa continuam a ter no parque da Ponte e na avenida Central os espaços privilegiados de iniciativa. A feira popular, que costuma ser um dos principais atrativos, decorre no recinto do parque de Exposições. A avenida da Liberdade continua a ser o elo fundamental destes espaços, aparecendo elaboradamente decorada e servindo de base a uma feira que acentua a dimensão popular dos festejos.

Apesar de continuar a congregar as forças vivas do município e desempenhar um importante papel na dinamização associativa, na última década e meia tem-se assistido a um notório esvaziamento do programa das festas. Para memória futura, recordemos alguns eventos dissipados:

Ponto do programa	Última ocorrência
Cortejo do Traje	1998
Concurso de montras	1997
Concurso de cascatas:	1998
Sessão dupla de fogo de artifício no Picoto	1999
Animação de ruas diária	2000
Feira Franca no campo das Camélias	2000
Espetáculo de encerramento	2010
Festival de Tunas	1995

Um outro aspeto fundamental que se esvaneceu na última década e meia foi a animação de ruas, que percorria diariamente as ruas do centro histórico às 09h00 e 15h00. Fazendo, por exemplo, a analogia do programa das festas em 2012 com o programa elaborado para as festividades de 1994 existem diferenças muito significativas. Atualmente subsiste apenas uma sessão de fogo de artifício, lançada do alto do monte Picoto na noite de S. João. Em 1994 foram cinco as sessões pirotécnicas.

Igualmente se perderam iniciativas que fomentavam a participação e integração da comunidade nos próprios festejos, nomeadamente o concurso de cascatas, dinamizado habitualmente por associações juvenis, e o concurso de montras sanjoaninas, que era uma forma de associar os comerciantes ao evento. A grande perda e esvaziamento refere-se, no entanto, à promoção da etnografia e folclore. Se é certo que continua a estar inserida na programação a realização de um festival folclórico, não é menos verdade que o mesmo tem cada vez menos impacto na população.

## *6.2 O ENCONTRO INTERNACIONAL DE GIGANTONES E CABEÇUDOS*

O Encontro Internacional de Gigantones e Cabeçudos é hoje um dos principais certames do cartaz das festas de São João. Trata-se de uma iniciativa criada em 1989 e posteriormente integrada nas festas da cidade, que reúne algumas dezenas de grupos de gigantones e cabeçudos do município de Braga e de localidades do norte de Portugal, de Espanha e também de França. O ponto alto deste encontro, que decorre sempre no primeiro fim de semana das festas, é o cortejo que atravessa as ruas de Braga na tarde de domingo, arrastando milhares de pessoas às ruas. Progressivamente este certame tem integrado grupos de precursão de todo o país, facto que tem servido de fundamento ao surgimento de grupos aliados deste género musical em algumas escolas do município.

De forma a integrar, no presente, algumas das tradições que faziam parte das festas de São João do passado, foi recuperada, neste cortejo, a exibição da Serpe, uma serpente gigante feita de trapos, personificada por algumas dezenas de figurantes.

Recorde-se que os Gigantones e Cabeçudos, que já apareciam integrados na procissão sanjoanina descrita nos séculos XVII e XVIII, voltaram a ser presença assídua após as festas de 1896. Neste ano, veio da cidade galega de Vigo, um grupo de “Gigantones y cabezudos” que era tido, à época, como “um número novo” do programa<sup>195</sup>. Esta inovação acabou por ganhar raízes nos festejos, e os grupos de gigantones e cabeçudos chegaram mesmo a servir de acompanhamento aos carros dos pastores e do Rei David nos anos de 1908 e 1909.

---

<sup>195</sup> Cf. *Commercio do Minho*, 23 de maio de 1896, p.3.

## PARTE 3: O SÃO JOÃO DE BRAGA E O TURISMO

---

## CAPÍTULO 7. O POTENCIAL TURÍSTICO DAS FESTAS DE SÃO JOÃO DE BRAGA

### *7.1 BRAGA E O TURISMO*

#### **7.1.1 Situação e contexto geográfico**

O município de Braga detinha, segundo dados do Censos 2011, uma população de 181 mil 474 habitantes, apresentando uma taxa de crescimento natural de 0,36% e uma taxa bruta de natalidade na ordem dos 10,2%, a mais elevada no NUTS II e superior à média registada no Grande Porto. O poder de compra encontra-se acima da média nacional, situando-se nos 105,59, também a mais alta do NUTS II, mas mais reduzida que o Grande Porto (115,04) e que a Grande Lisboa (134,2).

Entre os 14 municípios mais populosos de Portugal, Braga ocupa a posição n.º 7, sendo neste grupo o único município externo às grandes áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. Este facto fortalece a sua posição como terceiro núcleo urbano nacional.

Braga destaca-se ainda como cidade histórica e patrimonial, sendo considerada a mais antiga cidade do país. Na área abrangida pela designação de Centro Histórico de Braga, e que detém actualmente uma zona especial de proteção, encontram-se classificados 32 imóveis, conjuntos ou sítios (8 monumentos nacionais, 24 imóveis de interesse público e 3 imóveis de interesse municipal), encontrando-se 6 em vias de classificação. Parte significativa dos monumentos existentes no centro da cidade são edificações do período barroco, que deixou marcas bem vincadas na arquitetura civil e religiosa. Da época medieval e renascentista restam poucos edifícios, sendo o maior legado referente à Sé Primaz e capelas anexas. Restam ainda variadíssimos troços da cintura defensiva mandada construir por D. Fernando, bem como a Torre de Menagem do castelo e uma parte do Paço Arquiepiscopal.

Desde 1977, altura em que foi criada a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, a cidade tem assistido a um acréscimo considerável de vestígios musealizados da época romana. O denominado processo de “Salvamento de Bracara Augusta” enriqueceu o património cultural do centro histórico, tendo sido decisivo para o estudo mais aprofundado da história urbana de Braga.

#### **7.1.2 Diagnóstico da actividade turística**

Os números de turistas em Braga podem ser contabilizados a partir dos dados das dormidas em estabelecimentos hoteleiros ao longo do ano. Em 2009 o número situou-se nos 269.316 e em 2010 decresceu para os 262.965. Isto representa uma liderança significativa no contexto da atividade turística da região Minho, detendo mais 58% da ocupação que o segundo destino da região.

A capacidade de ocupação hoteleira de Braga corresponde a 2110 camas, sendo a sua média de ocupação anual na ordem dos 34,15%, atingindo a plena ocupação durante as Solenidades da Semana Santa e um registo significativo ao longo dos meses de verão, particularmente no mês de agosto.

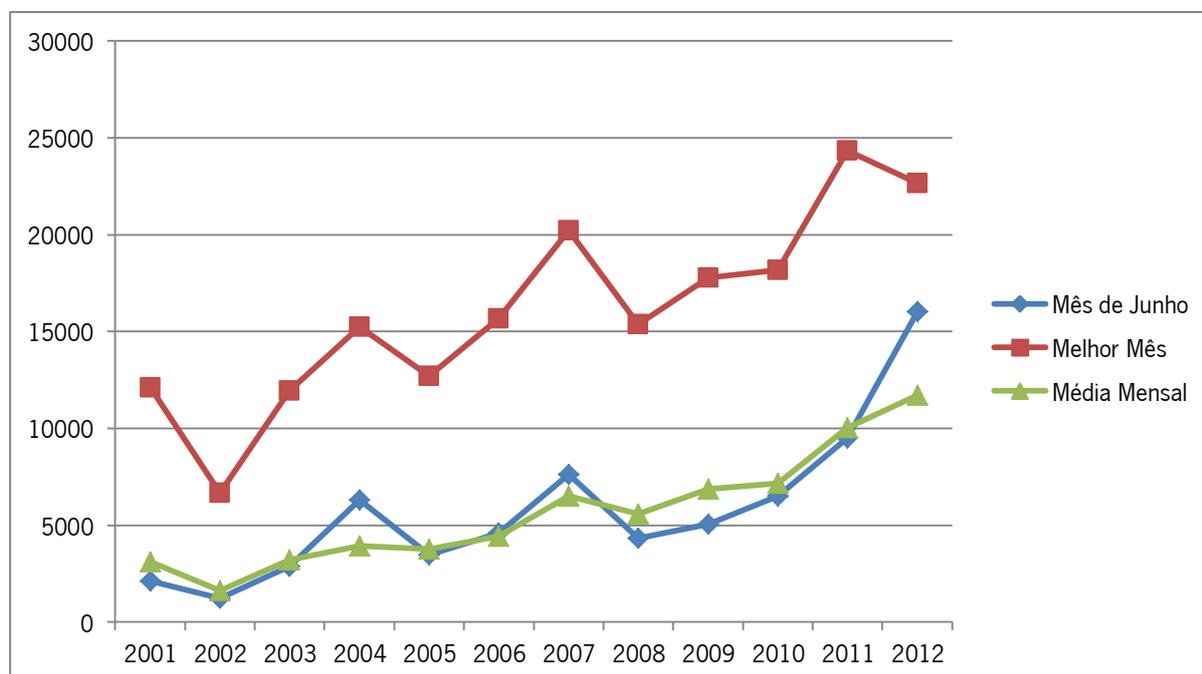


Figura 10 - Gráfico com o registo das visitas mensais ao Posto de Turismo de Braga no período 2001-2012 [Dados CMB]

Analisando um outro elemento estatístico relevante, o registo das visitas ao Posto de Turismo de Braga, obtemos outros dados significativos de análise. Considerando que a maior parte dos visitantes do posto de turismo são maioritariamente indivíduos que têm como motivação a visita aos locais emblemáticos da cidade, estamos diante dos registos mais significativos quanto ao segmento de turismo que mais interessaria ao desenvolvimento turístico do evento que analisamos.

De acordo com os dados disponibilizados, o mês de junho não representa um período forte no que ao turismo diz respeito. A média mensal situa-se, em nove ocorrências, acima do mês de junho, significando que o período anual em que se realizam as festas de São João aparece quase como irrelevante no contexto da atividade turística local. Este facto confirma que as festas da cidade se cingem à população do município e do seu entorno geográfico, relegando as visitas turísticas com esta motivação para um plano secundário. Portanto, será muito reduzido o volume de visitas turísticas que têm por base de motivação as Festas de São João.

Estes registos indiciam também que o mês de junho está significativamente distante do mês com melhor desempenho. Outro dado relevante a este respeito, é o facto do mês com melhor desempenho no período analisado corresponder ao mês de agosto em todas as estatísticas anuais, à exceção de

2012, em que abril correspondeu ao melhor mês. Este dado atesta a relevância progressiva das solenidades da Semana Santa no contexto da atividade turística local.

Os dados não permitem uma análise mais específica relativamente à estadia média dos visitantes e à motivação que preside à dormida. Não estão contabilizados também os excursionistas, nomeadamente nacionais, que visitam a cidade por ocasião de alguns eventos. Desses eventos poderemos destacar não só as festas de São João, que atraem grande percentagem de população da região minhota, mas também as feiras promovidas pelo Parque de Exposições, as peregrinações ao Sameiro ou eventos desportivos, como jogos de futebol, rampa da Falperra ou provas de karting. Dada a centralidade administrativa e económica de Braga na região Minho, haverá também uma significativa percentagem de turismo de negócios.

Encarando os diversos segmentos que definem a atividade turística, o turismo cultural deve constituir-se como o principal atrativo da cidade, nomeadamente devido à elevada concentração de monumentos, legados de várias épocas históricas, particularmente de índole religiosa. O aproveitamento do turismo religioso, e a sua interligação profunda com a componente patrimonial e cultural, deve beneficiar a existência de uma estratégia coordenada. Efetivamente, os três produtos turísticos consolidados da cidade estão ligados ao turismo religioso, mas são ao mesmo tempo componentes e estruturas do turismo cultural. Recordemos, a este propósito, o modelo concetual proposto por Joana de Oliveira Neves, que afirma que o turismo religioso concilia o aspeto espiritual, o cultural e o turístico, num triângulo de interdependência<sup>196</sup>. Entre os monumentos mais visitados encontra-se a Sé Primaz e o santuário do Bom Jesus do Monte. O principal evento da cidade são as Solenidades da Semana Santa.

Apesar de deter alguns produtos turísticos claramente definidos, o município de Braga denota uma ausência de planeamento estratégico que interligue os diversos recursos e produtos que possui. Recordemos que o “atual paradigma de planeamento está fortemente influenciado pelos sistemas de análise, com ênfase nos objetivos, informação contínua, projeção e simulação de alternativas futuras, avaliação, escolhas e monitorização contínua”.<sup>197</sup>

O único ‘ensaio’ de planeamento e articulação em Braga, refere-se ao maior evento anual da cidade, as Solenidades da Semana Santa, que apresentam um programa integrado com diversas entidades, e uma promoção e divulgação com certo nível de elaboração.

---

<sup>196</sup> SANTOS, Maria da Graça Mougá Poças (Org.) – *Turismo Cultural, territórios e identidades*. Porto: Edições Afrontamento, p.192.

<sup>197</sup> FERREIRA, Luís; COSTA, Jorge e GOMES, João – “Planeamento em Turismo”. (ms.), p.15

## *7.2 O MUNICÍPIO DE BRAGA NO CONTEXTO DA ESTRATÉGIA TURÍSTICA NACIONAL*

### **7.2.1 O Plano Estratégico Nacional do Turismo**

O Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) é uma iniciativa do Governo, para servir de base à concretização das ações definidas para o crescimento sustentado do Turismo nacional nos próximos anos. O objetivo deste plano é traçar uma visão ambiciosa e estratégica para o setor do Turismo, que pretende essencialmente tornar Portugal num dos destinos de maior crescimento na Europa, através das características distintivas e inovadoras do país, apostando no desenvolvimento baseado na qualificação e competitividade da oferta, transformando o setor num dos motores de crescimento da economia nacional.

A mais recente versão do PENT foi aprovada pela resolução do Conselho de Ministros realizado no dia 27 de março de 2013, com a intenção de traçar objetivos mais realistas e adequados à atual conjuntura, focando-se em metas e ações concretas num horizonte de três anos: 2013-2015.

Pretende-se um desenvolvimento turístico baseado na qualificação e competitividade da oferta, alavancado na busca da excelência ambiental, urbanística, na formação dos recursos humanos e na modernização empresarial e das entidades públicas, constituindo-se como um dos motores de desenvolvimento social, económico e ambiental, a nível regional e nacional.

Englobando 10 produtos estratégicos para sete destinos distintos, o novo PENT inclui circuitos turísticos religiosos e culturais, turismo de saúde, estadias de curta duração em cidade, turismo de negócios, turismo de natureza, gastronomia e vinhos, golfe, turismo náutico, turismo residencial, e sol e mar. O destaque da recente revisão do PENT vai para a integração do turismo religioso entre os produtos estratégicos.

Novos mercados em crescimento como a França, o Brasil, a Polónia e a Rússia estarão na rota a abranger pelo novo PENT, assim como a revitalização de mercados já conhecedores do País como o Reino Unido, a Alemanha ou a Holanda. Novos públicos-alvo como a Escandinávia, a Itália, a Irlanda, a Ásia, a América do Norte e a América Latina também estão a ser estudados.

Portugal e Espanha representam mercados com particular relevância, uma vez que são bases estáveis de ocupação, capazes de gerar receita todo o ano. Também o segmento dos países lusófonos é muito importante, dada a afinidade cultural e a dimensão superior a cinco milhões de pessoas.

Recordemos que o peso da atividade turística no contexto da economia nacional é cada vez mais significativo. O turismo é responsável por 9% do Produto Interno Bruto e 8% do emprego em Portugal. Em 2012, só entre janeiro e julho, este sector foi responsável pela entrada de 2,8 mil milhões de euros na economia portuguesa.

## 7.2.2 Posicionamento de Braga perante a Entidade de Turismo

O município de Braga apresenta, desde logo, uma aparentemente desvantajosa posição perante a Entidade de Turismo que gere os destinos turísticos nacionais.

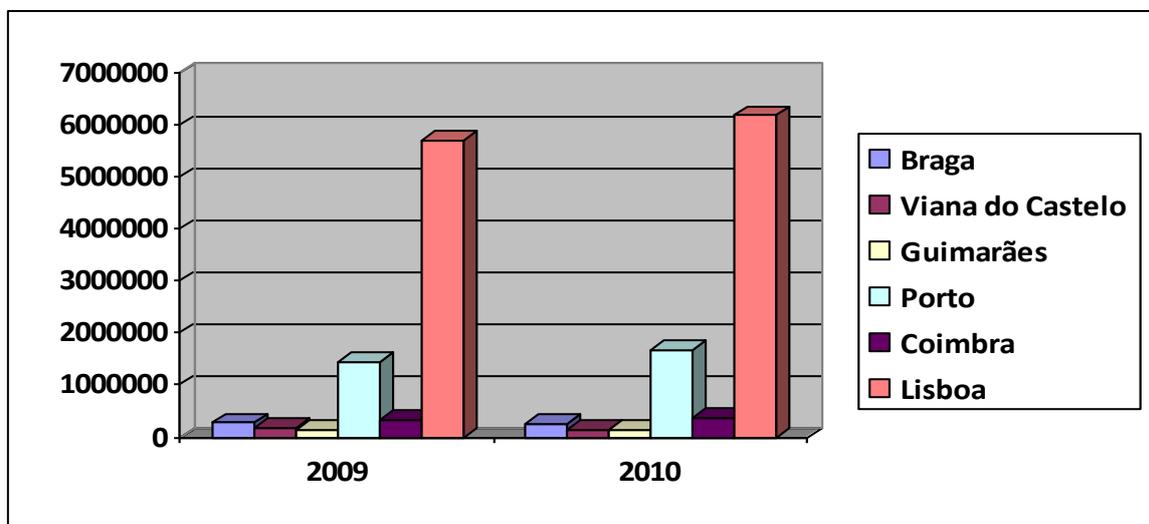


Figura 11 - Gráfico com as dormidas nas cidades de Lisboa, Porto, Coimbra, Guimarães, Viana do Castelo e Braga [INE 2009-2010]

Uma breve análise comparativa permite-nos concluir que, uma subida de 2,55% do número total de dormidas referente ao ano de 2010 – e conseqüente aumento de turistas – no nosso país, correspondeu um aumento efectivo de dormidas nas cidades de Lisboa, Porto e Coimbra e uma descida na ordem dos 0,2% em Guimarães, 20% em Viana do Castelo e 2% em Braga. Ou seja, num ano de crescimento significativo do turismo em Portugal, esses ganhos foram capitalizados principalmente para as cidades que centralizam a actividade das Entidades de Turismo.

No que se refere à denominada entidade de turismo do “Porto e Norte”, verificamos que a subida significativa do número de dormidas (5,49%) ao longo do ano de 2010 refletiu-se negativamente nos três principais destinos da região, a seguir ao Porto. Portanto, o crescimento turístico desta cidade e zona envolvente não se reflete necessariamente no restante território do Porto e Norte, o que deveria merecer uma profunda reflexão da entidade que rege o turismo.

A diferença do número de dormidas entre o Porto (1 milhão 690 mil) e Braga (262 mil), quando a diferença demográfica entre os dois municípios é bastante mais reduzida (237 mil /181 mil), reflete claramente a discrepância. O Porto tem quase 600% mais dormidas que Braga, não correspondendo necessariamente a maior oferta do ponto de vista patrimonial. Outros dados podem ser decisivos, tais como a oferta hoteleira (10.896 contra 2.110), o programa cultural e a proximidade ao Aeroporto, todavia não justificando uma distância tão significativa como aquela que se verifica.

Apesar de Braga dominar claramente a sua região no que toca ao turismo, liderança que se apoia na importância administrativa da cidade e na sua própria capacidade hoteleira, está inferiorizada relativamente a Coimbra, cidade demograficamente inferior e com importância similar no contexto histórico e administrativo nacional. Coimbra teve, em 2010, mais 39% do número de dormidas de Braga, beneficiando talvez da sua localização integrada no eixo Porto-Lisboa e também obviamente pelo facto de ser sede de uma Entidade de Turismo.

Outro fator pode ser atestado ao analisarmos o site [www.visitportugal.com](http://www.visitportugal.com), que é o portal oficial do Turismo em Portugal. Na perspetiva descritiva do Porto e Norte, Braga nem sequer é mencionada, perdendo relevância para o Porto e para Guimarães. Sendo a terceira maior cidade portuguesa e possuindo uma dos maiores conjuntos patrimoniais, é estranha a sua ausência mesmo na documentação fotográfica utilizada por este portal nas diversas “*web pages*”. Só aparecerão referências a Braga em duas das ‘*ideas*’ mencionadas, uma intitulada ‘*baroque routes*’ e outra ‘*religion in the Minho*’. Até as cidades de Chaves, Bragança e Miranda têm lugar com menção direta entre as ‘*ideas*’.

Já no *website* da entidade de turismo Porto e Norte, Braga é destacada como centro do Turismo Religioso, da qual detém uma delegação. Parece, contudo, extremamente redutor apenas integrar Braga nesta tipologia turística, que praticamente se reduz às Solenidades da Semana Santa, o maior produto turístico da cidade. Acrescentemos que a foto que ilustra esta “*web page*” nem sequer se refere a Braga.

Se o papel das Entidades de Turismo se centralizar primordialmente num único destino turístico, então são subvertidas à partida as motivações que levaram à extinção das regiões de turismo locais. Ao denominar – por exemplo – uma entidade de turismo de “Porto e Norte”, estamos desde logo a incentivar um determinado destino e a clarificar o posicionamento estratégico dessa mesma entidade. Ora, o papel destas estruturas deveria ser principalmente o de quebrar as assimetrias e não o de incrementá-las. O que os números revelam é reflexo desta realidade.

### *7.3. – SUBSÍDIO PARA UM PLANEAMENTO ESTRATÉGICO EM TURISMO*

#### **7.3.1 Uma estratégia para o turismo em Braga**

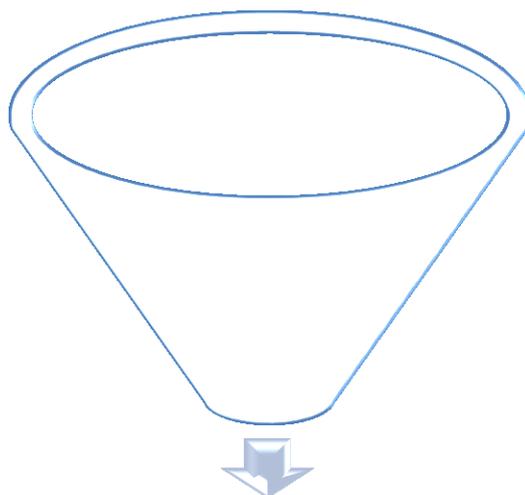
A responsabilidade dos números, anteriormente expostos, não cabe apenas à perspetiva centralizadora das entidades de turismo regionais, é também sugerida pela ação do poder autárquico instituído, cujo papel e meios financeiros poderiam ser catalisadores de uma alteração paradigmática.

Salientemos, ainda assim, que “o objetivo do planeamento em turismo está focalizado em fornecer os atrativos turísticos mais adequados, as atividades turísticas desejadas e a melhor qualidade dos produtos/serviços, conduzindo a um aumento do gasto do turista e do tempo de estadia do turista na região/destino”<sup>198</sup>.

Nesse sentido, o município bracarense deveria partir para uma planeamento sério e abrangente de uma estratégia para o turismo, dado o potencial de recursos que Braga apresenta. Só um plano integral, integrado e integrador poderia permitir o sucesso de uma estratégia. Seria imperativo que cada produto cultural e turístico já existente se integrasse com os restantes, mobilizando todos os *stakeholders*<sup>199</sup> com vista a um objetivo comum.

Da mesma forma, seria necessário que os muitos recursos disponíveis incrementassem a sua transformação em produto, investindo necessariamente em infraestruturas, promoção e numa programação que abordasse produtos já existentes.

O município deveria, por isso, iniciar este planeamento partindo de um estudo abrangente e interdisciplinar sobre as possibilidades turísticas do seu território, analisando os seus produtos turísticos e os recursos que poderá vir a transformar em produtos. Um segundo passo deveria implicar o envolvimento de todos os *stakeholders* neste processo de planeamento, propondo parcerias e iniciando o delineamento de objetivos comuns. Só depois se poderia avaliar as necessidades ao nível de infra-estruturas, marketing e programação integrada. Recordemos que o êxito da gestão local passa por uma concepção do destino de uma forma integral, isto é, incorporando todos os recursos e/ou produtos existentes.



Desenvolvimento Turístico

---

<sup>198</sup> FERREIRA et all – *Op. Cit.*, p.5

<sup>199</sup> *Stakeholder* é qualquer pessoa ou organização que tenham interesse ou implicação num determinado projeto.

Braga detém ainda um tecido empresarial denso, sendo economicamente consolidada e detendo uma centralidade administrativa que lhe garante certo tipo de recursos. É ainda bem servida de estradas, caminhos de ferro e transportes. Relativamente aos produtos e recursos culturais, religiosos ou de outra índole, Braga beneficia de uma abundância que garante à partida o sucesso parcial de qualquer iniciativa. A combinação de um conjunto de elementos tangíveis e intangíveis que conformam os produtos já existentes deve fazer aumentar o número de atividades subsidiárias na envolvente dos museus e dos monumentos e outros eventos como exposições, concertos, conferências. O vasto campo de possibilidades permitido pela arqueologia, ou os recentes projetos de eventual reativação do Cinema S. Geraldo e do espaço da antiga fábrica Confiança para fins culturais, pode vir a garantir a extensão da oferta cultural, para além do Teatro Circo e Universidade do Minho.

Seria ainda importante, potenciar os três produtos consolidados – Bom Jesus, Sé e Semana Santa – que, para além de culturais, são também de índole religiosa, embora não cingindo o turismo local a este eixo religioso-cultural. Braga é muito mais para além desse epíteto – aposta da Entidade de Turismo – que pode ser extremamente limitativo perante a riqueza histórica, patrimonial e cultural, que a cidade apresenta. Neste âmbito, afirmar ainda mais Braga como capital da Juventude, potenciando atividades e um programa anual extenso, poderia também funcionar como alternativa a outro tipo de públicos.

Por isso mesmo, dever-se-ia escolher três linhas claras de ação para iniciar a implementação estratégica:

- *Braga, Cidade do Barroco*
- *Braga Romana*
- *Braga, capital do Minho*

Um elemento essencial que deverá estar presente em qualquer planeamento turístico deverá corresponder a objetivos claramente traçados, prevendo eventuais fragilidades e programando gradualmente a sua efetivação. Recordemos ainda que a atividade turística não deve contemplar-se como uma finalidade em si mesma, mas sim como instrumento que permita o desenvolvimento da atividade económica e social do território em questão. A sustentabilidade dos produtos e dos recursos explorados deverá ser outro dos fatores a ter em conta, nomeadamente quando a concretização dos objetivos implicar consequências para o quotidiano dos municípios.

### 7.3.2 Plano estratégico de promoção das Festas de São João de Braga: alguns tópicos



Gravura 19 - A dança do Rei David, que sai às ruas a 24 de junho, é um dos quadros mais originais das festas (Rui Ferreira 2012)

As Festas de São João são o exemplo mais paradigmático de um recurso turístico muito mal explorado, e com condições únicas para ser o maior atrativo anual da cidade, como já foi no passado. Considerando que este evento é mediaticamente asfixiado pelo São João do Porto, que decorre sob a mesma denominação e no mesmo período temporal, é um facto inegável – e atestável pelo estudo atrás desenvolvido - que as festas de Braga apresentam uma série de características identitárias e históricas que poderiam permitir um foco de atratividade turística mais significativo.

Com origens muito recuadas, o São João de Braga contém todos os atrativos de uma festa minhota: celebrações religiosas, luzes, foguetes, bombos, cabeçudos, bandas, feira popular, cortejos, e até martelinhos e noitada. Analogamente as festas da Senhora da Agonia em Viana do Castelo,

bastante semelhantes em muitos aspectos mencionados, detêm um destaque mediático significativamente superior ao São João de Braga.

É certo que o número de pessoas que visitam a cidade nesta altura é elevado – calcula-se em cerca de meio milhão – porém referem-se principalmente a excursionistas provenientes dos municípios limítrofes. Em termos de imagem externa, as festas de São João são particularmente ignoradas.

A originalidade decorrente do maior Encontro de Cabeçudos da Península Ibérica, dos quadros bíblicos no rio Este, do cortejo das Rusgas ou, do maior ponto do programa, o cortejo com os carros do Rei David e dos Pastores, que representam autos de origem medieval pelas ruas e praças da cidade, poderia garantir uma atratividade notória em termos turísticos, para além de poder contribuir decisivamente para a própria imagem da cidade, descolando estas festas do que acontece no Porto, onde a tradição é muito mais recente e está carente de originalidade (martelinhos e fogo de artifício também há em Braga).

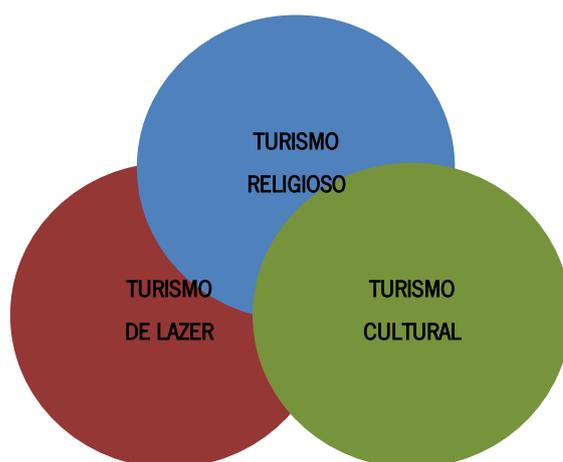


Figura 12 - Tipologias de turismo associadas às festas de São João de Braga

Considerando que as Festas de São João abordam um âmbito bem mais significativo que aquele que é hoje o principal evento da cidade, estão reforçados os fundamentos para uma aposta mais evidente neste evento, que aborda, não apenas o segmento do turismo religioso, mas também se integra no turismo de lazer e no turismo cultural.

O primeiro passo de uma estratégia não pode passar pelo mero desejo de captar turistas, mas principalmente por valorizar as heranças culturais do passado, naquele que é o maior momento anual para os bracarenses, devido à festa que é impressa na comunidade e nas suas instituições.

Independentemente da execução concertada de um planeamento de desenvolvimento turístico geral, há aspetos que poderiam ser postos em prática tendo em vista a afirmação do evento:

Promoção	Programação	Valorização
<ul style="list-style-type: none"><li>• Criação de um <b>site com informação actualizada</b>, programa, sugestões, reservas em hotéis e história;</li><li>• Investir num programa de <b>marketing</b> profissional, com cartazes atractivos e devida promoção através de todos os canais que as Entidades de Turismo disponibilizam;</li><li>• Uma ou várias <b>publicações</b> sobre a história das festas, exaltando as tradições mais originais e o legado do passado (cartazes e fotografias);</li><li>• <b>Programa das Festas</b> editado, não apenas em língua portuguesa, mas também em <b>inglês e espanhol</b>;</li><li>• Investir na <b>promoção</b> em áreas geográficas de forte influência cultural e histórica com o Minho e a região de Braga, nomeadamente o <b>Brasil (Minas Gerais) e a Galiza</b>.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Esboçar um programa detalhado para a animação nocturna da <b>noite de São João</b>: mini-palcos; espalhados pelo recinto da avenida da Liberdade e avenida Central, com diversos tipos de música - desde a popular aos dj's - de forma a criar bailaricos espontâneos e animação;</li><li>• Recuperar a <b>Corrida do Porco Preto</b> na manhã do dia 24, com outros moldes;</li><li>• Apostar na <b>animação de ruas</b> durante os dias em que decorre as festas;</li><li>• Reforçar a <b>programação do dia 24</b>, dado que os moldes da noite de S. João se repetem no São João do Porto;</li><li>• Recuperar a <b>feita de encerramento</b> com entrada livre e uma programação de índole regional;</li><li>• Não permitir a inclusão de pontos no programa desfasados da identidade e tradições locais (<i>p.e.: fado ou touradas</i>);</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Melhorar a qualidade musical e teatral da <b>Dança do Rei David e do Carro dos Pastores</b>;</li><li>• Regresso dos <b>foguetes</b> e dos <b>balões de ar quente</b>;</li><li>• Aproveitar as festas para valorizar a <b>tradição de Braga nos cordofones</b>, nomeadamente o cavaquinho e a viola bragueza, criando, por exemplo, um festival nacional de cavaquinhos;</li><li>• Recuperar, com qualidade o <b>festival e cortejo folclórico</b>, renovando o papel de Braga na promoção etnográfica;</li><li>• Fazer novamente um <b>curso de rusgas</b> na noite de São João, de forma a dinamizar o cortejo noturno;</li><li>• Integrar <b> mascarados no Encontro Internacional de Gigantones e Cabeçudos</b>, de forma a recordar uma das marcas que caracterizavam as festas no passado;</li></ul>

Obviamente que para que isto seja realidade é necessário quer a iniciativa da Associação de Festas, quer o empenho do município, quer o apoio incondicional dos agentes sociais e económicos.

O primeiro e fundamental aspeto a ter em conta quando se pretende apostar no desenvolvimento de um evento é a sua originalidade. O que as Festas de São João de Braga são capazes de oferecer a um visitante não pode ser replicado num evento categorizado no mesmo segmento. A programação deve valorizar os aspetos identitários mais salientes, relegando para segundo plano iniciativas cuja natureza pertence a outros perfis locais ou regionais. Se não estivermos atentos, pouco a pouco as festas podem ir perdendo a originalidade que as caracteriza. Alguém se lembra que foi Braga a primeira cidade a promover, nas suas festas, o traje e a etnografia minhota, algo que hoje Viana do Castelo faz exemplarmente? Enquanto não percebermos que é a aposta naquilo que nos distingue das outras festas, a base da sua própria valorização e divulgação, dificilmente as festas de São João voltarão a assumir o papel de romaria motriz que já adquiriram no passado.

Quanto ao programa, para além da inevitável valorização das tradições locais e da etnografia minhota – os cavaquinhos, por exemplo - poder-se-ia apostar na originalidade histórica deste evento

recuperando, por exemplo, duas das principais marcas dos festejos no passado: a corrida do porco preto e os mascarados. A corrida do porco preto poderia ser efetuada em outros moldes, nomeadamente valorizando o aspeto lúdico em detrimento do competitivo, podendo ser inserida na manhã do dia 24 de junho. Os mascarados poderiam enriquecer o cortejo dos gigantones e cabeçudos.

No capítulo da divulgação e promoção, dever-se-ia constituir um portal na internet - à imagem da Semana Santa - e constituir uma imagem mais atrativa e profissional. O prospeto com o programa das festas, distribuído apenas em português, deveria ter já traduções em castelhano e inglês. Quanto às áreas geográficas prioritárias no que toca à promoção externa, as Festas de São João de Braga poderiam apostar na região brasileira de Minas Gerais, para onde emigraram muitos minhotos e bracarenses, e na Galiza, regiões com as quais existe um grande paralelo cultural.

A aposta económica do evento também é relevante no seu sucesso. O São João de Braga evidencia, neste aspeto, um protagonismo regional superior. Por exemplo, as Festas da Agonia, que se realizam numa cidade e município bastante menos poderoso económica e demograficamente, teve como orçamento, em 2012, um valor a rondar os 440 mil Euros, praticamente o dobro do orçamento do S. João de Braga, que se cifrou em 250 mil Euros. As Feiras Novas em Ponte de Lima e as Festas das Cruzes em Barcelos também apresentaram, em 2012, um orçamento acima das festas de Braga. Observe-se ainda que, em 2012, o município de Vila Verde gastou apenas menos 40 mil euros que Braga com as suas festas municipais. Este facto pode induzir um certo teor de esvaziamento e banalização das Festas de São João que é urgente combater. As principais celebrações comunitárias de uma cidade e município com a dimensão de Braga devem ser capazes de atrair patrocínios e apoios institucionais que superem largamente as possibilidades dos municípios vizinhos.

Por último refira-se os recentes projetos de regeneração urbana, implementados desde 2008 pela Câmara Municipal de Braga, que promoveram alterações urbanísticas que descaraterizaram alguns dos espaços fundamentais das Festas de São João. O topo norte da avenida da Liberdade foi reformulado com um jardim central que obriga os cortejos sanjoaninos a circularem numa estreita vertente lateral. A mesma reformulação acaba por quebrar a continuidade existente entre a arcada e S. João da Ponte. Da mesma forma, a recente reformulação urbanística do parque da Ponte obrigou a deslocar os tradicionais botequins para junto do estádio 1.º de maio, perturbando a unidade do arraial e a concentração junto da capela de S. João da Ponte. No mesmo espaço, que foi pavimentado com granito irregular, tornou-se difícil realizar os bailaricos espontâneos que costumavam marcar a noite de S. João. Isto prova, que o espaço público deve ser pensado também em função das tradições das comunidades e não apenas tendo em linha de conta patamares estéticos e de fruição.

## CONCLUSÃO

As festas de São João são, indubitavelmente, o evento anual de Braga com maior teor histórico e raízes mais desenvolvidas no perfil identitário da população bracarense.

Não restam dúvidas de que se trata das festividades públicas em honra de S. João Batista mais antigas de Portugal, remontando ao início da nossa nacionalidade, sendo também as que maior afirmação e reconhecimento possuíram quer durante o século XVIII, quer no período compreendido entre o último quartel do século XIX e o primeiro do século seguinte.

A abordagem que promovemos permitiu-nos realçar uma dimensão histórica até hoje pouco desenvolvida. Para além de sublinharmos a importância de que a corrida do porco se revestiu no sentir comunitário dos festejos até meados do século XVII, acentuamos a dimensão municipal já adquirida pelas celebrações em honra de S. João Batista. Pudemos ainda esclarecer acerca da hipótese mais verosímil a respeito da origem e desenvolvimento dos tradicionais quadros da dança do Rei David e do auto do Carro dos Pastores, cujos primórdios apareciam até hoje mitificados. Igualmente destacamos a importância de que se revestiu a procissão como elemento centralizador das dinâmicas festivas.

Não esquecemos ainda o facto das Festas sanjoaninas continuarem a ser o elo fundamental da unidade entre o meio urbano e o meio rural, constituindo-se como base fundamental de uma celebração da identidade municipal e dos seus indeclináveis símbolos.

Tratando-se do primeiro evento da cidade de Braga a confirmar-se como produto turístico consolidado, prematuramente inserido nos fluxos iniciais do turismo português, as festas de São João em Braga detêm ainda hoje um potencial que poderá ser explorado. Recuperando os traços que foram caracterizando este evento ao longo da história, e dando maior ênfase à originalidade dos principais pontos do seu programa - restringindo-se a iniciativas de cariz identitário próprio e não permitindo a deturpação por outras que se multiplicam em outros eventos do género - as festas da cidade de Braga afirmar-se-ão naturalmente pela sua valia e peculiaridade.

Para que tal suceda, primeiro as entidades autárquicas de Braga deverão fortalecer o posicionamento da marca “Braga” como destino turístico de excelência, combatendo a macrocefalia e a tendência centralizadora das entidades de turismo em face dos interesses económicos do centro urbano de maior dimensão regional: o Porto.

Dadas as raízes históricas evidenciadas e a inevitável vinculação à dimensão identitária da comunidade, as Festas de São João podem aspirar a ser novamente o principal e mais mediático evento de Braga. E, tratando-se da mais peculiar manifestação da ontologia bracarense, não estará aqui o maior fundamento para sustentar uma candidatura a Património Imaterial da Humanidade?

## BIBLIOGRAFIA

### i) sobre antropologia e raízes cristãs e pagãs das festas de São João

ANDERSON, Michael Alan – “Fire, foliage and fury: vestiges of midsummer in motets for John The Baptist”. In: *Early Music History (2011) Volume 30*.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira (dir.) - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001. 4 vol.

EDH (Liz) Carmichael - “St John the Baptist: Theology and History in the NT and Josephus”. In: *Saint John the Baptist and his Cults*, Colloquium at St John’s College, Oxford, Feast Day of St John the Baptist – Friday 24 June 2011.

ELIADE, Mircea – *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1992.

LIMA, Fernando de Castro Pires de - *S. João na alma do povo*. Porto: Portucalense, 1944.

LIMA, José Silva – “Festas”. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *Dicionário da História Religiosa de Portugal*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p.251.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SANCHIS, Pierre - *Arraial festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTOS, A. Miranda – “Festa”. In: AA.VV. – *Polis*, Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado. Vol. 2. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1983-87, cc. 1411-1414.

SNL - *Enquiridíio dos documentos da reforma litúrgica*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 1998.

### ii) sobre as festas de São João na cidade de Braga

[s.a.] - *Braga: recordações das festas do S. João: álbum 24 selos*. Porto: Ed. Leitura, 1936.

ASPAS - *Entre Aspas (1984-1991)*. Braga: APPACDM, 1999.

ASPAS - *Para o Estudo da Imagem de Braga. O Postal Ilustrado – Catálogo da Exposição*. Braga: ASPAS, 1979.

CAPELA, José Viriato et FERREIRA, Ana da Cunha – *Braga Triunfante ao tempo das Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: s.e., 2002.

CARNEIRO, Álvaro - *A música em Braga : biografias de artistas que nesta cidade se distinguiram como profissionais ou amadores*. Braga: [s.n.], 1959.

COELHO, Constantino Ribeiro - *Braga antiga, velharias bracarenses... memórias de velho tempo e outros textos*. Braga : [s.n.], 1992. Separata "Theologica", vol. XXIV-XXVI, 1989-1991.

COMISSÃO DE FESTAS DE SÃO JOÃO DE BRAGA - *Programas das Festas de São João*. Braga: C.F.S.J.B., 1920-2000.

COSTA, Paula Pinto - "Das Festas religiosas ao luto por D. Sebastião no âmbito da vereação de Braga". In: *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, vol. 4, 2006, pp. 217-231.

CUNHA, Rodrigo da (D.) – *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*. Edição Fac-similada. Braga: Cabido Metropolitano, 1989.

FERNANDES, Sofia et CAMPOS, Ana Rita – *Cancioneiro de Sobreposta*. Braga: A.S.C.S.,2009.

FERREIRA, Rui (2012) "As Rusgas e o S. João de Braga". In: *Diário do Minho*, suplemento de Cultura, 20 de junho de 2012: III-V.

FREITAS, Bernardino José de Senna – *Memórias de Braga*. Braga: Imprensa Catholica, 1890.

GOMES, José – *O S. João em Braga*. Braga: Typografia Universal, 1904.

GONÇALVES, Albertino; REMOALDO, Paula Cristina e COSTA, Joaquim - "As gentes do Minho". In: AA.VV. – *Minho, traços de identidade*. Braga: Universidade do Minho, 2009, pp.410-441.

LEITE, Joaquim Cândido da Mota - *Danças regionais do Minho*. Braga: Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio, 1986.

MARQUES, José - *Os Pergaminhos da Confraria de S. João do Souto da cidade de Braga (1186-1545)*. In: separata da revista Bracara Augusta, vol. XXXVI, números 81 e 82, Braga, 1982.

MILHEIRO, Maria Manuela de Campos – "Braga: a cidade e a festa no século XVIII". Guimarães: NEPS, D.L. 2003.

OLIVEIRA, Aurélio de (recolha) – "São João em tempos de crise". In: *Diário do Minho, Entre Aspas*, 19 de junho de 2006: p.10.

OLIVEIRA, Eduardo Pires – *História da Associação Comercial de Braga*. Braga: Ed. ACB, 2000.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos bracarenses: O S. João. Breve antologia histórica*. Braga: Soares dos Reis editor, 1983.

PALHA, Maria Helena – *A dança do Rei David e o Carro dos Pastores*. Braga: [s.n.], 1984.

PASSOS, José Manuel da Silva - *O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana de Braga*. Lisboa: Caminho, 1996.

PEIXOTO, Inácio José – “Memórias Particulares”. Braga: Arquivo Distrital/Universidade do Minho, 1992.

PINHEIRO, Fernando – José Veiga, o artista tranquilo. Braga: Câmara Municipal, 2000.

REGALO, Amadeu de Araújo et al. (org.) - *Cartazes da festa de S. João: 1901-1980*. Braga: Câmara Municipal de Braga, 1981.

RIBEIRO, Margarida – “Acerca da dança das pélas”. In: *Revista Lusitana (Nova série)*, S (1987), pp.97-103.

SAMPAIO, Gonçalo - *Cancioneiro Minhoto*. 3.<sup>a</sup> edição. Braga: Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio, imp. 1986.

SILVA, Manuel Carlos e CARDOSO, António – “O rural-urbano na região minhota. (des)continuidades, assimetrias e dependências”. In: AA.VV. – *Minho, traços de identidade*. Braga: Universidade do Minho, 2009, pp.636-669.

SOUSA, Maria Clementina Pires de Lima Tavares de – “S. João de Landim”. In: *Monografia das festas ao São João em Portugal*. - [S.l. : s.n.], 1946 (Porto: Tip. Costa Carregal) pp.24-27.

THADIM, Manoel José da Silva - *Época dos Annaes e Memórias bracarenses*. Ed. Fac-simile.

TORRES, Amadeu et DUQUE, João – *Hino de Braga*. Braga: Câmara Municipal, 2000.

### iii) sobre planeamento em turismo

COMISSÃO DE PLANEAMENTO DA REGIÃO DO NORTE - *Alguns elementos para a elaboração de um "Plano de desenvolvimento do turismo do Norte de Portugal"*. Porto: Comissão de Planeamento da Região do Norte, 1974.

FERREIRA, Luís; COSTA, Jorge e GOMES, João – “Planeamento em Turismo”. (ms.).

HENRIQUES, Cláudia - *Turismo, Cidade e Cultura – Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa: edições Sílabo, 2003.

SANTOS, Maria da Graça Mougá Poças (Org.) – *Turismo Cultural, territórios e identidades*. Porto: Edições Afrontamento.

VIEIRA, João Martins - *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo – uma perspectiva estratégica*. Lisboa: editorial Verbo, 2007.

WORLD TOURISM ORGANISATION - *National and Regional and Tourism Planning: Methodologies and case studies*. Madrid: WTO, 2004.

**iv) Periódicos consultados**

- *O Bracarense – periódico político e literário – 1855/1869*
- *Commercio do Minho – março a julho de 1873/1921*
- *Diário do Minho – março a julho de 1919/1974*
- *Correio do Minho – março a julho de 1910/1930*
- *O Lusitano – junho de 1922*
- *Ilustração Portuguesa – junho/julho de 1905/1918*
- *Ilustração Católica – 1913/1917*
- *Jornal de Notícias – fevereiro e março de 1911*

**v) Documentos consultados**

- AMB - *Diário de Receita e despesa da Câmara Municipal de Braga*. Caixa n.º 1: livros 1-10 (1650-1699)
- AMB - *Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 14 de junho de 1561. In: *Bracara Augusta*, XXVII (1973) n.º64 (46): pp.611-614
- AMB - *Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 20 de junho de 1565. In: *Bracara Augusta*, XXX (1976) n.º70 (82): p.732.
- AMB - *Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 18 de junho de 1580. In: *Bracara Augusta*, XXIV (1970) n.º 53; pp.294-296.
- AMB - *Atas da Câmara Municipal de Braga*, sessão de 19 de junho de 1566. In: *Bracara Augusta*, XXXI (1977) n.º-71-72 (83-84): pp.466-469.
- AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga*.n.º 30 (2 janeiro 1613 - 15 Julho 1615), caixa n.º14, fol. 133v./134.
- AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga* n.º 110, caixa n.º44, fol. 83.
- AMB - *Livro de Atas da Câmara Municipal de Braga* n.º143, fol 33v./34/34v.

## ANEXOS

N.º 1	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1532
	<b>FONTE:</b> GOMES, José – <i>O São João em Braga</i> . Braga: Typographia Universal a Vapor, 1904, pp.15-16	
	<b>ASSUNTO:</b> Mourisca; Corpo de Deus	
<p>Era a mourisca composta de muitos moços vestidos à mourama, armados de seus broqueis (pequenos escudos redondos) e varas a modo de lanças, tendo seu rei com alfange na mão, a cujo signal e ao som do tambor andavam uns contra os outros travando-se em ar de batalha.</p> <p>Diz-nos Bluteau, ter sido da Lacedemonia que tal genero de dança veio à Hespanhas. Por sua parte indica nos Fr. Francisco Brandão na «Monarquia lusitana» (tom. 6.º), que com essa designação se appellidava a dança a que, em occasião de festas, eram antigamente obrigados ou mouros forros.</p> <p>Foi, positivamente, a mourisca uma das mais acceitas e apreciadas de taes invenções, em Braga. Para o comprovar basta a citação d'uma passagem da respectiva carta de ordenança e privilegio confirmada em vereação de 25 de maio de 1532 a que assistiu, na qualidade de rei outorgante, João Fernandes (não era um qualquer), sapateiro morador no arrabalde de S. Marcos. Assim:</p> <p>«...fazemos saber a vós que esta carta de ordenança e privilegio virem, como considerando nós quão aprasível e deleitosa cousa é uma mourisca bem ordenada para a onra e companhia da procissão da festa do Corpo de Deus e d'outras festas do anno e para contentamento e alegria das gentes e ennobrecimento da dita cidade e por que nos annos e tempo passado quando se lançava a dita mourisca pelas pessoas da cidade como se lançavam os outros carregos, se fazia mui desordenada e sem graça e entravam nella lavradores e negros por mouriscos e pessoas mal vestidas e ornadas e que não tinham graça geito nem sabôr para diserem nem faserem o que á dita mourisca convinha e conformando-nos nós com a villa de Guimarães e com outras cidades e villas do Reino onde se a dita mourisca faz polida e louçã e com os privilegios outorgados aos da dita mourisca, ordenamos que d'aqui em diante aja n'esta cidade uma boa mourisca em que ajam vinte pessoas entre Rey e mouriscos, tamborileiro (tocador de pequeno tambor) e atabaqueiro (tocador de caixa) e estes serão obrigados á sua custa ter vestidos e atabios louçams e gallantes e assi vir e acompanhar a procissão e festa do Corpo de Deus e assi os moleiros vespera de São João e de S. Thiago e tambem no dia de S. João pela manhã e outras festas e tempos quando pelos officiaes da Camara com justa causa lhes for mandado...»</p>		

N.º 2	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1561
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, XXVII (1973) n.º64 (46): pp.611-614	
	<b>ASSUNTO:</b> Porco; candeleiro; Senado da Câmara	
<p>[Fol. 153 v.] 64. Sabdo quatorze de Junho de sessenta e hum anos fforom Juntos em camara os Sores doutor pero allvarez Juiz Joam teyxeira tristaõ da garda vreadores Joam de Reudona Procurador do Concelho</p> <p><b>Festa do São João</b></p> <p>It 1 – ordenaram a festa da bespera e dja do bemavjturado Sam Joam bautista.</p> <p><b>Rei e Imperador no S. João</b></p> <p>It 2 – acordaram que na bespara e dja sayão o Rey e emperador com suas danças e ordenanças e instrumentos de tanger muito bem vjstjdos de seda e chamalote e colares douro e acompanhando os condileiros e bandfeira da cidade.</p> <p><b>Rei e Imperador</b></p> <p>It 3 – acordaram mais que hos mordomos do Rey e emperador tenham cuidado//</p> <p>[Fol. 154]</p> <p>Ffazer sair na bespara e dia muito cedo que não esperem por eles os candileiros nem na Sé e darão os beberetes como sempre ffoi costume E no Dia terem cargo do porco sera grande e bom e este alem da ponte de guimaraens ao dia muito cedo pola menhã tanto que ho Rey e emperador chegue com a bandeira da cidade, loguo soltaram o porquo pera com ele andarem a corer e teraõ tal avyso que não pase a ponte daquem pera a cidade pera que nom aja defferença antre os molleyros e officios porque alegaõ os moleiros que he custume como passa a ponte que he seu E porque não aja duvida tenhaõ cuidado que não pase a ponte.</p> <p><b>Bandeira da cidade</b></p> <p>It 4 – acordaram mais que a bandeira da cidade porquanto hj nom ha alcaide mor a leve anrique sobrinho Juiz mais velho e peça o dinheiro ao Sõr ffrei Joam //</p> <p>[Fol. 154 v.]</p> <p>Que sea de despender no beberete que ho dito Juiz ade dar pola menha muito cedo no dito dia a custa do prelado pois nom ha alcaide mor que tinha a obrigaçãõ de dar o dito beberete do ordenado e tempo (?) que tinha e levava a bandeira o qual beberete se da aos cidadãos de cabalo que acompanhaõ a bandeira e ao Rey e emperador e alguma outra gente.</p> <p><b>Bandeiras das confrarias de S. João e Sant'iago</b></p> <p>It 5 – acordaram mais que hos Juizes das confrarias de Sam Joam e Santiago ffacaõ sair os candileiros muito cedo e levem as bandeiras com eles per sy ou seus mordomos, se fforem cidadão(s) e, se não, cidadãos E ffacaõ de maneira que em acabando as vesperas ou ante sejaõ na Se.</p> <p><b>Levar os candileiros: cidadãos</b></p>		

It 6 – acordaraõ mais que hos candileiros os naõ levem senaõ cidadaõs so pena de vinte cruzados. E as pessoas que hos levarem naõ sendo cidadaõ pague de pena pera o Concelho e despesas do dito //

[Fol. 155]

Dia da cadea dous mil rs.

#### **Cidadãos a cavalo**

It 7 – acordaram mais que todo o cidadaõ que tiver cabalo o naõ empreste pera ffora antes acompanhem a bandeira asy na bespara como no dia hindo a praça do paõ porquanto o dito Juiz acabante os candileiros a hade tomar a cabalo e a andar polo acostumado E asy pela menhã muito cedo pera irem ao porquo e sempre o dito Juiz na bespara e dia ade tomar a bandeira a porta da paço do Concelho e os ditos cidadaõs acompanharam como dito he e asy o Rey e emperador aõdir a dita praca do paõ na dita bespara e dia muito cedo pera acompanhar a dita bandeira como atras he declarado so pena cada hum que ho asi naõ cumprir pagar pera o Concelho e despesas do dito dia vinte cruzados //

#### **Serpe e Cavalinhos**

[Fol. 155 v.]

It 8 – acordaram mais que hos mordomos da Serpe e cabalinhos os fforaõ sair asy na bespara como no dia muito cedo e vaõ esperar o Rei a pousada pera andarem e que ele naõ espere por eles.

#### **Duas Pélas**

It 9 – acordaram mais que has duas pelas fforaõ as padeiras como está per vreação e as levem muito bem concertadas de joias douro e vistidos de seda e chamalote e hira huma a casa do Rey e outra do Emperador a suas pousadas , muito cedo Que naõ esperem por elas asy na bespara como no dia pera irem com os candileiros E o procurador do Concelho dara a cada homem que tomar as pelas cento e dez rs e lhe seram lebados em conta pela bespara e dia.

#### **Paga às danças**

It 10 – acordaram mais que as danças do Rei e emperador e das espadas dê o Procurador do Concelho a cada huma cinquenta rs e aos dous gaiteiros que lhes aõde tanger a cada um trinta rs e lhe seram levados em conta //

[Fol. 156]

#### **Anadel e espingardeiros**

It 11 – acordaram mais que ho anadel dos espingardeiros va com todos muito cedo pola menhã a dita praça do paõ no dito dia pera irem com a bandeira ao porquo atirando muitos tiros com suas espingardas e vaõ como he custume ate tornarem a bandeira ao paço do Concelho.

#### **Rei da Mourisca**

It 12 – acordaram mais que ho Rei da mourisqua com toda a sua ordenança saião a bespara com os candileiros e bandeira e asy no dia muito galante com vistidos de mourisqua e seus instrumentos de tanger E o procurador do Concelho lhes dara pera almoçarem Quinhentos rs e lhe seram lebados em conta.

#### **Touros para correr**

It 13 – acordaram mais que os carnicheiros obrigados dem os touros pera corer bons grandes e que se

enviem E hum muito grande e ffermoso pera as cordas E os carniceiros de gado meudo o traram polas cordas asy na bespara com os candileiros como no dia com a bandeira //

#### **Ganchos para os touros**

[Fol. 156 v.]

It 14 - acordaram mais a mandaram ao dito Procurador que mandase ffazer duzentas ganchos pera os touros de muito bons fferros e boas que se nam sayão e sem ffarpa.//

#### **Palmeira a trazer rama**

It 15 – acordaram mais que os de Palmeira tragaõ a bespara a tarde honde corem os touros dez caros de Rama grosa e grandes caros pera se cubrir o quadaffalso honde os Regedores da cidade e cidadãos estaõ pera dali mandarem lansar os touros e pera Iso pasem aluará aos Jurados notiffiquarem com pena de dous mil rs da cadea pera o Concelho e desoesas do dito dia que ho asy não cumprir e dara suas ffes da notiffiquasaõ.

#### **Penas e pregão**

It 16 – Ordenada asy a dita ffeita mandaram que os atras cada hum em seus Itens cumpraõ e gardem cada hum o sobre dito so (pena) de dous mil rs pera o Concelho e despesas do dito dia da cadea e que se lansase pregaõ e taõbem on porteiro da camara o notyffiquase. //

[Fol. 157]

It 17 – acordaram que pera segunda que sera dezaseis do presente mes seJam Juntos nesta camara pera eles ali em vant (...) aos taxas até se arebatem (?) por que se desmandaraõ os officiais.

#### **Officiais dos Sapateiros**

It 18 – acordaram loguo que por aver muitos anos que martim gonçalves e gonaclio Pirez capateiros eram Juizes do officio de capateiros e os capateiros Requererem que ffizessem e enlegessem outros que pola infformacaõ que tinhaõ serem autos e sufficientes pera o careguo domingos goncalves de San miguel o anjo e Joam Gonçalves da porta do paõ capateiros serem Juizes do dito officio (...) e que venhaõ tomar juramento manuel lopez o spervj. / *Allz/ Jm<sup>o</sup> tEx.<sup>a</sup>/ tristaõ dagoarda/ Jm<sup>o</sup> derraudona*

N.º 3	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1565
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, XXX (1976) n.º70 (82): pp.731-733	
	<b>ASSUNTO:</b> Ordenanças das festas; Porco; candeleiro; Senado da Câmara	
<p>129. Quarta ffeira vinte de Junho de sessenta e cinco anos fforom Juntos em camara os Sores Joam teyxeira ffernão corea Juizes lourenco campelo antonio vieira vreadores pero fernandes Procurador do Concelho Antonio camelo vreador por ser bespara de corpus pero ffernandes ffoise, não se ffez vreação sabodo dezaseis de junho pasado por dizerem que tinhaõ ocupação</p> <p><b>Festa do São João</b></p> <p>It 1 – acordaram de ordenar a bespara e dia do bem avymturado Sñor Sam Joam</p> <p>[Fol. 81 v.]</p> <p>Bautista segundo custume pela maneira siginte</p> <p><b>Rei, Imperador, candileiros, porco</b></p> <p>It 2 – acordaram e mandaram que na bespara e dia sayaõ o Rey e emperador com suas dancas e ordenancas e instrumentos de tanger muito bem vestidos de seda e chamalote e colares douro acompanhando hos candileiros a bespara e a bandeira da cidade asy na bespara como no dia a cabalo como he custume e os seus mordomos terem cuidado de os ffazerem asy sair na dita bespara e dia muito cedo que não esperem por eles os candileiros hi nem na Se E darã o beberete como he custume e no dia terá cargo do porquo ser grande e bom e este alem da ponte de guimarães no dito dia muito cedo pela menhã E tanto que ho Rey e emperador chegarem com a bandeira da cidade soltarã loguo o porquo pera com ele andarem a caça E terá aviso que não pase ha ponte daquem pera cidade porque não hja defferenças antre os moleiros que he custume como pase a ponte que he seu E porque não aja duvydas tenham cuidado que não pase a ponte</p> <p>[Fol. 82]</p> <p><b>Alcaide-mor e bandeira</b></p> <p>It 3 – acordaram mais que a bandeira da cidade leve o alcayde mor a bespara pera lrem prazar o porquo como he custume E no dia a caça a ponte de guimarães e vira sempre tornar a dita bandeira, a porta do paço do Concelho honde lha entregará E dara ho beberete acostumado ao Rey e emperador e cidadãos e outra gente como cadano se da aos ditos cidadãos Rei e emperador e alguma outra gente ao dia pola menhã e dali acompanharã ao dito alcaide mor a jr tomar a dita bandeira.</p> <p><b>Candileiros e bandeiras das Confrarias de S. João e Sant'Iago</b></p> <p>It 4 – acordaram mais que hos Juizes das confrarias Sam Joam e Santiago ffacão sair os candileiros muito cedo e levem as bandeiras com eles per sy ou seus mordomos se fforem cidadãos e se não as levem cidadãos e ffacão de maneira que em acabante as besparas ou amte sejão na See.</p> <p><b>Cidadãos e candileiros</b></p> <p>It 5 – acordaram que os candileiros os não levem senão cidadaos so pena de dez [Fol 82 v.] cruzados</p>		

cada cidadão que hos não levar digo que hos não quiser levar E a pessoa que os levar não sendo cidadão que pague para o Concelho e despesas do dito dia da cadeia dous mil rs.

#### **Cavaleiros, porco, beberete, varas**

It 6 – acordaram mais que todo o cidadão que tiver cavalo o não empreste para fora na bespara e dia antes acompanhe a bandeira da cidade asy na bespara como no dia hindo a praça do pão acabante os candileiros porquanto o que ade levar a bandeira a hade tomar do paço do Concelho que lha ãode dar e levalo a emprzar o porquo ao monte de Santa Margarida que he o que esta aRiba do padrão de nosa Srã a branca das casas E o Rey e emperador ãodir a cavalo a praça do pão para acompanharem a dita bandeira que adir diante deles e os Juizes vreadores e oficiais da camara ãode levar suas varas a Redor da dita bandeira e Isto asy na bespara como no dia E da dita prasa do pão hira a dita bandeira e a mais ordenancas pelos lugares acostumbrados E depois do em [Fol. 83] prazar do porquo hirão a Sam Sebastião ao beberete que ãode dar os mordomos do Rey como he costume E a mourisqa hira sempre diante com a dita bandeira como he costume so pena cada hum que ho asy não cumprir pagar para o Concelho e despesas do dito dia o que avante se declarar asy cidadãos como os mais E quanto as varas levarom os oficiais da camara as não levem asy Juizes vreadores como os mais oficiais da camara

#### **Serpe e cavalinhos**

It 7 – acordaram mais que hos mordomos da Serpe e cavalinhos os ffasão sair asy na bespara como no dia muito cedo e vão esperar o Rey a pousada para o acompanharem per homde ele andar que não espere per eles

#### **Pélas**

It 8 – acordaram e mandaram mais que as duas pelas ffacão as padeiras como esta per vreação muito bem concertadas de goyas douro e vistidos de seda e chamalote e hirão muito cedo asy na bespara como no ia hum a casa do Rey outra do emperador que não esperem por elas para lrem com os candileiros a bespara e no dia ao porquo como [Fol. 83 v.] he costume E o Procurador do Concelho dara a cada hum que trazer cada pela na bespara e dia cento e dez rs ou aquilo que eles Regedores ordenarem e lhe sera levado conta

#### **Dança das Espadas**

It 9 – acordaram mais que as duas danças das espadas huma que adir diante do Rey outra do emperador o Procurador do Concelho dara a cada dança cinquenta rs e aos dous gaiteiros que lhes ãode tanger a cada hum trinta ou aquilo que eles Regedores ordenarem E lhe sera levado em conta

#### **Espingardeiros**

It 10 – acordaram mais que ho anadel dos espingardeiros vão todos a bespara acompanhando os candileiros e say a bandeira da cidade depois dos candileiros e asy ao dia a praça do pão para acompanharem a dita bandeira e hirem com ela ao porquo como he costume e muito bem vistidos com suas espingardas

#### **Mourisca**

It 11 – acordaram mais que o rei da mourysqa com todos os da mourysqa e toda sua ordenança sação a bespara com os candileiros e bandeira da cidade e asy no dia com a dita bandeira como he costume acompanhandoa sempre muito galantes com [Fol.84] vistidos da mourysqa se seus instrumentos de tanger E o Procurador do Concelho lhes dara per almorcar quinhentos rs ou aquilo que eles Regedores ordenarem e lhe será levados em conta

**Touros**

It 12 – acordaram mais que hos carniceiros dêm cinco touros quatro pera corer grandes ffermosos e que se enviem e hum grande e ffermoso pera as cordas manso E os carniceiros de gado miudo ho levarã polas cordas a bom Recado asy na bespara como no dia

**Almocreves**

It 13 acordaram e mandaram mais que o (a)nadel dos almocreves aJunte todos e ordene sua f festa da bandeira como sempre ffoi custume

**Ganchos para os touros**

It 14 – acordaram e mandarão ao Procurador do Concelho que mande ffazer çento e cinquenta guanchos pera os touros que se corerem

**Penas**

It 15 – ordenada asy a dita f festa pela maneira atras declarada mandaram que todos os atras conteudos nos itens ffacão cada huns o conteudo em seu ltem pera o [Fol. 84 v.]pera o dito dia e bespara so pena cada hum que ho asy não cumpryr pagar pera o Concelho e despezas do dito dia da cadea dous mil rs E mandaram que se apegoase e o pegoeyro de a ffe do pegão e o porteiro da Camara o notiffique e de a ffe da notiffiqação

N.º 4	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1566
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, XXXI (1977) n.º-71-72 (83-84): pp.466-469	
	<b>ASSUNTO:</b> Ordenanças das festas; Porco; candeieiro; Senado da Câmara	
<p>269. Quarta ffeira dezanove de Junho bde sessenta e seis annos fforom Juntos em camara os Sores Rui Corea Juiz ffernão luis gaspar de lemos o Idº Joam nogera vreadores bastião gonsalves Procurador do Concelho esta doente e vejo o doutor lima Juiz</p> <p><b>Festa do S. João</b></p> <p>Item 1 – acordaram de ordenarem a ffeita da bespara e dia do bem avinturado Sñor Sam Joam bautista segundo o costume e pela maneira siginte</p> <p><b>Danças do Rei e Imperador, Correr o porco</b></p> <p>It 2 – acordaram que na bespara e dia saya ho rey e emperador com suas dancas e ordenancas e estrumentos de tanger muito bem vistidos de seda e chamalote e acolares digo hacompanhando os candileiros na bespara e a bandeira da cidade asy na bespara como no dia a cavalo como he costume E os seus mordomos terão cuidado de os asy fferem sair na dita bespara e diz muito cedo que não esperem por eles os candileiros na se E darã o beberete como he costume E no dia terá carguo do porquo ser grande e bom E esta alem da ponte de guimaraes [Fol. 221] dito dia muito cedo pola menhã E tanto que ho Rey e emperador chegarem com a bandeira da cidade soltarã loguo o porquo pera com ele andarem a corer E terá aviso que não pase a ponte daquem pera a cidade por que aJa defferenças entre os moliros que he costume como pasa a ponte que he seu E porque não aJa duvidas tenham cuidado que não pase a ponte</p> <p><b>Bandeira da cidade</b></p> <p>It 3 acordaram mais que a bandeira da cidade leve ho alcaide mor a bespara pera emprazar o porquo como he costume E no dia acaecer a ponte de guimaraes E vira sempre tomar a dita bandeira a porta do paço do Concelho honde lha entregará E dara o beberete acostumbrado ao rei e emperador e cidadãos e outra gente como cadano se da aos ditos cidadãos Rey e emperador e alguma outra gente ao dia pola menhã E dali o acompanharã ao dito alcaide mor a ir honrar a dita bandeira. E por o alcaide mor não estar na tera a levava o Juiz mais velho.</p> <p><b>Bandeiras de S. João e Sant'lago</b></p> <p>It 4 – acordaram mais que hos Juizes das confr[fol. 221 v.]rias Sam Joam e Santiago ffacão sair os candileiros muito cedo e levem as bandeiras per sy ou seus mordomos se fforem cidadãos, que as levem cidadãos E ffarão de maneira que, em acabante as besparas ou antes sejam na Se</p> <p><b>Candileiros</b></p> <p>It 5 – acordaram mais que hos candileiros hos não levem senão cidadãos so pena de dez cruzados cada cidadãos que os não quiser levar E a pessoa que hos levar não sendo cidadão que page pera o Concelho e</p>		

despesas do dito dia da cadeia dous mil rs

### **Cavalos**

It 6 – acordaram mais que todo o cidadão que tiver cavlo o não empreste pera ffora na bespara nem dia antes acompanhe a bandeira asy na bespara como no dia hyndo a praça do pão acabante os condileiros por quanto o que hade levar a bandeira ha hade tomar do paço do Concelho e levala a emprazar o porquo no monte de santa Margarida, que he o que esta aRiba do padrão de nossa Srã a branca a Riba das casas E o Rey e emperador ãodir a cavalo a praca do pão pera acompanhar a dita bandeira que hadir diante deles E os Juizes vreadores e os mais ãode levar suas varas a Rador da di [Fol. 222]ta bandeira E isto asy na bespara como no dia E da dita praça do pão hira a dita bandeira e a mais ordenanca pelos lugares hacustumados e depois de emprazar do porquo hirã a Sam Sebastião ao beberete que ãode dar os moradomos do rey como he custume E a mourisqa hira sempre com ha dita bandeira como he custuem so pena cada hum que ho asy não cumprir pague pera o Concelho e despesas do dito dia a pena que avante se declara asy cidadãos como os mais E quanto as varas os vereadores as não levem.

### **Serpe e cavalinhos**

It 7 – acordaram mais que hos mordomos da serpe e cavalinhos os ffacão sair na bespara como no dia E vão a esperar o Rey cedo que não espere por eles E o acompanhe per honde ele andar.

### **Pélas**

It 8 – acordaram mais que has duas pelas facão as padeiras como esta de vreacão e custume E bem concertadas de gojas douro e vistidos de seda e chamalote E hirão muito cedo asy na bespara como no dia huma a casa do Rei outra do emperador que não esperem por elas pera lrem aos candileiros a bespara e no dia ao porquo como he custume E o Procurador do Concelho dara a cada homem que trazer cada pela da bespara e dia cento e dez rs ou aquilo que eles Regedores ordenarem e lhe sera levado em conta [Fol. 222 v.]

### **Dança das Espadas**

It 9 – acordaram mais que as duas danças, que ãodir diante do Rei e emperador huma diante do rey outra do emperador e o Procurador do Concelho dara a cada hum cinquenta rs e a cada gayteiro que lhe tanger trynta rs que são cada hum gayteiro ou aquilo que eles Regedores ordenarem

### **Espingardeiros**

It 10 – acordaram mais que ho anadel dos espingardeiros vão todos a bespara acompanhem os candileiros e asy a bandeira da cidade depois dos candileiros E asy ao dia a praça do pão pera acompanharem a dita bandeira e hirem com ela ao porquo como he custume E hirã os que ho dito anadel apontar que servem

### **Mourisca**

It 11 – acordaram mais que ho rei da mourisqa com todos os da mourisqa e toda a sua ordenanca saião a bespara com os candileiros e bandeira da cidade e asy no dia com a dita bandeira acompanhandoa sempre muito galantes com vistidos da mourisqa e não doutros E o Procurador lhes

dara per almoçarem quinhentos rs ou aquilo que eles Regedores ordenarem e lhe será levados em conta

### **Toiros**

It 12 – acordaram mais que hos carniceiros de gado vaquam dem os seis toros que são obrigados bons e que se enviem e hum per as cordas grande e ffermoso E asy os outros que se ãode corer E os carniceiros de gado miudo o trará polas cordas. [Fol. 223]

### **Garrochas**

It 13 – acordaram mais e mandaram que ho Procurador do Concelho mande ffazer pera os ditos toros cento e cinquenta garochas

N.º 5	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1567
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, XXXIII (1979) n.º-75-76 (87-88): pp.518-522	
	<b>ASSUNTO:</b> Ordenanças das festas; Porco; candeleiro; Senado da Câmara	
<p>135. Quarta feira dezoito de Junho do dito ano de quinhentos sessenta e sete anos foram juntos em camara ho doutor Pero Alvarez e Antonio Pinto Juizes ordinarios o doutor Manel Aranha Manel de Queiros vreadores Joam Duarte Procurador do Concelho Francisco Nogueira vreador dese sabodo pasado nesta camara hia fora E Baltasar Vieira porteiro da Camara que ele era fora.</p> <p><b>Festa do S. João</b> Item 1 – acordaram de ordenar a Festa da bespara e dia do bem avynturado senhor Sam Joam Bautista pela maneira seguinte.</p> <p><b>Rei e Imperador com suas danças. O porco</b> It 2 – acordaram que na bespara e dia syão o rey e Emperador com suas danças e ordenanças e estrumentos de tanger muito bem vistidos de seda e chamalote e colares douro acompanhem dous candileiros na bespara e a bandeira da cidade asy na bespara como no dia a cabalo como he custume e os seus mordomos terã cuidado de os asy fa [Fol. 154 v.]zer sair na dita bespara e dia muito cedo que não esperem por eles os candileiros na Se E darã o beberete como he custume e no dia terã carguo do porquo ser grande e bom e estara alem da Ponte de Guimaraes ao dito dia muito cedo pela menhã E tanto que o Rey e Emperador chegarem com a bandeira da cidade soltarã logo o porquo pera com ele andarem a caça e terão aviso que não pase a Ponte d aquem pera cidade por que não aja deferenças amtre os moleiros e oficiais que alegão os moleiros que he custume como pasa a Ponte que he seu E porque não haja duvidas tenham cuidado que não pase a Ponte.</p> <p><b>Bandeira da cidade</b> It 3 – acordaram mais que ha bandeira da cidade leve o alcaide mor na bespara pera emprazar o porquo como he custume e no dia a caça a Ponte de Guimaraes E vira sempre tomar a dita bandeira a Porta do Paço honde lha entregará e dara o beberete acostumado ao Rei e Emperador e cidadãos e outra gente como cadano se deu aos ditos cidadãos Rei e Emperador alguma outra [Fol. 155] gente ao dia pela menhã E dali o acompanhará ao dito alcaide mor a ir tomar a dita bandeira E por o alcaide mor nom estar na tera a levava o Juiz mais velho.</p> <p><b>Bandeiras de S. João e de Sant'iago</b> It 4 – acordaram mais que hos Juizes das confrarias Sam Joam e Santiago fação sair os candileiros muito cedo e levem as bandeiras per sy ou seus mordomos se forem cidadãos ou as levem cidadãos e fação de maneira que em acabante as besparas ou ante sejão na See,</p> <p><b>Candileiros</b> It 5 – acordaram mais que hos candileiros os não levem senão os cidadãos so pena de dez cruzados cada cidadão que hos quiserem levar E a pessoa que os levar não sendo cidadão que page pera o Concelho e despesas do dito dia da cadea dous mil reais.</p> <p><b>Cidadãos a cavalo, na Festa</b></p>		

It 6 – acordaram mais que todo cidadão que tiver cabo o não empreste pera fora na bespara nem dia antes hacompanhe a bandeira asy na bespara [Fol 155 v.] como no dia hyndo a Praça do Pão acabante os candileiros porquanto o que hade levar a bandeira a ade tomar do Paço do Concelho e levala a emprazar o porquo ao monte de Santa Margarida que he o que esta ariba do padrão de nosa Senhora a Branqua ariba das casas E o Rey e Emperador ão dir acabalo a Praça do Pão per acompanharem a dita bandeira que ha dir dyante deles E os Juizes vreadores e os mais officiaes da Camara leva diguo e os mais ão de levar suas varas a redor da dita bandeira e iso asy na bespara como no dia E da dita Praça do pão hira a dita bandeira e a mais ordenança pelos lugares acostumbrados E depois do emprazar do porquo hirão a Sam Sebastião ao beberete que ãode dar os mordomos do Rei como he custume E a mourisqa hira sempre com a dita bandeira como he custume so pena cada hum que ho asy não cumprir pagar pera o Concelho e despesas do dito dia a pena que avante se declarar asi cidadãos como os mais [Fol. 156]

#### **Serpe e cavalinhos**

It 7 – Acordaram mais que hos mordomos da Serpe e Cavalinhos os facão sair asy na bespara como no dia e vão esperar o Rei cedo que não espere por eles e o acompanham por honde andar.

#### **Pélas**

It 8 – acordaram mais que as duas pelas facão as padeiras come esta per vreação e custume muito bem concertadas de joias douro e vistidos de seda e chamalote e hirã muito cedo asy na bespara como no dia huma a casa do Rei outra do Emperador que não espere por elas pera irem aos candileiros a bespara e no dia ao porquo como he custume E o Procurador do Concelho dara a cada homem que trazer cada pela da bespara e dia cento e dez reais ou aquilo que eles Regedores ordenarem e lhe será levados em conta.

#### **Dança das Espadas**

It 9 – acordaram mais que as duas dancas [Fol. 156 v.] das espadas que ão dir diante do Rei e Emperador huma diante do rey outra do Emperador o Procurador do Concelho dara a cada dança cinquenta reais e a cada gaiteiro que lhe tãoger trynta reais que são cada hum seu gayteiro ou aquilo que eles Regedores ordenarem.

#### **Espingardeiros**

It 10 – acordaram mais que ho anadel dos espingardeiros vão todos a bespara acompanhar os candileiros e asy a bandeira da cidade depois dos candileiros e asy ao dia a Praça do Pão per acompanharem a dita bandeira e hirem com ela ao porquo como hé custume E hirã os que ho dito anadel apontar que servem.

#### **Mourisca**

It 11 – acordaram mais que ho rei da mourisqa com todos os da mourisqa e toda a sua ordenança sayão a bespara com os candileiros e bandeira da cidade e asy no dia com a dita bandeira acompanhando sempre muito galante com vistidos de mourysqa e não doutros E o Procurador do Concelho lhes dara per almocarem quinhentos reais ou aquilo que eles Regedores ordenarem e lhe será levados em conta [Fol. 157]

#### **Tourada**

It 12 – acordaram mais que hos carneiros do gado vaqum dem os seus touros digo os touros que eles Regedores ordenarem e hum per as cordas grande e feroso manso E os que se corem que se enviem.

**Boi pelas cordas**

It 13 os carniceiros de gado meudo tirará o boy pelas cordas.

**Garochas**

It 14 – acordaram mais e mandaram que ho Procurador do Concelho mande fazer pera os ditos touros cento e cinquenta garochas.

**Festa dos Almocreves**

It 15 – acordaram e mandaram mais que ho anadel dos almocreves ajunte todos e ordenem sua festa da bandeira como sempre foi costume.

**Penalidades**

It 16 – ordenada asy a dita Festa pela maneira atras declarada mandaram que todos os atras nos Itens conteudos fação cada huns o conteudo nos ditos Itens a dita bespara e dia [Fol. 157 v.]so pena cada hum que ho asy não cumprir pagar pera o Concelho e despesas do dito dia da cadea dous mil reais E mandaram que se apegoase e o pregoeiro de a fe do pegão e o porteiro da Camara as pessoas principaes ho notifique e de a fe da notifyquação.

N.º 6	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1569
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, XXXVI (1982) n.º-81-82 (94-95): pp.584-586	
	<b>ASSUNTO:</b> Ordenanças das festas; cavalos; Candeleiro; Senado da Câmara	
<p>168. Sabado 18 dias do mes de Junho do anno de 1569 anos foram juntos em camara os Sores Alvaro Veloso Juiz ordinairo Amtonio Vieira Tristaõ da Guarda e o Ldo Giraldo Aranha Vreadores e Diogo Machado Procurador do Comcelho E sobreveo o doutor Pero Ribeiro Juiz ordinairo.</p> <p><b>Festas de S. João</b></p> <p>Item 1 – na dita Camara ordenarom de fazer a festa e bespera e dia de sam Joam pela maneira seguinte</p> <p><b>Danças do Rei e Imperador</b></p> <p>Item 2 – acordarom que na bespora e dia de sam Joam sayo (saiom) o Rey e Imperador com suas danças e ordenanças e estormentos de tamger muito bem vestidos de seda e chamalote e a bamdeiro da cidade asy na bespora como no dia a caualo como he custume e os seus mordomos teraõ cuidado de os asy fazerem sair no dito dia e vespera muito cedo que nam esperem por elles E daram o beberete acostumado E no dia terem carreguo do porquo que seja gramde e bom e estará alem da Ponte de Guimaraes pela menha muito cedo e tanto que o Rey e Emperador chegaram com a bamdeira da cidade soltarom loguo o dito porquo pera com elle amdarem [Fol. 129] a caça e terem auiso que nam pase a Pomte daquem pera a cidade porque nam aja deferemças amtre os moleiros e officiaes porque alegam os moleiros que he custume que como pasa da Pomte he seu.</p> <p><b>Bandeira da cidade</b></p> <p>Item 3 – acordarom mais que ha bamdeira da cidade leue Alvaro Veloso Juiz mais velho a vespora e dia de sam Joam . scilicet. A vespora ao lugar omde se vay emprazar o porquo e ao dia alem da Pomte de Guimaraes omde se custuma matar o porquo e a vira sempre tomar a porta do Paço do Comcelho omde ha emtregaram e dará o beberete acostumado ao Rey e Emperador e cidadãos e a outra gemte como cada anno se dá e he custume E os Vreadores e Procurador caualgaram e acompanharam a bamdeira a vespero e dia.</p> <p><b>Candileiros</b></p> <p>Item 4 – acordarom mais que os Juizes das confrarias S. Joam e sam Tiago façam sair os Camdileiros e a vespora do dito dia e leuem as bamdeiras per sy ou per seus mordomos se forem cidadãos e facam de maneira que sejam na See acabante as vesporas ou amtes.</p> <p><b>Cidadãos levam os candileiros</b></p> <p>Item 5 acordarom mais que os camdileiros os nam leuem senam os cidadãos sob pena de dez cruzados cada cidadão que os nam quiser leuar e a pessoa que os leuar nam sendo cidadão que pague pera o comcelho e despesas do dito dia da cadea mil reais.</p> <p><b>Cavalos em Braga na festa do S. João</b></p> <p>Item 6 – acordarom mais que todo o cidadão que teuer caualo o nam empreste pera fora na bespora e dia amtes acompanhe a bandeira asy a vespora como no dia e serem juntos na Praça do Paão a vespora e acabado os camdileiros pera daly acompanharem a dita bamdeira e irem emprazar o porquo ao momte</p>		

de Samta Margarida e dahy irem pelos lugares acostumbrados tera a sam Sebastião ao beberete que ade dar o mordomo ao Rey segumdo seu custume E ao dia pela menham da mesma maneira pera irem acompanhando a dita bamdeira e ha mourisqua ira sempre com ha dita bamdeira como he custume sob pena cada hum que o asy nam cumprir pagar dous mil reais [Fol. 129 v.] pera o comcelho e despesas do dito dia.

#### **Serpe e cavalinhos**

Item 7 – acordarom mais que os mordomos da Serpe e cavalinhos os façam sair asy na vespora como no dia e vam esperar o Rey cedo que não espere por elles.

#### **Péla**

Item 8 – acordarom mais que as duas Pelas as façam as Padeiras como está por vreaçom e custume muito bem concertadas de joyas douro e vistidos de seda ou chamalote E iram muito cedo asy na vespora como no dia huma a casa do Rey outra a casa do Emperador que nam esperem por ellas pera irem nos candileiros e ao porquo como he custume E o Procurador do Comcelho dara a cada hum dos homens que as trouxerem cento e dez reais pela vespora e dia ou aquilo que elles Regedores ordenarem.

#### **Dança das Espadas**

Item 9 – acordarom mais que as duas damcas d espadas que haõ dir diamte do Rey e Emperador o Procurador do Comcelho dara a cada damça cimquoenta reais e a cada gaitero que lhes tamger trimta reais ou aquilo que elles Regedores determinarem.

#### **Espingardeiros**

Item 10 – acordarom mais que o nual dos espingardeiros acompanhe os camdileiros com todos os espingardeiros e asy a bamdeira da cidade a vespera e dia e se ajuntaram na Praça do Paão como he custume.

#### **Mourisca**

Item 11 – acordarom que o Rey da Mourisqua saya com toda sua gemte muito bem concertada asy na vespora como no dia pera acompanharem os candileiros e a bamdeira da cidade E o Procurador do comçelho lhes dara pera almocarem quinhentos reais ou aquilo que elles Regedores ordenarem sob pena do que faltar pagar dous mil reais da cadea.

#### **Almocreves**

Item 12 – acordarom mais que o anuel dos almocreues os ajumte todos e ordenem sua festa da bamdeira como sempre foy custume [Fol. 130]

#### **Penas e pregão**

Item 13 – E ordenada asy a dita festa pela maneira atras declarada mamdarom que todos os atras nos Itens comtheudos fasam cada hum o comtheudo em seu Item pera a vespora e dia de sam Joam sob pena cada hum que o asy nam comprir pagar pera o comçelho e despesas do dito dia da cadea dous mil reaais He mamdarom que se apregoase e o Porteiro da camara o notefiquase as ditas pessoas E daram suas fes da notefiquaçam e pregam.

N.º 7	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1572
	FONTE: Bracara Augusta, XXXVIII (1984): pp.411-413	
	ASSUNTO: Ordenanças das festas; Porco; candeieiro; Senado da Câmara	
<p>1. Item Na dita camara acordarão de fazer a festa d bespora e dia de São Joham da maneira seguinte</p> <p><b>Rei, Imperador, Danças, porco</b></p> <p>2. Item Acordarão que na bespora e dia de São Joam saya ho Rei e Emperador com suas danças e ordenanças e estromentos de tanger muito bem vestidas de sedas chamalotes e colares d ouro acompanhando os candileiros na bespora e a bandeira da cidade asy na bespora como no dia a caballo como he costume E os mesmos mordomos terão cuidado de os assy fazerem sair no dito dia e bespora muito cedo que não esperem por elles. E darão ho bamquete acostuma [fl. 92 v.] do E no dia terão carguo do porco que seja grande e boom E estara alem da Ponte de Guimarães pela menhá muito cedo E tanto que o Rey e Emperador chegarem com a bandeira da cidade soltarão loguo o dito porco pera com el andarem a caça E terão aviso que não pase a Ponte aqui para a cidade pera que não aja deferenças antre os moleiros e officiaes porque ha brigua com hos moleiros que he costume que como pase a Ponte he seu</p> <p><b>Bandeira da cidade</b></p> <p>3. Item Acordarão mais que a bandeira ade levar ho allcaide moor a bespora e dia de sam Joam ao lugar scilicet onde se vai emprazar o porco E ao dia alem da Pomte de Guimarães onde se custuma matar o porco E a vam sempre tomar a porta do Paço do Concelho onde lha entregarão E darão o beberete acostumbrado ao Rey e Imperador e çidadãos como se da em cada hum anno E é custume os vereadores e procurador do cavallguarão e acompanharão a bandeira a bespora e dia.</p> <p><b>Candeieiros e confrarias de S. João e S. Tiago</b></p> <p>4. Item. Acordarão mais que os Juizes das Confrarias de Sam Joam e Santiago farão sair os candeieiros a bespora do dito dia E levem as bandeiras per sy ou per seus mordomos se forem cidadãos E faç<sup>o</sup>ao de maneira que sejão na see acabamte as besporas ou antes.</p> <p><b>Candeieiros só cidadãos</b></p> <p>5. Item. Acordarão mais que os Camdeieiros os não [fol. 93] levem senã os cidadãos, e os cidadãos hos levarão sob pena de dez cruzados a cada cidadão que os não quiser levar. E a pessoa que os levar não sendo cidadão que pague a cadea duos mel reaes pera o Concelho e despesas do dito dia.</p> <p><b>Cavalos para andarem os cavaleiros na festa com a bandeira</b></p> <p>6. Item. Acordarão mais que todo cidadão que tiver cabalo o não empreste pera fora na bespora e no dia amtes acompanhe a bandeira asy a bespora como no dia E sejão juntos na Praça do pão a bespora acabadas os camdileiros pera daly acompanharem a bamdeira e yrem emprazar o porco ao monte de Santa Margarida E day yrem pelos lugares acostumbrados te a sam Sebastião ao beberete que ade dar o mordomo do Rey segundo seu custume E ao dia pela menhão da mesma pera irem acompanhando a dita bamdeira como he custume sob pena cada hum que asym não cumprir pagar dous mill reais pera o</p>		

Concelho e despesas do dito dia.

#### **Serpe**

7. Item. Acordarão mais que os mordomos da Serpe e cavalinhos os fação sair asy na bespora como no dia E vão esperar o Rey cedo que não espere por elles.

#### **Pélas**

8. Item. Acordarão mais que as duas Péllas as fação as padeiras como está por vereção e costume, muito bem concertadas de joyas douro e vestidos de seda ou chamalote E yrão muito cedo asy [fol. 93 v.] na bespora como no dia hua a casa do Rey outra a casa do Emperador e não esperem por ellas acompanhar os candeiros e ao porco como he costume E o Procurador do Concelho dará a cada hum dos omens que as trouxerem cento e dez reais pela bespora e dia ou aquilo que elles Regedores ordenarem.

#### **Dança de espadas**

9. Item. Acordarão mais que às duas danças de espadas que ão dir diante do Rey e Emperador o Procurador do concelho dará a cada dança cinquenta reais e a cada guaiteiro que lhes tanger trinta reais ou aquilo que elles Regedores determinarem.

#### **Espingardeiros**

10. Item. Acordarão mais que o anabel dos espingardeiros acompanhe os camdeiros com todos os espingardeiros e asy a Bandeira da Cidade a bespora e dia E se ajuntarão na Praça do pão como he costume.

#### **A Mourisca**

11. Item. Acordarão mais que o Rey da Mourisqua saya com toda a sua gente muito bem concertada asy na bespora como no dia pera acompanharem os camdeiros e a Bandeira da cidade E o Procurador do Concelho lhes dará pera allmoçarem quinhentos reais ou aquillo que elles Regedores ordenarem sob pena do que faltar pagar dous mil reais da cadea pera o Concelho.

#### **Almocreves**

12. Item. Acordarão mays que o anabel dos Almocrebes os junte todos e ordenem sua festa da bandeira como sempre foy costume E yrãi todos em pesoa e não mandarão moços E corraõ todos per ordem hum ante outro E o que correr hum... sob pena du que faltar pagar [fol. 94] mil reais da cadea para o Concelho.

#### **Pena aos faltosos**

13. Item. Ordenada asy a dita festa da maneira atras declarada mandarão que todas as pesoas nos ytens conteudas fação cada hum o que se y tem dito pera a bespara e dia de São Joham sob pena de cada hum que o asy não cumprir pagar pera o Concelho e despesas do dito dia dous mill reais da cadea além das penas atras. E mandarão que se apregoase e o Porteiro da Camara o notificasse às ditas pesoas E darão suas fees da notificação e preguão.

N.º 8	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1573
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, XL (1986/87) n.º 89-90 (102-103), pp.716-719	
	<b>ASSUNTO:</b> Quadros das festas; Senado da Câmara	
<p><b>Festa de São João</b></p> <p>Item. Acordarão q' na vespora e dia de São João sayão as danças que soião sair cõ ho emperador &amp; ei cõ seus estromentos de tangeres acõpanhando os candileiros na vespora &amp; á bandeira da cidade &amp; asi no dia, &amp; como he custume de q'os mordomos seus terão cuidado de os fazerê sair no dito dia &amp; vespora muito çedo q' não esperê por elas, &amp; se dara o banquete acostumado &amp; no dia se terão carrego do porco que seja grande e bõ &amp; estara alem da ponte logo nola manhan muito çedo &amp; tanto q'a jente de cavallo chegar cõ a bandeira da çidade soltarão loguo hodito porquo p,a cõ elle andar a cassa &amp; terão aviso q' não pase a ponte aquem p,a a çdade p,a q' não aja diferenças antre os moleiros &amp; ofeçios porq' alegão os moleiros q'lhe custume q' como pase ao ponte he seu.</p> <p>Item. Acordarão mais q'a banda ade levar ho alcaide mor a vespora &amp; dia de S. João ao logar –s- onde se vai emprazar o porquo &amp; ao dia alenda ponte de ga' (guimarães) honde se costuma matar e a vira sempre tomar a porta do paço do c.º onde a entregarão &amp; dara ho beberete acostumado q' sey darse cada hû anno, aos çidadões &amp; como he custume / e os vreadores e procurador cavalgarão &amp; acompanharão a banda a vespora &amp; o dia.</p> <p>Item. Acordarão mais q' hos juizes das cófrarias de São João e Sãotiago fação sair hos candeleiros a vespera do dito dia &amp; levê as bardr.as por si ou por seus mordomos se fazem çidadãos e o farão de manr.a que seijão na se acabante as vesporas ou antes.</p> <p>Item. Acordarão mais q' hos candileiros os não leve senão çidadões &amp; os çidadões os levarão sob pena de dez cruzados a cada çidadão q' hos não quiser levar &amp; a pessoa q'os levar não sendo çidadão q' pague da cadea dous mil rs. p.a. o concelho e despezas do dito dia.</p> <p>Item. Acordarão mais q' todo çidadão q' tiver cavallo ho não empreste p.a. fora na vespera &amp; no dia antes acompanhe a bandr.<sup>a</sup> asy na vespira como no dia &amp; seijão juntos na praça do pão a vespora acabados hos caudileiros p.a. daly acompanharê a bandr.<sup>a</sup> &amp; hire' emprazar o porquo ao monte de santa margarida &amp; dahi hirem p'los lugares acostumados ter a san sebastião ao beberete q' ade dar o mordomo que sey a ser do rrei segundo seu custume &amp; ao dia p'la manhaã da mesma manr.a para hire, acompanhando a dita bandr.<sup>a</sup> como he costume sopena cada hû q'asi ho não comprir pagar dous mil rs. p.a ho cõcelho e despezas do dito dia.</p> <p>Item. Acordarão mais q' hos mordomos da serpe &amp; cavalinhos os fação sair asi na vespora como no dia/.</p> <p>Item. Acordarão mais q' as duas pellas as fação as padeiras como esta por vreação &amp; custume muito bem cõcertadas asi de vestido rriaes toucados &amp; soa douro as quais hirão bailando cõtincadamente (ô as danças qu'ão de sair e hirão accompanhar os candilleiros &amp; porquo como he costume ho procurador do concelho dara a cada hû dos hrrês q' as trouvest' çento &amp; dez rs. é a vespora &amp; dia ou aquillo q'elles rregedores hordenaré.</p>		

Item. Acordarão mais q'has ditas danças atraz declaradas que soião de hir com o rrei e emperador e q'agora ão de hir cõ as pellas ho procurador do c.º dara a cada dança çincoenta rs. & cada gauteiro q' lhes tanger trinta rs. ou aquilo que elles regedores determinarem.

Item. Acordarão mais q'ho anadel dos espingardeiros acompanhe cõ hos espingardeiros os candileiros e asi a bandeira da çidade a vespora & dia e se ajuntarão na praça do pão como he costume.

Item. Acordarão mais q' o rrei da mourisqua saia cõ toda sua jente mui bem consertados asi na vespora como no dia p.a acompanharem os candileiros e a bandr.<sup>a</sup> da çidade e ho procurador do c.º lhes dar p.a almoçarem quinhentos rs. ou aquilo qu'elles rregedores hordenarê sopena do q' faltar pagar dous mil rs. da cadea p.a conçelho/.

Item. Acordarão mais q' o anadel dos almocreves hos ajunte todos e hordene a sua festa da bandeira como sempre foy de costume e hirão todos à pessoa & não mandarão moços & q' corraõ todos por hordem hũ ante outro e o q' corra huã carreira de logo atranca ho outro & não corra sempre hu' sopena do que faltar pagar cadea mil rs.

Hordenada asi a dita festa declarada atraz mandarão q' todos os itens se cunprão cada hu' ho q' lhe tocarem em seu item asi a vespora como no dia sopena do q' asi o não cumprir como dito he pagar p.a o conçelho & despezas do dito dia dous mil rs. da cadea alem das penas atraz & mandarão q' se apregoase & o port.ro da camara notificasse as ditas pessoas & dara suas fees das notificações & pregão e eu jorge do valle escrivão da camara ho escrevi.

N.º 9	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1574
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, XLIV (1993) n.º 96 (109): pp.502-503	
	<b>ASSUNTO:</b> Quadros das festas; Senado da Câmara	
<p>[Sessão de 21 de junho de 1574]</p> <p><b>Festa de S. João</b></p> <p>Item. acordarão que na vespóra e dia de São João saião a danças que soião andar com ho rei e enperador com seus istrumentos e tanjeres acompanhando hos candileiros na vespóra e a do andar da cidade e asi no dia e como he costume; e que hos mordomos seus terão cuidado de os fazeren sair no dito dia e vespóra muito cedo que não esperen por ellas e se faça tudo o mais asi e da maneira que se fez ho anno pasado e que a bandeira da cidade a leve Cristovão Pachequo juiz mais velho com qual hirão acompanhando todos hos cidadãos pela menã muito cedo e ho dito juiz tenha lembrança aquy ao paço do Concelho vir tomar a dita bandeira e que todo se cumpra da dita maneira que ho anno pasado se fez sob as pennas declaradas no dito termo da festa do dito anno. E que ho procurador pague as danças e mourisquos ho que se lhes pagou ho anno pasado e asi aos mais que se custuma pagar.</p>		

N.º 10	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1578
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, XLVIII (1998/99) n.º 101-102 (114-115): pp.541-542	
	<b>ASSUNTO:</b> Quadros das festas; Senado da Câmara	
<p><b>Preparação da festa de S. João</b></p> <p>Item. Pelo que acordarão que se fizese da maneira seginte a dita festa de Saõ Joaõ E que pera isso se pasasem os aluarães que fosse neçesarios e notificassões e pregões E asinarão E eu sobredito ho escreuy.</p> <p>Antonio Vieira 1573 / da Fonsequa / Caldas / Pº demedeiros // f. 77//</p> <p>Continua-se a ordenar a Festa de S. João</p> <p><b>Danças. Imperador. Rei. Candileiros. Povo</b></p> <p>Item. Acordarão que na bespera e dia de Saõ Joaõ sayão as danças que soião sair com ho Emperador e Rei com seus estromentos de tangeres acompanhando os candileiros na bespera e bandeira da cidade e asi no dia e como he custume E que os mordomos seus terão cuidado de os fazerem sair o dito dya e bespera muyto çedi que não esperem por elas E se dara o banquete acostumado E no dua teraõ caReguo do Porco que seja grande e bom e estara alem da Ponte de Guimarães pola manham muito çedo e tanto que a gente de cavallo chegar com a bandeira da çidade soltarão loguo ho dito porquo pera com elles andar a cassa e teraõ aviso que não pase a Ponte aquem pera a çidade pera que não aja deferenças autre os moleiros e ofeçiaes porque alegaõ os moleiros que he custume que como passa a Ponte he seu.</p> <p><b>Bandeira levada pelo Alcaide-Mor</b></p> <p>Acordaram que a bandeira ha de levar ho Alcaide mor a bespera e dia de Saõ Joaõ ao lugar salicet onde se vai emprazar o porquo e ao dia alem da pomte de Guimaraes homde se custuma irem matar o porquo e a virá sempre tomar a porta do Paço do Conçelho onde lha entregaraõ E dara o beberete acostumado que soy darse cada anno aos cidadões e como he custume. E hos Vreadores e Procurador caualgaraõ e acompanharaõ a bandeira a uespora e dia // f. 77v //.</p> <p><b>Candeleiros. Bandeiras</b></p> <p>Item. Acordarão mais que hos Juizes das confrarias de Saõ Joaõ e de Saõ Tiaguo façaõ sair os Candileiros a vespora do dito dia e leuem as bandeiras por si ou por seus mordomos se forem cidadãos E o faraõ de maneira que seyaõ na Se acabante as vesporas ou antes.</p> <p><b>Cidadãos, Candeleiros e multas</b></p> <p>Item. Acordarão mais que hos candileiros os não levem senaõ cidadãos e os ciadadaõs os leuarão so pena de dez cruzados a cada cidadão que hos não quiser levar E a pessoa que os leuar não sendo cidadão que pague da cadeia dois mil reais pera o Concelho e despesas do dito dia.</p> <p><b>Não emprestar para fora cavalos no dia e véspera de S. João</b></p> <p>Item. Acordarão mais que todo o cydadaõ que tiver cavallo ho não empreste pera fora na vespora e no</p>		

dia, antes acompanhe a bandeira asi a bespora como no dia e sejaõ juntos na Praça do Paõ a vespora acabada a hos candileiros pera daly acompanharem a bandeira e hirem emprazar o porquo ao monte de Santa Margarida e dahi hirem polos lugares acostumados ter a San Sebastião ao beberete que ade dar o mordomo que soya ser do Rei segundo seu custume e ao dia pela manhaã da mesma maneira p(...) hirem acompanhando a dita bandeira como he custume so pena cada hu que asi ho não cumprir pagar dous mil reais pera ho Concelho e despesas do dito dia.

#### **Serpe e cavalinhos**

Item. Acordarão mais que hos mordomos da Serpe e Cavalinhos os façaõ sair asi na bespora como no dia /f. 78/

#### **Pelas e danças**

Item. Acordarão mais que as duas Pellas farão as padeiras como esta por vreação e custume muito bem conçertadas asi de vestidos Ricos toucados e joeas douro as quaes hiraõ bailando continuoadamente com as danças que aõ de sair e hirão a acompanhar os Candilleiros e porque como he custume E ho Procurador do Concelho dara a cada hu dos homens que as trouuerem cento e dez reais e pera a vespora e dia aquillo que elles Regedores hordenarem.

#### **Pagar às Danças**

Item. Acordarão mais que has ditas Danças atras declaradas que soião de hir com ho Rei e Emperador e que agora aõ de hir com as pellas E o Procurador do Concelho dara a cada dança cincoenta reais e a cada gauteiro que lhes tanger trynta reais ou aquillo que elles Regedores determynarem.

#### **Espingardeiros**

Item. Acordarão mais que o anavel dos Espingardeiros acompanhe com hos espingardeiros os candilleiros e asi a bandeira da cidade a bespora e dia E se ajuntaraõ na Praça do Paõ como he custume.

#### **Mourisqua**

Item. Acordarão mais que ho reu da Mourisqua saia com toda sua jente muito bem consertados asi na bespora como no dia pera acompanharem os candileiros e a bandeira da çidade E ho Procurador do Concelho lhes dara pera almoçarem quinhentos reais ou aquillo que elles Regedores hordenarem so pena do que faltar pagar dous mil reais da cadea pera o Concelho //f. 78v //.

#### **Almocreves com seu anael**

Item. Acordaraõ mais que o anael dos Almocreves hos ajunte todos e hordene a sua festa da bandeira, como sempre fiy de custume e hirão todos em pessoa e não mandaraõ moços E que coRaõ todos por hordem hu ante outro E ho que coRer hua caReyra de logo a tranca ho outro E não coRa sempre hu so pena do que faltar pagar da cadea mil reais.

#### **Penas**

Item. ordenada asi a dita festa declarada atras mamdaraõ que todos os itens se cumpraõ cada hu ho que lhe tocar sem seu item asi a bespora como ao dito dia so pena dos que asi não cumprir como dito he pagar pera p conçelho e despezas do dito dia dous mil reais da cadea alem das penas atras.

N.º 11	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1579
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, LII (2003) n.º 107 (120): pp.361-362	
	<b>ASSUNTO:</b> Quadros das festas; Senado da Câmara	
<p>[Sessão de 10 de junho de 1579]</p> <p><b>Preparação da festa de S. João</b></p> <p>Item. Na dita camara acordaram de ordenar a festa de vespora e dia de Sam Joam pela maneira seguinte:</p> <p>Item. Acordaram que os juizes e mordomos das confrarias de Samtiago e Sam Joam façam sair os camdeleiros a vespora de Sam Joam e levem as bamdeiras das confrarias e façam de maneira que sejam na See e cabamte as vesporas e os ditos camdeleiros levarom os cidadaos sob pena do que ho levar nam quiser pagar de pena dez cruzados cada hum e toda pesoa que o levar nam sendo cidadão paguara dous mill reaes da cadea pera o comcelho e despesas do dicto dia.</p> <p>Item. Acordaram mais que a vespera e dia de Sam Joam sayam as damças d'espadas e acompanharam aos camdeleiros e a bamdeira da cidade e os mordomos as faram sair cedo que nam esperem por elles.</p> <p>Item. Acordaram mais que os mordomos da serpe e dos cavalinhos os façam sair a vespera e dia de Sam Joam e acompanharam os camdeleiros e a bandeira da cidade.</p> <p>Item. Acordaram mais que a bamdeira da cidade a leve o alcaide mor e nam a levamdo a leve o juiz mais velhos e a vira tomar a porta do paço do comcelho homde he custume e a vespera ira homde he custume irem emprazar o porquo e ao dia alem da pomte de Guimaraes homde se custuma irem matar o porquo e daram o beberete que cada anno se da aos cidadaos.</p> <p>Item. Acordaram mais que os juizes e vereadores e procurador cavalguem e acompanhem a bamdeira com os mais cidadaos que cavalos tiverem.</p> <p>[Fol. 87] Item. Acordaram mais que todo cidadão que cavallo tiver o nam empreste pera fora na vespera e dia de Sam Joam antes cavalguem e acompanhem a bamdeira como dicto hee e seram todos juntos na vespora e dia na praça do pão as oras que se custuma ir tomar a bamdeira sob pena do que asy nam cumprir pagar de pena dous mill reaes pera o comcelho e despesas do dicto dia.</p> <p>Item. Acordaram mais que o anavel dos ispinguardeiros com os ispinguardeiros acompanhe os camdeleiros e a bamdeira a vespera e dia de Sam Joam e seram juntos na praça como he custume.</p> <p>Item. Acordaram mais que o rey da mourisqua saya com sua gemte a vespera e dia de sam Joam e acompanharam os camdelairos e bamdeira da cidade e o procurador do comcelho lhes dara pera almoçarem quinhentos reaes ou aquilo que elles regedores ordenarem sob pena do que faltar pagar pera o comcelho e despesas do dicto dia dous mill reaes.</p>		

Item. Acordaram mais que os mordomos dos çapateiros tenham cuidado no dicto dia de Sam Joam pela menham cedo terem porquo alem da pomte de Guimaraes no luguar acostumado pera que tamto que chaguar a bamdeira da cidade com a gemte de cavalo o soltarem pera com elle amdarem folguamdo e terem aviso que nam pase a pomte aquem pera a cidade porque nam aja diferemças amtre os moleiros e çapateiros porque alegão os moleiros que tamto que o dicto porquo pasa a pomte per a cidade que he seu e que asy he custume.

Item. Acordaram mais que ho procurador do comcelho de a cada damça cimquoemta reaes e ao guateiro (sic) que çhes tamge trimta reaes ou aquilo que elles regedores ordenarem.

Item. Acordaram mais que o anavel dos almocreves os aju(n)te todos e ordenem sua festa da bamdeira como sempre foy custume e iram todos em pesoa e nam mamdaram moços e correram todos pera ordem que nam corram sempre huns ate que quebrem a tavoa sob pena do que faltar pagar de pena mil reaes pera o comcelho e despesas do dicto dia.

Item. Acordaram mais que a vespera e dia de Sam Joam recolham seus porquos e os tenham emcerrados e os nam deixem amdar pelas ruas sob pena de cimquoenta reaes por cada porquo que for achado na rua a qual pena sera pera o alcaide meirinho seus homes que ho tomarem.

Item. Acordaram mais que a vespera e dia de Sam Joam aja duas pelas que acompanhem os camdeleiros e abamdeira da cidade [fol. 87v.] a vespóra e ao dia e as padeiras as faram e o procurador dara a quem as trouxer o acostumado ou aquilo que elles regedores ordenarem sob pena de quem as nam fizer pagar pera o comcelho quinhemtos reaes e pera as despesas do dicto dia.

E ordenada asy a dicta festa pela maneira atras declarada mamdaram elles regedores que asy se cumprise e fizese da maneira que se nos ite(n)s comtinha com as penas neles comtheudas.

N.º 12	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1580
	<b>FONTE:</b> Bracara Augusta, XXIV (1970); pp.293-295:	
	<b>ASSUNTO:</b> Porco; candeiro; Senado da Câmara	
<p>[Fol. 7]</p> <p>8. Sabado dezoito dias do mes de Junho foram Juntos ~ e camara os sores aluº folgeira. Juiz ordinairo e m.el Luis e o doutor fernaõ correa vreadores e bras diz campelo procurador do comçelho</p> <p><b>S. João</b></p> <p>I, 1 – na dita camara acordaram de ordenar a festa de vespora e dia de sam Joam pola maneira seguinte</p> <p><b>Candeleiros</b></p> <p>I, 2 – acordaram que os Juizes e mordomos das comfrarias de sam tiago e sam Joam façam sair os camdeiros a vespora de sam Jmº e Levaram as bamdeiras das comfrarias semdo cidadaos e facam de maneira ~q sejam na esee acabamte as vesporas e os ditos camdeiros os Levaram os cidadaos sob pena do ~q ho Levar nam quiser pagar de pena dez cruzados cada hum e toda pesoa ~q ho Levar nam semdo cidadaõ paguara dous mill rs da cadea pera o cº e despesas do dito dia</p> <p><b>Danças</b></p> <p>I, 3 acordaram mais que a vespora e dia de sam Jmº saiam as damcas despadas e acompanharam os camdoleiros e a bamdeira da cidade e os mordomos as faram sair cedo que nam esperem por elles</p> <p><b>Serpe, Cavalinhos</b></p> <p>I, 4 – acordaram mais ~q os mordomos da serpe e dos cavalinhos os façam sair a vespora e dia de sam Jmº e acompanharam os camdoleiros e bamdeira da cidade</p> <p><b>Bandeira</b></p> <p>I, 5 – acordaram mais que a bamdeira da cidade a Leve o alcaidemor e nam a Levando a Leve o Juiz mais velho e a vira tomar a porta do paço do comcelho homde custume. E a vespora Ira homde custume. Irem emprazar o porquo e ao dia alem da pomte de guimaraes homde custume Irem emprazar diguo matar o porquo</p> <p><b>Cavaleiros</b></p> <p>I, 6 – acordaram mais ~q os Juizes e Vreadores e procurador cauallguem e acompanhem a bamdeira com os mais cidadaos ~q caualos teuerem</p> <p>I, 7 – acordaram mais que todo o cidadaõ ~q caualo tiuer ho nam empreste pera fora a vespora e dia de sam Jmº antes cauallguem e acompanhem a bamdeira, como dito he e seiam todos [Fol. 7 v.] Juntos na vespora e dia na praça do paaõ as oras ~q se custuma lr a bamdeira sob pena do ~q ho asy nam cumprir pagar de pena dous mil rs pera o cº e despesa do dito dia</p> <p><b>Espingardeiros</b></p> <p>I, 8 – acordaram mais que o anuel dos espingardeiros cõ os espimgardeiros acompanhem os camdoleiros e bamdeira a vespora e dia de sam Joam e seiam Juntos na praça como he</p>		

custume

#### **Rei, Mourisca**

l, 9 – acordaram mais que o Rey da mourisqua saya cõ sua gemte a vespora e dia de sam Jm<sup>o</sup> e acompanharam os camdoleiros e ha bamdeira da cidade e ho procurador do c<sup>o</sup> lhes dara pera almocarem quinhentos rs ou aquilo ~q elles Regedores ordenarem sob pena do ~q faltar pagar pera as despesas do dito dia e pera o comcelho dous mil rs

#### **Porco**

l, 10 – acordaram mais que o mordomo dos capateiros tenham (sic) cuidado no dito dia de sam Jm<sup>o</sup> pois menham cedo terem o porquo alem da pomte de guimaraes no Lugar acostumbrado pera ~q tanto que chegar a bamdeira da cidade com a gemte de caualo o soltarem pera cõ elle amdarem folguamdo e terem auiso que nam pase a pomte pera a cidade, por ~q nam aja deferenças amtre os moleiros e os capateiros por que aleguam os moleiros ~q tanto ~q ho ditõ porquo pasa a pomte pera a çidade ~q he seu e que asy he custume

#### **Paga**

l, 11 – acordaram mais ~q ho procurador do c<sup>o</sup> de a cada dança cincoemta rs e aos guaiteiros ~q lhes tamgem trinta rs a cada hum ou aquilo ~q elles Regedores mamdarem

#### **Almocreves**

l, 12 .- acordaram mais que o anuel dos almocreues os ajunte todos e ordenem sua festa da bamdeira como sempre foy custume e lram todos ~e pesoa e nam mandaram mocos e correram todos per ordem que nam corram sempre hums ate quebrarem a tauoa sob pena do que faltar pagar de pena mil rs pera o c<sup>o</sup> e despesa do dito dia.

#### **Porcos**

l, 13 – acordaram mais que se Lancase pregaõ que toda p<sup>a</sup> de qLquer calidade e comdicam ~q seja que a vespora e dia de sam Joam Recolham seus porquos e os tenham ~ecerrados e os nam deixem amdar polas Ruas sob pena de cimqoenta rs por cada porquo ~q for achado na Rua a ~ql pena seia pera o alcade m.or seus homes ã ho tomarem/

#### **Pélas**

l, 14 – acordaram mais ~q a vespora e dia de sam Jm<sup>o</sup> aJa duas pelas [Fol. 8] que acompanhem os camdeleiros e a bamdeira da cidade a vespora e dia e as padeiras as faram e o procurador dara as que as trouxerem o acostumbrado ou aquel °q elles Regedores ordenarem sob pena da que a nam fizer pagar pera o c<sup>o</sup> e despesas do dito dia quinhentos rs

l, 15 – e ordenada asy a dita festa pola maneira atras declarada, mamdarom elles Regedores ~q asy se cumprisse e fizese da maneira, ~q nos ltens se comtinha, com as penas nellas contheudas.

N.º 13	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1614
	<b>FONTE:</b> OLIVEIRA, Eduardo Pires de – Estudos bracarenses: O S. João. Breve antologia histórica. Braga: Soares dos Reis editor, 1983, p.13	
	<b>ASSUNTO:</b> Corrida do Porco; Bandeira da cidade; Senado da Câmara	
<p>Tt.o 255 – Acordo que não Andasse A Bandeira de São João se machado juizes &amp; Guaspar de medr.os, Feliciano de carvalho Barretto e Manoel falcão cotta vereadores, na dita Camara mandarão elles regedores chamar os Cidadoens nobres della ao diante assinados, &amp; João ne ouvesse Porco Preto no dito dia</p> <p>Quarta fr.a dezoito dias do mês de Junho de mil e seiscentos e quatorze Annos foraõ iunentos em camara Bras dias Campello. &amp; o leçençado Jose acordarão elles regedores cõ os Cidadoens que costumão andar no governo desta Cidade que presentes for ão que não convinha nem era authoridade para os regedores do presente anno e que ao diante forem lavrarem a bandeira de Nossa Senhora na vespora &amp; dia de São João e juntam te o porco como tee agora se costumava o que era muito indecente e geralmente reprovado em todo este reino &amp; por o t'po ir apurado as cousas &amp; a experiencia mostrar por cazos que sucederão des authorizarem os Regedores como succedeo na Meza de São Sebastião hu' dos Annos passados e que não convinha aver taes acompanhamentos, ne' sair a bandeira de Nossa Snora do lugar onde está se não pera ir mas procissoens da ordenação e quando os Prelados assistirem q' hem lugar do tal acompanhamento se maudasse dizer huã Missa cantada na Igreja de São João do souto desta Cidade indo cõ todas as mais festas costumadas saindo elles regedores cõ suas varas da Camara onde terão seus assentos assim nas Vesporas como no dia que fará a cidade sua Custa cõ toda a S lemnidade &amp; assinarão todos aqui Franc.o peixoto. Escrivão da Camara o Escrevi, Campello, machado, Gaspar de medeiros, Barretto, Cotta, Diogo de Barros, Manoel de Faria, Antonio alz Tinoco, Manuel Silva, Fran,co mez homem fran,co vaz, Pero ribeiro ferreira, Geraldo da fonsequa coutinho, Antonio affonso da Gamma, Pimenta, Heitor Borges pereira, Miguel do lago, Francisco Vieira dandrade. O qual traslado eu Francisco Peixotto Escrivão da Camara fiz trasladar da propria a que me reporto aqui assinei oje Vinte e dous dias do mes de Outubro de mil &amp; seiscentos e quatorze annos.</p>		

N.º 14	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1634 (1597-1609)
	<b>FONTE:</b> CUNHA, Dom Rodrigo da – <i>História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga</i> . Vol. I. edição fac-simile. Braga: Cabido Primacial da Sé, 1989, pp. 178-179.	
	<b>ASSUNTO:</b> Corrida do porco	
<p>«Conclue o Doutor fr. Bernardo de Brito a vida de S. vitouro com querer dar a origem a hua fingida montaria que em Braga se faz na véspera, &amp; madrugada do dia de S. João Bautista, a que vulgarmente chamão do porco preto, &amp; porque elle a descreve cõ elegancia, queremos va com suas mesmas palavras que são as seguintes.</p> <p>Quero advertir de caminho hum antiguo costume, que dura na cidade de Braga conservado ao que se pode crer desde estes antiguos, ou em memoria do que succedeo no martyrio dos Santos, ou por guardar aquelle modo de festa ainda que gentilica, todavia convertida em melhor uso, &amp; he que em vespera de São João Bautista se poem a cavallo a gente principal da cidade, &amp; passando o rio Deste, junto ao qual forão (como ja contamos) martyrizados os Santos, &amp; se fazião os jogos, &amp; festas de Ceres, &amp; Sylvano, fingem que emprazão hum porco, &amp; gastada a tarde em festas, vão ao dia do Santo pela manhã fazer hua montaria com hum porco negro, que lhe lá tem aparelhado, &amp; vozes q representam verdadeira môtaria, &amp; vem seguindo contra a cidade todo o tropel da gente, &amp; se ao passar do rio se lança ao vao, &amp; passa pella agua o dão aos moleiros das azenhas que ha na mesma ribeira, &amp; tomando a ponte fica da gente da cidade. E esta montaria que hoje chamão do porco preto, cuido eu que alude à memoria referida, quando diz “Suilibus vero finitis furtim à Christianis sepeliuntur”. Até qui são palavras de frey Bernardo de Brito.</p> <p>Melhor nos parece q por festejar ao São Precursor ordenarão os antiguos de Braga q na sua vespera, &amp; dia ouvesse verdadeira montaria de muitos porcos monteses, &amp; outras feras, de que junto à cidade avia grãde quantidade por estar toda cercada de espessos bosques, onde se criavão, &amp; multiplicavão com dano dos campos, &amp; searas vizinhas. Este exercicio, posto que faltarão as feras, &amp; se povoarão os bosques, ficou sempre em uso, fazendo-se em modo de môtaria a louvor, &amp; hõra do Santo»</p>		

N.º 15	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: -
	<b>FONTE:</b> “Memorias do Bom Jesus do Monte e Roteiro ou Abreviada Notícia de Braga”, por Diogo Forjaz Sampaio Pimentel, Coimbra, 1876	
	<b>ASSUNTO:</b> Corrida do porco	
<p>Pedimos licença para transcrever do ‘Mosaico’ do sr. Camillo Castello Branco os seguintes trechos do artigo – A Meza Mysteriosa.</p> <p>«O leitor já foi ao Largo das Carvalheiras, em Braga, e viu entre os monumentos romanos, contiguos á capella de S. Sebastião, uma meza de pedra com inscripção no rebordo, que diz: BRACARA AUGUSTA (FIDELIS ET ANTIQUA). Se não se convenceu logo de que naquella meza já comeram pretores romanos ou reis mouros, informou-se com o Contador de Argote e ficou sem saber a serventia da meza. De feito, o famoso antiquário, como pessoa que recebia as noticias no gabinete e não via os monumentos, assignou de romana a pedra, assentando a sua decisão na hypothese de que em 1625 os caracteres que até áquella data estiveram na superficie da meza foram mudados para o bordo onde hoje estão; sendo, alem d'isso, cousa clara ao entendimento de Argote que a inscripção primitiva era somente BRACARA AUGUSTA, visto que as palavras FIDELIS ET ANTIQUA (fiel e antiga) não condiziam com as inscripções usadas no tempo dos romanos».</p> <p>Quem idoneamente sabia a utilidade da meza era um arcediago da Sé bracharense, sujeito que morreu ha mais de tres séculos, e deixou um manuscripto que, ha duzentos annos pouco mais ou menos, parava em posse de Estacio de Novaes, cidadão de Braga.</p> <p>O frade trasladou o manuscripto, e eu sou o dono do traslado, em quanto o governo me não ordenar que lhe entregue o trabalho do monge, para elle o fechar num gabinete, onde a carcoma e os ratos o desfaçam.</p> <p>Ora, conta diffusamente o códice que, em certos dias do anno, costumavam os bracharenses fazer montaria nas vizinhanças da mesma cidade. Esta cerimonia, imitada dos tempos gentilicos, passou a ser culto a S. João Baptista... Na véspera, pois, da festa, faziam os bracharenses cavalhadas alem do rio Deste, e depois da folga monteavam á imitação dos seus maiores.</p> <p>Com o dobar dos annos extinguiu-se a caça grossa, e esmoilaram-se os grandes matagaes onde as feras se embrenhavam. Nem por isso os cavalleiros de Braga se abstiveram da sua antiquíssima usança. Inventaram o como haviam de continuar, e resolveram lançar porcos no local que hoje denominam coutada dos arcebispos (este hoje refere-se a um ‘hoje’ de ha trezentos annos) para assim cumprirem a sua devoção ...</p> <p>... Chegaram ... os tempos de D. Diogo de Sousa (governou Braga desde 1505 até 1532), o qual fundou uma capella de S. João Baptista logo alem da ponte, obra sua também, sobre o rio Deste; e como se erigisse uma irmandade em honra do sancto, tomou esta á sua conta dar os meios para continuarem os antigos costumes. Elegiam-se, para o caso, dois mordomos: um mordomo obrigava-se a crear e manter todo o anno um corpolento porco de côr preta. Na madrugada do dia de S. João, feitas as cavalhadas, iam os fidalgos ao alto do Picoto, soltavam o cevado, e despediam atraz d'elle contra o rio Deste, onde o esperavam os moleiros sobre a ponte, para lhe estorvarem a passagem e obriga-lo a vadear o rio. À aba do rio apinhoava-se povoleo d'aquelles sitios a escorraçar o porco para a ponte.</p> <p>Enfim, se o porco passava a ponte, era premio do gentio fluvial, que o comia; se passava o rio, era dos moleiros, que o comiam também...</p> <p>Acabado o festejo, vinham os cavalleiros á alameda de S. Sebastião, e sobre uma pedra, que ainda hoje</p>		

se conserva em forma de meza — prossegue o frade, copiando o arcediago — a qual estava muito armada e cheia de cestinhos com as fructas d'aquelle tempo, outro mordomo da confraria de S. João repartia pelos cavalleiros as taes cestinhas, que elles levavam pela cidade com muita galhofa às pessoas da sua obrigação. A cerimonia do porco não sei ha que tempos acabou; porém, a das cestas de fructa ainda conheci gente que a viu, e haverá cem annos, pouco mais ou menos, que toda se extinguiu.

Podemos, pois, sabido o anno em que morreu o frade (1665), aproximadamente calcular que, no meado do século de quinhentos, acabou de todo a cerimonia das cestinhas de fructa; e tão depressa se deliu a memoria da serventia da pedra, que já Fr. Manuel da Ascenção dizia: Esta é a historia do porco preto tão decantada; e a serventia da pedra de S. Sebastião, que tanto deu que cuidar aos auctores que d'ella escreveram, sem até agora o saberem...

N.º 16	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1699
	<b>FONTE:</b> OLIVEIRA, Aurélio (tradução) - Relato das viagens do padre Francisco de Tours em Portugal. In: "Entre Aspas". Diário do Minho, 19/06/2006, p.10. (a partir da versão publicada por Veríssimo Serrão no "Bulletin des Études Portugaises", tomo XXI. Separata da Livraria Bertrand, 1958)	
	<b>ASSUNTO:</b> Procissão; danças	
<p>Não é grande a cidade de Braga, embora seja um Arcebispado que tem mais de 170.000 libras de renda e se diga a Primaz de todas as Espanhas, ainda que o Arcebispado de Toledo lhe dispute a mesma Primazia. O altar-mor da sua catedral é muito belo. Ficámos alojados nos Paços Arcebispaes e o Senhor Arcebispo (NB: D. João de Sousa), quis que ficássemos aqui uns oito dias para que descansássemos. Todavia, resolvemos ficar só por um dia e esse era o dia de São João Baptista. Apreciámos, então, neste dia, uma extraordinária (e divertida) Procissão que aqui passamos a descrever: Primeiramente, havia mais de cem pessoas mascaradas, porque o costume tanto em Espanha como em Portugal é de incluir nas Procissões mascarados. Se uma religiosa quer participar nos festejos terá um grupo de pessoas mascaradas que, levando guitarras e tambores de Biscaia ou outros vêm dançar a igreja diante do SS. Sacramento sem o que a cerimónia da festa não teria interesse algum. (Quase raramente saía na cidade de Lisboa que não presenciasse esta espécie de cerimónias).</p> <p>Três mascarados abriam a Procissão metendo-se, indiferentemente, com mulheres e raparigas, já que nesta ocasião e nesta oportunidade têm para isso toda a liberdade de o fazer.</p> <p>Eu presenciava à vontade todo este cortejo por que estávamos numa ampla sacada do Paço Episcopal, na companhia de dois sobrinhos do Senhor Arcebispo. Em baixo, alargava-se uma ampla Praça apinhada de gente.</p> <p>Depois destes três mascarados seguia um boi com os cornos guarnecidos de um belo e muito grande pano vermelho. Após este boi seguia um carro de bois repleto de palmas e ramos de árvore e depois deste carro apareciam quatro gigantes, de uma altura nunca vista, que faziam momices de fazer partir de riso toda a gente. Estes gigantes eram tão simplesmente feitos de cartão que eram levados por cada homem, mas de tal modo disfarçados que deles não se via absolutamente nada. Entre eles ia um anão que carregava uma maçã que tinha mais de um pé e meio de comprimento!...</p> <p>Depois destes aparecia S. João Baptista no deserto figurado por uma espécie de saibrada onde se viam pequenas poças de água e um menino completamente nu, de cerca de três anos que representava S. João Baptista. Este deserto era "carreado" por quatro homens mas que, como os outros de que já falámos, iam absolutamente disfarçados e tapados!</p> <p>Vinham, depois, oito pessoas mascaradas que se quedaram diante do Palácio. Fiquei tão contente com isto que fiquei fora de mim porque nunca tinha visto este género de Procissões em que se misturavam pessoas mascaradas a dançar! A falar verdade é, de facto, uma reminiscência de paganismo e nunca se conseguiu abolir estas danças extremamente lúbricas e que, por pudor, de algumas que me contaram, me permito de não confiar o testemunho a este papel!</p> <p>Este agrupamento de dançadores, estando finalmente diante do Paço Episcopal, meteu-se a dançar por mais de um quarto de hora: sempre de modo perfeito e enquanto que este grupo dançava, todo o mundo dançava também! Depois que esta "banda" actuou e foi passando, seguiu-se outro quadro: um pequeno areal onde se viam dois meninos completamente nus de idades entre dois e três anos representando um o Menino Jesus e outro, o mais crescido, S. João Baptista. Este, em verdade, levava sobre os ombros um pequeno cordeiro (ao vivo) com um letreiro que segurava na sua mão e que o ligava ao pequeno Jesus onde se lia: Ecce Agnus Dei! Depois deste surgia outro grupo de dançadores em número de treze onde havia seis vestidos de mulher que, tal como os primeiros, dançaram na perfeição, usando castanuelas</p>		

nos dedos. Era uma verdadeira maravilha vê-los como dançavam! Eles são, de facto, muito diferentes dos de França. Após este segundo grupo de dançadores, seguia uma padiola sobre que havia um leito com seus panejamentos e tecidos, no qual leito seguia Santa Isabel de que se via apenas a cabeça. Com isso se pretendia representá-la em clausura. Aparecia, logo depois, outro grupo de dançadores, também em numero de treze, todos vestidos de branco, que se desempenharam também como os outros que haviam passado. Depois deles uma outra padiola carregada, como já disse antes, por homens sobre o qual ia o verdugo que tinha cortado a cabeça a São João Baptista, apresentando-a com uma mão a Herodes que a recebia numa taça e segurando na outra mão um sabre. Este verdugo e Herodes tinham uns cinco ou seis pés de altura.

Depois disto seguia um cavaleiro revestido de forte couraça e de lança na mão, montado sobre um soberbo cavalo, representando S. Jorge. Depois deste cavaleiro surgiam duas companhias de soldados, uma de cristãos e outra de mouros, cada uma com o seu general ao comando. Iam ambos muito bem montados. Chegados diante do palácio de arcebispo apearam-se os dois de seus cavalos e depois de entregar suas montadas a um negro, fizeram uma grande saudação aos sobrinhos do Senhor arcebispo (porque Sua Excelência estava de cama, doente, e não pudera vir a esta cerimónia). Neste mesmo momento, os cristãos e os mouros formaram para um recontro: os mouros usavam sabres e um escudo e os cristãos umas meias lanças. Depois de se terem voltado uns contra os outros, um mouro tocou uma trombeta que era o sinal do início do recontro e, de repente, se viu cristãos e mouros se enfrentando mas de modo tão real e violento que foi maravilha ninguém sair ferido – o que mereceu de todos um aplauso enorme. Depois de se terem batido durante um considerável espaço de tempo, cada soldado cristão tomou um mouro cativo, enquanto os dois generais ficavam sós e se enfrentavam mais violentamente ainda, por considerável espaço até que o general cristão venceu e tornou cativo o general dos mouros! Terminado o combate, todos os mouros levaram seus sabres e seus escudos depositando-os aos pés do general cristão e, em seguida, sendo quinze contra quinze, meteram-se todos a uma dança.

Também havia aí um concerto de música com vários instrumentos, guitarras, harpas, tubas, violões, violas baixo e, dançando, todos cantavam vitória. Estes dançaram durante muito tempo e muito bem e depois de ter dançado, todos se foram. Seguiu-os a Cruz da Procissão com um cortejo de muitos padres e assim acabou esta bela e tão curiosa Procissão de S. João Baptista. Segundo me contaram, os gastos com este Cortejo subiram a mais de dois mil escudos!

No dia seguinte, bem municiados com provisões em abundância – que sua Excelência nos mandou dar para a nossa viagem – tendo tomado permissão e licença de Sua Excelência, seguimos nossa caminhada para Santiago de Compostela, tomando caminho por Vila Verde.

N.º 17	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1741-1756
	<b>FONTE:</b> PEIXOTO, Inácio José – “Memórias Particulares”. Braga: Arquivo Distrital/Universidade do Minho, 1992.	
	<b>ASSUNTO:</b> Mascarados; período Barroco; D. José de Bragança	
<p><b>(pagina 5)</b> “Em todos os annos se festejava, com danças a S. João e ao Senhor Sacramentado da Sé com publicos e magnificos festejos, mas elles não erão so no templo com triduos, sermoens, apparatus e musicas, patenteavão-se com bailes, comédias e touros, em que se gastavão copiosas somas; muitas casas se empenhavão para sempre. Dous erão juises, hum fidalgo e outro conego. As ultimas destas grandes festas forão feitas por Antonio Pereira de Eça, fidalgo illustre casado na casa dos Biscainhos com D. Antonia Maria de Sousa Montenegro, sobrinha do deão D. Francisco Pereira da Silva [sobrelinha: e filha de Diogo de Sousa e D. Maria Montenegro]. O povo dezia que estas festas erão o Brazil da cidade, mas ellas não convinhão muito ao sagrado assumpto, contudo o povo por isto aviva a fé muitas veses. [À margem: nestes tempos erão as festas os objectos dos bracharenses no tocante às sciencias, não quanto aos costumes porque se respeitavão ambas as corporações].”</p> <p><b>(página 13)</b> “(D. José de Bragança) Gostava muito de ver as danças e festejos de S. João, mas não permitia mais que dous dias pera elles. No seu espolio se achavão dous vestidos de mascara, mas não podião ser para elle, porque o estrudor necessario da cabeça o daria a conhecer.”</p>		

N.º 18	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1750
	<b>FONTE:</b> THADIM, Manoel José da Silva - Época dos Annaes e Memórias bracarenses. Ed. Fac-simile, p.356.	
	<b>ASSUNTO:</b> Confraria de São João do Souto; procissão	
<p>Festas de S. João do Souto em que foi Juiz o Ver<sup>o</sup> Deam  Ano de 1750</p> <p>A Mesa da Confraria de São João do Souto no dia 24 do mes de Junho de 1750, fez uma excelente procissão em louvor do seu nascimento com vários andores de boa composição, em que ia um muito grandioso de S. Miguel por modo de carroça puxado à mão. Nesta procissão foram muitas danças, bailes, e contradanças. Concorreu muita nobreza, e concurso de vilas circunvizinhas para ver este festejo em o qual não houve máscaras avulsas e para impedir os distúrbios e prender os mascarados vierem soldados de fora. Foi juiz deste festejo D. Miguel José de Sousa Monte Negro, Deão de Braga. o qual no Campo da Vinha mandou fazer só à suas expensas um grandioso cerco de trincheiras no meio do qual estava uma cozinha na qual se assou um boi inteiro, cheio por dentro de vários recheados de galinhas, coelhos, patos, etc. Dentro do cerco estava um vistoso chafariz deitando um gostoso vinho. Da outra parte uma prateleira piramidal cheia de pratos de barro de Prado, e de frente outra igual prateleira cheia de pães de trigo: no meio estavam algumas mesas. Assado o boi se trinchou em pedaços, e se repartiu à gente plebeia a som de toque de clarins, charamelas e atabales, que estavam postos nos quatro ângulos do cerco em lugares altos tocando os ditos instrumentos. Levou cada pessoa, um prato de carne, vaso de vinho e um pão de trigo. Juntou-se muito povo a ver a distribuição, festividade nunca vista em Braga, a qual se fez na tarde de 25 deste mes em que se gastou muito dinheiro, e não lustou quase nada, mas antes foi vilipendiada e se fizeram várias sátiras. No meio do cerco estava um grande poste com uma bandeira em que estava pintada de uma parte a imagem e figura de S. João , e da parte reversa as armas do Juiz. O cozinheiro deste festejo foi um estrangeiro criado do Deam do Porto. No dia 26 se repetiram os bailes, danças e contradanças por diversas paragens da cidade, e saiu uma quadrilha armada, rondando as ruas para impedirem os distúrbios.</p>		

N.º 19	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1754
	<b>FONTE:</b> <i>RELAÇÃO do festivo applauso com que no dia 24 de Junho do presente anno de 1754 se celebra o admiravel nascimento do precursor de Christo S. João Bptista, sahindo da sua igreja pelas principais ruas de Braga, cuja procissão com novidade se executa vistoza na amoroza idêa de hum Passo Mythologico - sacro a expensas do R.P. Feliz de Araújo. Coimbra 1754. Real Collegio das Artes.</i>	
<p>RELAÇÃO DO FESTIVO APLAUSO com que no dia 24 de Junho do prezente anno de 1754, se celebra o admiravel Nascimento do Precursor de Christo, Voz do Verbo Eterno S. JOÃO BAPTISTA Sahindo da sua Igreja pelas principaes ruas da tão Augusta, como Fidelissima Cidade de Braga, Primaz das Igrejas Hispanicas, e sempre primeira nos cultos do mesmo Santo, Cujá Procissão Com novidade se executa vistoza na amoroza idêa de hum PASSO MYTHOLOGICO-SACRO A EXPENSAS DO R. P. FELIZ DE ARAUJO.</p> <p>Coimbra: No Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS, anno de 1754. <i>Com as licensas necessarias.</i></p> <p><b>INTRODUÇÃO</b></p> <p>Para o Prodigio da Graça, para o Assombro da natureza, o grande Baptista, são diminutos os mais engraçados louvores, nunca chegam a ser bem proprias as mais naturaes demonstraçoens da sua grandeza. Sahio a fazer a maior, e incomparavel figura da Santidade no theatro visivel do mundo: e que muito sahi-se tão grande, <i>Non surrexit maior</i>, quem já no theatro materno invisivelmente santificado representou em gostosas chorêas a melhor figura da alegria: <i>Exultavit Infans in utero?</i></p> <p>Sahio, torno a dizer, este bello Infante; e com sahir menino, veyo logo manifestando os effeitos do seu agigantado espirito: <i>Exultavit, ut gigas</i>. Porém, posto que se não possaõ proporcionar bem as medidas á sua desmarcada grandeza, iremos coordenando-as naquella parte, que mais o faça conhecer Ex digito gigas, isto he, contemplando festivamente em Braga o seu felicissimo Nascimento, que a todo o Orbe communicou hoje verdadeiros gostos: <i>Multi in Nativitate ejus gaudebunt</i>.</p> <p><b>Argumento do Passo</b></p> <p>Nasceo este novo Amor mais engraçado, que o primeiro Cupido. Não se note a similhaça em quanto se não concluir com a superioridade; porque tambem acontece, que às vezes o fingimento, e sombra das fabulas seja expressivo prologo da verdade, e luz Evangelica: <i>Nonnunquam quorundam mysteriorum Evangelicorum veritas ex fabulis poeticis facile deducitur</i>. Mans. Tom. 6 Biblioth. Tract. 60. Disc. 24.</p> <p>Estando pois nublado o mundo com as opacas sombras da Let escrita, principiou a abraza-lo este Amor com a luz da Graça: <i>Joannes, id est, gratia</i>, porque vinha irradiando como Precursor da Graça Encarnada: <i>Praeibis ante faciem Domini</i>, ou de outro Amor, que sendo segundo, lhe era primeiro, <i>qui post me venit, ante me factus est</i>. E até para lograr mais proprias as qualidades do amor, aquem chamaraõ fogo, <i>Dicitur ignis amor</i>, nesta figura formalizou a sua precurrencia: <i>Ignis ante ipsum praecedet</i>. Psalm. 96.</p> <p>Do fabuloso Cupido affirmaõ os Mythologicos, que em seu nascimento lhe ordia a Parca taõ tenue a têa da vida, que mortificado o menino não crescia; até que lhe deu a natureza a companhia de Anteros, com cuja creação se vigorou tanto, que foy mais poderoso, que todos os Deozes. Ao Baptista Amor deu a Graça o mais verdadeiro <i>Anteros</i>, com quem brincando acquiria taõ grandes forças de novas prerrogativas, que escapando a Parca da Herodiana tyrannia (que do fio de hum cutelo lhe sustentava a vida com a morte) já de entaõ principiou a ser mais poderoso, que os mais Deozes, ou Corifeos da</p>		

Santidade.

Donde já se manifesta a superioridade, que vai de hum a outro Cupido; pois este ostentou o seu poder até nos danos, que permittia, reduzindo altos Colossos, celebres, e antigos edificios aos lamentaveis estragos das ultimas ruinas. O Amor do Baptista manifesta a sua potencia nos augmentos comque vivifica a Braga, sublimando-a, e celebrizando-a, como mais elevado Emporio do mundo. Razaõ, porque abrazada Braga só de amorosos incendios mais se recobra animosa para solemnizar incessante o seu festivo Nascimento; pois ainda, quando quasi chegava a adormecer a devoção do desalento, que neste anno se receava para as suas festas, se empre despertou vigilante hum coração ardente, que em seu devoto peito nunca consentio sopitas as fervorosas chamas, comque prorompe, fazendo sahir a luz o presente applauso, &c.

### ORDEM DA PROCISSÃO E PASSO

Estando adornadas as ruas, e cubertas com toldos de cores alternadas, vão diante publicando esta festiva pompa os clarins, e mais instrumentos, que em sonoros éccos farão suave o mesmo estrondo; observando-se o antigo e impreterivel costume das figuras dos gigantes e da inquieta (mas pasto do risivel) dança das Ciganas proseguindo-se outras joco-serias, e mais galhofas sem numero, e alguns bailes pequenos, depois dos quaes se vê disposto em campo o baile mayor do gigante Orion, ElRey Enopion, que consta de 24 figuras á tragica, e algumas de roupas, e todas com delectavel variedade, não só no vistoso, mas tambem na discorde concordia, comque executaõ as solfas de melhor gosto.

Principia logo o Passo com processo continuado em boa ordem, rompendo-lhe o principio a I. figura do Applauso montado em soberbo bucephalo: vay ricamente vestida de branco, e ouro com volante fino de prata: leva na mão direita hum estandarte levantado sobre huma hasta de prata, e nelle para poder applaudir com resonante melodia ao Baptista a invocação do seu proprio hymno.

*Ut queant laxis resonare fibris*

*Mira gestorum famuli tuorum,*

*Solve polluti labii reatum,*

*SANCTAE JOANNES*

E com harmonia sonora vay cantando a seguinte letra: *Amorem colamus, Amorem meritis praeconiis extollamus:* ex. Cassan.

Em segundo lugar a Sibylla vestida de roupas verdes, e preciosas, coroada de louro, com huma penna bem composta na mão direita sobre hum livro, que leva na esquerda, do qual cahe pendente este verso.

*Jam nova progenies coelo dimittitur alto.* Virg. Ecolg. 4.

Segue-se hum Anjo bem apertado, trazendo preza atraz de si pelo lado esquerdo a Incredulidade, figura attonita, e de duvidoso gesto: leva o Anjo na mão direita annunciando para Zacharias hum Caducêo com a letra envolta: *Uxor tua pariet tibi filium:* Luc. I.

E na esquerda abraçada huma tarja com a seguinte: *Et non poteris loqui pro eo, quod non credidisti:* Luc I.

S. Zacharias á parte direita do Anjo vestido, como Sacerdote, e Profeta com uma vara na mão, e sobre a

tunicella superior posta esta letra: *Dixit Zacharias: unde hoc seriam?* Luc. I.

Principiando a metáfora, que no presente applauso se troca com superioridade em sagrados cultos, segue-se a figura de Venus, levando em seus braços a Cupido recém-nascido: he huma bella dama vestida de gravissimas roupas côr de roza, e do panno precioso, comque pega, e em que leva a criança, vay pendente huma esfera, e dentro della escrito o verso.

*Nate, meae vires, mea magna potentia solus.* Aeneid. 10.

Segue-se uma Parca, figura horrida, vestida de preto, fiando em huma roca, e desta pendente o verso.

*Consuluit Parcas, quid paritura foret.*

E nas costas este rotulo: *Ait Atropos, ignem.* ex Falcon.

### **Entra o primeiro Carro com o Nascimento do Baptista**

Nelle vay edificada huma casa aberta de todos os lados, tendo sobre o portico a inscripção: *Elisabeth, impletum est tempus pariendi, & peperit filium:* Luc I. No interior hum leito de pequena grandeza com seu cortinado, e nelle a imagem de Santa Izabel quasi sentada com o sagrado Infante, novo Amor nascido, do qual sahe a letra: *Multi in Nativitate ejus gaudebunt:* Luc I.

Junto ao leito huma cadeira grave, em que esta sentado o Profeta Zacharias, escrevendo sobre hum papel: *Joannes est nomen ejus:* ex eodem Evang. E levantando-se até o portico, profetiza, recitando o principio do seu cantico: *Benedictus Dominus Deus Israel: & tu, Puer, Propheta Altissimi vocaberis.*

Porém antes do seu recitado, e diante do carro vão cinco Montanhezes formando huma contradança: os dous dianteiros com instrumentos lyricos, os outros dous com instrumentos pastorís: no guia, e primeiro, vay posta a letra: *Audite insulae, & attendite populi de longe:* Isai 60.

No segundo esta: *Et audierunt vicini:* Luc I. No terceiro estoutra: *Et congratulabantur ei:* ex eodem Evang. No quarto se exprime ver-se verificada esta gratulação em Braga, Cidade do Senhor, com a letra: *Sicut audivimus sic vidimus in civitate Dei nostri:* Psalm. 47. No quinto e ultimo se repete a admiração de tão prodigioso nascimento com a seguinte: *Et mirati sunt universi:* Luc I.

Todos cantam com estylo Barrozo e joco-serio seguinte:

*Nos bem vimos lá tão longe*

*Nas alturas de Barrozo*

*Arder entre a neve fria*

*Deste amor nascido o fogo.*

Depois de cantarem e chusma, continua só, e com mais grave harmonia o guia a cantiga

*Amor, que está dentro d'alma*

*Naõ pôde a morte acabar:*

*Se alma tem eterna vida,*

*Eu morrendo te hei de amar.*

Segue-se Herodes vestido de Tyranno com tragica soberba, Chlamyde Real, coroa e sceptro, e nelle abraçado o letreiro: *Tunc Herodes iratus est valde*: Matth. 2. Acompanha dous criados graves, e bem vestidos; e atraz destes dous algozes com cutelos, e nas costas os seguintes rotulos: *Mittens occidit omnes pueros...ploratus, & ululatus multus*: ex eod. Evang.

## 2. Carro Grande

Formado em razo, como navicula, ou bargantim, no qual vão quatro remadores, fingindo, que o levaro: na popa mais levantada está sentada Santa Izabel, tendo no regaço o Menino, donde sahe a letra: *Futurum est, ut Herodes quaerat Puerum ad perdendum eum*: Matth. 2. E reconhecendo que as azas deste mais poderoso Amor efficaz patrocínio da sua afflicção para fugir à tyrannia do Impio Rey: *Sub umbra alarum tuarum protege me à facie impiorum, qui me afflixerunt*: Psalm 16. com aspecto sobresaltado, e voz maviosa canta em solfa triste e muito terna.

*Hijo, es solo el poder mio,*

*Hijo, es mi vida tu amor;*

*Pues puedes, guarda tu vida*

*Del tyrannico furor.*

## 3. Carro, e primeiro pequeno

Antes do qual (proseguindo o metaforico assumpto) precedem as tres Graças bem parecidas, e semelhantes, representando pequena idade, vestidas uniformemente de transparente ranco, e cada huma com a sua condecinha, em que se finge irem os preparos precisos para a criação de Cupido, que se lhes encarregou: e sobre a condecinha da do meyo este distico:

*Olim Cupidinem Venus dedit*

*Blandis alendum Gratiis.* Ex Achille Bochio.

Seguindo-se então o carro com forma de diversorio, ou varanda cuberta, leva na fronteira a inscripção do mesmo Poeta.

*Certamine uterque ad usque magnitudinem conscresceret justam*

Dentro huma pequena banca cuberta de damasco, e sobre ella dous açafates com iguarias, e divertimentos accomodados ao gosto pueril; junto a ella dous assentos pequenos, em que estão os dous Amores Cupido, e Anteros, representados em dous engraçados, e pequenos meninos com azas, e insignias proprias de aljavas, arcos, e setas. Em Cupido a letra: *Quod nullâ erarum diligentia puer cresceret*: ex eod. Achil. Em Anteros a seguinte: *Antherota gigneret, necesse prorsus esse*: ex. Eod.

## 4. Carro, e segundo pequeno

Formado em jardim, com quatro arcos sobre columnas enramadas, e matizadas de flores. Adiante do qual vay a figura da Graça Divina, vestida de tela branca; a qual tomando à sua conta, e cuidado a educação deste novo Amor: *Jacta super Dominum curam tuam, & ipse te enutriet*: Psalm. 54, por isso

mesmo, que unica, foy o remedio mais singular para o augmento do Sagrado Menino na convivencia de ambos: leva na direita hũa pomba branca muito ao natural: vay coroada: da pomba procede a letra: *Sufficit tibi gratia mea:* ad Corinth. 2 c. 12.

Dentro do carro dous Anjinhos com salvas de prata; em hũa flores, em outra pomos, para ministrarem aos dous Sagrados Amores *Jesu e Baptista*. No primeiro Anjo a letra: *Angelis suis Deus mandavit de te:* no segundo: *Ut Custodiant te in omnibus viis tuis:* Psalm. 90.

O Baptista junto ao altar para brincar com o Menino, e na cruzinha, que leva na esquerda envolto hum listaõ com a letra: *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo:* Cantic. 2. na parte extrema hum altar pequeno, e na fronteira delle o distico.

*In corde amantis nascitur quidem ipse amor;*

*Non crescit is tamen, ni amatur invicem.* Achil. Boch.

Sobre o altar o menino JESU, de cuja maõ cahe sobre o mesmo altar para o Baptista a seguinte letra: *Etenim manus Domini erat cum illo:* Luc I.

Apparece depois a fabula dos Deozes, que contendendo huns com outros, logo se conheceraã abatidos na presença de Cupido, assim que este entre elles appareceo, como elegantemente refere Augeriano nestes versos de hum Epigramma.

*At cum visus Amor fruit in fulgentibus arvis,*

*Inter se Superi dum fera bella gerunt;*

*Privatur Thyrso Bromius, Mars Ense, Tridente*

*Neptunus, fortis Fulmine dextra Jovis.*

A figura de Jupiter vestida de Rey, sceptro na esquerda, e rayo na direita.

Marte vestido de armas brancas, na esquerda escudo, espadim na direita.

Neptuno com vestiduras de Rey, na direita tridente.

Bacho de sayal, nú da cintura para cima, por onde sobem tecidas ramosas vides, com o seu tyrso, ou vara na direita.

Em cada hum delles a letra, que lhe corresponde do dito Epigramma.

Entre elles Cupido com a propriedade da sua figura, levando na aljava o primeiro distico, que lhe pertence.

Porem deixará este de desvanecer-se já mais com o seu poder, e maioria, havendo de trazer-se a memoria as malevolas influencias do seu tyrannico imperio; pois podem caber no seu alvedrio as cinzas funestas do mayor estrago, a que deu cauza, executado na primeira Cidade da Asia, antiga Troya: cuja eversaõ fatal vay com propriedade representada no seguinte.

##### **5. Carro, e terceiro dos grandes**

A Cidade de Troya abrazada, e arruinada; e junto a ella algumas partes de corpos truncados, e o corpo de

El. Rey Priamo estendido com a letra: *Haec finis Priami... jacet ingens littore truncus*. AEneid. 2. No frontespicio da Cidade: *Ruit alto à culmine Troia* Aeneid. 2.

Em contraposição gloriosa para o Baptista, se admirará este com muito superior ventagem ao antigo Amor; porque os efeitos sempre benevolos do seu, não só o fizeraõ distinguir sobre os mais Santos; mas fazem ainda hoje distinguir-se a Cidade Primaz da Hespanha, à qual tanto mais augmenta, quanto mais ella se empenha nos cultos de seu plausivel Nascimento.

A primeira parte (pois a segunda se verifica neste mesmo applauso) se persuade nas figuras dos Apostolos, que representaõ a contenda, que entre si tiveraõ sobre mayorias: *Intravit cogitatio in eos, quis eorum maior esset*. Luc. 9. E não obstantes as particulares prerrogativas de cada hum, que os fazem grandes, sobre elles se exalta ainda maior o Baptista.

S. Pedro com as chaves, e letra: *Super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam*. Matth. 16.

S. João com o livro dos Evang. e a letra: *Joannes plus amatur, & recumbit super pectus Jesu*: ex. S. Hyeron. Lib. I. Contr. Jovin.

S. Tiago com a insignia de livro, e a letra: *Ut ad dexteram, & sinistram tuam sedcamus*. Marc. 10.

S. Felippe com a insignia de hum livro, e a letra: *Dixit ad Philippum: unde ememus panes?* Joann. 6.

## No 6. Carro, e ultimo

Se anima muito ao natural com a valentia da pintura a Cidade de Braga triunfante com esta inscripção sobre a principal porta, principiando pelo primeiro verso, dos que estaõ actualmente gravados aos pes da sua figura.

*Nobilis, ac Antiqua vocor; sum Brachara fda:*

*Baptistae cultu, nobilior redeor.*

*Comburens alias, ut amor disjecerit Urbes;*

*Vivida plus tollor, quò magis urit amor.*

No meyo della em parte mais eminente huma alegre Imagem do Menino Baptista, e de sua peanha emanaõ quatro fitas, que vão prender aos angulos da Cidade; nas anteriores estas letras: *Quis eorum maior esset*. Luc. 9. *Quis puer iste erit*. Luc. I. Nos posteriores as seguintes: *Oportet illum crescere, me autem minui*. Joan. 3. *Qui se humiliaverit, sicut Parvulus iste, hic est maior*. Matth. 18. Na peanha a seguinte letra: Non surrexit maior Joanne Baptista: Math. II. Ao S. todo circula hum dourado resplendor, e na circunferencia interior pela parte primeira a letra: *Nimis exaltatus es super omnes Deos*: Psalm. 96. Pela segunda parte estoutra: *Procellit caeteros, eminet universis*. S. Aug. Serm. 21. de Sanct.

Junto à primeira porta da Cidade vay reclinada a figura da Devoção, vestida de encarnado, e ouro, tendo na mão direita hum coração encendido, percorrendo nelle a letra: *Ego dormio, cor meum vigilat*. Cantic. 5. da esquerda leva pendente pela extremidade ultima huma cornucopia virada, e do orificio desta pendem muitas moedas e de entre ellas a letra: *Si dederit omnem substantiam pro dilectione, quasi nihil, despiciet eam*. Cant. 8. Nesta profusão se simboliza a liberalidade, com que a devoção mais ardente

despreza o amor do ouro, por se acrisolar mais nas riquezas do amor do Baptista.

Concluindo toda esta pompa vão os andores de S. Maria Magdalena, e S. Joaquim com S. Anna, aos quaes precede a sonora melodia da dança dos instrumentos.

Em ultimo lugar vay a veneravel Imagem de S. João Baptista, e com vir depois, nunca perde a gloria de ter ido primeiro, como Precursor de Christo.

**Cui honor, virtus, et gloria**

N.º 20	FESTAS DE SÃO JOÃO EM BRAGA	ANO: 1952
	<b>FONTE:</b> AMB - <i>Livro de Actas da Câmara Municipal de Braga</i> n.º143, fol 33v./34/34v.	
	<b>ASSUNTO:</b> Feriado Municipal; retrospectiva das festas; Câmara Municipal	
<p><b>Sessão ordinária de 31 de Janeiro de 1952</b></p> <p>“Feriado Municipal – Proposta: Ao ser tornado público o diploma que fixou os feriados oficiais, já esta Câmara manifestou o desejo de manter o seu feriado municipal no dia vinte e quatro de Junho – festas da cidade. Não foi, porém, esse desejo expresso em deliberação formal e fundamentada, para que se peça a Sua Excelência o Ministro do Interior a promulgação do Decreto que o estabeleça, nos termos do artigo quarto do Decreto número trinta e oito mil e quinhentos e noventa e seis. Fácil é justificar a deliberação da Câmara. Diz o citado artigo quarto – “Relativamente aos concelhos em que se realizar alguma festa tradicional e característica, poderá o Governo, por decreto do Ministério do Interior ou do Ultramar, autorizar que as respectivas câmaras municipais considerem feriado o dia especialmente consagrado a tais festas”. Esta doutrina tem plena conformidade com o que dispõe o número treze do artigo quarenta e oito do Código Administrativo que, ao incluir nas atribuições das câmaras fixar este feriado, sabiamente determinou que fosse escolhido entre as datas das suas festas tradicionais ou características. E porque nem por toda a parte houver este cuidado, recomendou a Excelentíssima Direcção Geral de Administração Política e Civil que, onde o feriado estivesse fixado em dia impróprio, se ponderasse o assunto, para evitar que fosse mantida uma deliberação contrária à lei vigente. (Anuário, quadragésimo terceiro ano, página duzentos e quarenta e nove. Nada tinha que ponderar a Câmara Municipal de Braga, porque o seu feriado não recordava quaisquer lutas de carácter político ou social, nem dissensões de qualquer ordem. Se, por um lado, era expressão do sentimento religioso do povo do concelho, mantendo uma festa altamente respeitada, tinha por outra parte, profundas raízes históricas, e até, pelos motivos que passo a recordar, poderia ser uma homenagem à orientação corporativa do Estado. A Festa de S. João era dirigida pela Câmara Municipal já nos princípios do Século décimo sexto – e certamente antes. Elaborava já então a Câmara o respectivo programa, e nelas tomava parte, nas vésperas solenes, conduzindo à Sé vistoso candeieiro ou cirio votivo, o que fazia em corpo da Câmara, com seu estandarte arvorado, e no dia da própria festa, de igual modo participava em todos os actos, religiosos e civis da mesma solenidade. Para não alongar aqui considerações, nem repetir programas a que os serviços culturais já deram notoriedade, bastará referir que na imponente procissão se exhibia copioso figurado, estando a cargo dos officios, isto é das corporações profissionais, aquele que mais se coadunava com a natureza da profissão. E é de notar que, naquele tempo em que estiveram em uso os “privilégios” se considerava isento de posteriores encargos menos alevantados, a criança que nesta procissão figurava o Menino Jesus, posto ao ombro de colossal imagem de S. Cristóvão, isenção que vigorava até à extinção dos privilégios já no Século décimo nono. Dos primeiros tempos em que há memória autêntica destes usos, consta também a “corrida do porco preto” espécie de competição desportiva entre sapateiros e moleiros, e que consistia na passagem de um suíno, a que se procurava dar corpulência e braveza de javali, sobre a ponte de S. João, que os sapateiros desejavam, e os moleiros queriam impedir. Era o próprio suíno o prémio das novas festas, a que presidia a própria Câmara, sempre com o seu estandarte arvorado. Esta luta do porco preto, acrescentaremos, foi abolida durante a dominação filipina, e não restaurada, como, aliás, outros pormenores foram caindo em desuso com as inevitáveis mudanças de gostos e costumes. Nunca mudou, porém, a essência das festas de São João</p>		

em Braga, formosa aliança do espírito religioso e municipal, com as suas festas de piedade no templo e procissão, e seus honestos esparecimentos de índole popular, diversões e actos desportivos, mantidas estas características através de longa história de muitos séculos. Avisadamente, pois, andaram os homens que estavam à frente deste município, quando fixaram as Festas da Cidade em dia de São João, e acertadamente procederam também, anos mais tarde, aqueles que fixaram o feriado municipal no mesmo dia vinte e quatro de Junho. Nada há, pois, que inovar, mas somente confirmar o que é tradição tão altamente característica e, por isso, proponho: que se peça a Sua Excelência o Ministro do Interior a promulgação do decreto que autorize esta Câmara a considerar feriado o dia vinte e quatro de Junho, especialmente consagrado às tradicionais Festas do concelho de Braga. Aprovada por unanimidade.”